

Universidade Estadual de Campinas  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

ELISIANE PASINI

**OS HOMENS DA VILA: UM ESTUDO SOBRE RELAÇÕES DE  
GÊNERO NUM UNIVERSO DE PROSTITUIÇÃO FEMININA**

Tese de Doutorado em Ciências Sociais apresentada ao  
Departamento de Antropologia Social do Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de  
Campinas, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Mariza Corrêa

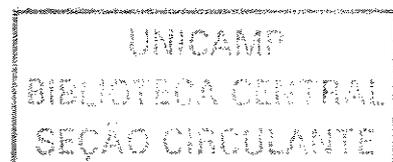
Este exemplar corresponde à versão final da Tese  
defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 28/02/2005.

BANCA

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Mariza Corrêa  
Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Cláudia Fonseca  
Prof. Dr. Peter Fry  
Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Adriana Piscitelli  
Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Guita Grin Debert



Fevereiro/2005



UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	1/UNI CAMP P263h
V	EX
TOMBO BC/	63925
PROC. 16-P-00000-05	
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	11,00
DATA	27/05/05
Nº CPD	

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

Lab. 350288

P263h	<p>Pasini, Elisiane. Os homens da vila : um estudo sobre relações de gênero num universo de prostituição feminina / Elisiane Pasini. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.</p> <p>Orientadora: Mariza Corrêa. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>1. Prostituição feminina - Rio de Janeiro (RJ). 2. Corpo. 3. Sexualidade. 4. Mulheres. 5. Antropologia urbana. 6. Gênero. I. Corrêa, Mariza. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
-------	---

Palavras -chave em inglês (Keywords): Prostitution – Rio de Janeiro (RJ).

Body.  
Sex.  
Women.  
Urban anthropology.  
Gender.

Área de concentração: Ciências sociais.

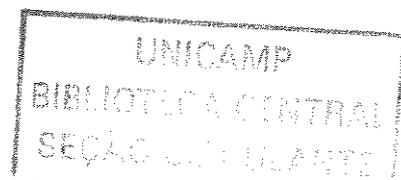
Titulação: Doutora em Ciências sociais.

Banca examinadora: Mariza Corrêa, Adriana Piscitelli, Guita Grin Debert, Claudia Fonseca, Peter Fry.

Data da defesa: 28/02/05.

*Dedico a tese a minha querida irmã Vera, que passou sua vida me ensinando a ser uma mulher forte e perseverante. Talvez ela soubesse que eu precisaria desses ensinamentos para continuar a vida longe da sua companhia.*

*Também dedico minha tese aos meus sobrinhos e afilhados Rinália, Rian e Amanda, que representam minha eterna alegria de viver e minha certeza do amor.*



200509891

## Agradecimentos

À minha família: meu pai Lordinilo, minha mãe Malvina, meus irmãos Vera (*in memoriam*), Eliete e Elton, meus cunhados Sérgio e Paula e meus sobrinhos Rinália, Rian e Amanda pelo amor, incentivo e eterno apoio. Sem vocês nada disso faria sentido!

À Mariza Corrêa pela acolhida carinhosa, pela sensibilidade e pela paciência em me fazer acreditar que fazia sentido continuar lutando por novas descobertas. Agradeço, em especial, o seu cuidado e a sua confiança no meu trabalho.

À Claudia Fonseca, por ter despertado em mim a paixão pela Antropologia e pelo eterno incentivo às inquietações antropológicas. Teu comprometimento e respeito com o ensinar antropológico serão sempre um exemplo a seguir.

À Adriana Piscitelli pelas provocações instigantes que sempre estiveram presentes em minha trajetória acadêmica na Unicamp. É uma referência para a tese e para a minha vida profissional.

À Banca Examinadora da Qualificação Mauro Almeida e Heloísa Pontes pelos comentários críticos e sugestões valiosas. Também agradeço a colega Martha Ramirez por discutir com tanta atenção o meu texto no Seminário de Pesquisa. Da mesma forma, agradeço às colegas que dedicaram o seu tempo nas discussões realizadas no Pagu e ao longo do percurso do Doutorado, em especial Heloísa Buarque de Almeida e Iara Beleli.

Ao Billy pela tolerância às minhas inconstâncias: mal-humor, ausências, alegrias, sono, insônia, choros, cansaços. Também agradeço pelo cuidado, apoio e amor, que me mantiveram viva e na busca pelos meus desejos. Teu olhar e sorriso me são inspiradores.

À Alinne Bonetti pela parceria no trabalho intelectual, nas baladas, nas risadas, nos choros, nos chimarrões, nas músicas, na cozinha, na vida. Meu porto seguro! Nossas discussões, sempre calorosas, fazem parte da tese.

À Heloisa H. S. Paim amiga de longa jornada, interlocutora e incentivadora de todas minhas lutas e conquistas. Contigo aprendi desconfiar de um único “olhar”.

À Maria Clara Mocellin, Márcia de Castro Borges e Marcos Renato Benedetti por estarem presentes no meu coração, apesar da distância.

Ao Benedito Medrado e Karla Galvão pela presença carinhosa e pela constante aposta na minha competência profissional.

Às amigas inseparáveis Ju, Caí, Má, Eliana, Tatão e Alê que fazem da minha vida em Campinas um lugar de amizade e de alegria. Sem vocês eu jamais teria deixado de ser estrangeira. Agradeço também à Helô por sempre fazer com que os meus problemas parecessem menores, sei que essa era sua forma de me encorajar a não desistir dos meus planos. Vocês estão sempre presentes.

À família Santos pela acolhida protetora e afetuosa. A delicadeza e a bondade de vocês me tornaram uma pessoa melhor. Em especial à Jacque, quem sempre esteve pronta para cuidar de mim sem nunca pedir nada em troca. Mais especialmente agradeço o carinho e o sorriso da minha querida sobrinha Priscila, quem sempre me fez achar que as minhas crenças e ensinamentos faziam a diferença. Fico orgulhosa de ver em mim, um pouco de ti, afinal no fundo eu mais aprendi do que te ensinei.

À amiga Cleide Nascimento por tudo que me ensinou sobre a vida e sobre a vida na Vila Mimosa. Sem tua ajuda tenho a certeza de que esta tese não existiria. Também agradeço à Dona Edith e à sua família de mulheres: Carmem, Cássia, Simone, Andréa e Cátia, por me receberem em suas moradias, em seus corações e terem me permitido compartilhar dos seus saberes. Tenho muito orgulho da nossa amizade!

À Marta pelas suas agulhas mágicas e pelas conversas enquanto me deixava mais calma durante o período da escrita.

Ao Alex pela correção da tese e pela paciência comigo.

À Organização Não Governamental AMOCAVIM, em especial à Graça, ao Alexandre e ao David, pessoas sempre dispostas a receber estrangeiros no universo da Vila Mimosa com muita generosidade.

Aos freqüentadores da Vila Mimosa que fizeram esta tese.

Ao CNPq, pelo incentivo à pesquisa.

## Resumo

Este é um estudo antropológico sobre convenções de masculinidade e feminilidade no campo circunscrito de uma peculiar zona fechada de prostituição feminina localizada na região central da cidade do Rio de Janeiro/RJ: a Vila Mimosa. O universo pesquisado compreende a diversidade de homens que são levados a esse contexto por diferentes motivações: sociabilidade, masculinidade, trabalho e sexo, os quais, intitulo de freqüentadores. Os freqüentadores são aqueles que podem vir a ocupar um outro lugar na relação com a prostituta: um cliente, um namorado, um marido, um protetor, um privilegiado. Assim, ele sempre está neste lugar de um “devir”. No contexto carioca, a prática de proteção/cuidado - atributo masculino - que é crucial no universo de valores da prostituição, associado ao sustento financeiro e, sobretudo, na possibilidade de conferir um *status* distintivo ao receptor do provimento constituem um modelo de masculino, que chamo aqui de provedor simbólico – que transcende os corpos de homens e circula entre homens e mulheres. Esta análise também concentra-se no estudo da valentia, outro atributo genereficado constitutivo do universo estudado. Por estas razões esta tese investiga os modelos de masculino na prostituição feminina. Ao propor este debate pretendo desvendar elementos que vão além do mundo da prostituição, trazendo pistas para entender práticas de relações de gênero em outros contextos sociais.

## Abstract

This is an anthropological study about the conventions of masculinity and femininity in the red-light district of female prostitution located in the central area of the city of Rio de Janeiro/RJ : the Vila Mimosa. The study population consists of a wide range of men who go to this area for several reasons: socialization, masculinity, work and sex, and whom I have called the regulars. The regulars are those who may relate to the prostitute as a client, a boyfriend, a husband, a protector, a privileged. Thus, he is always in a position of about to become. In the Rio de Janeiro's context, the practice of protection/care – a masculine attribute - which is crucial in the universe of values of prostitution, associated with financial support, and above all, the possibility of a distinctive *status* for the provider, constitute a model of masculinity, which I call here as the symbolic provider- which transcends the bodies of men and circulates among men and women. This analysis is also focused on the study of bravery, another gender attribute that constitutes the population studied. For these reasons, this thesis investigates the models of masculinity in the female prostitution. In this debate, I intend to reveal elements that go beyond the world of prostitution, bringing clues for the understanding of gender relationships in other social contexts.

## Sumário

<b>Introdução</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 1</b>	
<b>A Vila Mimosa</b>	<b>29</b>
1.1. A Realização da Pesquisa de Campo na Vila Mimosa	29
1.2. Da Zona do Mangue à Vila Mimosa: um pouco da História da Prostituição Feminina na cidade do Rio de Janeiro	38
1.3. Os Imponderáveis da Vila Mimosa	51
1.3.1. <i>Conhecendo o lugar</i>	51
1.3.2. <i>As Casas de Prostituição de Fernanda e Tadeu</i>	59
1.3.3. <i>Os Sujeitos da Vila Mimosa</i>	67
1.3.4. <i>AMOCAVIM - Associação dos Moradores do Condomínio e         Amigos da Vila Mimosa</i>	79
<b>Capítulo 2</b>	
<b>Os Negócios da Vila: Prostituição e Trabalho</b>	<b>85</b>
2.1. Uma Breve Discussão sobre Prostituição e a Legislação Brasileira	86
2.1.1. <i>Projetos de Lei: Perspectivas de Mudanças?</i>	95
2.2. Prostituição é trabalho?	103
2.3. Os Negócios na Vila Mimosa	109
2.3.1. <i>Os Proprietários de Estabelecimentos de Prostituição</i>	121
2.3.2. <i>Trabalhadores da AMOCAVIM e outros prestadores de serviço</i>	125
2.3.3. <i>Os Proprietários de Outros Estabelecimentos</i>	132
2.3.4. <i>Os Empregados em geral</i>	139
2.3.5. <i>As prostitutas</i>	142
2.4. Algumas Questões Finais	145

## Capítulo 3

### Fronteiras do Gênero 149

3.1. Algumas Considerações sobre Relações de Gênero	149
3.2. Valentia: elemento chave do universo estudado	154
3.2.1. <i>Valentia e Conjugalidade: o lugar do Ciúme e da Honra</i>	154
3.2.1.1. <i>Dois exemplos: histórias de Alice e Alencar, e Bruna e Tadeu</i>	158
3.2.1.2. <i>Honra: o ciúme do homem</i>	177
3.3. A Valentia e as Relações de Poder: disputando Posição Social e Prestígio	188
3.4. Algumas Questões Finais	197

## Capítulo 4

### Homens Frequentadores da Vila Mimosa 199

4.1. Homens e a Prostituição Feminina	200
4.2. <i>Cliente não é Homem: modelos de masculinidades na Vila Mimosa</i>	206
4.3. Significados e Sentidos de uma Zona de Prostituição Feminina	227
4.3.1. <i>Sociabilidade: um olhar sobre os frequentadores</i>	230
4.3.2. <i>Práticas Sexuais na Vida Cotidiana de Frequentadores e de Prostitutas</i>	243
4.4. Algumas Questões Finais	255

### Considerações Finais 259

### Referências Bibliográficas 265

## Introdução

Em 1999 participei de um Seminário sobre Prostituição e Aids no Rio de Janeiro e naquela ocasião conheci Cleuza e Carina<sup>1</sup> - duas irmãs integrantes da Associação da Vila Mimososa e as principais informantes da pesquisa embasadora desta tese. Com o tempo conheci toda a família das duas irmãs, bem como Dona Edelvina, a matriarca da família. O nosso primeiro encontro foi marcado por um mal-entendido, que creio merecer resgate. Apesar de ser uma história antiga, acredito ser importante colocá-la aqui, na abertura da tese, porque ela sintetiza seu próprio tema.

Logo que fomos apresentadas, Dona Edelvina disse-me já me ter encontrado noutra ocasião. Como não a conhecia, argumentei que era impossível, pois acabara de conhecer suas filhas. Quando percebi o seu incômodo com a minha presença, fiz um esforço maior para desfazer a confusão. Depois de um longo período e de muitas conversas entendi a razão do seu aborrecimento no nosso primeiro encontro: Dona Edelvina, pelo meu tipo físico, associou-me a duas outras gaúchas, prostitutas que conheci enquanto realizava minha pesquisa em Porto Alegre, e que migraram para o Rio de Janeiro em 1997, com o objetivo de *ganhar a vida*.<sup>2</sup> Junto às duas mulheres havia um homem, o seu *empresário*, como Marta – uma das mulheres –, entre orgulhosa e brincalhona, costumava apresentá-lo. Nino era quem cuidava das duas na hora da *batalha*<sup>3</sup> e administrava o dinheiro que ganhavam na prostituição. Além disso, ele era o marido de Marta, muito embora se relacionasse afetiva e sexualmente também com Joana – a outra mulher. Nino era o que no contexto gaúcho se considera um gigolô. Quando migraram para o Rio, levaram consigo o

---

<sup>1</sup> Todos os nomes das pessoas foram trocados.

<sup>2</sup> As palavras grafadas em itálico indicam que elas são assim utilizadas pelo grupo estudado, as chamadas palavras êmicas.

<sup>3</sup> *Batalhar* refere-se a prática de se prostituir.

seu homem e a mesma prática da prostituição de Porto Alegre, a que estavam acostumadas: a do gigolô – prostituição constituída por um homem e duas ou mais mulheres.

Confusão desfeita, Dona Edelvina contou-me que em favor a uma amiga – presidente de uma Organização Não Governamental (ONG) no Rio de Janeiro – permitiu que as duas gaúchas fizessem parte do grupo de prostitutas que *batalhavam* em seu estabelecimento de prostituição, na Vila Mimosa. Logo que as mulheres chegaram na sua *casa*<sup>4</sup> ela conta ter percebido que um homem as acompanhava. Apesar de ela desconfiar da situação achou que ele permaneceria apenas até elas se adaptarem às novas regras e às diferenças em relação ao que viviam em Porto Alegre. Entretanto, ele permaneceu na primeira, na segunda, na terceira tarde e assim por diante. Para Dona Edelvina a presença daquele homem vigiando as duas prostitutas e o fato de elas lhe entregarem o dinheiro arrecadado em cada programa realizado se tornou uma situação insustentável. Dona Edelvina “correu” com ele do seu estabelecimento, e depois disso nenhum dos três retornou à Vila Mimosa. As duas prostitutas foram *batalhar* em outro local de prostituição no Rio de Janeiro – onde o homem parece ter sido aceito.

Por que a história é significativa? O que causou o desconforto em Dona Edelvina, levando até mesmo a expulsão das três pessoas? Por que este homem que acompanhava as prostitutas gaúchas, comum em Porto Alegre, se tornou uma figura exógena no contexto carioca? Parecia que ali havia espaço para as duas mulheres, mas não para o homem. Esse novo contexto colocou-me indagações que, como será visto, começaram a ser construídas em minhas outras pesquisas etnográficas junto às prostitutas.

---

<sup>4</sup> Os informantes referem-se aos estabelecimentos de prostituição pelo termo *casa* sendo um termo êmico, em algumas vezes, utilizarei o mesmo termo para me referir aos estabelecimentos de prostituição.

Na pesquisa que realizei junto ao Núcleo de Antropologia e Cidadania (NACI), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), entre 1996 e 1997, conheci muitos homens chamados de maridos pelas prostitutas. Naquela época, a principal discussão da pesquisa girou em torno da maneira específica com que as prostitutas estudadas utilizavam o preservativo masculino em suas relações sociais/sexuais: com os relacionamentos afetivos (não clientes) não os usavam, embora os usassem nos relacionamentos comerciais (clientes). Neste contexto, como notei, era o homem marido ou gigolô ou o cliente velho<sup>5</sup> quem ocupava o lugar de quem protegia, provia econômica ou afetivamente e marcava uma diferença de *status* entre as prostitutas. Inclusive, uma das principais questões do campo pesquisado em Porto Alegre era a constante presença desses homens nos locais onde elas se prostituíam. Muitos deles exerciam atividades profissionais ao redor desses locais: taxistas, vendedores ambulantes, fiscais de lotações. Eram eles que definiam seus momentos de folga, de trabalho, o tipo de roupas que vestiam, como se relacionariam com os clientes e, ao mesmo tempo, que garantiam sua segurança bem como sua respeitabilidade frente às outras prostitutas e aos donos dos hotéis. O homem que estava na rua – gigolô – era o mesmo homem que estava em casa – marido (cf. Pasini, 2000 b).

Em um outro estudo sobre prostituição feminina, agora na região da Rua Augusta, São Paulo,<sup>6</sup> também pude perceber a relevância na constituição de diferenciações em suas relações sociais/sexuais, com seus clientes e com seus não clientes. Nessa pesquisa, meu principal objetivo foi compreender como práticas corporais dessas garotas de programa<sup>7</sup> expressavam performances tanto na prostituição como fora dela. Para tanto enfoquei, mais

---

<sup>5</sup> Ver Fonseca 1996 e Pasini 2000 b.

<sup>6</sup> Essa pesquisa foi base da minha dissertação de mestrado em Antropologia Social (Pasini, 2000 a). Ver também Pasini 2000 c; 2001 e 2002.

<sup>7</sup> No decorrer do texto retomarei a discussão sobre a diversidade na maneira de nomear as mulheres que realizam prostituição.

uma vez, as diferenças na constituição de suas relações sociais/sexuais, com seus clientes e com seus não clientes. Para compreender a lógica que ordena o universo simbólico dessas mulheres era preciso entender algumas regras que organizavam os seus cotidianos, tanto na vida da prostituição como fora dela (no âmbito familiar e doméstico). Neste sentido, era necessário compreender o contraponto entre as suas parcerias afetivas e as suas parcerias comerciais, já que essas relações eram fundamentais para a compreensão de suas práticas na prostituição. Neste contexto, o lugar de quem protegia a prostituta era ocupado por uma mulher – algumas vezes a companheira afetiva da prostituta e, em outras, a *dona do ponto*.<sup>8</sup>

A história de Dona Edelvina, Nino, Marta e Joana, que apresentei na abertura da tese é significativa porque creio que sintetiza uma regularidade do campo da prostituição, que é tema desta tese: o lugar do masculino na prostituição feminina da Vila Mimosa.

Vila Mimosa<sup>9</sup> é a zona de prostituição feminina fechada - um agrupamento de estabelecimentos localizados em um mesmo espaço (ruas) e ligados pela atividade da prostituição - que escolhi para realizar meu trabalho de campo. A Vila está localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro. Desde minha primeira visita ao local imaginei que seria o contexto ideal para realizar o tipo de estudos que pretendia empreender, pois é possível conviver com estes homens, uma vez que circulam pelos mesmos espaços públicos aos

---

<sup>8</sup> *Dona do Ponto* é uma prostituta ou ex-prostituta que cuida do *ponto*; ali só se prostitui quem ela permite e segundo suas regras. *Ponto* é o termo usado pelas prostitutas estudadas em São Paulo para denominar o lugar onde permanecem, encontram e negociam com o cliente, quando estão na atividade da prostituição.

<sup>9</sup> Duas curiosidades em relação ao nome Vila Mimosa. A primeira delas é quanto a origem do nome: Segundo Dona Edelvina, que participa da zona desde os anos 50, ela é assim chamada por que na transferência da Zona do Mangue para um novo lugar, os(as) donos(as) de estabelecimentos de prostituição escolheram para comprar moradias que se localizavam em um bairro que assim se chamava. Todos concordaram que era um belo nome para a nova zona de prostituição. A outra curiosidade diz respeito à grafia da palavra Mimosa. Segundo relatos e escritos sobre a Vila Mimosa, no primeiro local onde esta se estabeleceu havia um tapume na entrada escrito “Vila Mimoza”, em que a palavra Mimoza estava grafada com a letra “z”. O interessante é que alguns poucos autores continuam escrevendo Vila Mimoza com a letra z. Nesta tese, a palavra Mimosa será grafada com ‘s’, até porque a maioria dos profissionais ligada à Vila Mimosa optou por este uso. Ver maiores detalhes em Leite (1992); Moraes (1996); Jornal Extra (12.08.2001); Jornal do Brasil (21. 08. 2001); jornal O Dia (29. 08. 2001).

quais tenho acesso. Assim, seria possível observar tanto sua interação com as mulheres, como com outros homens, bem como com a infinidade de sujeitos sociais que fazem parte do contexto estudado.

Nino não teve espaço na área de prostituição estudada porque sua posição já estava ocupada. No contexto carioca, a prática de proteção/cuidado, atributo masculino, que é crucial no universo de valores da prostituição – o qual já estava nos outros dois contextos estudados –, bem como seu caráter marcado de gênero pode ser reencontrado tanto na experiência dos(as) donos(as) das casas, dos(as) gerentes, quanto nos frequentadores. Na Vila Mimosa, este atributo masculino, associado a outros também cruciais, constituem um modelo de masculino que é parte importante do cenário do universo da prostituição, que chamo aqui de um modelo de masculino do provedor simbólico – que transcende os corpos de homens e circula entre homens e mulheres. Além da proteção, os outros elementos constitutivos desta masculinidade podem ser traduzidos no sustento financeiro e, sobretudo, na possibilidade de conferir um *status* distintivo ao receptor do provimento.

Nesse sentido, é necessário refletir sobre a categoria de clientes. As pesquisas etnográficas realizadas sugeriram que, apesar dos clientes e dos não clientes serem constantes nas práticas e nas representações das prostitutas estudadas, se conhecia e pouco se sabia deles através de outras bibliografias. Nas pesquisas, eu via os clientes e ouvia falar dos não clientes. Entretanto, como meu objetivo era o de saber as representações das prostitutas sobre ambos os personagens, sempre que fosse possível eu as estimulava a falar sobre eles. Creio que, pelo fato de a pesquisa ter sido efetuada no local onde elas realizam a atividade da prostituição (a rua), esta diferença no acesso aos clientes e aos não clientes era compreensível.

Na bibliografia das Ciências Sociais brasileira sobre prostituição feminina, são raras as análises que contemplam os homens, consumidores de relações sexuais oferecidas no exercício da prostituição feminina. O pouco que aparece do assunto serve para fornecer dados sobre as prostitutas, já que elas são o foco das pesquisas.<sup>10</sup> Neste sentido, os clientes têm pouca visibilidade.

Havia um grande descompasso. Por um lado, meus estudos demonstravam a importância dos clientes, por outro lado, a maioria dos estudiosos do tema pouco se referia a eles. Passei a questionar a ausência dos clientes nas pesquisas realizadas nos contextos de prostituição. À vista dessas colocações, minha primeira proposta para este projeto de pesquisa era a de analisar os clientes, o outro sujeito da relação da prostituição. Até por que a prostituição feminina analisada é entendida como uma atividade praticada por mulheres, que estabelecem relações sexuais com diferentes homens em troca de dinheiro. Um ato constituído por uma relação entre prostituta e clientes. Embora nessa relação possam existir outras trocas além do pagamento, ela não é equiparável àquelas estabelecidas com os não clientes. Para melhor compreender esta definição, também é preciso considerar as particularidades da atividade conforme o local em que é realizada: em boates, em locais de espetáculos, em saunas, em apartamentos fechados, em estabelecimentos de prostituição, em zonas específicas, através de anúncios de jornais e da Internet. Como veremos no decorrer do texto uma das especificidades da prostituição analisada na Vila Mimosa é que ela tem características tanto da atividade da prostituição que se dá na rua, como daquela que acontece em estabelecimentos de prostituição. No contexto estudado acontecem ambos os

---

<sup>10</sup> Alguns autores como Gaspar (1985), Freitas (1985), Moraes (1996) e Fonseca (1996) usaram essa estratégia nas suas pesquisas. Apesar das especificidades em cada uma dessas pesquisas, é comum ter dados sobre os clientes com o intuito de compreender as prostitutas estudadas. O livro de Sousa (1998), que tem o objetivo de compreender a função social da prostituta, baseou seus escritos tanto nos depoimentos das prostitutas como nos dos clientes. Ainda que a autora escreveu um capítulo sobre eles, parece que o objetivo principal, também foi o de obter mais dados sobre as prostitutas.

tipos de prostituição. Assim, é possível observar tanto prostitutas seduzindo possíveis clientes que passam de carro (uma característica da prostituição que se dá na rua), como também investindo seu tempo em fazer um homem gastar dinheiro em bares (uma característica que se dá em estabelecimentos de prostituição).

Entretanto, após minhas primeiras observações no campo de estudo, compreendi que era preciso alargar o universo estudado. Este é o tipo de surpresa agradável que a pesquisa de campo reserva ao antropólogo: apresentar questões até então impensadas. A pesquisa etnográfica é um processo de construção contínua, justamente porque está fundamentada em dados empíricos, os quais vão delimitando as fronteiras da pesquisa ao longo da sua realização. Nas primeiras incursões ao campo de estudo, percebi que o fato de estar em um local no qual a prostituição acontecia, não significava que todos os homens que o freqüentam fossem, de fato, clientes. Nas conversas e nas observações ficou nítido que, nesse contexto de prostituição, havia outras motivações para os homens estarem ali além da mera busca por sexo. Alguns desses homens estavam naquele local para conversar, beber, olhar as mulheres, enquanto outros mantinham algum tipo de trabalho: donos ou gerentes de estabelecimentos, taxistas, vendedores, entre outros. Toda esta diversidade de homens será aqui tratada como freqüentadores – aqueles homens que estão na zona de prostituição por diferentes motivos.<sup>11</sup> Nesse sentido foi necessário alargar o universo de pesquisa, abarcando a todos os homens freqüentadores da Vila Mimosa. A categoria freqüentador é uma categoria empírica, que ilumina uma regularidade que está presente em outros locais de prostituição feminina: um masculino que é “entre”, isto é, que está entre uma posição e outra, entre ser e manter um tipo de prática ao invés de outra. O freqüentador

---

<sup>11</sup> Agradeço a Alinne Bonetti pelas inúmeras conversas, as quais me ajudaram a refletir sobre a questão das categorias clientes e freqüentadores.

é aquele que tem a possibilidade do movimento, da transitoriedade, uma característica que veremos neste trabalho também é um elemento que constitui o contexto estudado. Por exemplo, poderá fazer programas, poderá apenas olhar as prostitutas, beber, ser dono de *casa*, ser namorado, ser contrário à atividade da prostituição, ser taxista, entre outras. Freqüentador é a categoria empírica da qual esta tese tratará e da qual, fundamentalmente, emergirá a categoria analítica provedor simbólico.

Para a compreensão do universo estudado também é fundamental discutir a nomenclatura das mulheres que se prostituem. Tanto a literatura específica sobre o tema, quanto minhas diferentes pesquisas em contextos prostitucionais, apresentam uma diversidade na maneira de nomear as mulheres que praticam o exercício da prostituição. Enfatizo que essa diferença não expressa apenas uma mudança terminológica, pois nela está contido o entendimento que essas mulheres têm sobre si e sobre a atividade de prostituição e, ao mesmo tempo, do relacionamento que estabelecem com outros agentes que compõem o cenário da prostituição. Neste sentido, proponho uma breve discussão sobre os diferentes termos usados para se referir às mulheres que praticam prostituição.

No contexto de Porto Alegre, o termo comumente usado era prostituta. Aquelas mulheres afirmavam que o termo prostituta era o que melhor retratava seu exercício de trabalho. Já em São Paulo, era ofensivo nomear as mulheres que exerciam a atividade de prostituição como prostitutas. Segundo elas, prostituta era um termo pejorativo; autodenominavam-se garotas de programa. O atual trabalho de campo revela uma imensa variedade nas possibilidades de nomenclatura, os termos mais usados são: *prostituta*, *profissional ou trabalhadora do sexo*, *menina*, *puta*, *piranha*, *meretriz*, dentre outros. Já garota de programa, por exemplo, não é um termo usado, pois as prostitutas o associavam àquelas mulheres *chiques*, entre as quais elas não se identificavam.

O termo usado pela Rede Brasileira de Profissionais do Sexo<sup>12</sup> como o próprio nome indica é profissional do sexo e, apesar de não haver nenhuma demanda na obrigatoriedade deste mesmo uso, o comum é que as Organizações Não Governamentais (ONGs) que trabalham com esta população também façam uso desse termo, principalmente nos projetos específicos, assim como nas palestras, reuniões, debates. Contudo, alguns acadêmicos – especialistas do tema – e associações são contrários ao uso desta terminologia, pois o exercício da prostituição não é considerado uma profissão,<sup>13</sup> daí seu uso seria incorreto. De qualquer forma, esta é a nomenclatura politicamente correta. Todavia, tanto os termos profissionais ou trabalhadoras do sexo não são termos usados comumente entre as pessoas que circulam na Vila Mimosa: certamente essa maneira de se referir às mulheres que praticam a prostituição pertence a outro grupo e a outro contexto. Inclusive, os componentes da AMOCAVIM (Associação dos Moradores do Condomínio e Amigos da Vila Mimosa) – a representação política da Vila Mimosa – costumavam se referir às mulheres que se prostituem pelo seu nome ou por termos como *menina* ou *garota*. Mas quando se trata de projetos de intervenção, nos últimos tempos o termo usado é “mulheres em situação de prostituição”. Todos eles concordam em não usar o termo prostituta argumentando que seu uso reforçaria o preconceito social.

Entre os homens com quem conversei também foi possível observar uma diversidade na terminologia para se referir às mulheres que realizam o exercício da prostituição. Os frequentadores que não mantêm nenhum vínculo empregatício na Vila Mimosa, quando se referem a elas, ou quando desejam chamá-las – ações públicas - usam

---

<sup>12</sup> Órgão responsável pela organização política de todas as associações de prostituição do país com sede no Rio de Janeiro/RJ.

<sup>13</sup> Desde setembro de 2002 o trabalho da Profissional do Sexo consta na CBO (Classificação Brasileira de Ocupação). Para o Ministério do Trabalho e Emprego, a prostituição tornou-se uma ocupação.

diferentes termos, principalmente, *mulher*, *moça*, *menina* ou elegendo alguma característica do seu corpo como, por exemplo, a *baixinha*, a *gordinha*, a *loira*, a *gostosa*, entre outros. Entretanto, segundo minhas informantes, no quarto de programa com seus clientes elas são chamadas por termos diferentes daqueles que eles usariam em público, os mais recorrentes são: *vagabundas*, *galinhas*, *putas*, *quengas*, *ordinárias*, entre outros. Já os donos e gerentes de estabelecimentos - assim como alguns integrantes da AMOCAVIM – preferem chamá-las de *meninas*. Quem defende o uso dessa nomenclatura argumenta que se estabelece uma relação mais respeitosa entre a prostituta e o trabalhador, o que é visto como lucrativo para o estabelecimento.

Quando uma prostituta se refere à outra, normalmente isto é feito de duas maneiras: caso elas tenham um bom relacionamento, o termo escolhido será *colega* ou seu nome; caso contrário, o termo será parecido àqueles usados pelos clientes no quarto de programa, ou seja, termos ofensivos. Resumidamente, as nomenclaturas são assim organizadas:

### NOMINAÇÕES

	Visitantes	Cientes	Donos(as) de Estabelecimentos	Outros Trabalhadores	Prostitutas	Rede Brasileira de Profissionais do Sexo e ONGs
Termos usuais para nomear mulheres que se prostituem	<i>Menina</i> , Característica do corpo da mulher: <i>loira, gorda, magra</i> , ou da sua roupa...	<i>Vagabunda, galinha, puta, quenga, ordinária, vaca.</i>	<i>Menina, Garota</i> , Nome próprio da mulher.	<i>Menina, Garota</i> , Nome próprio da mulher.	<i>Colega</i> , Nome próprio, Termos entendidos como ofensivos.	<i>Trabalhadora e Profissional do sexo, Mulher em situação de Prostituição.</i>

Ainda que à primeira vista possa parecer que o termo prostituta seria o mais usual em uma zona de prostituição feminina, na Vila Mimosa é bem diferente. Para essas pessoas esse não é um termo usado e também não é um termo bem visto. Nesse sentido, fiz um esforço para não usá-lo. Tentei sempre que possível usar seus nomes próprios ou a designação das pessoas que falavam com elas ou sobre elas. Algumas vezes isso não foi possível e usei, então, a palavra prostituta, por fazer parte do senso comum e estar dicionarizada.

A diversidade dessa nomenclatura é importante, uma vez que indica uma transcendência do empírico para captar as regularidades do campo da prostituição feminina. Como demonstrei, esta diversidade de nomes não está localizada apenas em um universo, mas antes é um debate generalizado ao discutir o tema da prostituição feminina no Brasil. Corrêa em um artigo sobre a trajetória de algumas personagens femininas na história da antropologia brasileira perguntou “o que significa então um nome, senão renome?” (Corrêa, 1995, p. 114). Com isto, quero afirmar que neste caso específico, esta profusão semântica em relação ao nome dado às mulheres que praticam a atividade da prostituição fala da sua compreensão sobre a atividade da prostituição, bem como, da relação que estabelecem com os outros agentes que constituem o cenário de uma zona de prostituição. Especificamente, o uso de um ou de outro termo revela elementos do grupo estudado.

Para a compreensão desta tese também é importante entender a terminologia parcerias afetivas e comerciais, categorias importantes para a compreensão da relação entre prostitutas e freqüentadores e, ao mesmo tempo, para compreender o lugar desse último no contexto da Vila Mimosa. O uso dessas categorias partiu de minhas outras pesquisas etnográficas junto às prostitutas. Na região da Rua Augusta era comum as prostitutas falarem sobre os diferentes homens que compunham sua vida na prostituição e sua vida no

âmbito da residência e da família. Com o passar do tempo observei que existiam regras para a realização de suas práticas sexuais e, portanto, sociais que compunham a separação entre a vida na prostituição e fora da prostituição. As regras que organizavam o exercício da prostituição davam conta do tipo de roupas, da quantidade de maquiagem no rosto, da forma que abordariam um cliente, do tempo, do valor e das ofertas de *serviço* no programa e do tratamento ao cliente: não beijá-lo, não deixá-lo encostar-se aos seus seios, não fazer sexo anal, não gozar, não dormir com ele, usar preservativo nas relações sexuais e cobrar pelo programa.<sup>14</sup> Interessava àquelas mulheres demonstrar corporalmente que essas relações tinham marcas sociais e sexuais diferentes, divisores simbólicos que lhes permitiam transitar entre a vida profissional e a vida particular.

As prostitutas não são mais o principal enfoque desta pesquisa, mesmo assim, convivi com muitas delas. Para minha surpresa, mais uma vez observei que a diferenciação entre os parceiros afetivos e os comerciais também fazia parte do grupo de prostitutas com quem mantive contato. Em vista disto achei que a divisão também faria parte do repertório da fala dos freqüentadores. Entretanto, depois de uma convivência diária compreendi que esta divisão não era relevante para eles e, mais, era praticamente um insulto alocá-los em uma ou outra categoria. O que de significativo há no fato dos freqüentadores se recusavam a se pensar a partir desta lógica binária?

As relações comerciais – aquelas mantidas com clientes – se definem a partir das relações sexuais entre prostitutas e clientes que se dão no contexto da prostituição em que há a troca de um serviço (o contato sexual) por um bem (dinheiro, entre outras coisas). Ou seja, são homens consumidores de relações sexuais oferecidas no exercício da

---

<sup>14</sup> Ver Pasini, 2000 a, b, c, 2001, 2002.

prostituição.<sup>15</sup> São relações que só ocorrem mediante pagamento e no período do programa. Apesar da possibilidade de uma ampliação do espectro de possíveis trocas entre as prostitutas e os clientes, isso não as equipara às relações com os não clientes. Nas parcerias afetivas – com os não clientes – são trocados sentimentos de afeto e de fidelidade. Nesse tipo de relação, as prostitutas podem realizar seus desejos sexuais e não se preocupar com as regras que definem uma boa profissional, sem esquecer que tais relações não acontecem em locais de prostituição e não são pagas.<sup>16</sup> Assim, neste tipo de parceria as prostitutas demonstrariam, através das práticas sexuais, que seus corpos não são apenas sinônimos de um corpo mercadoria,<sup>17</sup> pressuposto do exercício da prostituição (cf. Pasini, 2000 a). Para as prostitutas estudadas da região da Rua Augusta e, também, na Vila Mimosa, a ausência de uma relação fixa fora do contexto da prostituição tornava as parcerias na prostituição menos rígidas, ou seja, a parceria afetiva direcionava as regras que organizam as práticas realizáveis junto às parcerias comerciais.

À primeira vista poderia parecer que as parcerias comerciais se dariam entre as prostitutas e aos clientes e as parcerias afetivas entre as prostitutas e aos não clientes. Entretanto, esta fronteira é mais tênue do que pode parecer. Inclusive, há um intenso trânsito de elementos entre uma e outra categoria. Se por um lado a maioria dos homens

---

<sup>15</sup> No contexto estudado não encontrei e não ouvi falar de uma clientela feminina. Este é um local específico de clientes homens.

<sup>16</sup> Sobre as diferenças entre parcerias afetivas e comerciais, é preciso notar que: “Era recorrente, de diferentes formas, elas afirmarem que com os clientes faziam sexo e com os(as) companheiros(as) faziam *amor*. O corpo que está na prostituição é um corpo que deve comunicar, através das práticas aqui colocadas, uma relação calcada no corpo mercadoria que constituem performances corporais de uma *garota de programa*. Mas nas relações afetivas esse mesmo corpo realizará práticas que expressarão afetos. Nesse contexto é permitido (e necessário) in-corporar práticas íntimas de relações privadas, as ações sobre esse corpo deverão comunicar sentimentos de afeto, de fidelidade e intimidade, valores que compõem suas relações afetivas. Uma conversa entre algumas garotas revela essa concepção: uma delas afirmava não se importar com o que acontecia na prostituição, pois ali só o seu corpo estava presente, *o coração* pertencia à companheira. Aqui, mais uma vez, alma e corpo fazem a distinção entre as relações comerciais e as relações afetivas” (Pasini, 2000 a, p. 148).

<sup>17</sup> É certo que essa afirmação não faz parte de um consenso entre os estudiosos do tema da prostituição. Balazs (1994), por exemplo, aponta que as prostitutas norueguesas estudadas afirmavam que para elas a prostituição só era possível, justamente, por entenderem seus corpos como um capital.

que participou da pesquisa poderia ser considerada cliente, pois se relacionam (ou se relacionavam) sexualmente com prostitutas, por outro não o poderiam, pois não trocavam um serviço sexual por um bem, usavam esses serviços sexuais da prostituta em uma zona de prostituição e, principalmente, “não trocavam” com as prostitutas sentimentos de afeto e de fidelidade, dentro desta lógica, também não poderiam ser considerados relacionamentos afetivos. É certo que as parcerias comerciais não estão desprovidas de afetos e, da mesma forma, as parcerias afetivas não necessariamente se constituem apenas por afeto, até por que o significado de afeto deve ser sempre relativizado. Como veremos no decorrer da tese Tadeu é um dono de estabelecimento de prostituição que mantém um relacionamento com uma mulher – não prostituta – apenas por ter tido filhos com ela, mas a qual ele afirma não estar ligado por qualquer tipo de afeto. Ao mesmo tempo, mantém muitas relações com prostitutas, todas ligadas pela afetividade. Também é impossível esquecer das várias histórias sobre clientes que se tornaram companheiros maritais de prostitutas, em que elas deixam de exercer a atividade da prostituição. Uma prática comum entre os frequentadores é quando a relação com uma prostituta se fortalece ela deixa de exercer a atividade da prostituição, portanto, ela não pode ser mais considerada uma prostituta e, assim, o frequentador pode afirmar que não mantém uma relação afetiva com uma prostituta e, sim, uma relação conjugal com uma ex-prostituta.

Com isto tudo quero indicar que na Vila Mimosa, apesar destas categorias também serem importantes, pois representam um divisor simbólico para a vida das prostitutas, elas não o são para os frequentadores. Como veremos mais especificamente no último capítulo, muitos deles se relacionam sexualmente com prostitutas no contexto da prostituição, ainda que não se entendam como parceiros comerciais. Como já foi dito, se esses frequentadores não pertencem a uma categoria, deveriam pertencer à outra. No entanto, aqui há uma

especificidade: esses freqüentadores não se enquadram na categoria dos parceiros afetivos. No contexto estudado, sob a ótica dos homens, as categorias parcerias comerciais e afetivas, além de perderem o valor são recusadas por eles. À vista dessas colocações, afirmo que apesar de ambas as categorias serem recusadas e, assim, aparentemente não terem um valor significativo para os freqüentadores – categoria empírica deste estudo – será importante compreender seu uso pelas prostitutas e a necessidade do não uso pelos freqüentadores. No decorrer do texto retomarei novamente a discussão para compreender tanto a heterogeneidade como a especificidade das categorias no contexto estudado. Ademais, ressalto que o trânsito entre as categorias – clientes e não clientes – é possível. Todavia, há marcas de demonstração e de reconhecimento em ambas as categorias. Mais uma vez esta profusão semântica em relação às parcerias comerciais e afetivas encaminha o tema desta tese. Isto tudo fala deste não lugar dos freqüentadores na Vila Mimosa. Os freqüentadores são aqueles que podem vir a ocupar um outro lugar na relação: um cliente, um namorado, um marido, um protetor, um privilegiado. Assim, ele sempre está neste lugar de um “devir” e, portanto, resistindo à fixação numa categoria. Por estas razões esta tese investiga os modelos de masculino que constituem o universo estudado.

Esta tese é um estudo antropológico sobre convenções de masculinidade e feminilidade no campo circunscrito de uma zona de prostituição no centro do Rio de Janeiro. Ao propor este debate pretendo desvendar elementos que vão além do mundo da prostituição, trazendo pistas para entender práticas de relações de gênero em outros contextos sociais.

A tese está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo, “A Vila Mimosa”, apresento o universo pesquisado ao leitor. O objetivo deste capítulo é justamente o de expor as características e especificidades da Vila: os sujeitos, os pontos comerciais, os problemas,

bens de consumo, entre outras. Na primeira parte do capítulo enfocarei a história da prostituição feminina na cidade do Rio de Janeiro, destacando a transição da Zona do Mangue – antiga zona de prostituição que originou a Vila Mimosa – para a atual Vila Mimosa. Na segunda parte do capítulo situo o leitor no cenário onde realizei a pesquisa de campo. Também apresento questões a respeito do método utilizado na realização do trabalho de campo, bem como da análise dos dados. Em seguida aponto dados da estrutura física, bem como de sujeitos sociais que compõem o cenário da Vila Mimosa. Essa descrição é fundamental porque, além de demonstrar a visão de mundo, o ethos e o agenciamento das práticas dos freqüentadores que pesquisei, também revela um dos principais elementos que marca o contexto estudado: a sua transitoriedade. Pretendo partir do universo empírico estudado (a pesquisa na Vila Mimosa) para estabelecer nexos interpretativos que possibilitem compreender o campo mais amplo da prostituição no Brasil.

O segundo capítulo trata do “negócio da prostituição”, aquela variedade de serviços oferecidos na Vila Mimosa. Assim, vou falar de como é rentável trabalhar nessa zona de prostituição. Com isso, ao mesmo tempo, ilumino o debate de que trata a tese qual seja, o de que a relação entre prostitutas e freqüentadores não está pautada apenas em um prover econômico, mas sim, em um prover simbólico. Ainda neste capítulo faço considerações políticas apresentando uma breve discussão sobre algumas propostas de legalizar a atividade da prostituição no país, a partir de projetos de lei apresentados no Congresso Nacional. Da mesma forma desenvolvo considerações conceituais: o exercício da prostituição pode ou não ser considerado um trabalho?

O terceiro capítulo está centrado no que chamo de fronteiras do gênero; a flexibilidade e a fluidez entre as masculinidades e as feminilidades. Neste capítulo estou

particularmente interessada em compreender a dinâmica da transitoriedade de gênero, em sendo uma característica fundamental do contexto estudado, tomo como exemplar desta transitoriedade a valentia. Na Vila Mimosa, a valentia – atributo masculino – não era somente uma prerrogativa dos homens, incorporado pelas mulheres revela a fluidez e a flexibilidade das fronteiras de gênero.

No quarto capítulo discorro sobre os freqüentadores da Vila Mimosa. Aqui, interessa tratar da diversidade da presença e da experiência dos homens: modelos de masculinidades, sexualidades, sociabilidades. Especificamente, neste capítulo tratarei das convenções de masculinidades que estão em jogo no universo dos freqüentadores na Vila Mimosa. Como a tese trata de um estudo de relações de gênero é certo que ao falar sobre o masculino também estarei falando do feminino. A partir do estudo desta categoria pretendo dar conta de uma regularidade que é central no universo prostitucional brasileiro que são os diferentes tipos de masculinidades.



## **Capítulo 1**

### **A Vila Mimosa**

Neste primeiro capítulo apresento a Vila Mimosa, a zona fechada de prostituição feminina em que realizei meu trabalho de campo. Primeiramente indico uma discussão a respeito do método utilizado no trabalho de campo: o método etnográfico. O importante é compreender como o método etnográfico pode ser aplicado nesse universo específico, pois cada contexto se constitui por suas especificidades e, para melhor entendimento, foi preciso realizar alguns rearranjos, os quais trouxeram dados ainda mais particulares sobre o universo estudado. Ainda nesse capítulo proponho uma reflexão sobre a história da prostituição feminina na cidade do Rio de Janeiro, especificamente sobre a Zona do Mangue – a antiga zona de prostituição que originou a atual Vila Mimosa. Aliás, deve-se ressaltar esse aspecto de continuidade entre a antiga Zona do Mangue e a Vila Mimosa. Nos últimos itens do capítulo trato de dados específicos sobre a estrutura física do espaço da Vila Mimosa, bem como dos sujeitos sociais que a compõem, particularmente a AMOCAVIM, associação que responde politicamente pela Vila Mimosa.

#### **1.1. A Realização da Pesquisa de Campo na Vila Mimosa**

Sempre que comentava a respeito do meu projeto de pesquisa as pessoas, perplexas, perguntavam-me, sem uma única exceção: “como conseguirá realizar a pesquisa?”. Certamente que neste questionamento estão colocados algumas questões (ou melhor, preconceitos) que compõem o imaginário a respeito do mundo da prostituição. Esses questionamentos apenas aguçaram ainda mais meu interesse antropológico pelo tema e, apesar de não me ater a essa discussão, de uma forma ou de outra a retomarei no decorrer

do texto. Como não achava que deveria desistir da problemática que envolve minha pesquisa, resolvi investir meus estudos na questão metodológica. No entanto, jamais busquei responder a tal pergunta. Antes de tudo, procurei uma forma – através de teorias antropológicas – de embasar minha pesquisa e de fortalecer minhas próprias convicções na realização do trabalho.

Utilizei o método etnográfico na realização da pesquisa de campo embasadora deste trabalho. A escolha se justifica principalmente por acreditar que, através deste método, é possível “olhar” e “compreender” tanto as práticas como os discursos dos sujeitos estudados. A partir do uso deste método é possível buscar apreender o ponto de vista e a visão de mundo das pessoas em seu contexto vivido. Desta forma, a ênfase sempre está no contato direto entre o pesquisador e o pesquisado na atividade de campo, o que também implicou observar atentamente discursos e práticas cotidianas. Nestas relações o antropólogo procura compreender os elementos simbólicos, a lógica ordenadora, bem como os fatores estruturantes do cotidiano do universo pesquisado e, assim, “captar” a particularidade do contexto estudado. Neste sentido, e seguindo Geertz (1989), retomo uma das principais especificidades no trabalho do antropólogo, o tipo de material produzido no e através do campo; um trabalho que requer um envolvimento de longo prazo, em que a participação e a contextualização são elementos fundamentais. Os dados coletados nos possibilitam “... pensar não apenas realista e concretamente sobre eles, mas, o que é mais importante, criativa e imaginativamente com eles” (Geertz, 1989, p. 34). Isto não significa que o antropólogo terá a realidade daquelas pessoas, mas antes uma interpretação de uma realidade, “o que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas” (Geertz, 1989, p. 19). Todavia, procurar entender o que está sendo dito/vivido/experimentado pelo “nativo” não é uma tarefa simples. Por isso, acredito

que é preciso investir nos interstícios, nas observações, nas perguntas, nas trocas, nos não-ditos e, principalmente, na convivência com o outro o que, como bem demonstrou Goldman (2000), pode culminar na possibilidade do antropólogo apreender sobre a experiência do “nativo” e, deste modo, a necessidade dele ser “afetado por algo que os afeta e, assim, poder estabelecer uma comunicação” (Goldman, 2000, p. 3). Neste aspecto, faço minhas as palavras de Fonseca (2000): “atrás das narrativas deste volume, há uma fé na pesquisa de campo – longas horas, aparentemente jogando conversa fora, na observação de cidadãos comuns em suas rotinas mais banais” (Fonseca, 2000, p. 7).

Usei o método etnográfico, privilegiando tanto a observação participante (vivência prolongada no universo estudado) como as entrevistas (que podem ser direcionadas de diferentes formas: abertas, semi-abertas, com gravador ou não). Ao mesmo tempo, não deixei de lado os elementos aconselhados por Fonseca (2000) para a elaboração e a sistematização de uma pesquisa etnográfica: o estranhamento, a esquematização, a desconstrução, a comparação e a construção do modelo.

A elaboração deste estudo baseia-se numa pesquisa desenvolvida entre os meses de agosto de 2001 a setembro de 2002. Depois disto, retornei à Vila Mimosa em março de 2004. Durante este período estive constantemente na Vila Mimosa caminhando por suas ruas, nos galpões, freqüentando alguns estabelecimentos de prostituição e participando de reuniões, palestras, festas, tanto na AMOCAVIM como em outros lugares em que se discutia o tema da prostituição feminina. Além disso, freqüentei a moradia de Cleuza, onde algumas vezes me hospedei e, também, de alguns de seus familiares.

Durante o trabalho de campo convivi com muitas pessoas que freqüentam a Vila Mimosa, mas, para fins de delimitação, o trabalho se ateu à análise das informações de quarenta e cinco pessoas: seis clientes, três prostitutas, sete donos e dez donas de

estabelecimentos (não necessariamente apenas de prostituição), cinco gerentes de estabelecimentos de prostituição, dois funcionários da AMOCAVIM, duas funcionárias do salão de beleza, um massagista do salão de beleza, uma cozinheira, dois taxistas, dois vendedores ambulantes e quatro companheiras de donos de estabelecimentos. De todas essas pessoas mantive uma relação mais próxima com quatro donos de estabelecimentos, os quais chamo de informantes centrais. São eles: Cleuza, Fernanda, Tadeu e Alencar. Dos quatro, apenas Alencar não é dono de um estabelecimento de prostituição. Alencar e Fernanda não pertencem a AMOCAVIM.

Conheci a Vila Mimosa alguns anos atrás, quando participei de um curso sobre Prostituição e Aids que era direcionado para ONGs que realizavam trabalhos de intervenção junto ao público específico. Naquela época, participava de uma pesquisa sobre prostituição feminina na cidade de Porto Alegre/RS e, ao mesmo tempo, era voluntária em uma ONG: o Núcleo de Estudos da Prostituição (NEP).<sup>18</sup> O curso foi realizado em três etapas, cada uma delas desenvolvida em uma cidade diferente. Na etapa localizada na cidade do Rio de Janeiro, uma das atividades era visitar a Vila Mimosa. Como já apontei, durante o curso conheci Cleuza e Carina e tornei-me amiga das duas irmãs. Anos mais tarde, agora procurando o campo de pesquisa para realizar meu doutoramento as procurei novamente, já com a idéia de realizar a pesquisa de campo neste contexto. Desde o começo da escrita do projeto de doutoramento acreditava que a Vila Mimosa era o contexto ideal para realizar a pesquisa que propunha. O fato de conhecer duas pessoas que tinham boa inserção nesta zona de prostituição era um motivo importante, mas, além disso, a

---

<sup>18</sup> O NEP realiza um trabalho de intervenção junto a prostitutas em ruas centrais da cidade de Porto Alegre - RS e, suas principais metas estão ligadas a questões da saúde, da auto-estima e da cidadania da mulher.

diversidade sócio-cultural que a Vila sempre apresentou me trazia a certeza de que aquele era o lugar ideal para a realização da pesquisa.

Desde o princípio as irmãs se colocaram à disposição para ajudar na realização da pesquisa; na prática, elas me apresentaram o local, as pessoas e relataram suas experiências cotidianas na Vila. A partir do contato com Cleuza e Carina conheci outras pessoas e permaneci na Vila Mimosa; certamente, sem essa ajuda a realização do trabalho de campo seria em muito dificultada, principalmente em razão do público alvo ser extremamente desconfiado e, na maioria das vezes, se negar a participar de entrevistas e/ou pesquisas. Moraes (1996), que estudou a Vila Mimosa antiga na década de 90, explicita a grande dificuldade que teve para obter informações com donas de estabelecimento de prostituição, mesmo sendo apresentada por uma liderança política do local e mantendo uma boa convivência com essas mulheres. Imaginava que comigo não seria diferente. Portanto, era fundamental conhecer uma pessoa que tivesse livre trânsito na Vila.

A aproximação com as pessoas aconteceu principalmente mediante o contato que tinha com as duas irmãs. Essa proximidade permitiu-me construir uma espécie de rede de pessoas conhecidas. Também aconteceu de conversar com pessoas que se aproximaram de mim, as quais, por terem ouvido falar da pesquisa se prontificaram a falar. Talvez por ter conhecido muitas pessoas a partir das duas donas de estabelecimentos de prostituição, relacionei-me com pessoas que também freqüentavam a Vila Mimosa por uma questão de trabalho. Não por acaso, acabei por estudar a Vila, sobretudo pela ótica dos donos e donas de estabelecimentos. Ao mesmo tempo, minhas experiências etnográficas anteriores em contextos de prostituição feminina mostraram-me que manter relações com pessoas que

têm um vínculo de trabalho com o lugar é positivo, pois além de facilitar o reencontro com as pessoas ajuda na minha segurança.<sup>19</sup>

Durante toda a etapa do trabalho de campo os estabelecimentos de prostituição das irmãs estavam alugados, elas se diziam cansadas da vida de ser dona de um estabelecimento de prostituição. Todavia, permaneciam se mantendo através da renda que os estabelecimentos geravam: Carina recebe uma porcentagem do estabelecimento que mantém em sociedade com a mãe e Cleuza é dona de dois estabelecimentos de prostituição, sendo um deles em sociedade com um dos seus irmãos. Porém, nos últimos dois anos Cleuza retomou seu trabalho junto a AMOCAVIM, chegando a coordenar atualmente um projeto de intervenção na Vila Mimosa junto ao Ministério da Saúde.<sup>20</sup> Em vista disto, ela se tornou uma figura constante na Vila e participou ativamente de todas as etapas da pesquisa: ela apresentou-me o lugar, protegeu-me e alertou-me para os perigos, contou-me os detalhes das conversas, os bastidores, a rotina e, inclusive, fragmentos que eu, como uma “estrangeira”, não deveria/poderia saber. Certamente, em muitos momentos da pesquisa Cleuza acabou direcionando meus passos, e esse tipo de situação pode gerar ganhos como perdas. Entretanto, acredito que neste caso os ganhos foram maiores que as perdas, afinal, sua ajuda foi fundamental para minha permanência no contexto estudado. Como já apontei, Cleuza me acolheu em sua residência nas viagens ao Rio de Janeiro. Desta forma, ela foi não apenas uma eficiente e indispensável informante, como também tornou-se uma interlocutora de minhas dúvidas, das minhas elaborações e de minhas conquistas. Além da

---

<sup>19</sup> A Vila Mimosa me foi apresentada como um lugar violento e como uma referência de tráfico de drogas. Desta forma, eu deveria ter cuidado tanto com os policiais como com os traficantes. Desde o começo da pesquisa tenho tentado manter minha segurança pessoal sem atrapalhar a realização da pesquisa.

<sup>20</sup> Em março de 2004 a AMOCAVIM mantinha três projetos de intervenção. Esse assunto, assim como a vida financeira de Cleuza serão mais bem discutidos no capítulo 2.

convivência com Cleuza na Vila Mimosa e na sua residência, participei de festas familiares, de passeios, reuniões e palestras em lugares nas quais esta se fazia representar.

Como já explicitarei alhures, na maioria das vezes uma pessoa que eu já conhecia era quem me apresentava uma nova pessoa. Noutras vezes, aconteceu de eu estar em um grupo e uma nova pessoa chegar e fazer parte da pesquisa. Em certos momentos cheguei a pensar que era muito conhecida na Vila, pois várias pessoas se aproximavam de mim como se já conhecessem minha história (era uma estudante, realizava uma pesquisa...) e se prontificavam para fazer parte da pesquisa. Certamente, na Vila Mimosa há uma rápida e eficiente circulação de informação. Nem sempre foi necessário explicar o objetivo da pesquisa e/ou a razão porque estava ali, bastava apenas dizer que era conhecida de fulano ou amiga de sicrano e, rapidamente, era bem recebida, pois essa informação significava que eu era uma pessoa confiável.

Na maioria das vezes começava as conversas com meus futuros informantes falando sobre o meu objetivo na zona, minha trajetória no campo de estudos da prostituição feminina para então saber sobre sua trajetória, sua história e só então partia para questões mais específicas da pesquisa. Mas, o que mais fazia era participar de conversas das pessoas e só algumas vezes propunha um assunto para que elas conversassem (e debatesses) entre si. Como em outros contextos de prostituição estudados, no decorrer da pesquisa percebi que meus informantes queriam que eu os entrevistasse - perguntas, respostas, papel, caneta. Apesar de o gravador ser um instrumento olhado com extrema desconfiança – principalmente em razão de notícias a respeito da Zona que são publicadas em jornais sem a autorização das pessoas citadas –, com doze dos quarenta e cinco informantes – aqueles com os quais mantive uma boa convivência – o utilizei em longas entrevistas. Com o restante dos informantes, algumas vezes, utilizei anotações em entrevistas semi-abertas sem

o uso do gravador. De todas as técnicas e fórmulas do método etnográfico, escolhi aquelas que permitiam a construção do contexto através de um diálogo e um intenso convívio com o grupo pesquisado, pois “não há melhor maneira de estudar o trottoir do que fazendo trottoir” (Perlongher, 1987, p. 34). Durante muitas noites, em diferentes horários e em diferentes dias da semana, estive na zona com os seus freqüentadores. Mantive conversas individuais ou em grupos, observei o cotidiano da prostituição, dos donos e donas, das(os) gerentes, dos clientes, dos carros, dos caminhões, enfim, o cotidiano daquelas pessoas, naquele lugar. Com isso também pude vivenciar situações de interação dessas pessoas entre si, com os homens, com as prostitutas, com os donos(as) de estabelecimentos, entre outros e, também, com alguns parentes – irmãos(as) e primos(as) e seus relacionamentos que mantinham fora do contexto do exercício da prostituição.

Em minhas primeiras visitas à Vila Mimosa vivenciei alguns estranhamentos que foram difíceis de serem relativizados: o cheiro, o barulho, a intensa movimentação. O primeiro deles foi em relação ao cheiro. De todas as diferenças que vivenciei, certamente o mau cheiro foi uma das mais difíceis de relativizar. O tempo inteiro sentia um cheiro que me deixava incomodada, diria que era uma mistura de esgoto com urina. Mais tarde percebi que havia outras misturas: o lixo espalhado que não era recolhido todos os dias, os restos de cerveja jogados pelos cantos e o suor das mulheres que faziam programas e dificilmente se lavavam depois, sem esquecer que muitas delas costumavam transitar com pouca ou nenhuma peça de roupa, assim como também tinham o hábito de usar perfumes com aromas fortes e usar desodorante para disfarçar o cheiro deixado pelo programa anterior. A Vila era limpa com água, vassoura e creolina.

O intenso barulho também era perturbador. Na sala da Associação parecia ser impossível imaginar que alguém pudesse falar ao telefone, pensar em projetos de

intervenção, organizar ou realizar debates, palestras e reuniões, pois o barulho de música parecia estar dentro da sala, a qual estava localizada em frente e em cima dos estabelecimentos de prostituição. Caminhar por entre os estabelecimentos era ainda pior, parecia haver uma disputa entre quais deles tinham o som mais alto, além do que havia uma profusão de ritmos musicais: funk carioca, pop nacional, sertaneja, axé baiano, entre outros. Em razão do alto volume das músicas as pessoas conversavam num tom ainda mais alto. Isso tudo tornava o barulho insuportável, pois em qualquer lugar que se estivesse haveria barulho tanto em razão da música alta como das conversas em volume alto. Simões (2003), em sua dissertação que analisa a Vila Mimosa sob a ótica de um movimento de resistência e de modernidade da prostituição feminina na cidade do Rio de Janeiro, comenta a importância do som naquele contexto:

O som constitui item especial. Ele incita o ritmo das trocas visuais, marca o passo da caminhada. Difícil se ater a apenas um: são vários os tipos expelidos simultaneamente pelas dezenas de juke-box. Na maioria das vezes, o artifício sonoro apenas complementa a ambivalência, dando suporte a caras e bocas, eficiente recurso expressivo para concorrer na Vila Mimosa (Simões, 2003, p. 4).

A movimentação das pessoas também era intensa: a AMOCAVIM afirma que nas noites de sexta-feira e de sábado havia cerca de 4.500 pessoas transitando. Muito embora não se saiba exatamente de onde saiu este número, dado o intenso fluxo de pessoas que se pode observar mesmo que assistematicamente, ele não soa inverossímil mesmo ao mais cético dos olhares. Sempre havia pessoas paradas ou caminhando nos corredores, nos estabelecimentos, dançando, algumas comendo em pé ou sentadas nos muros, nas escadas, enfim, sempre uma intensa movimentação de pessoas: as mulheres falavam, caminhavam,

dançavam, riam, comiam; os homens conversavam, bebiam, caminhavam pelos corredores, pegavam nas mulheres. Parece mesmo que a Vila Mimosa é constituída pelo excesso: excesso de barulho, de cheiros, de pessoas, de carros, de voz em volume alto, de palavras, de gestos. Isso tudo dá a Vila o aspecto de uma tensão contínua e, ao mesmo tempo, de uma dinâmica incontrolável.

Assim, com o decorrer do tempo, tive que me acostumar a esses “imponderáveis da vida real”, principalmente, porque entendi que eles eram elementos que constituíam o contexto estudado. Hoje, sei que é impossível pensar na Vila sem lembrar do seu mau-cheiro, do seu barulho, da sua movimentação e desta tensão contínua.

Como os estabelecimentos de Cleuza e Carina estavam alugados para pessoas com as quais elas não mantinham uma relação amigável, precisei encontrar um outro lugar para ser minha referência, no qual pudesse sentar nas mesas, observar, conversar. Permaneci a maior parte do tempo do trabalho de campo no estabelecimento de Fernanda, uma dona de estabelecimento que me recebeu bem e que se tornou uma informante loquaz e prestativa. Como veremos no decorrer do texto, este foi um dos estabelecimentos de prostituição na Vila Mimosa que mais frequentei. Achei que até conhecer bem o lugar e ser conhecida, seria melhor estabelecer vínculos com as donas de estabelecimentos, as gerentes, as prostitutas, para depois disso, contatar os homens.

## **1.2. Da Zona do Mangue à Vila Mimosa: um pouco da História da Prostituição Feminina na cidade do Rio de Janeiro**

O campo de estudos sobre a prostituição histórica e mundialmente se constituiu a partir de histórias e de análises em que o tema foi (e ainda hoje é) apresentado a partir de

valores morais que enfocam a pobreza, as doenças, os arrependimentos, a vitimização.<sup>21</sup> São vários os exemplos de livros que nos contam sobre como a prostituição está ligada a mulheres pobres e/ou a algum tipo de debilidade misturando diferentes aspectos da vida social, moral, religioso, médico, entre outros. Na Roma Antiga, por exemplo, o primeiro sistema de registro estatal de prostitutas foi criado apenas para as mulheres de classe baixa, elas foram obrigadas a vestir um tipo de uniforme para se diferenciar das mulheres respeitáveis, e também foram proibidas de andar pelas ruas. Nessa época, já havia uma diferenciação de tratamento entre as prostitutas entendidas como da classe baixa e da classe alta, a qual ainda hoje é vigente (Roberts, 1992). Em torno de 1269, o Rei Luís IX da França lançou um decreto expulsando todas as prostitutas do país mandando confiscar seus bens. Desnecessário dizer que isto não aconteceu, pois saiam algumas, chegavam outras. As investidas contra a prostituição continuaram, ora pelas autoridades políticas, ora pelas religiosas e policiais.

Nos séculos XVIII e XIX a prostituição no Ocidente crescia sempre com a mesma intensidade, assim como sua repressão. Nessa época foi criado o modelo francês que tinha como principal objetivo controlar a prostituição feminina. Sem dúvida, este foi o mais famoso e usado modelo de controle à prostituição feminina. Suas principais metas eram obrigar as prostitutas a ter um registro, realizar exames vaginais compulsórios e, também, controlar e/ou fechar os estabelecimentos e as zonas de prostituição: “No final da década de 1820, as mulheres estavam também proibidas de andar juntas, perambular pelas ruas, formar grupos, tomar conta das calçadas, abordar os transeuntes e provocar escândalos por seu palavreado e roupas indecentes” (Roberts, 1992, p. 242). A principal medida usada

---

<sup>21</sup> Alguns autores que apresentam este enfoque ao discutirem a temática da prostituição: Lagenest (1960), Fonseca (1982), Pires (1983), Espinheira (1984), Guy (1991), Henderson (1997), Hodges (1997).

pelas autoridades francesas foi confinar as prostitutas em um hospital. Segundo Flexner (1919), na França, havia a prática de separar as prostitutas das outras mulheres. A lógica desta ordenação era a de separá-las entre mulheres doentes e mulheres sadias. No entanto, havia uma grande dificuldade, pois tanto aquelas que aparentemente pareciam estar bem poderiam estar doentes, como também as doenças proliferavam na população em geral, e não apenas entre as prostitutas. Esta foi uma época de grande apologia à moralidade. Vários cientistas reforçavam a importância desse sistema de regulamentação. O mais famoso de todos foi um médico chamado Parent-Duchâtelet,<sup>22</sup> que defendia que a sexualidade das mulheres da classe trabalhadora era subversiva. O fato de mulheres operárias morarem sozinhas ou de mudarem de amantes bastava para que fossem vistas como prostitutas ou prostitutas potenciais. Para o público burguês, qualquer mulher que não se conformasse às suas normas, que privilegiava o casamento, a monogamia e a família, era passível de ser entendida como prostituta.<sup>23</sup>

Este médico ícone para os estudos sobre o tema da prostituição buscava combater e controlar a prostituição através de um estudo específico sobre a higiene, o cotidiano e os detalhes da vida das prostitutas. Para ele, pela observação e análise do corpo e dos hábitos das prostitutas, era possível comprovar que “... a prostituta era uma relíquia de um estágio anterior da evolução humana: mentalmente subdesenvolvida, fisicamente deformada e subumana” (Roberts, 1992, p. 272). Lombroso, outro cientista da época, afirmava que todas as prostitutas tinham características físicas de um desenvolvimento retardado. Este tipo de material foi largamente usado para embasar o estigma da prostituta, “que pôde a partir daí ser baseado em uma fundamentação firmemente ‘científica’ do sexismo, do racismo e do

---

<sup>22</sup> Dr. Parent-Duchâtelet ficou conhecido como o patriarca do regulamentarismo (Rago, 1991).

<sup>23</sup> Países como a Áustria, a Rússia, a Alemanha, a Itália e os EUA usaram o modelo francês para tentar regulamentar a prostituição, pois concluíram que era impossível seu fim.

classismo” (Roberts, 1992, p. 272). O sistema obrigou as prostitutas a trabalharem apenas em bordéis, os quais estavam licenciados pelo “esquadrão da moral” (Roberts, 1992, p. 242). A partir disto, o que houve realmente foi um grande incentivo à indústria do bordel.

No Brasil, trabalhos escritos sobre a prostituição feminina tendo como contexto as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, no final do século XIX e no começo do século XX (até 1930), tinham como principais argumentos aqueles apresentados até agora, ou seja, a defesa da moralidade (Soares 1986, Engel 1989, Rago 1991) e de regras sociais adotadas pela burguesia (a classe dominante). Não é preciso lembrar que a prática da prostituição vai contra o modelo ideal da família, o principal valor moral/social da época, causando assim um sério “problema” para a sociedade brasileira.

Também no Brasil todas as iniciativas para acabar com a prostituição feminina estavam calcadas nos estudos do Dr. Parent-Duchâtelet (Soares, 1986). Neste sentido, o que se buscava eram provas científicas – marca no corpo – para justificar uma suposta anomalia que era da ordem da moralidade. Os médicos da época operavam com o discurso de que ao se preservar a saúde física, também se preservaria a moral do corpo humano. Segundo Engel (1989), “o interesse médico pelo corpo feminino, visto como palco da concepção e da gestação, expressa o objetivo de controlá-lo através de uma política de higienização que abrangia tanto os aspectos físicos quanto morais” (Engel, 1989, p. 179). Em outras palavras, a prostituição era compreendida como uma doença, da ordem da moral, que poder-se-ia verificar na dimensão biológica do corpo das prostitutas, alastrando-se aos seus clientes e, assim, poluindo tudo que entrava em contato com esta mulher. A prostituição poderia prejudicar, entre outros, a estrutura do casamento, da família e do trabalho. Desta forma, o corpo servia como limite entre as mulheres sadias e as doentes. Para estes médicos a prostituição era o espaço da sexualidade “pervertida”, em que se procurava o prazer,

elemento este não constituinte de uma sexualidade “sadia” (Engel, 1989). Por conseqüência, havia a necessidade da separação da sexualidade sadia expressa pelo casamento, pela esposa, da sexualidade pervertida/doente expressa pela prostituição. Este foi o cerne do argumento desses médicos os quais, com o apoio policial e das autoridades estatais tentaram combater a prostituição. Mas, na impossibilidade de acabar com a prostituição, essas mesmas autoridades acabaram defendendo a idéia da necessidade de continuar havendo prostitutas, pois estas eram necessárias “... para a manutenção da estabilidade das famílias e de toda a sociedade, derivando daí a necessidade de sua regulamentação” (Soares, 1989, p. 150). A figura da prostituta apresentava então este paradoxo,<sup>24</sup> pois ao mesmo tempo em que deveria ser banida, pois representava toda a imoralidade e a doença da sociedade, deveria permanecer, pois eram estas mulheres “... que garantiriam à sociedade a certeza de um espaço seguro para descarregar a sexualidade, ou o instinto sexual, como gostariam os médicos daquela época” (Soares, 1989, p. 157). Esta foi, e acredito que ainda é, a maneira como a prostituição no Brasil e na maioria dos países foi concebida: como um mal necessário.

Em 1876, na cidade do Rio de Janeiro, o governo municipal estabeleceu algumas normas de organização para a prostituição. A prostituição sempre foi o alvo da polícia, a qual sempre teve o objetivo de fiscalizá-la e reprimi-la. A principal medida era a criação de um espaço no qual as prostitutas pudessem exercer a sua atividade: “falava-se da criação do bordel como uma instituição higienizada que regularia e limitaria a prostituição ao espaço social e aos padrões estabelecidos pela moral dominante” (Soares, 1989, p. 162). As prostitutas também foram obrigadas a passar por um alistamento policial e sujeitas a visitas

---

<sup>24</sup> Guimarães (1996) analisou os jornais “A Gazetinha” e o “O Independente” editados em Porto Alegre/RS, durante o período de 1891 e 1923 e conclui que havia um paradoxo vivido pelos redatores dos jornais, em que ora defendiam uma postura regulamentarista, ora uma postura anti-regulamentarista em relação à prostituição.

médicas de quatro em quatro dias, e por último, não poderiam ficar nas janelas ou aparecer na rua em trajes inadequados ao contexto social da época (Soares, 1989). E, segundo Pereira (2002), estudiosa do comércio sexual no Rio de Janeiro que marcou os primeiros anos do regime republicano do País, em 1900 o chefe de polícia Brasil Silvano estabeleceu limites à exibição das prostitutas na rua. Em 1924, em São Paulo, criou-se a Polícia de Costumes, uma polícia especializada em reprimir, fiscalizar e, ao mesmo tempo, “assegurar a tranqüilidade pública e a fazer respeitar as normas dos bons costumes, impedindo o estabelecimento de casas de tolerância nas proximidades de escolas públicas e particulares, dos templos religiosos e de residências familiares, sempre que possível” (Fonseca, 1982, p. 162). O pressuposto era que “a prostituição era um mal necessário e que sempre existiu e continuará existindo” (Fonseca, 1982, p. 164).<sup>25</sup>

Todas essas medidas foram maneiras de tentar regulamentar a prostituição. Mesmo que de formas diferentes, alguns municípios criaram um regulamento de costumes embasados em medidas higienistas da época e outros estavam mais preocupados com o confinamento, mas todos eles tentaram ordenar a prostituição. Portanto, esta regulamentação não era uma lei geral para todo o País, demonstrando, na verdade, o grande problema que a prostituição era para o Estado.

A Zona do Mangue – a principal zona de prostituição fechada – localizada na cidade do Rio de Janeiro, nasceu justamente durante a época do fortalecimento da ideologia do

---

<sup>25</sup> Mazzariol (1976) relatou a experiência da construção de um confinamento de prostitutas na cidade de Campinas, estado de São Paulo, o qual também é um exemplo para a reflexão da questão do regulamentarismo do exercício da prostituição no Brasil. Segundo a autora, a idéia das autoridades era realizar uma “operação limpeza”, a qual significava retirar as casas de prostituição das proximidades de residências familiares e abolir o “trottoir”. Segundo a autora, o processo de estabelecimento e “oficialização” do confinamento das prostitutas em Campinas foi embasado “... em uma ideologia conservadora, que via na prostituição um ‘mal-necessário’ e que autorizou a polícia a escolher como alternativa de trabalho a reimplantação do sistema ‘regulamentarista’ sobre a prostituição na cidade...” (Mazzariol, 1976, p. 77). Essa discussão será retomada no próximo capítulo.

controle da saúde das prostitutas (visando a não-propagação de doenças) que, segundo seus idealizadores, aconteceria criando locais específicos para o exercício da prostituição. Esta medida foi a afirmação da ausência de políticas de policiamento<sup>26</sup> para a questão da prostituição. Esta era uma época em que a ideologia do mal-necessário era proclamada. Segundo Simões (2003), que escreveu sobre o assunto em questão:

A criação do bordel higienizado era, portanto, a medida que mais de adaptava a esses interesses. Sua localização já tinha até mesmo um espaço naturalmente definido pelas interações que se davam nos botequins e pequenos hotéis existentes nas ruas próximas ao canal do Mangue, a meio caminho das estradas de ferro Central do Brasil e Leopoldina, onde operários da construção civil, marinheiros, caixeiros viajantes, outros trabalhadores e imigrantes constituíam um forte atrativo para o exercício da atividade (Simões, 2003, p. 22).

Durante o fim da década de 20 houve uma descrença generalizada das autoridades cariocas em relação a qualquer tipo de regulamentação formal do exercício da prostituição, já que a prostituição em nada diminuía, antes ao contrário, os números cresciam absurdamente. Para Pereira (2002), nesta época também começou uma separação entre o tipo de prostituta que estaria em um ou em outro lugar: “o Catete e a Glória passaram a ser considerados ponto de concentração de uma prostituição chic e moderna, de mulheres francesas e mulatas com clientela ‘de nível’, enquanto o Mangue abrigaria as polacas,<sup>27</sup> russas e brasileiras negras” (Pereira, 2002, p. 88). Assim, a prostituição na Zona do Mangue foi formada principalmente por mulheres de nacionalidade estrangeira, entre eles, mulheres

---

<sup>26</sup> Segundo Pereira (2002) a partir de 1920 a Zona do Mangue se tornou “o cenário do auge e da crise da estratégia policial forjada ao longo das primeiras décadas republicanas no centro da cidade” (Pereira, 2002, p. 87), pois de nada adiantava suas ações para acabar com a zona e/ou diminuir o número de pessoas envolvidas no comércio da prostituição daquele lugar.

<sup>27</sup> Para maiores detalhes sobre a história das “mulheres polacas” ver Kushnir (1996).

que fugiram da Grande Guerra Mundial, em especial as conhecidas polacas – mulheres judias – que se tornaram famosas donas dos estabelecimentos de prostituição durante muitas décadas. Mas é em torno da década de 30 que a Zona do Mangue faz sua real inscrição na história da prostituição feminina do Rio de Janeiro, pois esta foi à década de sua maior efervescência. O Mangue localizava-se em ruas centrais da cidade chamada Cidade Nova e, rapidamente, tornou-se um lugar freqüentado por políticos, artistas, militares, um espaço da boemia carioca.<sup>28</sup> Os freqüentadores mais famosos foram Manoel Bandeira, Lasar Segall, Di Cavalcanti, Antônio Fraga, Cartola, Luiz Gonzaga e Moreira da Silva (cf. Simões, 2003), entre tantos outros. Inclusive, Lasar Segall tem uma série de figuras intituladas “Mangue” e também Manoel Bandeira escreveu poemas para homenagear o lugar que tanto os inspiravam.

Durante esta época houve várias tentativas por parte do Governo Municipal para acabar com a Zona do Mangue. O principal objetivo desta iniciativa era a tentativa da reurbanização da cidade do Rio de Janeiro. As principais reformas desta época e com esse objetivo foram a construção da Avenida Presidente Vargas e a construção de uma linha de Metrô. Em 1967, a visita da rainha Elizabeth II e sua comitiva obrigaram o governo local a estabelecer algumas regras, a mais importante tendo sido a colocação de um grande tapume em torno da Zona do Mangue com o objetivo de tornar a região o mais invisível possível.

Para Simões (2003), com esta medida os governantes conseguiram delimitar as fronteiras

---

<sup>28</sup> Pereira (2002) afirma: “A história da localização da prostituição ao longo do começo do século XX acompanhou os descaminhos percorridos pela república brasileira para lidar com grupos de trabalhadores na cidade do Rio de Janeiro. Neste sentido, a história da localização é também a história de lutas que se davam em muitos âmbitos – mas cada vez menos no campo da lei – pela garantia de direitos básicos – como os de morar, circular e trabalhar na cidade, para os quais as prostitutas contavam com aliados que vinham de muitos lados. Para elas, a república parece ter significado um deslocamento destes âmbitos para dimensões cada vez menos públicas, que podiam ser tanto ruas afastadas, cômodos escondidos por rótulas ou salas de delegacias. Aparentemente, os juristas e médicos só ficaram à vontade para questionar a necessidade de um trabalho tal como aquele realizado por elas quando elas já estavam fora das vistas deles, lutando em âmbitos cada vez mais invisíveis” (Pereira, 2002, p. 94).

geográficas da Zona do Mangue e, assim, “o que seria apenas uma medida provisória de ocultação do ‘atraso social’, terminou por constituir-se uma bem urdida trama de coação e opressão, asfixiante para todos aqueles menos favorecidos pelas políticas públicas” (Simões, 2003, p. 30).

Com o passar dos anos, o projeto de reurbanização do bairro Cidade Nova tentava de todas as maneiras expulsar a Zona do Mangue do seu lugar. No final dos anos 70 as estratégias para acabar com a prostituição cresceram e foi praticamente o fim da Zona do Mangue. Mais uma vez Simões (2003) escreve sobre a questão:

O Projeto CASS,<sup>29</sup> que reurbanizaria o entorno do novo centro administrativo do Governo Municipal, implantou no coração do Mangue o prédio que se impôs como símbolo da nova Cidade Nova, embora sua construção parecesse mesmo simbolizar um outro marco na história da cidade. Um marco exatamente para a história que se tentava exorcizar. Pelo apelido que ganhou dos cariocas, o CASS passou a exercer a função de memória urbana da destruição. ‘Piranhão’ foi o nome com o qual a população o rebatizou, numa espécie de anti-homenagem à construção que definitivamente aplainou a zona do Mangue. (...) Com as obras, a área abrangida pelo Projeto CASS já não deixaria espaço para o deslocamento das prostitutas pelas outras ruas que configuraram o Mangue. Havia, porém, num pequeno trecho fronteiro entre a Cidade Nova e o Estácio, uma pequena travessa com casas, próxima ao sítio reurbanizado e a Estação de Metrô Estácio de Sá, para onde as prostituição e cafetinas se deslocariam, pela última vez naquele bairro, em 1979 (Simões, 2003, p. 31).

Com a intensificação da desapropriação dos estabelecimentos de prostituição das principais ruas da Zona do Mangue como, por exemplo, as ruas Júlio do Carmo, Pereira Franco e Carmo Neto, os proprietários, funcionários e prostitutas do Mangue se transferiram para um novo lugar. Timidamente, houve uma retomada das atividades do

---

<sup>29</sup> A sigla CASS significa projeto de Criação do Centro Administrativo São Sebastião, prédio que hoje abriga a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Em outras palavras, a Prefeitura Municipal está exatamente no lugar da antiga Zona do Mangue.

exercício da prostituição no começo dos anos 80, desta que foi a zona mais famosa de prostituição na cidade do Rio de Janeiro, agora com outro nome: Vila Mimosa. A transferência da Zona do Mangue para a Vila Mimosa aconteceu em 1979. Conta-se que Vila Mimosa era o nome do bairro onde a zona de prostituição se instalou, e assim passou a se chamar. É interessante lembrar que esta é a primeira localização da Vila Mimosa, pois dez anos depois ela seria novamente transferida de lugar. Alguns poucos autores utilizam a terminologia Vila Mimosa I e Vila Mimosa II para diferenciar quando se refere a uma ou outra zona de prostituição. Esta pesquisa se refere à segunda Vila Mimosa.

Segundo Moraes (1996), lentamente a Vila voltou a se reestruturar: “Agora é a pequena área da Travessa Guedes que irá contar o que restou da história do glorioso Mangue. Ironicamente, é desta trajetória de devastação que surge a Vila Mimosa” (Moraes, 1996, p. 117). Durante este período, a Vila Mimosa se localizava no bairro Estácio, um lugar perto da antiga zona do Mangue e permaneceu neste local durante quase dez anos.

Em 1987 houve um grande acontecimento no cenário da prostituição. Em junho daquele ano Gabriela Leite – antiga prostituta da Vila Mimosa, atual liderança nacional do movimento de prostitutas no Brasil e coordenadora do Programa de Prostituição e Direitos Civis – organizou na cidade do Rio de Janeiro o I Encontro Nacional de Prostitutas. Nesse encontro houve uma série de discussões sobre diversos temas, entre eles: resgate da cidadania, violência, saúde, educação e sexualidade das prostitutas e, principalmente, um movimento para ajudar na Resistência do Mangue.<sup>30</sup> Certamente que esse movimento, como veremos no item a seguir, fortaleceu o movimento de prostitutas e, neste sentido, o fortalecimento do grupo foi importante na luta contra as diversas investidas para o fim da Vila Mimosa. Uma das maiores investidas com este objetivo foi de um pastor da Igreja

---

<sup>30</sup> Ver maiores detalhes em Leite (1992), Moraes (1996), Simões (2003).

Protestante – dono de um canal de TV – que se localizava ao lado do local da Vila. O pastor queria expandir seu domínio espacial e, para tanto, queria o fim da Vila Mimosa. Segundo jornais locais da época (*Jornal do Brasil* de 13/06/1988, *O Dia* de 05/07/1988 e o *Jornal Beijo na Rua* de 1989), o impasse foi resolvido em favor das prostitutas da Vila Mimosa por intermédio de uma forte ajuda do então Prefeito Municipal que baixou um decreto em que declarou ser de utilidade pública o conjunto de estabelecimentos de prostituição para fins de desapropriação pela Prefeitura.

Entre os anos de 1994 e 1995 houve um novo acontecimento que transformou a história da prostituição feminina no Rio de Janeiro. A idéia do Projeto Teleporto passou a ser primordial para as mudanças previstas para o centro da cidade e, por isso, não houve qualquer tipo de possibilidade de resistência para a Vila permanecer na mesma localização. Apesar das divergências fora decretado o fim da Vila Mimosa.

A busca por um novo espaço para a Vila foi motivo de grande discordância entre a Associação, os donos de estabelecimentos de prostituição e a Prefeitura Municipal – que indenizou os proprietários. Nesta negociação a Presidente da Associação à época anunciou a compra de um galpão localizado na cidade de Duque de Caxias – uma cidade próxima ao Rio de Janeiro –; entretanto, uma comitiva liderada por Cleuza, Graziela e Sônia foi contra esta negociação e tratou de procurar um espaço mais adequado.<sup>31</sup> Havia vários argumentos contrários a compra, entre eles, o fato de o lugar não se localizar na cidade do Rio de Janeiro, de o prefeito da cidade ser contrário à ida de uma zona de prostituição para a cidade que governava, sem esquecer que o lugar era afastado do centro, sujo e mal-visto socialmente. Neste meio tempo, segundo as principais lideranças da Vila Mimosa, a então

---

<sup>31</sup> É interessante ouvir as diferentes versões sobre este assunto. Cleuza conta que foi ela quem achou o galpão, já Graziela diz que foi ela e assim por diante.

Presidente da Associação desviou o dinheiro recebido pela Prefeitura Municipal e desapareceu. Foi preciso uma nova rearticulação para a reconstrução da Vila Mimosa.

Cleuza, Graziela e Sônia – todas donas de estabelecimento de prostituição – organizaram um movimento com o objetivo de comprar um novo espaço para a re-criação da Vila Mimosa. Segundo Cleuza, apenas aqueles donos de estabelecimentos com dinheiro para investir no novo negócio tiveram privilégios em relação a qualquer outro comprador. Em outras palavras, o direito a compra de um espaço na nova zona de prostituição era garantido apenas se o comprador tivesse o dinheiro necessário em mãos. De nada adiantava a pessoa ter feito parte da antiga Zona. Cleuza contou que não foi nada fácil encontrar um lugar adequado e, quando elas escolheram o Galpão no qual hoje funciona a atual Vila Mimosa, um antigo galpão de uma empresa de Laticínios, muitos proprietários foram contra, pois achavam um lugar deserto, feio, perigoso. A desistência de muitos proprietários piorou ainda mais a situação, mas a continuidade da certeza das três mulheres acabou por convencer alguns poucos proprietários, e essas pessoas levantaram o lugar que, no começo, não tinha quartos separados para a realização dos programas, era um grande salão, separado apenas por cortinas. No começo da articulação foram 35 pessoas que se juntaram a este pequeno grupo inicial. A transferência da antiga Vila Mimosa para a atual aconteceu no dia 03 de janeiro de 1996. Simões relata o começo desta nova zona de prostituição:

Nas memórias dos que vieram transferidos da antiga Vila Mimosa o dia da mudança ressurgiu como uma lembrança desagradável. No início, apenas doze cabines improvisadas no andar superior do galpão comprado pelas cafetinas, serviam ao trabalho de cerca de seiscentas prostitutas, obrigando a formação de enormes filas em frente de cada porta. Devido à demora, muitos clientes optavam pelas dependências do Hotel Canário, antigo pardieiro localizado na rua vizinha que, com o surgimento da prostituição nas imediações,

voltou a ter seus quartos ocupados. (...) Dentro do galpão, freezer, mesas e cadeiras eram dispostos de maneira a estruturar, com revestimentos invisíveis, os espaços de cada 'casa', reconstruindo, na medida do possível, aqueles que havia no interior daqueles demolidos. (...) O imóvel ainda estava sendo reformado para atender às necessidades de cada dono. (...) As dificuldades enfrentadas pelo improvisado das primeiras instalações, no entanto, obscurecem diante da pergunta sobre como se deu tal mudança. Neste momento, as agressões morais e físicas sofridas nos confrontos com os moradores são ressaltadas como um marco que, ao ser referido retrospectivamente, ressalta para esses atores uma vitória pelo estabelecimento da Vila Mimosa II, mérito decorrente da ordem, da modernização e da organização do grupo (Simões, 2003, p. 45, 46).

Muitas pessoas que hoje fazem parte da Vila, também fizeram parte da transferência de uma zona de prostituição para a outra. É fascinante ouvir as pessoas lembrarem daquele momento: as lembranças são contadas em voz alta e com muitos gestos e caretas, sempre evidenciando a força que aquele grupo teve para conseguir refazer uma zona de prostituição do porte da atual Vila Mimosa. Talvez aqui resida uma dica para uma das características fundamentais para ser e estar em uma zona de prostituição: a fortaleza.

O medo da destruição é um assunto permanente nos discursos das pessoas: uma ou outra pessoa sempre retoma o assunto que alguém contou, leu em algum jornal ou ouviu em algum noticiário que o terreno onde a zona está localizada será vendido, que novas fábricas serão construídas, que estradas passarão pela Vila. Mais uma vez parece que nestas falas há um recado implícito: a força de quem faz parte do mundo da prostituição. Diria que, como veremos no decorrer do trabalho, esta é uma das mais relevantes características desses sujeitos: para ser e estar na Vila Mimosa é preciso ser forte, ou melhor, valente.

### 1.3. Os Imponderáveis da Vila Mimosa

Neste item apresento a atual Vila Mimosa, aquela em que realizei minha pesquisa de campo: sua localização, seus aspectos físicos e sócio-culturais. Para tanto, descrevo duas *casas* de prostituição em que exponho ao leitor a dinâmica que compõe o cenário, bem como a diversidade dos sujeitos sociais do contexto estudado. Em continuidade, aponto dados a respeito da AMOCAVIM, a entidade política e organizadora do cotidiano na Vila.

#### 1.3.1. *Conhecendo o lugar*

Vila Mimosa é a zona de prostituição feminina fechada escolhida para realizar o trabalho de campo. Ela se constitui a partir de uma construção social e comercial, que tem como um dos objetivos vender relações sexuais em um contexto de prostituição feminina. Entretanto, esse lugar específico estabelece-se por uma configuração de estabelecimentos comerciais dos mais variados. A Vila Mimosa é um grande mercado de trocas, de comércio e, ao mesmo tempo, regido por regras. Segundo Moraes (1996) a Vila Mimosa é “um espaço com múltiplas manifestações – jogos de carteados, convites para o sexo, bate-papo regado a cerveja, e uma infinidade de tipos de figuras humanas” (Moraes, 1996, p. 13).

A Vila Mimosa se localiza no centro da cidade do Rio de Janeiro, próximo à Praça da Bandeira, e justamente em razão da praça o bairro também é assim chamado. Além da Praça da Bandeira, que é uma referência fundamental para a localização da Vila Mimosa, também há uma Corporação de Bombeiros, a qual se localiza cerca de umas seis quadras da Vila Mimosa. A rua mais famosa – chamada Ceará – do bairro é onde está localizada a Corporação de Bombeiros, aliás, o usual é identificar a Vila Mimosa por esta rua, e não,



Nesta espécie de corredor, o comércio é intenso. Há vendedores informais que expõem suas mercadorias no chão, na janela de um estabelecimento, outros perambulam pelas ruas. Os vendedores informais vendem diferentes produtos: sucos, doces, salgados (coxinhas, esfihas, sanduíches), roupas (lingeries, biquínis, tops), cosméticos (batom, sombra, desodorante, perfume, cremes), incensos, bijuterias, entre outros. A rua principal também é um local onde há bares, tendas com vendas de comidas, bebidas e prostituição. Nos bares se vendem diferentes tipos de alimentação: sanduíches, salgados, bebidas e refeições completas, as chamadas marmitas que normalmente são feitas com arroz, feijão, macarrão, um tipo de carne e saladas. Do outro lado da rua, antigas residências de moradores – que se afastaram do local quando começou a atividade da prostituição – que foram modificadas para acomodar as *casas* de prostituição.

A Rua Sotero dos Reis é extremamente estreita e sem asfalto. É comum haver uma grande fila de carros nesta rua, pois quando qualquer um deles resolve parar alguns minutos todos os outros andam vagarosamente na fila de carros. Além disto, é comum haver uma fila de carros estacionados de um dos lados da rua, o que soma para dificultar o andamento dos carros que transitam na rua, mas apesar da lardeza com que os carros transitam neste trecho da rua, há um intenso trânsito de carros e caminhões. Além dos carros de passeio, também há carros dos taxistas (há um ponto de táxi na rua), dos lixeiros, dos carteiros, dos policiais, dos caminhões com produtos para descarregar (bebidas, alimentos) ou da transportadora que se localiza ali perto. Na rua também há trânsito de pedestres – prostitutas que querem seduzir os homens que passam a pé ou de carro, homens e mulheres que utilizam o acostamento da rua para se encontrar com outras pessoas e permanecem ali bebendo e conversando, pessoas circulando, passeando.

Do outro lado da rua – o lado contrário do galpão – há muitas barracas, trailers, carrinhos, em cima das calçadas, em frente dos estabelecimentos de prostituição. O melhor lugar para observar o outro lado da rua é através da janela da AMOCAVIM, pois esta se localiza no segundo andar do galpão. No outro lado da rua há em torno de oito ou dez moradias antigas; residências grandes, todas de alvenaria. Para abrigar a atividade de prostituição as moradias foram reestruturadas, algumas delas foram divididas em dois, três ou mais estabelecimentos, outras têm mais um andar, um puxado, escadas para fora do prédio. De todos os estabelecimentos apenas dois tem pintura e, num deles, ela parece ter parado no primeiro andar. Uma foto do começo de uma tranqüila tarde de verão tirada da janela da Associação talvez ajude a imaginar/conhecer a Vila Mimosa:



Vista do Casarão em frente a AMOCAVIM  
Fonte: AMOCAVIM<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Agradeço a AMOCAVIM pelo empréstimo das fotos.

Muitas vezes fica explícito que essas moradias foram re-arranjadas para sua nova utilidade de forma desorganizada, pois não parecem ter nenhum tipo de cuidado com segurança e nem com a estética. Aliás, o que sempre me chama a atenção é a quantidade de fios de energia elétrica que estão à mostra. Isto sem contar a mudança constante no cenário: ora no puxado há uma geladeira e um homem vendendo bebidas, ora há um fogareiro e uma panela onde um homem frita e vende pastéis; num momento um trailer ocupa a calçada, em outro há dois, em outro nenhum.

A Vila Mimosa se constitui pela intensa circulação de negócios. Tenho a impressão que cada vez que volto para o universo pesquisado há mudanças - um estabelecimento que fechou, outro que abriu no seu lugar, em um “puxado”, novas barracas, novos trailers, mudanças de cores, de disposição dos móveis. Também é comum mudarem os donos, tanto dos estabelecimentos de prostituição como dos outros estabelecimentos comerciais. Parece que faz parte da rotina arrendar negócios, em que a pessoa é dona de um estabelecimento, mas aluga outros, provavelmente, localizado em um lugar mais movimentado. Muitas vezes um mesmo proprietário tem vários negócios dentro da Vila. Para mim, um dos elementos que especifica a Vila Mimosa é a mudança, a fluidez, tanto das pessoas como do tipo dos negócios, sem esquecer também, do arranjo visual.

Com o passar do tempo, os negócios<sup>33</sup> de prostituição e aqueles que sobrevivem em função da prostituição começaram a tomar conta de toda a região da Praça da Bandeira. Atualmente, além deste grande galpão principal, a Vila Mimosa ocupa toda a extensão da Rua Sotero dos Reis, cerca de três grandes quarteirões. Em 2002 foi construído mais um corredor onde há estabelecimentos de prostituição em um dos lados, sendo que do outro há estabelecimentos que servem alimentos em geral. Em 2003 foi construído outro corredor

---

<sup>33</sup> O negócio da prostituição será tratado mais detalhadamente no segundo capítulo.

onde ainda há poucos estabelecimentos. Segundo dados de Altair, secretário da associação, há 34 estabelecimentos na Vila Mimosa, entretanto, esse número refere-se apenas aos estabelecimentos que pagam uma mensalidade para a Associação.<sup>34</sup>

Nas ruas do entorno da Rua Sotero dos Reis localizam-se moradias (a maioria deve ter no máximo cinco cômodos, de material e/ou de madeira e com a pintura envelhecida), uma transportadora, frigorífico, garagem de ônibus, oficinas mecânicas, madeireiras, depósitos de bebidas, galpões abandonados, ferro-velho, lava-jato de carros, uma pensão, uma pequena igreja (nunca a vi aberta) e alguns bares (a Rua Ceará – que termina na Rua Sotero dos Reis – é formada por diversos bares em que a clientela privilegiada é de motoqueiros) que não são especializados em prostituição. Como afirmei alhures, os negócios na Vila Mimosa não se restringem apenas ao mercado do sexo. Além do comércio que já citei também há um banco comercial,<sup>35</sup> dois salões de beleza (um deles com uma sala de bronzamento artificial), um mini-mercado, uma academia de ginástica, um posto de saúde com dois profissionais de saúde, dois dentistas,<sup>36</sup> duas pensões e guardadores de carro. Além dos bares que não estão diretamente ligados à prostituição, há muitos outros estabelecimentos no entorno da Vila Mimosa, mas dois em especial sempre me intrigaram: o primeiro é uma Igreja Evangélica, localizada a cerca de duas quadras da Rua Sotero dos Reis. Pouco sei sobre as pessoas que a freqüentam, pois nunca encontrei a Igreja aberta,

---

<sup>34</sup> Como veremos no decorrer do texto o número referente à quantidade de estabelecimentos de prostituição na Vila Mimosa é um assunto que gera muita controvérsia, pois dependendo da origem da informação é um número diferente.

<sup>35</sup> Em setembro de 2004 não havia mais nenhum posto de banco comercial na Vila Mimosa, segundo dirigentes da AMOCAVIM, isso se deu em razão da falta de funcionários do próprio banco.

<sup>36</sup> Em minhas primeiras visitas à Vila Mimosa havia um consultório de dentista nesta sala. Na viagem seguinte o consultório não existia mais, no seu lugar, havia computadores, os quais serviram para um curso de informática que começou na primeira semana de março de 2002. Em setembro do mesmo ano a sala estava desocupada, servindo apenas para guardar caixas e materiais não usados. Em março de 2004 eram os móveis da Caixa Econômica Federal que ocupavam a sala e três meses depois do banco Bradesco. Em dezembro de 2004 a sala estava vazia novamente.

nem ao menos pessoas próximas a ela. Ainda hoje tenho dúvidas sobre seu funcionamento. Também fiquei interessada em um frigorífico, localizado exatamente ao lado do galpão da Vila Mimosa. Um ex-funcionário de um dos frigoríficos, e atual funcionário de uma madeireira – ambas localizadas na rua onde hoje é a Vila Mimosa –, contou-me que, antigamente, este local era um espaço comercial (um outro tipo de comércio). Segundo ele, na Rua Sotero dos Reis havia cinco açougues, uma empresa de ônibus, uma empresa de computador, entre outros estabelecimentos. O ex-funcionário diz que a maioria destes estabelecimentos faliu, e que os comerciantes culpavam a prostituição pelo seu fechamento: as mulheres se negavam a ir até a Vila Mimosa por que ela era imoral. No entanto, este homem defende que o problema (particularmente dos frigoríficos onde ele trabalhava) é que a carne passou a ser terceirizada e os açougues perderam seus lucros, agora em qualquer supermercado há carne importada. O interessante é que a culpa pelo fechamento dos estabelecimentos comerciais foi a atividade da prostituição. Atualmente, vários desses comércios da região têm novos proprietários. As primeiras(os) donas(os) de estabelecimentos contam que quando os moradores e os proprietários comerciais da Rua Sotero dos Reis e das ruas ao redor descobriram que ali seria uma zona de prostituição, fizeram passeatas, reuniões com políticos, colocaram fogo em pneus. Esses moradores tentaram de diversas maneiras impedir a consolidação da Vila Mimosa naquele local.

Em relação ao movimento em um contexto de prostituição feminina, minhas experiências etnográficas anteriores ensinaram-me que o trabalho de campo às sextas-feiras, aos sábados e nas vésperas de feriado é mais difícil – em comparação com os outros dias da semana – para a observação e o contato com as pessoas, pois tanto o número de prostitutas como o de clientes aumenta; mesmo assim, fiz observações nesses dias para perceber se havia realmente alguma diferença. Como nos outros lugares estudados, tive

experiências difíceis – pois eram muitas pessoas, muitos homens bêbados, muito assédio, muitos vendedores ambulantes, muita música alta, o que dava ao trabalho momentos de grande tensão –, e assim não retornei mais nesses dias da semana. Como já foi dito, segundo dados da AMOCAVIM, nas noites de sexta-feira e de sábado costumam transitar pela Vila Mimosa cerca de 3.000 homens e 1.500 mulheres.

Costumava freqüentar a Vila Mimosa durante os dias da semana e, na maioria das vezes, durante o período da tarde. Como na Vila quase todos os estabelecimentos funcionam 24 horas (apenas as barracas, as tendas e os trailers que vendem refeições e bebidas funcionam a partir das 15/16 horas) era praticamente impossível ir até a Vila e encontrá-la vazia. Lembro-me do meu espanto quando cheguei à Vila em torno das 10 horas da manhã e deparei-me com muitas prostitutas e homens conversando, bebendo, fazendo programas. Evidentemente, comparando com outros horários havia menos movimento, contudo, havia movimento. Aliás, em uma dessas manhãs conversava com uma prostituta, que acabara de acordar e, enquanto ela almoçava – dificilmente elas tomam café da manhã, normalmente a primeira refeição é o almoço –, um cliente veio chamá-la para um programa; ela empurrou o prato e pediu que eu o cuidasse, pois na volta terminaria de almoçar. Não se passaram mais de 20 minutos e a prostituta terminou seu almoço. Preocupada, perguntei se a realização de um programa não faria mal para a digestão, e ela gargalhando respondeu que seu corpo estava acostumado, pois seus clientes costumavam procurá-la neste horário e, algumas vezes, acabava coincidindo com o horário do seu almoço. Entretanto, ela ensinou um truque: não se mexa muito que a comida fica no lugar!

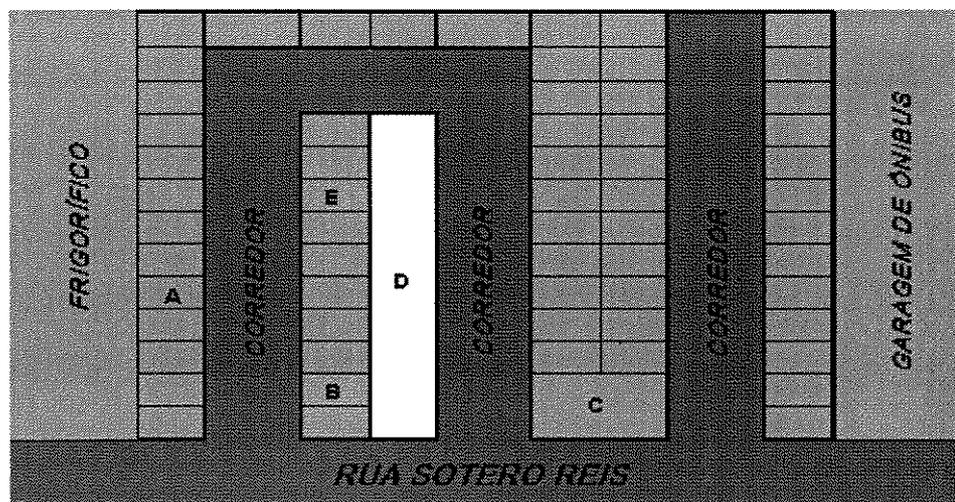
O movimento nos horários noturnos é maior quando comparado com horários diurnos, e a partir das 17 horas é praticamente impossível transitar tranqüilamente pelas ruas da Vila Mimosa, principalmente na sexta-feira. Mas, mesmo durante o dia, o

movimento é intenso, principalmente, no sábado, o qual parece tão movimentado quanto uma noite de outro dia qualquer da semana. A maioria dos homens com quem conversei na tarde de sábado diziam que saíam dos seus empregos e iam diretamente para a Vila.

Ressalto que apesar de se tratar do mesmo contexto, dependendo do horário, do dia da semana, do mês, do clima, entre vários outros elementos a situação será diferente e, portanto, os sentidos que são construídos e vividos também se modificarão. Neste momento, retomarei a questão das casas de prostituição. Uma vez mais, ao descrevê-las, aponto para a profusão de uma transitoriedade como característica do contexto estudado.

### 1.3.2. As Casas de Prostituição de Fernanda e Tadeu

Durante o trabalho de campo frequentei diversos estabelecimentos de prostituição: de Fernanda, de Tadeu, de Cleuza, dentre outros. Vejamos um desenho com a disposição desses estabelecimentos de prostituição, bem como com a localização da AMOCAVIM:



#### Legenda

- A - estabelecimento da Cleuza
- B - estabelecimento da Carina
- C - estabelecimento da Fernanda
- D - AMOCAVIM – segundo andar
- E - estabelecimento do Tadeu

De todos esses estabelecimentos, o que mais freqüentei realmente foi o de Fernanda. Certamente o fato de Fernanda ser conhecida de Cleuza e Carina facilitou a minha presença constante no seu estabelecimento. Também contou para minha presença assídua na *casa* de Fernanda a sua localização privilegiada: de qualquer lugar que se estivesse, dentro ou na calçada, da *casa* era possível enxergar grande parte do movimento da Vila Mimosa. Deste modo, durante o trabalho de campo era comum eu permanecer a tarde inteira sentada junto à mesa de Fernanda em silêncio ou conversando com ela, com as prostitutas que ali trabalhavam ou com homens freqüentadores do estabelecimento. Fernanda também me apresentou alguns familiares, todos trabalhadores da Vila: Dona Fátima – sua mãe –, Alencar – seu primo – e, também, seu irmão e cunhada. Esses últimos não participaram da pesquisa. Sobre este último, apesar de conversar algumas poucas vezes com ele, sempre o achei muito arisco e/ou envergonhado em relação à minha pessoa.

O estabelecimento de prostituição de Fernanda tem o tamanho de dois outros, sendo assim, ele é um dos maiores daqueles localizados dentro do galpão (apenas do outro lado da rua há *casas* tão grandes quanto o de Fernanda). Há dois acessos de entrada no local, um deles está localizado em um dos corredores de entrada e/ou saída do galpão e o outro fica na Rua Sotero dos Reis, onde há uma espécie de área coberta por um toldo com listras amarelas e azuis e cercada por uma grade, que fica na altura das mesas. Na sacada há entre três e quatro mesas e diversas cadeiras, todas elas de latão e pintadas na cor amarela, mas com a pintura descascada.

A *casa* de Fernanda está localizada de frente para a Rua Sotero dos Reis e, assim, de frente para os estabelecimentos do outro lado da rua e, também, para a movimentação das pessoas que transitam pela rua, no começo e/ou final do corredor do galpão principal. Não

importa muito em que ponto se esteja na *casa* de Fernanda, pois na maioria dos lugares é possível observar as pessoas que transitam pela Vila Mimosa.

A decoração do interior do estabelecimento é típica na Vila Mimosa: o mesmo padrão e disposição dos móveis, a mesma iluminação e as mesmas cores nas paredes. Dentro do estabelecimento não há mais do que três mesas e muitas cadeiras de latão, coladas umas nas outras, com o logotipo de uma marca de cerveja. Encostado em uma das paredes há um armário de metal cinza que serve para as prostitutas colocarem seus objetos particulares e uma juke-box que toca músicas colocando-se uma ficha que custa R\$ 2,00. Atrás deste armário está o banheiro.

Refletir sobre o banheiro nos estabelecimentos de prostituição é interessante para compreender as convenções do contexto estudado. Este é sempre uma peça pequena, normalmente não tem mais do que um passo grande de largura e dois de comprimento, e é composto por um vaso sanitário, um chuveiro – que fica praticamente em cima do vaso sanitário – e uma pia. Sempre que precisava ir ao banheiro no estabelecimento de Fernanda ficava incomodada com o fato do trinco da porta estar estragado, e depois de um tempo de frequência percebi que ele jamais seria arrumado. A porta do banheiro parece não ser um item importante em uma *casa* de prostituição, inclusive, na maioria das vezes ela nem é fechada. Na *casa* 14, por exemplo, muitas vezes continuei uma conversa com alguma prostituta enquanto ela urinava – de porta aberta e em pé (com as pernas abertas em que o vaso sanitário fica entre suas pernas) –; o que para mim gerava um enorme constrangimento, para ela parecia uma situação normal, pois ela continuava a conversa sem nenhum tipo de mudança. Muitas prostitutas não usavam papel higiênico para se secar depois de urinar – aliás, nunca há papel higiênico nos banheiros das *casas* de prostituição,

apenas no banheiro da AMOCAVIM –, e o comum era elas se lavarem e, depois, passarem um óleo hidratante, pois, segundo elas esse procedimento irritaria menos a vagina.

Em uma das conversas com Vani – dona de uma pensão e de uma *casa* de prostituição –, ela mostrou envaidecida uma das diferenças em seu novo estabelecimento de prostituição: no banheiro havia papel higiênico e sabonete e, em todos os turnos, era limpo. Era como se em razão dessa marca de distinção o estabelecimento pudesse ser entendido como melhor quando comparado a outros estabelecimentos, pois mostrava que tinha infraestrutura e condições de higiene adequada. Acredito que Vani ao afirmar que seu estabelecimento era limpo em todos os turnos também explicitava que, em razão disso, ele estaria salvaguardo de qualquer outra impureza social. Retornando à descrição do estabelecimento de Fernanda, à frente da porta do banheiro há uma escada de metal que dá acesso aos quartos e, na parede ao lado há um freezer horizontal, um pequeno balcão e uma cadeira, normalmente ocupada por quem gerencia o estabelecimento.<sup>37</sup> Na parede atrás do freezer há várias garrafas de bebidas expostas em uma estante: Catuaba, Velho Barreiro e muitas outras com líquidos coloridos sem rótulos.

Já a *casa* 14 – a qual, segundo muitos dos meus informantes, é o exemplo de um estabelecimento de sucesso, pois há um movimento invejável, trabalhadores fiéis, as mulheres mais bonitas da Vila Mimosa e um grande investimento financeiro –, pouco se parece com a *casa* de Fernanda. Nessa *casa* as mesas são de madeira e os vários sofás espalhados são estofados com couro de cor bege. Há pouca luz e à noite o comum é apenas as luzes coloridas funcionarem, pelas paredes há palavras escritas com letras coloridas com néon. No meio do salão há um *queijo*, um pequeno palco redondo onde as prostitutas

---

<sup>37</sup> Na maioria dos estabelecimentos há uma televisão colocada em frente da cadeira ocupada pela gerente e/ou dona, assim, durante o dia e no começo da noite é comum essas mulheres (nunca presenciei homens fazendo isso), algumas prostitutas e frequentadores assistirem novelas, filmes ou shows.

dançam. Em uma tarde que passei com Tadeu fomos até a *casa* 14. Ele queria conversar com algumas prostitutas que vinham fazendo reivindicações e neste dia, conheci o segundo andar da *casa*. Um pouco da descrição está nos fragmentos seguintes do diário de campo:

Logo após a escada que vem do primeiro andar há uma porta fechada de madeira sem pintura, depois que passamos pela porta entramos em uma pequena sala. Esta sala era o encontro de vários lugares: do lado direito há um corredor com as portas dos quartos de programa, do lado esquerdo há um armário cinza de metal com cadeado e, na frente, um banheiro. Tadeu fala alto o nome de algumas mulheres e rapidamente várias aparecem, nem foi preciso caminhar, ficamos parados perto da porta principal. As mulheres falam alto e juntas, aquela visita vira um grande tumulto o que fez Tadeu querer imediatamente descer para o salão, mas, antes era preciso ouvir as reivindicações das *funcionárias* que reclamavam do calor, da falta de um espelho no corredor, do valor que ele estava cobrando pelo cadeado que usavam no armário, entre outras reclamações. Tadeu escuta algumas das reivindicações, mas logo afirma que só as atenderá caso elas se comprometam a ser fiéis<sup>21</sup> à *casa* e a não usarem drogas no espaço da *casa*. Rapidamente todas as mulheres negam o uso das drogas e na mesma velocidade prometem sua fidelidade.

Antes de retornar ao salão quis conhecer um quarto de programa, tinha a intenção de compará-lo com quartos de outros estabelecimento de prostituição que conhecia. Na *casa* de Vani, por exemplo, os quartos de programa não passam de dez, um ao lado do outro, formando um corredor longo e escuro. O quarto tem praticamente o tamanho da cama, no máximo há o espaço de um passo não muito largo ao lado da cama e na sua frente. Neste

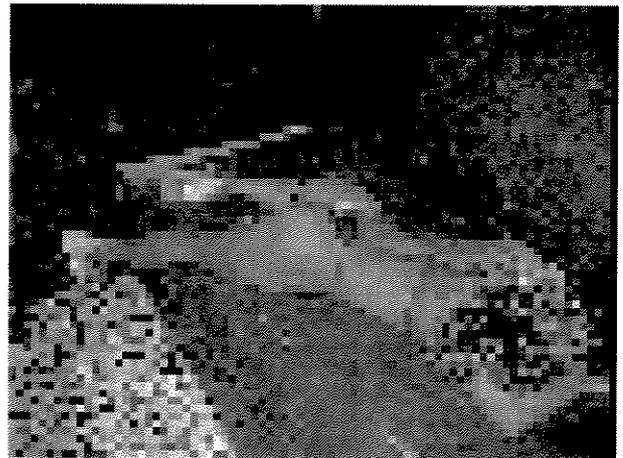
---

<sup>21</sup> A questão da fidelidade a uma *casa* de prostituição é muito importante, porque os estabelecimentos de prostituição lucram principalmente com o uso dos quartos de programa e com a bebida vendida. Portanto é fundamental para um estabelecimento manter muitas mulheres para gerar um movimento maior da clientela masculina. Todavia, o comum entre as prostitutas é elas transitarem entre os estabelecimentos à procura de um melhor movimento, embora tal prática não agrade em nada os donos(as) de estabelecimentos, havendo inclusive, algumas vezes, grandes embates e proibições desse trânsito. Em razão disso, frequentemente no acordo entre o dono(a) do estabelecimento e a prostituta está a proibição desse trânsito entre os estabelecimentos e, caso a regra não seja respeitada tanto a prostituta como o dono da outra *casa* poderão se tornar inimigos do dono da primeira *casa*, o que trará como consequência muitos problemas.

estabelecimento as paredes que servem de divisórias de um quarto para o outro são de madeira e não vão até o teto,<sup>22</sup> mas, diferentemente, no estabelecimento de Carina as paredes que separam um quarto do outro são feitas de compensado. As camas dos quartos são feitas de cimento e têm o tamanho de uma cama de solteiro, sobre cada cama há um colchão fino, um lençol e dois travesseiros. Especificamente, neste estabelecimento há um ventilador grande no chão, mas o comum é ter um ar-condicionado para toda a peça onde estão localizados os quartos de programa. As fotos seguintes são de dois quartos de programa localizados em diferentes estabelecimentos de prostituição:



Quarto de programa  
Fonte: Antigo site da Vila Mimosa



As fotos ilustram bem o que venho discorrendo. É explícito o pouco espaço tanto do quarto como da cama usada para o programa. Entretanto, à visita na *casa* 14 trouxe alguns dados para refletir sobre a questão. Naquela ocasião, quando pedi para conhecer um dos

---

<sup>22</sup> Desde o começo do trabalho de campo ficava incomodada com o fato de os quartos não terem uma parede até o teto, pois com isso os barulhos de dentro dos quartos são mais facilmente ouvidos por quem está fora deles. Depois de uma discussão com colegas e professores da Unicamp – as quais agradeço – compreendi que talvez este tipo de construção seja uma maneira de proteção, pois se escuta melhor qualquer pedido de socorro. Inclusive, vi donas e gerentes dos estabelecimentos indo para o segundo andar para ajudar alguma prostituta que estava tendo problemas com o cliente. Entretanto, imagino que quem melhor escuta são as pessoas que circulam no segundo andar, pois do primeiro andar é impossível ouvir qualquer barulho, em razão do alto volume da música e da fala das pessoas.

quartos três prostitutas se propuseram a me acompanhar. Pergunto sobre o tamanho e o desconforto das camas e elas explicam que a cama é o que menos importa no programa e, rapidamente as três mulheres demonstram o que estavam falando – elas exibem algumas de suas posições quando estão com seus clientes em um quarto de programa:

Nas diferentes cenas cada uma delas representa o homem ou a mulher, mas elas vão mudando de personagem, conforme a nova encenação. Na primeira delas, a prostituta que representa a mulher fica de joelhos em cima da cama, com a parte superior do corpo encostada na parede e com a bunda empinada para trás, a prostitutas que representa o homem fica em pé, com as pernas abertas e encostadas na cama, de frente para a parede, com a mulher entre suas pernas (uma posição de um provável sexo anal). Na segunda cena a prostituta que representa o homem senta na cama e a outra senta no seu colo, ora com seu corpo de frente para o homem (com os pés em cima da cama), ora com seu corpo de costas para o homem (com as pernas para o chão). Na terceira cena uma das prostitutas – aquela que representa o homem – fica em pé, com o corpo de frente e encostado na cama e a outra fica deitada, com parte do seu corpo para fora da cama, com as pernas abertas e encostando seus pés na parede lateral; o homem está entre suas pernas. Eu e a prostituta que está ao meu lado rimos de cada nova cena, os únicos barulhos são nossas risadas e os gemidos das duas mulheres. É interessante que nenhuma fala nada para a outra, as duas encenam como se tivessem ensaiado antes. Na última cena a prostituta que estava ao meu lado também é convidada a participar do esquete: as três mulheres deitam-se com os corpos de lado, um grudado no outro, mas atravessadas na cama, com seus pés encostando-se à parede lateral. Nessa posição, elas mostram quando são três pessoas. No final de tudo, elas passam a mão uma na outra e se atiram na cama gritando entusiasmadas palavras como, por exemplo, *gostosa, não pára, mexe mais*. O volume de voz das mulheres faz com que Tadeu venha até o quarto do programa e me tire daquela situação. Neste momento, todas nós rimos muito. Logo depois deste episódio retorno ao salão do estabelecimento.

Na Vila Mimosa o quarto é um espaço específico para a realização de programas, ou seja, não é um lugar para o casal conversar, dormir, passar muito tempo. Segundo Moraes

(1996) o tamanho pequeno dos quartos significa que não há qualquer “preocupação com o conforto e a comodidade, já que o tempo de utilização do quarto deve ser o mais reduzido possível” (Moraes, 1996, p. 97). Muitas vezes ouvi de quem gerenciava o estabelecimento naquele turno reclamar que o casal ocupava o quarto por mais tempo do que o estabelecido. Mesmo que o cliente pague mais para ficar no quarto, essa não é uma prática vista com bons olhos, segundo alguns gerentes essa concessão cotidiana mudaria a rotina da *casa*. Acredito que este controle é um dos elementos do tipo de prostituição agenciada neste contexto. No universo estudado, não há qualquer tipo de preocupação com a privacidade do casal.<sup>40</sup> É possível ouvir o barulho que acontece dentro dos quartos de programa e ver as pessoas transitando sem roupas, em alguns estabelecimentos, até mesmo no salão principal. Por exemplo, na tarde que passei na *casa* 14 com Tadeu, parada no corredor, ouvi as palavras que a prostituta falava e os gemidos do casal que vinha de um dos quartos. Outra vez, presenciei a saída de uma prostituta do quarto de programa nua, ela deixava seu cliente para trás e, quando ele apareceu, ela pouco direcionou sua atenção a ele. Em outra ocasião, enquanto um grupo de prostitutas conversava no corredor, um cliente saiu do quarto e passou entre elas; sem o menor constrangimento, a prostituta com quem ele acabara de estar discorria detalhes dele: seus desejos sexuais, o tamanho do seu pênis, seu cheiro. Diria ainda, que o tamanho e/ou a comodidade da cama é o que menos importa, interessam sim, as performances sexuais das prostitutas. Parece mesmo que esses detalhes pouco interessam às pessoas que ali freqüentam, pelo menos nunca ouvi uma reclamação com este conteúdo, mas ouvi reclamações do trabalho da prostituta, da gerente, do preço, da má qualidade dos serviços.

---

<sup>40</sup> Este assunto será retomado no último capítulo.

Neste item estive preocupada em pontuar algumas distinções e semelhanças entre os estabelecimentos de prostituição. Com isso, além de demonstrar especificidades de estabelecimento também apresentei elementos que constituem e marcam o agenciamento da prostituição na Vila Mimosa.

### *1.3.3. Os Sujeitos da Vila Mimosa*

Como foi visto, na Vila Mimosa há uma grande circulação tanto de homens como de mulheres. Como já explicitiei, o enfoque principal da pesquisa está nos freqüentadores da Vila Mimosa, mas, na medida do possível, estive atenta para os diferentes agentes que constituem esse universo de prostituição feminina e suas diversas atividades de trabalho. Como será visto no decorrer do texto, na Vila Mimosa há uma infinidade de negócios que vão além do negócio da prostituição. As mulheres, além de prostitutas, costumam ser gerentes e/ou donas dos estabelecimentos, cozinheiras, donas de pensões, funcionárias do salão de beleza e companheiras das prostitutas. Os homens, que são em maior número, parecem estar em todas as partes, eles andam a pé, de carro, sentam, bebem, fazem programas, conversam entre si, com as gerentes e/ou donas dos estabelecimentos, com cozinheiras, com as prostitutas. Eles, assim como as mulheres, realizam diversas atividades: clientes, gerentes e/ou donos de estabelecimentos, taxistas, vendedores ambulantes, cozinheiros, entregador de diferentes produtos, lixeiros, seguranças, guardadores de carros.

Como já explicitiei, uma das vantagens de estudar o contexto da Vila Mimosa é justamente conviver com pessoas que desempenham diferentes atividades profissionais. Todas essas pessoas costumam circular de um lado para o outro ou, algumas vezes, param em frente às portas das *casas* de prostituição. Inclusive, as prostitutas costumam dizer *fazer*

*porta*, pois as portas dos estabelecimentos são lugares especiais para o agenciamento da sedução e da negociação com os homens. Esta é uma marca da especificidade de uma zona fechada como a estudada: enquanto estas “fazem porta”, outras “fazem o trottoir” nas calçadas e nas ruas (não que isso também não aconteça na Vila Mimosa).

A heterogeneidade dos informantes que formam o universo desta pesquisa é imensa. Entretanto, ao apresentar algumas informações sobre os informantes tenho o intuito de demonstrar suas particularidades, bem como constituí-los enquanto sujeitos sociais. Os informantes<sup>41</sup> – vinte e quatro homens e vinte e uma mulheres – estão na faixa etária dos 30 anos e são originários de grupos sociais de baixa renda. Vinte e seis deles nasceram no Estado do Rio de Janeiro, sobre dez deles não tenho dados e as outras nove pessoas vieram de estados localizados no nordeste brasileiro; isso significa que 20% do total dessas pessoas são imigrantes nordestinos. Quanto à orientação sexual, três homens se denominam homossexuais e todos os outros se denominam heterossexuais. Dos quarenta e cinco informantes, vinte e sete deles estão “casados” (moram juntos há mais de dois anos); dezoito não mantém nenhuma relação afetiva, mas apenas aqueles com mais de 50 anos estão realmente sozinhos, todos os outros têm namorados e namoradas. Trinta e três informantes têm filhos, não necessariamente da relação afetiva atual.

A caracterização sociológica do universo de pesquisa como de camadas urbanas de baixa renda ou grupos populares urbanos é fundamental para compreender o universo estudado. Alguns elementos, que reunidos apontam para essa caracterização: o tipo de trabalho que executam e a faixa de renda; o grau de instrução; o meio de transporte mais usado e os hábitos de consumo.

---

<sup>41</sup> Na Vila Mimosa, a mistura de raças é geral e, por isso mesmo, não tratarei da questão racial.

Como foi dito no começo do mês, quando o salário da maioria dos trabalhadores é pago, o movimento na Vila Mimosa aumenta, isso é um indicativo de que muitos dos freqüentadores são assalariados. Isso não quer dizer que apenas esse tipo de freqüentador esteja na Vila, mas arrisco a afirmar que trata-se da maioria. O próximo capítulo tratará mais especificamente de questões referentes ao tipo de trabalho que alguns freqüentadores executam e da faixa de renda. E, em se tratando dos meus informantes, quanto à escolaridade, não tenho dados de dez pessoas e, em relação aos outros trinta e cinco: cinco terminaram faculdade (dois em administração de empresa, um em jornalismo, um em educação física e uma em assistência social) e uma está no terceiro ano de Pedagogia, seis cursaram o ensino médio e quatro deles o concluíram. Dez pararam de estudar antes de terminar o ensino fundamental e cinco deles o terminaram. Uma pessoa se disse analfabeta e mais seis pessoas afirmaram não terem estudado, e uma pessoa não lembra em que série parou de estudar, mas acredita que tenha sido nos primeiros anos. O meio de transporte mais usado para se ter acesso a Vila Mimosa é o ônibus. O carro também é usual, inclusive há guardadores de carros ao redor da rua Sotero dos Reis, principalmente à noite, quando o trânsito de pessoas impede o de carros. O táxi também é bastante usado, mas, principalmente pelas prostitutas. Observei hábitos de consumo dos freqüentadores da Vila para embasar minha análise: as roupas e os adereços que eram vendidos e que eram usados, o tipo e os preços das mercadorias vendidas, os tipos e os preços dos alimentos, o valor do programa. Outra característica importante é a performance corporal, elemento este que será mais bem compreendido no decorrer do texto. Tudo isso fala do *ethos* de valores e da visão de mundo dos sujeitos sociais que constituem meu olhar a respeito da Vila Mimosa.

Como será visto no decorrer do texto, muitos dos códigos condutores da visão de mundo dos meus informantes são semelhantes àqueles que estruturam os universos

pesquisados por outros autores (Duarte, 1987, 1988; Fonseca, 1987, 1991; Sarti, 1996; Zaluar, 1994) que estudam grupos populares no Rio de Janeiro e em outras cidades brasileiras. Refiro-me, especificamente, às práticas de relações de gênero que estão embasadas na complementaridade de atributos femininos e masculinos. Os trabalhos sobre grupos populares já citados apontam que o homem, no agenciamento do seu papel de marido, deve prover financeiramente sua família. Duarte (1987, 1988) e Sarti (1996) abordam a existência de um pacto de reciprocidade, onde se troca exclusividade de atenções sexuais por sustento. Às mulheres cabe a manutenção da moralidade do espaço doméstico, sendo fiéis aos maridos e se responsabilizando pelos cuidados com a família (Fonseca, 1987, 1991). Heilborn (1999), ao contrastar “carreiras sexuais” de homens e mulheres pertencentes às classes médias e aos grupos populares, escreve sobre esse último grupo:

Para essas mulheres, é relevante a expectativa de terem para si um homem provedor de recursos e de respeito, cumpridor das obrigações morais com a casa e com a família; elas, por sua vez, cumprem com as responsabilidades que lhes caberiam: administrar os gastos familiares, controlar os recursos do grupo, cuidar e educar os filhos, executar as tarefas domésticas e contribuir, de forma considerada sempre secundária, com a ampliação da renda familiar (Heilborn, 1999, p. 53).

Heilborn (1999) explicita ainda outros dois elementos importantes para entender esse “pacto de reciprocidade conjugal”: o salário da mulher não é valorizado nessa relação conjugal e o homem é provedor tanto material como simbolicamente da família. Fonseca (1991) também discute essas questões ao estudar grupos populares porto-alegrenses. Para ela a força do trabalho feminino, que gera uma contribuição financeira da mulher na manutenção da unidade doméstica, não é legitimada no relacionamento. Segundo Fonseca,

o salário feminino põe à prova a honra do homem, que refletirá uma vulnerabilidade masculina nos seus relacionamentos conjugais. É importante entender que o papel masculino não se limita a prover em termos econômicos. A presença do homem garante proteção, respeito e a legitimidade de esposa para a mulher frente ao grupo social. Discutirei aqui ambas as formas de prover: financeira e simbolicamente. É certo que ao se discutir a relação de gênero fala-se de complementaridade. Entretanto, aqui não estou me referindo a qualquer tipo de complementaridade, mas antes aquela que se dá tendo como troca práticas de prover masculino. Embasarei a análise da Vila a partir desta perspectiva de relações de gênero, pois acredito que essa reflexão ajuda a sustentar muito das questões que enfrentarei. Assim, busco compreender os possíveis arranjos (e/ou re-arranjos) desses cotidianos sociais.

Aproveitando as *casas* de prostituição já citadas de Fernanda e de Tadeu, apresento duas situações etnográficas com dados sobre sujeitos sociais que freqüentam a Vila Mimosa. Minha intenção é demonstrar a heterogeneidade tanto dos sujeitos que lá estão, como dos diferentes estabelecimentos. Ao mesmo tempo, essas pequenas descrições nos fornecem dados sobre o universo pesquisado.

#### O estabelecimento de Fernanda:

Ao lado da mesa onde eu estava sentada com Fernanda e uma prostituta havia um grupo de pessoas sentadas: um homem – não tinha mais do que 25 anos, negro, magro, cabelos pretos, curtos e despenteados, usava uma calça de brim larga, cinto preto, camiseta listrada por dentro das calças e tênis preto com aspecto surrado – e duas mulheres – uma delas com mais do que 40 anos, negra, gorda, ria bastante e falava alto, usava um vestido justo até a altura do joelho, de alcinhas e florido, sandálias baixas e cabelos até os ombros soltos e, a

outra mulher, com a aparência de uns 30 anos, negra, alta, magra, cabelos presos e maquiagem com cores fortes, vestia uma calça justa colorida e uma blusa com o sutiã à mostra. Essa última mulher dançava entre as mesas e em voz alta dizia que estava no sétimo mês de gravidez, mas ainda era uma boa dançarina (ela tirava um pé de cada vez do chão e mexia os braços, tudo em um ritmo muito lento). Todos naquela mesa pareciam eufóricos, pois riam e falavam alto ao mesmo tempo e sem parar. (...) Dentro da *casa*, há um homem sozinho – uns 25 anos, branco, cabelo curto e arrumado, camisa de brim por dentro das calças e sapatos marrons de camurça – bebendo uma cerveja enquanto olha alguns papéis que tirou de uma pasta preta. Logo depois chega outro homem – ele também é branco e tem os cabelos bem claros, vestia uma camisa branca de mangas longas, gravata escura, calça de linho, sapato preto – e rapidamente senta-se só e pede uma cerveja. O homem parecia assustado, olhava de um lado para o outro, sem fixar seu olhar. (...) Retomando a primeira mesa escuto a mulher mais velha pedir para o homem pagar mais uma cerveja. Neste momento entra um outro homem, a mulher mais velha levanta e se dirige a ele, segura em seu braço e fala: *oi meu querido, que saudade!* O homem com uma aparente expressão de constrangimento e, em tom de aviso, responde que não a conhece. A mulher com um olhar raivoso revida: *Como não? Na cama você me conhecia, seu sem-vergonha!* Ele ri e senta-se junto ao grupo. Esse homem era baixo, moreno, cabelos bem curtos, chinelo de dedos, unhas da mão sujas de terra. Acho mesmo que eles já se conheciam. Assim que o homem senta pede uma cerveja. Chega outro homem e também senta-se junto ao grupo. Este último homem era branco, tinha o rosto vermelho, usava bermuda, chinelo e também tinha as unhas da mão sujas de terra. Pelo jeito do grupo de homens eles já se conheciam, talvez todos trabalhadores de uma obra, pois todos tinham mãos e unhas sujas. A mulher, que parecia bêbada, fala no ouvido do homem que a pouco a destratou e ele a ignora. De repente ela fala em volume alto: *seu veado, correndo da buceta baiana* [ela é baiana]! Ele responde, em um volume não tão alto, que estava sem dinheiro para fazer um programa. Assim, a mulher sai de perto dele sem maiores constrangimentos. Um dos homens passa vagarosamente sua mão no rosto da mulher mais velha e ela cheira seu pescoço, seu rosto e elogia seu perfume. Eles trocam carícias. A mulher mais velha quer que o homem que acabou de sentar pague mais uma cerveja, mas ele nega seu pedido. A mulher parecendo indignada com o não cumprimento do seu papel de provedor o questiona: *que cabra macho é esse? Onde já se viu não pagar uma cerveja para uma dama?* Todos riem e ninguém compra cervejas. Mais tarde, a mulher mais velha insiste novamente e o segundo homem que chegou no grupo é quem paga uma cerveja. A prostituta, que está sentada ao meu lado,

comenta que o senhor que está sentado na outra mesa é um bom cliente, pois devido a sua idade, não exigirá muito esforço físico da prostituta que fizer programa com ele. Fernanda conta que antes uma das mulheres *mamou* um cara e depois ele não quis pagar, *porque ela não fodeu com ele*. Fernanda o obrigou a pagar dizendo: *azar o seu, meu filho!*

### O estabelecimento de Tadeu:

No salão há três homens, eles estão sentados na poltrona da parede direita e interagem com as prostitutas: sorrisos, conversas, bebidas, mas não os vejo fazer programas. Uma das prostitutas, que permaneceu muito tempo ao lado deles, vestindo um minúsculo biquíni preto, fica de quatro, com as mãos na mesa e as pernas na poltrona (de joelho), balançando a bunda (que estava virada para o lugar onde os homens estavam sentados), quase em seus rostos. Os homens passavam a mão e um deles mordeu a bunda da prostituta. (...) Pouco a pouco o movimento aumenta. Agora já há uns quatro homens em volta do balcão bebendo cerveja. Uma das prostitutas conta que um homem veio conversar com ela e quis agarrá-la, ela reclamou, ele não gostou e saiu de perto. Ela comenta que pode até passar a mão, só que aquele homem tinha exagerado, afinal recebe para *trepas* e não para ter este tipo de intimidade. (...) Observo que as meninas ficam de um lado para o outro, ora caminhando, ora dançando, ficam na porta, no corredor, quando vão subir as escadas, rebolam, dançam nos degraus. Elas parecem buscar por alguma coisa (ou por alguém!). (...) Agora, quase 18 horas há uns dez homens, eles estão em todos os lugares – circulam pelo bar, ficam parados olhando alguma dança, conversam com prostitutas, bebem, sentados nos sofás conversando entre si... Neste momento, as prostitutas estão mais ativas, até por que há mais homens e maior probabilidade de realização de programas. Vejo em diferentes momentos os homens dando tapas nas bundas das prostitutas e, também, as vejo passando a mão ou pegando em seus pênis, peitos e bundas. (...) Há muitas mulheres dançando, uma delas se encosta a um homem, desce até o chão e depois volta. Ela sai de perto dele, dança de longe, ele a olha de cima a baixo, dá um sorriso discreto. Uma das prostitutas ficou o tempo todo com um leão de pelúcia consigo; a vejo deitada de costas, em cima do balcão do bar, fazendo carinho no leão, caras e bocas que lembrava uma criança desprotegida. Há dois homens sentados ao meu lado, os dois eram brancos, um deles tinha uma barriga bem saliente e no máximo 30 anos e o outro homem era careca e parecia bem mais velho que o primeiro. O homem mais novo assobria para uma prostituta que dançava para ele. Ela fingia que desamarraria a parte

debaixo do biquíni, ele dá uns gritos, ela rebola para ele, dança, mas, quando chega perto dele, ele a ignora. (...) Uma prostituta que vestia apenas a parte de baixo do biquíni e sandálias de salto alto subiu no sofá e dançou. Ela mexia os quadris e a bunda, descia e subia o corpo, ela agarrava os homens que estavam em sua frente, mas dançava mesmo para os homens que estavam atrás. Havia três ou quatro homens olhando e batendo palmas. De repente, ela vem para cima de Tadeu (nós estávamos sentados ao seu lado), fica de frente para ele, coloca seu rosto entre suas pernas, desce e sobe seu corpo várias vezes, passa a mão no corpo dele. Depois da dança Tadeu não parecia muito satisfeito. Ele afirma que jamais ficaria com aquela mulher, pois *ela estava suada, com a buceta fedendo e salgada*. A mulher continua dançando, vejo um homem colocando amendoim com casca dentro do seu biquíni. Ela pergunta se é para ela comê-lo, ele não responde. A moça descasca o amendoim e come, pedaço por pedaço, com um olhar de quem está comendo o homem, se contorce, levanta a perna, mexe seu biquíni como se fosse tirá-lo. Durante o tempo que permaneci na *casa*, não a vi fazer programas. Aliás, o homem que deu amendoim para ela, mais tarde está no corredor conversando com um outro homem.

Refletamos a respeito de algumas especificidades, semelhanças e desigualdades entre uma e outra *casa*. Tadeu investe na estrutura e na decoração da *casa*, bem como no visual das prostitutas que ali trabalham. Para ele, a soma do visual do estabelecimento com o visual das prostitutas é a peça chave para o sucesso comercial, afinal, o primeiro impacto é aquele que fará a diferença no momento da escolha do freqüentador pelo estabelecimento. O estabelecimento de Tadeu é uma das únicas *casas* com um estilo chamado por todos de boate: penumbra, luzes coloridas e piscantes. Tadeu é quem melhor demonstra o planejamento de seus negócios e sua preocupação com melhorias para obter mais lucros.<sup>42</sup> Fernanda não se preocupa com questões decorativas e, muito menos, com o visual das prostitutas. Como já foi dito, sua *casa* segue o mesmo estilo de tantas outras na Vila: cores escuras, mesmo tipo e distribuição dos móveis. A especificidade deste estabelecimento é

---

<sup>42</sup> Tadeu também se preocupa com a segurança em seus estabelecimentos, assim há um circuito de televisão onde ele pode enxergar várias peças das suas duas *casas* em um aparelho de televisão localizado em seu escritório.

seu tamanho, pois ele equivale ao tamanho de dois estabelecimentos. O fato de ser um estabelecimento grande atrai muitas prostitutas e isto resulta em um maior número de homens. Na parte externa do estabelecimento há uma área coberta por um toldo colorido, que dá ao estabelecimento um aspecto de um bar simples, como aqueles localizados em bairros do Rio de Janeiro. Como já foi dito, deste estabelecimento é possível ter uma visão ampla da maior parte da Vila Mimosa, e por conseqüência é comum homens e mulheres sentarem-se nesse estabelecimento para observar o movimento da Vila.

Em relação às prostitutas que estão no seu estabelecimento, parece-me que Fernanda preocupa-se mais em fazê-las cumprir as regras para manter a ordem (não usar drogas, não roubar os clientes, não ficar nua) do que ajudá-las a conquistar clientes. Tadeu, ao contrário, várias vezes, contou que “ensina” as prostitutas a se comportar: como caminhar, como agradar um homem, como se vestir. Em uma de nossas conversas Tadeu comenta que as prostitutas precisam aprender a se insinuar mais para o cliente sem agredi-lo, pois há um limite nesta insinuação e o exagero poderá afastar os possíveis clientes. Para tanto, as prostitutas precisam chamar a atenção tanto com a roupa como com o agenciamento do seu corpo. Esta questão sempre me incitou a refletir e, portanto, observei uma centena de vezes o comportamento das prostitutas quando em interação com seus prováveis clientes. No estabelecimento de Tadeu há uma super exposição do corpo feminino, o qual, na maioria das vezes está seminua ou nu; elas vestem biquínis, calcinhas, camisolas, pequenos shorts sem blusas. Já no estabelecimento de Fernanda, mesmo na noite, dificilmente alguma mulher está seminua, quase sempre elas estão com vestidos, saias ou shorts na altura da coxa ou mesmo calça de brim. Todas as vezes em que estive na *casa* de Fernanda, apenas uma vez vi uma mulher usando um biquíni pequeno. A mulher era negra, corpo grande e magro e o biquíni deixava seu corpo completamente à mostra.

Em nenhum momento a achei incomodada pelo fato de ela destoar completamente das outras mulheres. Mas, foi Fernanda quem logo alertou para o fato de que a prostituta estava na *casa* há mais de duas horas e ainda não tinha feito programa, e na sua opinião era porque estava praticamente nua e isso espantava os homens. Nesta noite eu participava de uma conversa com um jornalista e seu motorista, funcionários de um jornal local, e os homens afirmavam que realmente com aquela mulher eles não pensavam em fazer programa, não por falta de beleza, mas pela falta de fantasia.

Já em relação ao agenciamento dos corpos dos homens e das mulheres percebi que há uma diferença dependendo do estabelecimento de prostituição observado. No de Tadeu, por exemplo, as mulheres investem mais nos homens – encostam-se neles, conversam com eles, dançam para eles, se insinuam –, fato que pouco vi acontecer na *casa* de Fernanda, onde as prostitutas costumam ser mais comedidas. Nesta última, muitas vezes vi prostitutas sentadas nas mesas conversando com outras, vendo televisão ou mesmo lendo revistas semanais sobre novelas ou jornais; até é comum elas andarem de uma porta a outra, entretanto, jamais vi uma prostituta dançando ou agarrando algum homem. Certamente que no estabelecimento de Fernanda a maneira de conquistar um cliente é muito diferente da maneira que as prostitutas fazem na *casa* de Tadeu. Parece que os códigos corporais destas mulheres estão ligados à especificidade de cada contexto – agirá de uma ou de outra forma dependendo das regras e dos conceitos de cada estabelecimento. Os homens também parecem saber disso, pois também terão práticas corporais diferentes dependendo do contexto. Já tinha visto homens dançando na *casa* de Fernanda – sozinhos e acompanhados – mas, mesmo quando acompanhados no embalo de um ritmo lento o casal mantinha uma certa distância entre seus corpos e nada além de sorrisos e conversas ao pé do ouvido. Já na *casa* de Tadeu os homens pareciam precisar de destaque: falavam alto, faziam gestos

exagerados e exibiam uma enorme inquietação corporal. Também diria que, nesta *casa* o jogo de sedução é mais explícito e o principal elemento é o corpo. Aqui há regras que organizam os diferentes espaços sociais, sendo assim, em cada estabelecimento de prostituição tanto as prostitutas como os freqüentadores terão um ou outro tipo de práticas corporais e/ou sociais. Estas são algumas diferenças que constituem padrões de distinção entre as *casas*, as quais devem ser somadas à análise proposta; afinal, também descrevem os sujeitos sociais que freqüentam a Vila Mimosa. Mais do que isso, ambas as situações etnográficas demonstram que as prostitutas incitam e reconhecem em todos os freqüentadores a possibilidade deles se tornarem um provedor simbólico – categoria de análise que discutirei nos próximos capítulos. O que certamente apenas alguns realmente se tornam. Entretanto, interessa aqui apenas observar este jogo entre prostitutas e freqüentadores.

A partir da análise destas observações ressalto algumas dificuldades que tive no trabalho de campo, sendo uma delas a de conversar com os homens. A partir da bibliografia específica – que trata do universo masculino – e da minha experiência etnográfica, já imaginava vivenciar esta dificuldade, a discussão é imensa em relação ao sexo do pesquisador e do pesquisado. Contudo, não apenas o diálogo com a pessoa – alvo do estudo – poderia revelar dados sobre o grupo, daí que minha meta de estudo foi freqüentar por horas os estabelecimentos de prostituição, observando os freqüentadores e, também, perguntando sobre eles para todas as outras pessoas com quem conversava. Conseguir fazer os homens refletirem sobre sua sexualidade, sem que isto despertasse uma necessidade de demonstrar algum interesse por mim (talvez aqui já exista uma pista para refletir sobre a sexualidade desses homens) foi um dos maiores problemas da pesquisa. Neste aspecto, o principal é estar sensível para diferentes formas de diálogos com os diferentes sujeitos que

fazem parte desse contexto e, desta forma, buscar diferentes maneiras de trocar, perguntar, silenciar. Uma outra dificuldade nas conversas com os donos de estabelecimentos era uma certa desconfiança. Talvez aqui haja mais elementos para pensarmos além daquele já vivenciado por diversos pesquisadores: o sentimento de desconfiança dos pesquisados que, na maioria das vezes, vai se modificando no decorrer do trabalho de campo. Acredito que o fato de a Vila Mimosa ser constantemente visitada por jornalistas em busca de “furos de reportagens” e de os estabelecimentos de prostituição serem ilegais sejam motivos que aumentam o sentimento de desconfiança. Mas, além disso, percebi que essa desconfiança era mais presente nas relações com os homens do que com as mulheres; parecia que eles não podiam acreditar que uma mulher na Vila pudesse ter outro interesse na prostituição que não os conhecidos/permitidos – prostitutas, donas de estabelecimentos, cozinheiras, etc. Mesmo que na maioria das vezes eu estivesse acompanhada por uma pessoa conhecida do meu novo informante, muitas vezes estes homens se negaram a me receber. Os principais argumentos eram que não gostariam de falar sobre seu trabalho na área de prostituição ou que estavam sem tempo. Mais uma vez ressalto que com as donas de estabelecimentos não tive qualquer tipo de dificuldade em encontrá-las, aliás, o comum era eu permanecer horas em suas companhias.

Também tive dificuldade em conversar com os taxistas, no entanto, os motivos são de outra ordem. Desde que cheguei na Vila Mimosa achava que os taxistas formavam um grupo importante para a compreensão do contexto analisado, tanto pelo fato de terem uma atividade de trabalho na Vila, quanto pela maneira como minhas conhecidas se referiam a eles. Percebia, por exemplo, que Cleuza ficava receosa quando eu pedia para conversar com algum deles. Um dia ela falou que precisava de mais tempo porque, no momento, os taxistas estavam em guerra, um deles fora morto alguns dias antes da minha chegada.

Resolvi ser passageira dos taxistas que estacionam seus táxis na rua Sotero dos Reis. Achava que esta era uma maneira para me aproximar deles (no total são 25). Por alguns dias saí de lá com o mesmo motorista e mantivemos boa conversa nestes encontros, até que ele desapareceu por completo e nunca mais ninguém falou sobre ele e nem eu questioneei. Depois deste problema, fiz novas investidas, sempre aproveitando a viagem que fazia em seus táxis. Apesar de ter contatado outros taxistas e de eles serem muito receptivos à pesquisa, jamais os encontrei com tempo para uma nova conversa e, quando esta aconteceu o taxista pouco falou sobre seu trabalho numa zona de prostituição. Numa dessas corridas de táxi conversei com Marino. Depois de uma longa explicação da pesquisa e, apesar de ele ainda parecer desconfiar de mim, ele falou sobre seu trabalho de taxista. Marino contou que conseguiu um lugar na Vila por indicação de um conhecido, mas quando fiz mais perguntas a respeito ele disse não lembrar os detalhes. Por esses motivos pouco conversei com os taxistas da Vila Mimosa.

#### *1.3.4. AMOCAVIM - Associação dos Moradores do Condomínio e Amigos da Vila Mimosa*

A AMOCAVIM – Associação dos Moradores do Condomínio e Amigos da Vila Mimosa<sup>43</sup> – é a entidade que responde pelos acontecimentos sociais, políticos e legais da Vila Mimosa. Para melhor entendê-la é preciso voltar ao passado.

O principal motivo para a construção de uma Associação de Prostitutas nasceu em 1987, quando Gabriela Leite (a principal articuladora do grupo) contactou representantes de todo o País para o I Encontro Nacional de Prostitutas. Segundo Moraes (1996), naquele momento, a principal luta do grupo era filiar as pessoas a uma Associação de Prostitutas,

---

<sup>43</sup> Segundo Graziela, a presidente da AMOCAVIM, a palavra “moradores” no nome da Associação tem o objetivo de estabelecer uma aproximação com as pessoas que residem no entorno da Vila Mimosa.

“facilitando a articulação de uma rede de contatos e intercâmbios entre as prostitutas e visando, acima de tudo, o desencadeamento de ações conjuntas de reivindicações dos direitos sociais” (Moraes, 1996, p. 204). Nesta mesma época, em 29 de setembro de 1987, nasce a Associação de Prostitutas do Rio de Janeiro (APRJ), que era representada por um grupo de prostitutas, ex-prostitutas e donas de estabelecimentos de prostituição (cf. Moraes, 1996). A principal preocupação da APRJ era os possíveis conflitos entre prostitutas e a sociedade em geral.

Durante os últimos 15 anos, e ainda hoje, a resolução de conflitos é uma das principais problemáticas da AMOCAVIM. Atualmente, a Associação também tem como objetivo prestar serviços para as prostitutas e as outras categorias que compõem o comércio da prostituição. Suas principais metas são: atividades de intervenção ligadas à saúde, à cidadania, à segurança e à educação das prostitutas. Nos últimos anos a Associação tem mantido projetos junto ao Ministério da Saúde com o intuito de compartilhar ensinamentos sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e de distribuir preservativos gratuitamente. Além deste projeto, também há uma parceria da AMOCAVIM com um Banco para o financiamento de um Posto de Saúde. O objetivo geral da AMOCAVIM é melhorar a vida das prostitutas na Vila Mimosa, isto é, ajudar as prostitutas a realizarem o exercício da prostituição com melhor desempenho. É preciso lembrar que este esforço da AMOCAVIM também tem um interesse por esta ser composta de donos de estabelecimento de prostituição – quanto mais e melhor as prostitutas trabalharem maior o lucro. Mas, ao mesmo tempo, a AMOCAVIM proporciona diversos cursos profissionalizantes e cursos de alfabetização para prostitutas, pois também há uma crença de que é preciso proporcionar alternativas de atividades lucrativas para aquelas que não querem permanecer no exercício da prostituição. Além disto, a AMOCAVIM se preocupa em oferecer serviços aos

moradores da região (como um acordo de boa vizinhança): cursos de informática, de alfabetização, de costura, cuidado com a segurança, iluminação, saneamento, entre outros.

A Associação dos Moradores do Condomínio e Amigos da Vila Mimosa é conduzida por uma diretoria composta por uma presidente, vice-presidente, tesoureira, secretária geral e três diretorias: a geral, a administrativa e a de patrimônio. Como já foi dito, todas as pessoas que formam a diretoria são donos de estabelecimentos de prostituição na Vila Mimosa.<sup>44</sup> Dos sete cargos da diretoria, quatro são desempenhados por mulheres, e os outros três, por homens. Ao longo da minha pesquisa, jamais vi ou ouvi falar de alguma reunião da diretoria da Associação. Na prática, a Associação é administrada apenas pela presidente e por Tadeu, um dos diretores. Nos últimos tempos, por coordenar um projeto junto ao Ministério da Saúde, Cleuza também tem participado da AMOCAVIM.<sup>45</sup> Em 2002 haveria novas eleições, mas por falta de novos candidatos a mesma diretoria permaneceu no cargo. Essa diretoria está no comando da AMOCAVIM desde o ano de 2000, já passou por uma reeleição e uma nova eleição está marcada para o final de 2004. Um dado interessante, apesar de a AMOCAVIM se considerar representante das prostitutas, há apenas donos e donas de estabelecimentos de prostituição na diretoria. Segundo a própria diretoria, isso se dá em razão da falta de interesse das prostitutas e não pela vontade da mesma.

A AMOCAVIM localizada-se no segundo andar, sobre a parte central do galpão. Sua sede é dividida em três salas. Uma delas – a maior e mais escondida – está alugada para um salão de beleza. A Associação funciona nas outras duas salas: na primeira delas, que tem a forma de um pequeno retângulo, há duas mesas (uma para a presidente e outra

---

<sup>44</sup> Isto é, não é uma associação de prostitutas, trata-se de uma “associação empresarial”.

<sup>45</sup> Nas eleições de 1998 Graziela e Cleuza concorreram ao cargo de presidência da Associação. Segundo Cleuza, Graziela ganhou as eleições porque teve o apoio de Tadeu, uma pessoa importante na Vila Mimosa. Em 2002 Cleuza se reaproximou da AMOCAVIM. Ambas vivenciam constantemente conflitos de idéias e uma busca constante de prestígio entre as prostitutas, o que, certamente é o que lhe confere poder.

para o secretário), algumas cadeiras para os visitantes, uma televisão, dois computadores, um fax e um telefone. A outra sala é menor e comumente fica fechada. Desde que comecei minha pesquisa na Vila Mimosa, a pequena sala teve diferentes usos: sala de massagem, do Curso de Informática (promovido pela AMOCAVIM), para as palestras, para o depósito de caixas, de roupas dos trabalhadores que faziam uma obra na rua, quarto para o secretário dormir, e, entre os meses de março junho de 2004 serviu como um Posto de Atendimento para o banco Caixa Econômica Federal que mantinha um funcionário lá duas vezes por semana e nos três meses seguintes foi o banco Bradesco quem ofereceu seu trabalho na AMOCAVIM. A dinâmica da mudança, elemento estruturante da Vila Mimosa, também é observado como um marcador da constituição da AMOCAVIM.

Como já disse, há informações divergentes a respeito dos números de estabelecimentos na Vila Mimosa. Segundo a AMOCAVIM, oficialmente há 34 estabelecimentos de prostituição, entretanto uma matéria de um jornal carioca (*Extra* – 12 de agosto 2001) afirma que há 70 estabelecimentos de prostituição; já uma Dissertação de Mestrado que teve como tema a Vila Mimosa em 2002 afirma que há 78 estabelecimentos de prostituição. Cleuza é categórica ao afirmar que não há menos do que 130 estabelecimentos. A questão do número de estabelecimentos que a AMOCAVIM gerencia problematiza tanto os inúmeros arranjos espaciais ocorridos cotidianamente na Vila, quanto a falta de uma unidade em torno da Associação. A explicação para este desencontro numérico é simples: apenas poucos estabelecimentos são associados à AMOCAVIM e apenas esses poucos mantêm realmente uma boa parceria com a coordenadoria. Contudo, na maioria das vezes, todos usufruem as melhorias realizadas pela Associação.

Nesse capítulo apresentei questões referentes ao método de pesquisa utilizado na realização desta pesquisa: o método etnográfico. Em seguida tratei sobre a transformação

da Zona do Mangue até a formação da atual Vila Mimosa. Com isso, explicitarei as marcas possíveis que esta mudança deixou na nova zona de prostituição e, ao mesmo tempo, as especificidades que constituem o exercício da prostituição no contexto estudado.

Como já foi dito, minha primeira impressão da Vila Mimosa foi uma imensa heterogeneidade que parecia desordenada. No entanto, a pesquisa paulatinamente desconstruiu essa primeira impressão, demonstrando que cada setor, cada atividade, cada pessoa tem suas regras, e é através delas que se constrói a idéia de transitoriedade, tão importante para a compreensão do contexto estudado. Desta forma, a heterogeneidade da Vila demonstra uma das suas marcas, isto é, uma qualidade ou mesmo condição de ser transitória: as *casas* que mudam de lugar, de donos, a multidão de pessoas que transitam com suas diferentes idades, raças, gestos, práticas, visões de mundo, as diferentes músicas, os barulhos variados, os cheiros misturados, as masculinidades, as feminilidades, as sexualidades, entre outros. A descrição da Vila Mimosa é uma metáfora para pensar na transitoriedade, característica esta que constitui o universo estudado.



## Capítulo 2

### Os Negócios da Vila: Prostituição e Trabalho

Um dos meus primeiros estranhamentos ao conhecer a estrutura de funcionamento da Vila Mimosa foi perceber que o negócio da prostituição era apenas um entre tantos outros que ali aconteciam. Ora, sempre achei que uma zona de prostituição teria como único objetivo atender aos consumidores de sexo, mas minha pesquisa de campo demonstrou que a Vila funciona para atender a uma variedade deles: aqueles que desejam comprar bebidas, alimentos, cigarros, drogas, roupas, perfumes, uma infinidade de produtos de consumo. Sendo assim, para compreender o contexto estudado é preciso dar conta dessa variedade de serviços. Acredito que a partir desta reflexão é possível entender o significado social destas atividades, as quais comunicam elementos sobre o universo estudado. E, ao mesmo tempo, retomar uma discussão iniciada no capítulo anterior: apesar de se tratar de uma zona de prostituição feminina, em que a prostituta é fundamental para a relação ocorrer, ela é menos valorizada quando comparada a prestadores de outros serviços. Pergunto-me: seria pelo fato de que a atividade da prostituição não é legalmente considerada uma profissão? Seria pelo fato desta atividade ser mal vista socialmente? A prostituta ganharia menos dinheiro do que os outros prestadores de serviços? Essas e outras questões acompanharão o desenrolar do capítulo.

Para dar conta desses questionamentos, primeiramente apresentarei uma breve discussão sobre a atividade da prostituição e a legislação brasileira: ela é ou não um trabalho? Nesse item proponho refletir sobre uma possível escolha ou obrigatoriedade das mulheres frente à atividade da prostituição. Essa discussão é fundamental, pois elucida a

abordagem e o entendimento da prática da prostituição nesta pesquisa e, assim, marca seu lugar no debate a respeito da regulamentação da atividade da prostituição no País, uma discussão atual e importante para os estudos e pesquisas sobre o tema.

Na segunda parte do capítulo mostrarei os negócios da Vila, enfatizando uma listagem da circulação do dinheiro: quanto se ganha, quanto se perde, quando se gasta, quanto se diz ter. Esclareço que meu objetivo não é realizar uma cuidadosa pesquisa etnográfica a respeito de todas as atividades de trabalho que compõem o universo estudado, mas antes, olhá-las com o intuito de compreender como o comércio da prostituição – e aquele que se dá entorno dele – é estruturado: quanto custa o que se vende na Vila Mimosa? O fenômeno da prostituição também deve ser analisado pelo aspecto econômico, visto que envolve, emprega e sustenta um bom número de pessoas.<sup>46</sup>

## **2.1. Uma Breve Discussão sobre Prostituição e a Legislação Brasileira**

Numa das tantas tardes que passei com Fernanda em seu estabelecimento, vi França chegar e, depois dele ter ficado um pequeno intervalo de tempo na AMOCAVIM, veio conversar conosco. França é um dos irmãos de Cleuza e Carina, o qual, naquele período da pesquisa estava afastado do seu negócio na Vila Mimosa. Apesar dos nossos questionamentos sobre o motivo que o levava ali, França permaneceu comedido e evasivo em suas respostas. Nas conversas discretas que mantive com Cleuza, percebi que França esperava por uma pessoa e por um documento. Pouco tempo depois fui apresentada a Sônia, uma famosa dona de estabelecimento de prostituição que também estava afastada do

---

<sup>46</sup> O número de pessoas que trabalham no mercado prostitucional é incontável, entretanto, segundo Leonini (2004) a atividade ocupa o terceiro lugar, depois do comércio de armas e de drogas dentro os negócios ilegais mais rentáveis, de acordo com as estimativas da ONU. Inclusive, por esses motivos a autora afirma que o exercício da prostituição deveria ser entendido como um fenômeno de massa (cf. Leonini, 2004).

negócio na Vila. França esperava Sônia. Cleuza contou que França esperava sua assinatura, de Graziela e de Sônia, para que as três mulheres fossem avalistas em um contrato de locação. Levei muitos dias para entender a ligação destas mulheres entre si e, também, a razão delas se tornarem avalistas conjuntamente. Cleuza, Graziela e Sônia – três donas de estabelecimentos de prostituição – são as proprietárias legais do galpão da Vila Mimosa – o que lhes dá o direito de ser fiadoras. Retomo esta situação etnográfica para mostrar um elemento fundamental na compreensão do complexo empresarial chamado Vila Mimosa.

Para a legislação brasileira, manter um estabelecimento de prostituição é considerado crime, portanto, a Vila Mimosa é um negócio ilícito. Então, como um negócio ilícito poderia ser uma garantia de um negócio lícito? Além disso, como apresentei no primeiro capítulo, a AMOCAVIM mantém projetos em parceria com órgãos públicos e legais: Prefeitura Municipal, Ministério da Saúde, Igrejas, ONG. Ora, se o complexo da Vila Mimosa é um negócio ilegal, como pode estabelecer uma negociação com órgãos e entidades legais? Também questiono como a Associação pode pagar imposto pelas *casas* de prostituição, sendo que este é um dever legal? Curiosa com essas questões busquei compreender como a Vila Mimosa é constituída legalmente.

No contrato legal da Vila está especificado que o galpão é um empreendimento comercial sem explicitar seu uso. Já as *casas* de prostituição localizadas em frente ao galpão são antigas moradias que foram transformadas em empreendimentos comerciais. Cada um desses bares funciona com seu registro legal de comércio. Como já foi dito, os estabelecimentos localizados do outro lado da rua foram comprados separadamente,<sup>47</sup> cada dono é responsável por suas contas e a maioria deles não está associada à AMOCAVIM,

---

<sup>47</sup> Por exemplo, o estabelecimento de Tadeu que fica do lado contrário do galpão é uma antiga residência da família de seu sócio (trabalhador da Prefeitura Municipal) que, depois da morte dos pais, a transformou em um estabelecimento de prostituição.

mesmo que esta se sinta responsável por todos os estabelecimentos (de prostituição ou não). A Vila Mimosa funciona como um complexo comercial e, assim, mantém seus direitos e seus deveres como qualquer outro empreendimento do mesmo tipo. Desta forma, o imóvel tem seus deveres legais como o pagamento de impostos, energia elétrica, abastecimento de água e saneamento, entre outros, e em contrapartida recebe os serviços de limpeza, água, esgoto.<sup>48</sup> As três mulheres citadas são as proprietárias legais da Vila, ou seja, os estabelecimentos de prostituição legalmente não pertencem aos auto-intitulados donos, os quais têm apenas um documento onde consta que o estabelecimento de prostituição lhes pertence, o qual só tem valor dentro da Vila, já que não tem nenhuma validade legal.

No Brasil o ato de prostituir-se não é crime, entretanto, todo o mercado no entorno da prostituta é considerado uma contravenção. Ainda hoje me pergunto: por que razão o Código Penal Brasileiro penaliza o mercado do entorno da prática da prostituição e não os agentes de sua prática? Certamente, nessa questão há elementos fundamentais para se compreender o lugar desses sujeitos no “mundo” da prostituição. É crime o ato de explorar e ganhar dinheiro às custas das prostitutas; quem comete o crime é “aquele que contribui, incentiva ou retira algum proveito do negócio sexual” (Documento Referencial do Ministério da Saúde, 2002, p. 21). Especificamente, é no capítulo V do artigo 227 ao artigo 234 (Decreto de Lei nº 2.848, de 1940), que estão descritas as condutas ilegais relacionadas à prática da prostituição no Código Penal. Os tipos penais<sup>49</sup> são os seguintes: 1. Mediação

---

<sup>48</sup> O valor do IPTU e do abastecimento da água são divididos entre todos os estabelecimentos que estão dentro do galpão principal e a conta de energia elétrica é paga separadamente por cada dono de estabelecimento.

<sup>49</sup> Tipo penal significa o nome do crime. Também são sinônimos de tipo penal delito, infração e crime.

para servir a lascívia de outros; 2. Favorecimento da prostituição; 3. Casa de prostituição; 4. Rufianismo e 5. Tráfico de mulheres.<sup>50</sup>

Nélson Hungria (1947), penalista clássico que muito discursou sobre o Código Penal Brasileiro e, portanto, também sobre a parte referente ao exercício da prostituição, explicou porque razão essa última não deveria ser entendida como crime. Segundo Hungria (1947):

É uma válvula de escape à pressão de irrecusável instinto, que jamais se apaziguou na fórmula social da monogamia, e reclama satisfação antes mesmo que o homem atinja a idade civil do casamento ou a suficiente aptidão para assumir os encargos da formação de um lar. Anular o meretrício, se isso fora possível, seria inquestionavelmente orientar a imoralidade para o recesso dos lares e fazer reverter a libido para a prática de todos os crimes sociais (Hungria, 1947, p. 270).

É evidente que a defesa da prática da prostituição está embasada em argumentos moralistas, em que há uma tentativa de defesa da ordem social e a preservação das famílias. Como coloquei no primeiro capítulo, já houve várias tentativas de regulamentação da prostituição no Brasil que ocorreram em diferentes períodos e em diferentes cidades. Naquele capítulo apresentei exemplos que ocorreram no Rio de Janeiro e em São Paulo. A partir dos exemplos citados concluí que as medidas que visavam regulamentar a atividade da prostituição tinham como orientação o modelo do “mal-necessário”, no qual Hungria também embasa sua defesa da prática da prostituição. O autor esclarece que a prostituição

---

<sup>50</sup> Segundo o Código Penal (1977), capítulo V, é crime: “Induzir alguém a satisfazer a lascívia de outrem” (art. 227); “Induzir ou atrair alguém à prostituição, facilita-la ou impedir que alguém a abandone” (art. 228); “Manter, por conta própria ou de terceiro, casa de prostituição ou lugar destinado a encontros para fim libidinoso, haja, ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente” (art. 229); “Tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça” (art. 230); “Promover ou facilitar a entrada, no território nacional, de mulher que nele venha exercer a prostituição, ou a saída de mulher que vá exercê-la no estrangeiro” (art. 231). A lei não proíbe a troca de sexo por dinheiro.

pode sim ser tolerada, entretanto, “a ordem jurídica faltaria à sua finalidade se deixasse de reprimir aqueles que, de qualquer modo, contribuem para maior fomento e extensão dessa chaga social” (Hungria, 1947, p. 270). Parece que ainda hoje este é o argumento que estrutura as tentativas de legalizar a prática da prostituição no mundo inteiro.

Para melhor entender meu argumento é preciso saber como está, atualmente, a situação jurídica da prostituição em alguns desses países.

Na França, [a prostituição] não é proibida, mas também não é legal, e o proxenetismo<sup>51</sup> é considerado infração. Nos Países Baixos, a lei de 28/10/99, que vigora desde 01/10/00, dá autonomia ao Conselho Municipal para fixar condições relativas ao exercício da prostituição e abole a condenação ao proxenetismo desde que a prostituição seja voluntária. A Espanha, desde 1995, não sanciona o proxenetismo de maneira geral. A Suécia proíbe os serviços sexuais em todas as circunstâncias: o cliente é multado e pode pegar até seis meses de prisão (segundo lei de 01/01/99). Do ponto de vista jurídico, somente a Bélgica as tem como trabalhadoras independentes, e com exceção dos Países-Baixos, a ausência de reconhecimento jurídico as impede de dispor de uma cobertura social completa, obrigando-as a fazerem um plano de saúde particular. No entanto, normalmente, elas pagam impostos, pois isso independe da legalização da atividade (Damásio, 2002, p.2).

Cada instituição governamental encontrou diferentes maneiras para regular a prostituição: em um país não é proibida, mas também não é legal, em outro país, o proxenetismo é crime e, em outro pode não ser, até o cliente pode ser entendido como criminoso. No entanto, o comum nestes países é a ausência de um reconhecimento jurídico. Quais as implicações disto para a prática da prostituição?

---

<sup>51</sup> Proxenetismo: tipo de lenocínio que consiste em servir, como mediador, à libidinagem alheia, favorecer a prostituição, manter prostíbulos ou ter lugar destinado a fins libidinosos. Proxenetista é sinônimo de cáften; aquele que ganha dinheiro como intermediário em casos amorosos.

Historicamente há três regimes jurídicos que orientam o exercício da prostituição no mundo inteiro: proibicionismo, abolicionismo e regulamentarismo.

O primeiro deles postulava a criminalização da prática da prostituição, numa tradição que remonta à Idade Média. Contudo, ainda hoje, nos Estados Unidos esta medida é adotada como a legislação da atividade da prostituição. Nesse regime a tolerância à prostituição é discriminatória e severas sentenças de prisões são ordenadas para todos aqueles que se envolvem direta ou indiretamente com esta prática.<sup>52</sup>

Em 1951, o Brasil (assim como todos os países católicos) assinou o Tratado Abolicionista Internacional, na ONU, e a partir daí assumiu uma postura de luta pelo fim da atividade da prostituição.<sup>53</sup> As principais regras desse tratado são: interditar as casas de prostituição; preparar uma legislação que castigue toda a espécie de exploração da mesma; libertar e reinserir as mulheres vítimas da prostituição na sociedade; acabar com a segregação em relação às prostitutas; criar serviços médico-sociais que promovam a sua reinserção social; trocar informações entre os países signatários para terminar com o proxenetismo internacional (cf. Neves, 1976). A proposta do Abolicionismo é eliminar a atividade da prostituição e, desta forma, reinserir estes sujeitos entendidos como vitimizados na sociedade. Até porque, para o Abolicionismo, a prostituta é uma vítima do sistema sócio-econômico opressor. Especificamente, este tratado tolera a prostituição, pois não penaliza quem se prostitui, mas sim àqueles que fazem parte do mercado de sexo. É importante reafirmar que os países que têm esta visão abolicionista sobre o exercício da

---

<sup>52</sup> Ver Carrara (1996); Rios (2000); Documento Referencial do Ministério da Saúde (2002).

<sup>53</sup> “O abolicionismo acredita na abolição total da prostituição, ou seja, na possibilidade da existência de sociedades nas quais não existam mulheres que usam sexo como profissão. Foi criado no século XIX por um grupo de mulheres inglesas que lutavam pela reforma moral da sociedade, com o nome de Federação pela Abolição da Regulamentação Governamental da Prostituição. Hoje tem sede em Paris, mudou seu nome para Federação Abolicionista Internacional (FAI), e desenvolve uma verdadeira cruzada pela pureza social, tendo uma importante força ideológica sobre muitas organizações mundiais” (Documento Referencial do Ministério da Saúde, 2002, p. 25).

prostituição são contra sua regulamentação. Alguns países que conduzem a atividade da prostituição a partir do Abolicionismo são: Canadá, Tailândia, Inglaterra, entre outros.

No Sistema Regulamentarista, a prostituição não é completamente legal, nem completamente ilegal. Explico: algumas normas são toleradas e outras não, o que difere de país para país. Além disto, normalmente o exercício da prostituição é controlado pela instituição policial. Aqui há a defesa de um controle sanitário, afinal as prostitutas são compreendidas como a causa de muitos problemas de saúde, conforme foi visto no primeiro capítulo. A principal diferença entre os dois sistemas é que no Sistema Regulamentarista há uma mudança na questão da criminalização, em que vários itens do mercado prostitucional não são mais penalizados, o que no Sistema Abolicionista ainda o são. Entretanto, no Sistema Regulamentarista ainda há um intenso controle social e uma forte estigmatização frente ao comércio prostitucional. Há vários países que utilizam esse sistema para organizar o exercício da prostituição, entre eles: Alemanha, Áustria, Suíça, Equador, Uruguai e Chile. Retomo algumas características destes diferentes tipos de regulamentação do exercício da prostituição nesses países: no Equador as prostitutas trabalham legalmente apenas em bordéis supervisionados, mas a prostituição que acontece nas ruas ainda é considerada ilegal. Na Suíça, o registro de prostitutas é feito junto às Delegacias de Polícia, e essas mulheres só ganharão o certificado de “Boa Conduta” depois de comprovarem o não exercício da prostituição por três anos. Já na Alemanha e na Áustria as prostitutas precisam manter periodicamente atestados obrigatórios da sua boa saúde. O Documento do Ministério (2002) expõe que, com isso, alguns clientes se sentem desobrigados a usar preservativos nas relações sexuais, pois é como se o Estado, ao comprovar a saúde da prostituta, também garantisse a saúde do cliente.

De todos os países referidos retomarei o exemplo de um país vizinho: o Uruguai. É interessante discutir alguns aspectos da regulamentação do exercício da prostituição naquele país, pois além de já tê-lo estudado largamente em outro momento, esse debate também serve como um bom exemplo para compreender o lugar do Brasil no cenário mundial. Assim, para se pensar o caso brasileiro – no qual não há até então nenhuma forma efetiva de regulamentação da prostituição –, compararei com um outro país.

Em 1997 participei do III Encuentro Internacional de Trabajadoras Sexuales ocorrido em Montevideu – Uruguai. O Congresso foi organizado pela AMEPU (Associação de Meretrizes Profissionais do Uruguai), que na década de 80 foi a primeira organização de prostitutas da América Latina e, ainda hoje, é exemplo de força política para o movimento de prostitutas no mundo inteiro. Nesse congresso, me deparei com um fato que a primeira vista parecia curioso. Prostitutas uruguaias organizadas denunciavam que estavam sendo obrigadas a pagar pelo exame médico, cuja gratuidade lhes fora garantida por lei.

A prostituição no Uruguai é regulamentada. O principal direito assegurado para esta profissional é a aposentadoria como profissional do sexo, com 30 anos de serviço ou com 55 anos de idade.<sup>54</sup> No entanto, essas pessoas são obrigadas a freqüentar gratuitamente a rede pública hospitalar, onde realizam exames de DST e de Aids de 3 em 3 meses. Ao mesmo tempo, as profissionais do sexo não têm o direito de receber um certificado de “Boa Conduta”, documento este necessário para mudar de emprego e para tirar passaporte.

O que chama a atenção nesta situação? Vou me concentrar sobre dois pontos:

Se, por um lado, há a conquista de algumas garantias, tais como o reconhecimento da profissão – o que potencialmente pode acarretar um certo reconhecimento social, aposentadoria, etc, – por outro, há uma restrição aos direitos de cidadania destas mulheres.

---

<sup>54</sup> Segundo a AMEPU no ano de 1996 havia 7.000 Profissionais do Sexo aposentadas no país.

Trata-se de cidadãs pela metade. A regulamentação da prostituição no Uruguai serve tanto como exemplo a ser seguido como um contra exemplo. Apesar do movimento das prostitutas ter conseguido benefícios com a legalização da profissão, estas ainda carregam a marca da diferença e, sobretudo, a marca da desigualdade, pois elas não têm os mesmos direitos que outro qualquer cidadão.

No Brasil, em relação aos casos que comentei, podemos concluir que todas as tentativas de regulamentação da prostituição não deram certo, isso porque o argumento que embasava todo o movimento era um argumento moral, mas que nos é apresentado sempre como se fosse uma forma de alargamento dos direitos destas pessoas. Na realidade, é uma maneira de estipular a higienização e o confinamento da prostituição. Já o caso uruguaio parece ser um pouco diferente: embora haja uma regulamentação efetiva, a base desta regulamentação também parte de argumentos morais, os quais convergem para a cidadania pela metade, uma vez que as prostitutas não possuem os mesmos direitos que outros cidadãos.<sup>55</sup> Por trás disto, ambos os casos convergem na mesma questão: a prostituição continua sendo entendida como algo moralmente danoso, como um “mal – necessário”.

Já houve diferentes tentativas de regulamentar, proibir ou tolerar o exercício da prostituição ao longo das últimas décadas tanto em outros países como no Brasil. Contudo, olhando mais atentamente algumas dessas propostas, parece-me que o que está no bojo do debate não é exatamente a proposta de transformação ou melhoria de vida das pessoas envolvidas no mercado da prostituição, mas antes, as vantagens e desvantagens desta transformação social para o Estado. Além disso, já afirmei que essas tentativas de legalizar

---

<sup>55</sup> Segundo Rostagnol (2000), estudiosa do tema da prostituição, no Uruguai: “Com esta breve revisão histórica mostramos as diferentes atitudes adotadas pelo Estado durante o Século XX que, em ocasiões regulamentarista, em outra abolicionista, sempre colocaram as prostitutas como ‘mulheres contagiosas’. Delineiam-se os limites entre o contágio de uma DST e o contágio do mal que incorporam por serem mulheres ‘impuras’” (Rostagnol, 2000, p. 97).

a prática da prostituição, na sua maioria, explicitavam modelos higienistas da época. Aliás, argumento este ainda hoje utilizado para acabar com os chamados grupos de risco, através dos quais a AIDS começou a ficar conhecida no mundo inteiro.

### *2.1.1. Projetos de Lei: Perspectivas de Mudanças?*

Numa rápida pesquisa sobre projetos de leis que tratam do assunto da prostituição que transitaram no Congresso Nacional nos últimos anos, percebe-se que, apesar da diversidade, há uma regularidade entre todos eles, de forma implícita: é a concepção da prostituição como um “mal necessário” (talvez deixando de fora o Projeto de Lei nº 98/2003 de autoria do deputado federal Fernando Gabeira). Vou tratar especificamente de dois deles: o Projeto de Lei nº 3436 do deputado federal Wigberto Tartuce e o Projeto de Lei nº 98/2003 de autoria do deputado federal Fernando Gabeira.

O primeiro desses projetos foi longamente debatido no ano de 1997. Naquela época, o deputado federal Wigberto Tartuce propôs que o exercício da prostituição se tornasse legal, embora proibindo a profissão a menores de 18 anos. Os Profissionais do Sexo teriam sua inscrição na Previdência Social, na qualidade de autônomos. No entanto, a lei também obrigava os profissionais do sexo a manterem um cadastro em alguma unidade de saúde, onde fariam um exame mensal de DST. O resultado do exame seria anotado em um cartão de saúde. No Projeto de Lei nº 3436 estava ressaltada uma condenação ao incentivo ou à exploração da prostituição, ou seja, ter um estabelecimento de prostituição permaneceria sendo crime. Tal projeto ficou em tramitação no congresso até 1999, quando acabou sendo arquivado (cf. Pasini, 1997).

Este projeto de lei é mais uma comprovação de que as autoridades públicas, quando pretendem tomar atitudes práticas em relação à prostituição, acabam sempre restringindo a cidadania dos profissionais do sexo. No entanto, isto sempre aparece mascarado por uma suposta concessão de cidadania. Eu pergunto: que sujeito político e social está se esperando a partir de um tipo de projeto de lei como este apresentado pelo deputado Tartuce? A aprovação de um projeto como este, apenas reforçaria o estigma da prática da prostituição e a restrição dos seus direitos sociais enquanto cidadãos.

Comparando-se os argumentos usados pelas autoridades nas décadas de 20 ou 30 (melhor apresentado no primeiro capítulo) com os usados pelo deputado Tartuce, é possível encontrar pontos em comuns. Um deles é a importância da higienização – através do controle e da obrigatoriedade de exames de DST – e o outro é a necessidade de punir os chamados “exploradores” da prostituição. Dentro desta lógica, concluo o quanto este projeto de lei ainda foi concebido a partir de uma avaliação moral e de uma determinada concepção da sexualidade. A obrigatoriedade do exame mensal de DST coloca as profissionais do sexo como as únicas cidadãs obrigadas a esta prática. Entretanto, não preciso ressaltar que elas não são as únicas a manterem uma vida sexual ativa, com múltiplos parceiros. E, ao reforçar que os donos de estabelecimentos de prostituição são “exploradores” dos profissionais do sexo, se está impossibilitando a relação de trabalho entre os dois grupos, afinal, “a relação é considerada crime” (Leite, 1996, p. 8). E, portanto, qualquer possibilidade de reestruturação no negócio da prostituição parece estar impedido.

Em 19 de fevereiro de 2003 o deputado federal Fernando Gabeira apresentou no Plenário da Câmara Federal dos Deputados o Projeto de Lei nº 98/2003 em que propôs a

legalização da atividade da prostituição no país.<sup>56</sup> O Projeto tornou-se um assunto especial para ser debatido em diferentes segmentos da sociedade brasileira. Gabeira afirmou ter se inspirado no projeto de legalização da atividade da prostituição aprovado na Alemanha. Naquele país, a prostituição foi implementada como um emprego legítimo e, assim, o favorecimento à prostituição deixou de ser crime. O principal ponto em comum em ambos os projetos – o da Alemanha e o proposto por Gabeira – é também o diferencial deste último: deixar de manter a diferença legal entre a atividade de se prostituir e a quem ela favorece. Se a primeira é lícita, não há porque penalizar a segunda categoria.

O projeto de lei nº 98/2003 dispõe sobre a exigibilidade de pagamento por serviço de natureza sexual e a supressão dos artigos nº 228, 229, 231 do Código Penal Brasileiro.

Na primeira parte do Projeto de Lei há a garantia de que os serviços de natureza sexual sejam pagos, incluindo aqui todo o tempo que o profissional dispensar para com quem o contratou. Isto significa que o contratador deve se responsabilizar pelo pagamento de todo o tempo que o profissional ficou a sua disposição, mesmo que ele não venha prestar um serviço sexual: o que conta é a permanência da prostituta com o cliente, e não exatamente o que acontecerá entre eles. O exercício da prostituição se tornaria legalmente entendido como uma prestação de serviços. Gabeira, em uma entrevista concedida a uma revista mensal direcionada ao público feminino, explicou como funcionaria o pagamento pelo tempo de serviço que o projeto propõe: “Se ela [prostituta] for contratada para ficar duas horas com um cliente, receberá o equivalente a esse tempo. Se o cliente só quis conversar com a prostituta, deverá pagar pelo tempo que ficou com ela. Isso pode funcionar

---

<sup>56</sup> Depois da apresentação do Projeto de Lei no Plenário dos Deputados o mesmo tem tramitado por diversas coordenadorias e comissões. Em setembro do ano passado o relator, deputado federal Chico Alencar, deu seu parecer favorável ao Projeto apresentado por Gabeira. Nos últimos meses o Projeto está na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania e o deputado federal Aloysio Nunes Ferreira é o atual relator.

com um contrato, que pode ser verbal ou não, seguindo o mesmo padrão de um técnico que cobra por hora” (Gabeira, outubro 2004). Aqui há a proposta de uma mudança estrutural em relação à prática da prostituição, pois redefine a função do sujeito que se prostitui, que não estaria mais ligado apenas à prática sexual. Engloba-se outras práticas, muito comuns em zonas de prostituição: conversar, introduzir objetos, dançar, fazer parte de cenas teatrais, enfim, práticas em que o profissional acaba não se envolvendo, digamos assim, sexualmente, mas que não deixa de ser uma prestação de serviço com natureza sexual.

No projeto também está previsto que apenas a pessoa que prestou o serviço exigirá o pagamento. E, na sequência, com o direito econômico dessa pessoa que se prostituiu garantido, o projeto propõe descriminalizar as condutas de favorecimento à atividade da prostituição, a manutenção dos estabelecimentos de prostituição, bem como o tráfico de mulheres com o objetivo de colocá-las no exercício da prostituição.<sup>57</sup> Apenas o rufianismo, prática de tirar proveito da prostituição alheia, permanece crime.

O projeto aqui tratado se diferencia de todos os outros que buscaram legalizar a atividade da prostituição em nosso país, principalmente porque busca descriminalizar o mercado de sexo que se dá a partir do exercício da prostituição. Entretanto, é preciso discutir alguns pontos que parecem pouco explicados.

Se a prostituição fosse regulamentada a partir deste projeto de lei, os sujeitos<sup>58</sup> que se prostituem passariam a ter direito a um contrato de trabalho, salário, carteira assinada, aposentadoria, 13º salário, salário maternidade, assistência médico-hospitalar, enfim, todos os benefícios legais de um trabalhador comum. Mas, afinal, como na vida prática se

---

<sup>57</sup> Pelo Projeto de lei nº 98/2003 está previsto o suprimento no Código Penal de artigos que tipificam como crime o favorecimento da prostituição, o tráfico de mulheres para fins de prostituição e a manutenção de casas de prostituição. De todos os tipos criminais apenas o rufianismo permanecia sendo considerado crime.

<sup>58</sup> No projeto não está discriminado o sexo de quem se prostitui, assim, entende-se que é uma lei para todos. Entretanto, sempre que Gabeira se refere aos sujeitos do projeto ele usa o sexo feminino. Nesta tese me referirei às prostitutas, apenas por que é delas que se trata o estudo.

organizaria a atividade da prostituição? Como já mencionei alhures, estive envolvida com o debate a respeito do Projeto proposto pelo então deputado federal Tartuce e, já naquela época, uma das minhas preocupações era falar sobre o Projeto junto às prostitutas que conhecia. Elas não eram nem um pouco comedidas ao defender que não queriam ter escrito em suas carteiras profissionais que eram prostitutas. Anos depois, agora na Vila Mimosa, suas falas em nada se diferenciavam daquelas que ouvia no Rio Grande do Sul.<sup>59</sup> Diferenças à parte entre os projetos que, aliás, são imensas, nenhum deles parece ter se dado conta de um item fundamental (diria uma pré-condição) na tentativa de qualquer tipo de transformação: o consentimento e o reconhecimento dos sujeitos sociais que estão diretamente ligados ao projeto. Poucas prostitutas com quem conversei conheciam o projeto de Gabeira, e mesmo aquelas que já tinham ouvido falar não estavam de acordo com ele. Por que razão as prostitutas eram contra a legalização, se a princípio ele parecia lhes trazer vantagens? As prostitutas queriam saber como seriam resolvidos seus problemas cotidianos: se o dono do estabelecimento de prostituição seria seu chefe, se precisariam cumprir horários, se poderiam transitar pelos estabelecimentos, se trabalhariam quando menstruadas, doentes, mal-humoradas, sem vontade, apaixonadas, com dinheiro no bolso. Além das pertinentes questões colocadas pelas prostitutas, também questiono como se calcularia o salário? A jornada de trabalho? Os imponderáveis da vida na prostituição (doenças, indisposições, menstruação, chuva, entre tantos outros)? Na entrevista já citada de Gabeira, ele comenta o problema do salário mensal. Para o deputado o salário poderia ser organizado de muitas maneiras: “No caso daquelas que trabalham em bordéis, pode

---

<sup>59</sup> Castilho de Andrade (2004) afirma no artigo *Serviços de Natureza Sexual* que as prostitutas ouvidas são contrárias à proposta da legalização da prostituição. Cleuza, da AMOCAVIM, diz o mesmo quando questionada sobre a opinião das prostitutas na Vila Mimosa. No final de 2003, em um debate sobre o tema no horário nobre de uma rede de TV, uma prostituta afirmou ser contra a legalização da profissão, assim como a maioria das suas “colegas”.

existir um salário fixo, que independa do número de pessoas com quem ela saia, e comissões combinadas com o dono do estabelecimento. Na Alemanha, onde esta questão está amadurecida, existem lugares em que a prostituta trabalha com um piso salarial e ganha comissões, como se fosse um comerciante” (Gabeira, outubro 2004). Quando discuti esta questão com os donos de estabelecimentos e prostitutas da Vila Mimosa, não havia sequer um parâmetro para se pensar no valor desse possível salário. Primeiro porque, como será visto adiante, tanto o ganho mensal de uma prostituta quanto o de um dono(a) de *casa* são valores pouco conhecidos. O segundo motivo é porque os donos relatam que há muita diferença em relação ao desempenho de uma ou de outra prostituta – quem dá mais ou menos lucro para o estabelecimento –, sem esquecer que também deve estar marcada a diferença de quem trabalha pela manhã, pela tarde, pela noite e nos diferentes dias da semana. Ainda é preciso ressaltar que talvez muitas prostitutas não queiram mais *batalhar* recebendo um valor menor do que aquele que costumam ganhar. São muitos questionamentos, dúvidas e divergências em relação ao cotidiano de quem se prostitui e que o projeto não responde.

Outra questão polêmica está no fato de que o deputado propõe a revogação do artigo penal que se refere ao tráfico de mulheres. A partir disso, algumas entidades (principalmente religiosas) que trabalham no mundo da prostituição o criticaram em demasia, afirmando que o deputado estaria beneficiando o tráfico de mulheres. Para Nalu Faria, coordenadora da Sempre Viva Organização Feminista (SOF), o artigo que se refere ao tráfico de mulheres tem que existir, principalmente, porque o Brasil está entre os países que têm um grande número de traficantes de mulheres. Gabeira, na entrevista já citada, mostrou ser contrário ao tráfico de mulheres e explicou que a proposta da revogação desse artigo aconteceu em razão de uma ordem técnica: “a legislação brasileira já prevê o crime de

tráfico de pessoas. Qualquer tráfico de pessoa seja mulher, homem ou criança, está no Código Penal. Tanto é crime levar mulheres para se prostituírem na Espanha quanto encaminhar qualquer outro trabalhador para os Estados Unidos e empregá-lo clandestinamente. Caso a prostituição seja regulamentada, o artigo específico perde a razão. O tráfico de mulheres continuará a ser punido, mas dentro do contexto do tráfico de pessoas” (Gabeira, outubro, 2004). Este é um debate difícil, até porque quase sempre o tráfico de mulheres está ligado à prostituição feminina, quase como se um fosse a causa e outro sua consequência. A mudança que Gabeira propõe é importante na tentativa de um outro “olhar” para a atividade, em que não se veja os sujeitos na prostituição apenas como vitimizados e explorados, não que esses casos não aconteçam, mas, no entanto, não se trata apenas dessa situação. O tráfico de pessoas não é sinônimo de prostituição.

Além disso, segundo o projeto, aqueles sujeitos entendidos como “exploradores das prostitutas” deixariam de ser legalmente reconhecidos como criminosos.<sup>60</sup> Mas, afinal, como seria possível agenciar esta relação a partir de normas legais? Em diversos artigos, depoimentos em diferentes sites, percebi que havia uma preocupação em comum: ao se descriminalizar o “explorador das prostitutas”, não se estaria estimulando essa prática e, na mesma lógica, não haveria um incentivo à Indústria do Sexo? Para Gabeira qualquer pessoa que explore uma outra está sujeita a ser condenada e, portanto, este tipo de punição não

---

<sup>60</sup> Em 10 de outubro de 2004 a Polícia do Paraná prendeu a “Baronesa do Sexo”, uma famosa chefe de uma rede de prostituição daquele estado. A denúncia partiu de uma prostituta que foi contratada para acompanhar um executivo nos EUA e, depois, tornou-se sua esposa. No entanto, a chefe da rede chantageara o casal por mais de seis meses. Segundo a própria mulher ela comandou uma rede prostituição por 25 anos e já agenciou mais de 500 prostitutas. A causa da prisão de Mirlei de Oliveira foi tráfico de mulheres, extorsão de dinheiro e tráfico de drogas. Em 26 de novembro de 2004 foi a vez da Polícia do Estado de São Paulo prender o “Rei do Prazer”, um comerciante dono de uma das mais famosas casas de prostituição na cidade de São Paulo. Osmar Morone foi preso em flagrante por porte ilegal de arma e seu estabelecimento de prostituição foi fechado por vender produtos alimentícios com datas de validade vencidos entre outras irregularidades. Entretanto, o delegado que realizou a prisão afirmou que Osmar cometeu diversos delitos, entre eles o aliciamento de mulheres e a sonegação de impostos. Cerca de um mês antes o mesmo homem em uma entrevista a TV Cultura de São Paulo afirmou ser um absurdo acabar com a prostituição, pois certamente que a Indústria do Sexo emprega mais pessoas do que a Indústria Automobilística no país.

precisa especificar a prática da prostituição (a mesma lógica usada na questão apresentada acima). É interessante refletir nesses termos, até porque tanto a bibliografia específica como minhas pesquisas etnográficas têm demonstrado que esse “explorador” ocupa diferentes funções na vida das prostitutas e, algumas vezes, ele não deve assim ser entendido. Inclusive, este tipo de olhar sobre a relação da prostituição continua colocando o sujeito que se prostitui no lugar da vitimização – alguém que o explora –, o que enaltece a compreensão da atividade como um problema social.

O projeto de lei apresentado por Gabeira é um passo na estruturação do exercício da prostituição em nosso país, entretanto, há um grave problema: as diversas questões não respondidas, as quais impossibilitam pensar a vida prática da prostituição. Na forma que está colocado parece que há mais uma tentativa de liberação do comércio que envolve a atividade da prostituição, do que realmente uma defesa do sujeito que se prostitui. Portanto, talvez, antes de possibilitar benefícios sociais e direito a organização sindical, fosse mais importante realizar um trabalho de base junto ao grupo específico, com o intuito de saber qual o melhor caminho para a legalização do exercício da prostituição no Brasil. Mesmo percebendo que o projeto de Gabeira proponha mudanças estruturais significativas para ao exercício da prostituição em nosso país, ainda acho que tal tentativa privilegie apenas uma parte da sociedade, mas certamente não as prostitutas.

Apesar de ter apresentado alguns poucos exemplos, acredito que eles sejam suficientes para indicar maneiras como a prostituição foi entendida e administrada em nosso país. Até quando vamos pensar em transformações pautadas na idéia da higienização, da moralidade, do certo e do errado ou no interesse de apenas uma parte do grupo envolvido? Sem esquecer que a discussão sobre a legalização ou não da prostituição, remete a um outro questionamento: já que, como podemos ver, as prostitutas são

consideradas cidadãs pela metade, como se dá a relação deste grupo social com a sociedade abrangente na vida cotidiana?

## 2.2. Prostituição é trabalho?<sup>61</sup>

A discussão sobre se o exercício da prostituição pode ser considerada um trabalho ou não tem se polarizado em dois grandes grupos.<sup>62</sup> Ambos embasam seus argumentos a partir de perspectivas feministas.<sup>63</sup> O primeiro deles é formado por autoras que se definem como feministas radicais e compreendem a atividade da prostituição como um ato de submissão/escravidão da mulher. Já o outro grupo, encabeçado por feministas liberais, entende a atividade da prostituição como uma escolha.

Segundo os autores do primeiro grupo, a prostituta não teria nenhuma liberdade de escolha; ela seria sempre forçada; por conseguinte, a prostituição seria um ato obrigatório e, neste sentido, compreendida como uma forma de escravidão (cf. Davidson, 1996). Além disto, há dois outros elementos que constituem os argumentos desse grupo: prostituição é entendida como a manifestação da dominação masculina, e as prostitutas, ao exercerem tal atividade, venderiam seu corpo.

Raymond (2003), num artigo em que apresenta 10 razões para a não legalização da prostituição, afirma que as prostitutas não fazem uma escolha racional quando se prostituem, antes ao contrário, essa atividade é usada como um recurso de sobrevivência. É

---

<sup>61</sup> Há 3 tipos de terminologias para se referir às profissões: 1. trabalho: engloba emprego e ocupação e não precisa ser legalizado; 2. emprego: é um ato legal, trata-se da economia legal; 3. ocupação: aquilo de que a pessoa se ocupa por algum tempo durante algumas vezes. Desde setembro de 2002, o trabalho da Profissional do Sexo consta na CBO (Classificação Brasileira de Ocupação). Para o Ministério do Trabalho e Emprego a prostituição tornou-se uma ocupação. Segundo Leite (2002): “isso faz com que, a partir do próximo censo, o IBGE considere o universo da profissional do sexo” (Leite, 2002).

<sup>62</sup> Agradeço Adriana Piscitelli por ter chamado atenção para esta questão e pelas dicas de bibliografia.

<sup>63</sup> Há uma pluralidade de linhas teóricas no movimento feminista, das quais não darei conta neste momento, interessa aqui compreender os argumentos de algumas autoras que dialogam com o tema que discorro.

comum no senso comum e, também em artigos sobre o tema, tratar as prostitutas como pertencentes à classe menos favorecida e, por isso, com dificuldades de ter acesso ao mercado de trabalho:

Elas [as prostitutas] não se sentaram e decidiram que queriam ser prostitutas. Ao contrário, tais 'escolhas' seriam melhor descritas como 'estratégias de sobrevivência'. Mais que um consentimento, a mulher prostituta aceita as únicas opções que lhes são oferecidas. Seu consentimento se baseia no fato de ter de se adaptar às condições inadequadas que são estipuladas pelo cliente que lhe paga para fazer o que ele quer (Raymond, 2003, p.7).

Fonseca (1996) também afirmou que a atividade da prostituição é uma opção “nada desprezível” para as mulheres com origem humilde e de baixo nível de escolaridade. Mas, ao mesmo tempo, a autora concluiu que a partir de suas outras pesquisas em morros porto-alegrenses nunca encontrou alguma mulher com um projeto de emprego ligado a sua realização pessoal: “as ocupações femininas são subordinadas à trajetória da mulher enquanto noiva, mulher e mãe” (Fonseca, 1996, p. 22). Estratégias ou não de sobrevivência, interessa apenas o fato de haver uma centena de motivações que podem ou não levar as mulheres ao exercício da prostituição. Minha experiência etnográfica em contextos prostitucionais me mostrou que há tanto prostitutas que fizeram sua escolha como aquelas que se sentem obrigadas pela sociedade a estarem na prostituição.

Também chamo a atenção, a partir da passagem citada de Raymond, para o lugar que a prostituta ocupa na sua relação com o cliente. Para este grupo de feministas radicais, o exercício da prostituição é a corporificação, sem ambigüidades, da opressão masculina. A atividade da prostituição é vista como um ato de exploração, abuso e violência contra a mulher, o que acaba por restringir a liberdade e os seus direitos de cidadania. Hughes

(2004) também defende esta linha de argumentos: para a autora, “prostituição é a procura de mercado criada por homens que compram e vendem a sexualidade feminina para seu benefício pessoal e seu próprio prazer” (Hughes, 2004, internet). A afirmação da autora me fez refletir sobre o que se compraria e se venderia no mercado da prostituição: seria a sexualidade feminina o que estaria à venda neste mercado? Para o grupo em questão parece mesmo que é a sexualidade da prostituta que está expressa no seu corpo que está à venda, aliás, este é o cerne da sua proposta. Segundo Nussbaum (2002) “Diz-se, do significado social dessas transações, tanto que as capacidades são transformadas em objetos para o uso e o controle dos homens, como também que as próprias atividades estão se transformando em mercadorias e, desse modo, sendo despojadas de seus melhores valores” (Nussbaum, 2002, p.15). A partir deste ponto de vista, toda e qualquer transação que uma elementos financeiros e sexuais de mulheres deve ser compreendido como uma relação danosa e alienante para as mulheres.

Pateman é outra entusiasmada autora que defende estes argumentos. No capítulo em que aborda a questão da prostituição, em seu livro *O Contrato Sexual*, a autora dialoga com o grupo teórico contratualista (as feministas liberais) – aquele que defende que a prostituição é um trabalho e a prostituta uma trabalhadora e, portanto, possível de manter contratos de trabalho –, idéia esta que Pateman rebate afirmando:

O contrato de prostituição é um contrato feito com uma mulher e, portanto, não pode ser igual ao contrato de trabalho, um contrato entre homens. Apesar de o contrato de prostituição ser selado no mercado capitalista, ele ainda difere em alguns aspectos significativos do contrato de trabalho. Por exemplo: o trabalhador sempre entra em um contrato de trabalho com o capitalista. Se a prostituta fosse um trabalhador qualquer, o contrato de prostituição também envolveria sempre um capitalista, embora normalmente o homem que participa do contrato seja um trabalhador (Pateman, 1993, p. 296).

Para Pateman a prostituta é um exemplo da estrutura patriarcal moderna da sociedade ocidental. Segundo a autora o patriarcado constitui uma forma do poder político em que há a premissa de um direito patriarcal natural. Pateman (1993) afirma que houve três ondas de debates a respeito do patriarcado, sendo que a última etapa começou com o renascimento do movimento feminista e vigora até os dias atuais. Apesar dos problemas que muitas feministas encontram na utilização do patriarcado para melhor compreender a sociedade, para Pateman ele não pode ser deixado de lado, pois é o “único conceito que se refere especificamente a sujeição da mulher, e que singulariza a forma de direito político que todos os homens exercem pelo fato de serem homens. Se o problema não for nomeado, o patriarcado poderá muito bem ser habilmente jogado na obscuridade, por debaixo das categorias convencionais da análise política” (Pateman, 1993, p. 39). Com isso, a autora ainda retoma a importância de refletir sobre o patriarcado à luz do contrato sexual e da economia capitalista: “As aptidões que permitem aos homens, mas não às mulheres, serem ‘trabalhadores’ são as mesmas capacidades masculinas exigidas para se ser um ‘indivíduo’, um marido e um chefe de família. A história do contrato sexual começa, portanto, com a construção do indivíduo” (Pateman, 1993, p. 63). Essa mesma lógica é usada para pensar a questão da prostituição.

Outra questão que Pateman debate com os contratualistas diz respeito à defesa que esse grupo faz da universalização da prostituição. Para os contratualistas, o fato de o maior número de pessoas que exercem o exercício da prostituição ser do sexo feminino é apenas uma característica acidental na discussão, pois o que interessa é compreender a prostituição como um contrato entre dois indivíduos. Pateman discorda; para a autora a história do contrato sexual explica a razão de que a maioria das prostitutas seja mulher: o problema é que a prostituição “faz parte do exercício da lei do direito sexual masculino, uma das

maneiras pelas quais os homens têm acesso garantido aos corpos das mulheres” (Pateman, 1993, p.287). Portanto, as prostitutas precisam ser mulheres, visto que a prostituição se originaria de uma necessidade sexual natural dos homens.

Dito isto, trago outros elementos para melhor elucidar o tema proposto. Para o feminismo radical, as mulheres só se liberarão quando derrotarem o patriarcado e, para isso, é preciso controlar a reprodução, já que esta reafirma a desigualdade sexual (cf. Piscitelli, 2002). Piscitelli (2002) chama a atenção para este ponto, pois segundo ela, “nessas linhas de pensamento, a condição compartilhada pelas mulheres – e da qual se deriva a identidade entre elas – está ancorada na biologia e na opressão por parte de uma cultura masculina. O corpo aparece, assim, como o centro de onde emana e para onde convergem opressão sexual e desigualdade” (Piscitelli, 2002, p. 12).

A premissa deste grupo é que as mulheres são oprimidas pelos homens apenas por serem do sexo feminino, e essa equação tornou-se cultural, histórica e universal. Com esta equação criou-se a identidade da mulher e, ao mesmo tempo, um lugar político para elas, o qual, para este grupo de feministas radicais, esteve sempre marcado pela dominação masculina.<sup>64</sup> Havia sempre o pressuposto de um corpo biológico e uma opressão patriarcal. A grande luta por modificações perpassou a academia e chegou à vida cotidiana dos sujeitos sociais. Passou-se a ver todos os momentos da vida da mulher como contextos políticos, leia-se lugares de poder, que poderiam ser modificados; afinal, o poder estava com os homens. A partir disto se consolidou o estudo da “mulher” (cf. Piscitelli, 2002).

O conceito de patriarcado, apesar de ter sido importante para a consolidação do feminismo e de estudos sobre a mulher, atualmente pode ser rejeitado, pois se constituiu a

---

<sup>64</sup> Corrêa (1999) afirma que Bourdieu, ao tomar a dominação masculina como universal e permanente, não observou que o princípio da dominação em qualquer sociedade pode ser exercido tanto por homens como por mulheres.

partir de aspectos que são rebatidos facilmente: universalização da dominação masculina, essencialização de corpos físicos, que se tornariam trans-históricos, trans-culturais, trans-contextuais. Com os estudos de gênero é possível acabar com os principais alicerces que conceituam o patriarcado. As idéias de Pateman estão sedimentadas na teoria do patriarcado, a qual, como já explicitarei, é apenas um olhar possível frente às relações de poder e de gênero em sociedades.

O segundo grupo é formado por acadêmicas e militantes de organizações e é conhecido como feministas liberais ou contratualistas. Além do que já foi dito acima, é importante ressaltar que para esse grupo, a prostituição feminina é compreendida a partir de um ato de escolha; acredita-se que as prostitutas fizeram uso do seu direito de escolha na decisão de se prostituir e, em razão disto, a prostituição deve ser considerada como um trabalho qualquer, pois mantém a lógica do mercado capitalista: a troca monetária. A outra questão diz respeito à ponderação sobre a liberdade de escolha das prostitutas em que ficam de fora, em absoluto, crianças que se prostituem.

Mas, para enfrentar esse debate, o qual dialoga diretamente com o grupo já apresentado, as feministas liberais trouxeram à tona um dos principais questionamentos: a prostituta vende seu corpo ou serviços sociais/sexuais? Para as contratualistas, a prostituição é um trabalho, uma vez que as prostitutas estabelecem um contrato a partir de uma combinação especificando um tipo de trabalho por um período de tempo e uma quantidade de dinheiro. Rostagnol (2000) também defende esta idéia ao afirmar que “a prostituta não vende a si mesma, nem, sequer, suas partes sexuais, mas estabelece um contrato de serviços sexuais” (Rostagnol, 2000, p. 99). A partir das leituras e pesquisas em diferentes universos de prostituição, defenderei que a atividade da prostituição é um trabalho e, portanto, acredito que uma prostituta não vende seu corpo, apenas o “aluga”

para o uso de serviços sexuais, durante um certo período de tempo e em troca de um bem. Defendo esta idéia por acreditar que há uma separação entre as vivências na prostituição e fora dela e, além disto, que o corpo e o ato sexual não são unidades. Tanto as prostitutas como os freqüentadores agenciam a possibilidade de ter laços distintos: um corpo-afeto e um corpo-mercadoria. Mais uma vez é possível observar que o corpo é o terreno dessas interpretações e de uma possível inscrição social.<sup>65</sup>

### **2.3. Os Negócios na Vila Mimosa**

A partir de dados sobre a história de vida de meus informantes, observei que muitos deles estão na Vila Mimosa em razão de um negócio de família. É comum várias pessoas de uma mesma família estarem envolvidas em diferentes negócios na Vila. De todas as histórias que conheci, duas delas são representativas para apresentar meu argumento. Primeiro contarei um pouco da história de Dona Edelvina – mãe de Cleuza, Carina, França, Cassandra, Anita – e, na seqüência, a história de Laerte.

Poucos anos depois de casados, o marido de Dona Edelvina saiu de Campina Grande/PA, onde moravam, para tentar a sorte no Rio de Janeiro. Eles se comunicaram por correspondência durante algum tempo, até que ela ficou 5 meses sem receber notícias do marido. Dona Edelvina, cansada de esperar por notícias, e com o endereço que tinha da última carta do marido foi para o Rio de Janeiro atrás dele, levando consigo seus cinco filhos. No Rio de Janeiro ela encontrou-o, estabelecendo residência com ele e seus filhos. Durante os anos seguintes eles tiveram mais cinco filhos. Seu marido se embebedava, a espancava cotidianamente e mantinha relacionamentos com várias mulheres, com quem gastava todo o dinheiro que ganhava. Dona Edelvina decidiu abandoná-lo e, nesta mesma

---

<sup>65</sup> Ver Pasini 2000a.

época, começou a costurar para sustentar sua família. Uma de suas freguesas, que era prostituta, lhe deu a idéia de costurar para as mulheres da zona de prostituição onde trabalhava. Foi costurando que Dona Edelvina conheceu a Zona do Mangue. Alguns anos depois, a senhora montou uma barraca de lanches onde alguns de seus filhos a ajudavam nos afazeres. A passagem de uma barraca para um estabelecimento de prostituição me foi contada de duas maneiras. Na história mais difundida, se dizia que um estabelecimento de prostituição fora invadido por bandidos, o filho mais velho (hoje morto) de Dona Edelvina comprou dessas pessoas e o deu a ela. A outra versão, relatada por não familiares, conta que este mesmo filho de Dona Edelvina “invadiu” e tomou para si um estabelecimento de prostituição que pertencia a uma pessoa devedora de uma quantia de dinheiro para ele. Apesar dos diferentes conteúdos das histórias, ambas relatam que Dona Edelvina se tornou uma *dona-de-casa*<sup>66</sup> com a ajuda de seu filho mais velho, ainda na época da Zona do Mangue. Desde o começo dos seus negócios na prostituição, a senhora contou com a ajuda de seus filhos, aliás, apenas sua filha mais velha nunca a ajudou, todos os outros filhos já executaram diferentes atividades de trabalho e, inclusive, alguns deles, ainda hoje, são proprietários de diferentes comércios: cozinhas, lanchonetes, trailers, *casas* de prostituição. No começo da pesquisa de campo, seis filhos de Dona Edelvina trabalhavam na Vila Mimosa, mas, atualmente, apenas três estão trabalhando ativamente: elas participam de Projetos de Intervenção na AMOCAVIM e duas delas mantêm outros comércios. Além dessas duas filhas, uma outra, um filho e Dona Edelvina mantêm *casas* de prostituição alugadas. Logo depois que comecei minha pesquisa de campo, duas filhas de Dona Edelvina se uniram conjugalmente e deixaram seu trabalho na Vila (uma delas ainda recebe

---

<sup>66</sup> *Dona-de-casa* é o termo usado para se referir às mulheres que comandam um estabelecimento de prostituição.

uma quantia de dinheiro por alugar seu estabelecimento de prostituição). Além de Dona Edelvina, Dona Felícia, Dona Fátima e Vani também levaram seus filhos para ajudá-las nos seus negócios na prostituição.

A história de vida de Laerte também é representativa na compreensão da maneira como algumas pessoas se tornaram comerciantes na Vila Mimosa.

A mistura do rosto redondo e risonho, o jeito de falar – cheio de gírias e com uma musicalidade específica de grupos populares carioca – faz de Laerte um senhor envolvente, e sempre que o encontrava ficava horas ouvindo suas histórias. Laerte é sergipano e foi morar no Rio de Janeiro em 1969. Logo que chegou na cidade conheceu a Zona do Mangue, onde se tornou um cliente assíduo. Laerte estudou até a 5ª série do ensino fundamental, e com a ajuda de conhecidos conseguiu um emprego na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Mas, para ele esse emprego não era suficiente para financiar seus sonhos para o futuro e, aproveitando sua assiduidade e seu bem-estar na antiga Zona do Mangue, abriu um comércio de produtos alimentícios. Naquela época, ele não tinha uma grande quantia de dinheiro para investir em uma *casa* de prostituição, então comprou um trailer especializado na venda de lanches rápidos. Na montagem da atual Vila Mimosa, Laerte ficou temeroso com os possíveis lucros e optou por investir seu dinheiro (na troca de localização entre as duas zonas) na compra de uma residência para sua família e permaneceu com seu trailer. Atualmente, cerca de quinze anos depois, ele ainda mantém o mesmo trailer, sendo que nos últimos anos o aluga.

A princípio poderia parecer que a história de Laerte seguiria o mesmo caminho que a história de Dona Edelvina, contudo, são histórias bem diferentes. Os filhos de Laerte, diferentemente dos filhos de Dona Edelvina e de outras *donas-de-casa*, são proibidos de freqüentarem a Vila Mimosa. Para esses homens a Vila não era um espaço para seus

familiares se divertirem ou trabalhem. França, por exemplo, que começou desde pequeno a ajudar a mãe nos afazeres de trabalho em zonas de prostituição e, com o passar dos anos, tornou-se dono dos seus próprios negócios, sempre afirmava que seus dois filhos (ainda novos) jamais trabalharão numa zona de prostituição,<sup>67</sup> pois se trata de um lugar imoral e repleto de possibilidades de escolhas erradas. No entanto, em ocasiões especiais as esposas podem ser obrigadas a freqüentar a Vila. A esposa de Laerte, por exemplo, foi obrigada a ajudar o marido quando o trailer passou por problemas financeiros e não havia como pagar uma outra pessoa para realizar o trabalho. Assim como Laerte, Alencar afirmou que sua companheira só estava trabalhando em sua lanchonete devido a problemas financeiros. O caso de Alencar é ainda mais curioso. Alencar sempre contou que conheceu sua companheira enquanto ela era prostituta e afirmava orgulhosamente que a *tirou* da vida na prostituição. No entanto, ele jamais comentou que era ela quem cuidava da cozinha da sua lanchonete. Apenas em minha última visita na Vila, por acaso, a encontrei no balcão de sua lanchonete conversando com Cleuza.<sup>68</sup> A mulher esbravejava que não suportava ficar trabalhando na cozinha, dizia se sentir prisioneira do marido: *minha vida era um inferno!* Alice contou que quando Alencar a incentivou deixar a atividade da prostituição lhe

---

<sup>67</sup> Nas poucas vezes que conversei com França sobre a Vila Mimosa ele contou que foi obrigado a alugar seu estabelecimento de prostituição – que mantém em sociedade com Cleuza – devido às constantes brigas em razão do ciúme da esposa e, também, em razão da sua dependência das drogas. Na segunda gravidez da esposa ela o ameaçou: ou ele deixava de freqüentar a zona ou eles se separavam. França optou por ficar com a esposa e com os filhos. Para ele, a Vila representava ficar dias sem dormir, se relacionar sexualmente com muitas prostitutas, beber e usar drogas, atitudes que não combinavam com a vontade de manter sua família. Atualmente, França tem um pequeno bar/mercado onde vende mantimentos alimentares e bebidas alcoólicas, localizado a alguns passos da sua residência. Sempre soube do dilema de França: uma paixão desenfreada pela vida na prostituição e seu amor pela família. É interessante ouvi-lo falar sobre a falta que sente da vida que levava na Vila Mimosa, contudo, afirmava ter feito a opção certa, caso contrário, perderia o que para ele é o bem mais precioso: sua família.

<sup>68</sup> A primeira vez que vi Alice - a esposa de Alencar - foi durante o Evento Gatinha Mimosa promovido pela AMOCAVIM. Enquanto ajudávamos a organizar o local para o evento, Alencar avisou que eu não deveria me aproximar dele à noite, pois a esposa era muito ciumenta e brava. Na noite, Alencar me apresentou sua esposa, entretanto, pouco nos falamos, afinal estava “proibida” de conversar com o casal. Mas, de longe, os observei sempre que possível. Durante todo o evento não os vi dançando, também não vi Alice caminhando no salão, ao contrário de Alencar, que dificilmente permaneceu ao lado da esposa.

prometeu casamento e que sua vida seria diferente. Após oito anos juntos ela dizia se sentir tão explorada quanto na época em que se prostituía. Apesar das atuais brigas conjugais, Alice resolveu que não trabalharia mais na cozinha; ficaria no balcão da lanchonete.

Aqui está colocada uma questão para se pensar: por que os familiares não podem trabalhar na Vila Mimosa? Ou melhor, por que alguns familiares não podem? Retomando os dados acima é possível observar que há dois modelos deste negócio de família. No primeiro deles a mãe começou trabalhando em alguma atividade (costureira, vendedora, cozinheira, prostituta) em zonas de prostituição e, atualmente, é dona de um estabelecimento de prostituição e conta com a ajuda de seus filhos. O segundo modelo refere-se aos donos de *casa* que estão sozinhos na Vila: Tadeu, Laerte, Alencar, França, Ângelo, entre tantos outros. Todos esses homens têm filhos (dois deles têm filhos com idade inferior a 10 anos), mas nenhum trouxe ou pensa trazer algum filho para trabalhar consigo na Vila Mimosa. Nos poucos casos em que suas companheiras trabalharam (ou trabalham) na Vila, esta situação é reconhecida como problemática.

Também percebi esse mesmo agenciamento em outros contextos estudados. Por exemplo, em Porto Alegre, as prostitutas costumavam ter seus filhos inseridos no negócio da prostituição, ocupando uma função incomum para mulheres: gerenciavam locais de prostituição. Naquele contexto, elas afirmavam ferozmente que jamais permitiriam que seus filhos se prostituíssem. O proibido era fazer programas. Em São Paulo, também ouvi histórias de mães, tias, avós, primas de minhas informantes que já tinham se prostituído. Entretanto, nenhuma delas comentou a passagem de algum dos seus familiares homens em negócios de prostituição. Tenho me perguntado por que razão as mulheres trazem algum familiar para fazer parte do negócio na prostituição, ao passo que os homens não o fazem?

À primeira vista poder-se-ia concluir que essa diferença estaria embasada em uma diferenciação sexual: as mulheres trazem seus familiares para trabalhar consigo e os homens não o fazem. No entanto, pouco acredito que essa diferença esteja ligada a uma divisão sexual, mas antes, de gênero. Explico-me: noções de masculinidade e feminilidade circulam entre os corpos e, portanto, podem ser alocados em homens ou em mulheres<sup>69</sup>. Entretanto, na nossa sociedade, aparentemente associa-se ao feminino qualidades morais, sentimentais e o cuidado com a família e, ao masculino, o sustento econômico da família. Apesar de trabalharem em uma zona de prostituição essas mulheres cumpriam o que se espera socialmente de uma mãe: elas protegiam seus filhos, pois os tinham por perto e, além disso, os sustentavam. Ressalto que todas elas afirmavam que não eram prostitutas, ou seja, eram consideradas mulheres de respeito. Ao mesmo tempo, os homens agenciam bem o principal atributo masculino: sustentavam a família, mas não a traziam para perto de si. Em ambos os casos, o problema é se prostituir e, não, ganhar dinheiro à custa do trabalho da prostituta. Sendo assim, as pessoas se preocupam em demonstrar publicamente a diferença entre quem se prostitui e quem não o faz.

Lembro da festa de aniversário de Graziela, quando no meio da noite um homem veio até mim e, orgulhoso e delicadamente, disse ter percebido que eu não era prostituta: *Estou cuidando você a noite inteira e percebi que você não é desse ambiente, posso te encontrar em outro lugar?* Segundo ele, eu parecia uma mulher séria e dançava pouco para ser uma prostituta. Em outra ocasião, em uma das minhas primeiras visitas à Vila Mimosa,

---

<sup>69</sup> Segundo Piscitelli (2004): “Algumas abordagens antropológicas contemporâneas alargam as dimensões consideradas nesse leque de diversidades. Pensando gênero como noções com significados ambíguos e contraditórios, baseadas em domínios, identidades, objetos, comportamentos, e que também se ‘impõem’ a eles, essas perspectivas rejeitam a idéia de referentes essenciais para as distinções entre características femininas e masculinas. Afirmando que as noções de gênero, incluindo idéias sobre masculinidade e feminilidade, se expressam em metáforas cujas raízes e utilizações na vida social não são fixas essas abordagens sustentam que tais noções podem ser alocadas, indistinta e/ou simultaneamente, a homens e mulheres” (Piscitelli, 2004, p. 86).

Paraguai afirmou ter percebido que eu não era uma prostituta, pois eu estava *muito quietinha e não olhava para os homens*. Já Alencar falou que eu não demoraria em abandonar meus estudos e comprar uma *casa* na Vila Mimosa, pois eu era uma pessoa *esperta, alegre e não olhava para a zona com desprezo ou com medo*. Quando peço maiores explicações, ele afirma que eu me comporto muito bem naquele lugar, algo incomum para quem *não gosta do babado*. Esses homens apresentam modelos de mulher: a prostituta é aquela pessoa alegre, esperta e barulhenta e as não prostitutas são mulheres silenciosas, discretas, que falam pouco e em voz baixa.

Supunha que, para as donas/gerentes de estabelecimentos, fosse habitual haver a confusão entre ser ou não uma prostituta. Conversei com as donas de estabelecimentos sobre o assunto: havia realmente a possibilidade desta confusão? Segundo as *donas-de-casa*, gerentes e funcionárias de comércios, a confusão até poderia acontecer; no entanto, rapidamente seria desfeita, pois a diferença entre mulheres prostitutas e não prostitutas é perceptível. Entretanto, pelos discursos de meus informantes e pela minha própria experiência em universos de prostituição feminina, não achava que era assim tão fácil fazer a distinção. Desde minha pesquisa em São Paulo me questionava sobre como uma prostituta poderia ser reconhecida. Pelas roupas? Maquiagem? Caminhar? Vejamos uma passagem da minha dissertação em que expresso estes questionamentos:

Com relação à vestimenta das informantes é possível realizar um exercício de comparação para melhor compreender o universo estudado. Por exemplo, na Vila Mimosa, localizada no centro do Rio de Janeiro, durante uma “visita” observei que as prostitutas, na sua maioria, estavam seminuas, usavam biquínis, calcinhas e sutiãs, saias curtas, bustiês, maquiagens fortes, sapatos com saltos, brincos grandes. Em Porto Alegre, nos *pontos* que pesquisei, havia variações quanto às roupas das *prostitutas*, em três *pontos* elas usavam maquiagem no

rosto, saltos altos, calças justas (com as marcas das roupas íntimas), “shorts” de lycra, em outro *ponto* “misturavam” os estilos das roupas, ora vestiam roupas curtas e justas, ora tênis e camisetas largas e, em outro *ponto*, usavam calças de brim largas, camisetas, tênis, cabelos soltos e pouco penteado. Na região da Rua Augusta, a especificidade do vestir dessas *garotas de programa* estava em mais insinuar do que realmente mostrar o corpo. Na maioria das vezes elas estavam com decotes, blusas curtas, sutiãs aparecendo, topes de renda, blusas transparentes e as calças sempre justas ou, quando mais largas, transparentes o suficiente para que fosse possível enxergar a marca da roupa íntima que usavam. A partir dessas diversidades quanto à maneira de se vestir dessas mulheres, reflito sobre os elementos que identificariam uma *garota de programa* – as roupas? O caminhar? O contexto? (Pasini, 2000, p. 32).

Desde aquela época percebia que as roupas que as prostitutas vestiam eram dados a ser analisados, pois falavam do grupo a que pertenciam. Pensando nisto prestei atenção nas roupas de uma e de outra mulher na Vila Mimosa; afinal, a ação de colocar roupas está “investida de significados, uma vez que faz parte de uma linguagem com um código próprio” (Motta, 1998, p. 46).

Confesso que nos primeiros encontros com Fernanda, conclui que suas roupas pouco se diferenciavam das usadas pelas prostitutas. Mas, com o passar do tempo, percebi que se diferenciavam sim; elas eram mais justas, mais decotadas e curtas quando comparadas com as prostitutas que *batalhavam* na sua *casa* durante o dia. Um outro exemplo também é significativo: depois de uma tarde exaustiva junto a uma *casa* de prostituição, esperava por Cleuza na Associação, comigo estava uma outra mulher: negra, magra, baixa, calça justa, blusa tomara-que-caia, sandália com salto, bijuterias chamativas, cabelos esvoaçantes e maquiagem forte. Para mim uma prostituta, entretanto, era a Assistente Social que fazia parte da equipe da AMOCAVIM nos últimos meses. Mais tarde soube que a assistente havia mudado seu guarda-roupa com o objetivo de marcar diferenças

com as prostitutas, achava que elas se vestiam muito mal. A roupa “fala” sobre o sujeito que a veste, o qual é um resultado do seu grupo social em que as regras sociais também estão colocadas na escolha da roupa.

Mas, ao pensar sobre a possibilidade desta distinção é preciso somar outros elementos: a forma que se colocam nas mesas, o jeito que caminham, seus gestos (olhares, sorrisos), suas falas e suas práticas corporais. Alguns homens falaram sobre a diferença entre uma mulher que é prostituta e a que não é. Mário, por exemplo, afirmou que a principal diferença está no comportamento, pois algumas mulheres acham que podem *fazer igual aqui e lá fora, isso é errado!* Ele explicou que é importante se vestirem com discrição, falar de uma maneira adequada, sem muitas gírias e nunca comentar sobre a Vila. Ele contou que uma vez ele estava no ônibus e duas mulheres começaram a chamá-lo. Ele diz que mesmo conhecendo as mulheres fez como se não as conhecesse: *eu tenho vergonha na minha cara*. Laerte afirma que *tem cidadã que se comporta como cidadã legal, mas tem muitas que tem esse lado vulnerável, que deixa transparecer um outro lado que ninguém poderia saber, entendeu?* Esses depoimentos, como tantos outros, indicam representações que os homens que freqüentam o contexto da Vila Mimosa têm sobre mulheres – prostitutas ou não. Parece-me que há um comportamento ideal que as mulheres devem seguir. Moraes (1996) afirma que ser prostituta não corresponde a uma apresentação externa, que pode ser identificável, afinal, elas podem manipular – apresentando ou não – algumas marcas estereotipadas culturalmente sobre seu comportamento. Contudo, acredito que existam códigos pertencentes ao grupo aos quais ainda não tenho acesso e talvez eles sejam marcas de distinção entre uma prostituta e uma não prostituta.

Nesta diferenciação há também uma outra questão em jogo: a necessidade de demonstrar uma diferença entre trabalhadoras do comércio geral e trabalhadoras do

comércio sexual. Apesar de em nossas conversas as donas se dizerem parceiras e até amigas de prostitutas, saindo juntas para outros lugares, há uma explícita diferenciação que elas precisam reforçar; colado ao discurso da possibilidade de uma semelhança (conversa, troca de segredos, frequência dos mesmos lugares, empréstimo de dinheiro), há uma referência à diferença: *nunca fiz porta, nunca fui prostituta*. Uma conversa com Karla, uma prostituta, elucida bem a questão:

Pergunto se seu namorado sabe que ela faz programas. Karla ri alto, responde que para ele conta que tem um negócio na Vila Mimosa. Ela ressalta que jamais falaria que faz programas. Eu pergunto o motivo da diferença, afinal em ambos os casos ela está na Vila Mimosa. Karla explica que há uma diferença entre ser uma prostituta e uma dona de estabelecimento de prostituição: *a prostituta não é respeitada por ninguém e a dona de casa, mesmo que algumas vezes sofra preconceitos, não se iguala ao que uma prostituta sofre, a primeira é puta e a outra ganha com as putas. Ser puta é a vergonha!*

A diferença apontada demonstra a hierarquia que vou tratar adiante. As mulheres donas de estabelecimentos de prostituição se vangloriam por não serem prostitutas. Mesmo que elas se digam discriminadas pela sociedade, se diferenciam das prostitutas, pois essas são ainda mais discriminadas. Dona Edelvina se orgulha do seu passado, afinal, foi em razão do dinheiro que ganhou com o trabalho na prostituição que sustentou seus filhos, mas seu maior orgulho é que nenhuma das suas filhas se tornou prostituta; isto sim, seria uma vergonha. Dona Edelvina discorre sobre a questão:

*Eu deixava elas verem a vida que aquelas mulheres vivem (...) Aquilo ali é uma missão, você vê aquelas mulheres bonitas, com corpo escultural, linda, cheirosa, você vê aqueles homens imundos, fedendo a suor, fedendo a mijó, com aquela pele podre e você vê aquelas mulheres... Eu até tenho vontade de vomitar. E a mulher tinha que beijar aquele homem. Eu*

*tinha pena delas, eu ficava constrangida com aquela mulher ter que subir com aquele tipo de homem, porque eu jamais me deitaria com um homem fedendo a suor, fedendo a chulé, fedendo a mijó. (...) Não é uma vida fácil, é tudo difícil, muito sacrificado, porque a mulher entra com um homem sujo, fedorento, embriagado, fedendo a bebida ou drogado, arriscando a vida, porque qualquer uma delas tá arriscando a vida ali dentro, porque você não sabe nunca o que aqueles homens vão fazer... Isso minhas filhas, desde cedo, viram, elas viram como é essa vida.*

Certamente, em todos estes relatos, o que está sendo dito é que há relações de poder em que a prostituta e o cliente são sempre desvalorizados e os donos e donas de estabelecimentos os mais valorizados. Estes últimos são os que têm poder e prestígio.

Entretanto, como já afirmei, este limiar entre ser ou não prostituta não é assim tão estático, na vida de algumas pessoas que exercem atividades de trabalho na Vila Mimosa. Ou seja, algumas pessoas parecem transitar sem maiores transtornos entre ser ou não uma prostituta. Na festa de Graziela já citada, por exemplo, uma das convidadas era Janete, a dona do salão de beleza que divide o espaço com a AMOCAVIM. Eu a conhecia desde a primeira vez que fui à Vila Mimosa, mas pouco tínhamos conversado; entretanto, ela sempre me pareceu uma mulher discreta e silenciosa. Nesta noite ela estava eufórica, bebia, fumava, ria, jogava seus loiros cabelos compridos para todos os lados e dançava com qualquer pessoa – homens e mulheres conhecidos ou desconhecidos. No decorrer da noite os convidados comentavam sobre Janete, que estava diferente de como é no cotidiano e, mais tarde, percebi que ela se dirigiu para o local onde ficavam os quartos de prostituição acompanhada de um homem. Mais tarde, a vejo percorrer o mesmo caminho, agora com outro homem. Janete começou a fazer programas com os homens que estavam no estabelecimento. Uma das prostitutas da *casa* contou que elas dividiram o mesmo quarto, porque todos os outros estavam ocupados, e Janete cobrou a mesma quantia que ela pelo

programa. A prostituta afirmou que ela era *uma ótima colega de trabalho*. Como será retomado nos próximos capítulos, este limiar não é tão estático, e algumas mulheres transitam de uma categoria para a outra com mais ou menos maestria. Alias, essa fluidez também é característica dos homens.

A partir desta discussão proponho agora refletir sobre as diferenças e semelhanças entre as categorias de trabalho. Na Vila Mimosa, assim como em outros universos prostitucionais estudados, havia uma diferenciação entre as atividades de trabalho que compunham seu cenário: quem desempenha uma ou outra atividade será tratado, falado, olhado de uma ou de outra maneira. Em função disto agrupei as atividades de trabalho conforme esta hierarquia. O intuito ao construir esta pirâmide hierárquica imaginária, além de demonstrar essa lógica de valores do agenciamento das atividades, também apresenta semelhanças e desigualdades entre as atividades de trabalho e, com isso, explicita a pluralidade e a especificidade na estrutura e na consolidação dos serviços prestados na/para a Vila Mimosa. Dividi as categorias de atividades de trabalho em cinco grandes grupos: os proprietários de estabelecimentos de prostituição; os trabalhadores da AMOCAVIM e aqueles que prestam serviços na/para a Vila (professores, palestrantes, pesquisadores, entre outros); os proprietários de outros tipos de estabelecimentos; os empregados em geral, e, finalmente, as prostitutas e os clientes.

Mais uma vez, reitero meu interesse em analisar os negócios do exercício da prostituição e aqueles que acontecem em sua função. Busco compreender como o comércio da prostituição na área estudada é estruturado e, ao mesmo tempo, quanto custa o que se vende na Vila Mimosa. Junto a esta questão, também questiono o quão rentável é o mercado prostitucional para os sujeitos estudados.

### 2.3.1. Os Proprietários de Estabelecimentos de Prostituição

É impossível refletir sobre o negócio da prostituição sem me ater às *casas* de prostituição, até porque parece ser este o grande sonho da maioria dos meus informantes. Certamente, esta busca está envolvida pelo desejado sucesso financeiro tão falado por todos. Inclusive, como já foi visto, essa seria a categoria do topo da tal escala hierárquica. A propaganda que os donos fazem de suas *casas* é intensa, entretanto, a exaltação de ter uma *casa* de prostituição nem sempre passa pela contagem do lucro do negócio. Parece até que estes comerciantes pouco se preocupam (ou sabem) com esse lucro. Diversas vezes perguntei sobre algum tipo de controle das despesas e dos lucros, e obtinha como respostas que eles apenas sabiam do controle do número de bebidas vendidas e do número de programas feitos<sup>70</sup>. Inclusive, na maioria das vezes o dono do estabelecimento não era capaz de dizer quantas prostitutas faziam parte do grupo de mulheres que trabalhavam em seu estabelecimento. De todos os estabelecimentos que conheci, apenas o de Tadeu era diferente: havia um empregado encarregado das contas de seus “empreendimentos” (dois localizados na Vila Mimosa e um deles em outra zona de prostituição). Mesmo ele, que parecia organizado e interessado em mostrar aos outros esta imagem de um bom comerciante, jamais falou em números do lucro com o comércio com a prostituição. Fernanda foi categórica ao me explicar que não se preocupava em quanto ganhou ou quanto gastou, mas antes em pagar suas contas e da sua família. Observei que donas(os) de *casa*, quando precisavam pagar suas contas, repassavam a responsabilidade para os

---

<sup>70</sup> O comum é em cada turno do dia um novo gerente assumir a *casa* e sua primeira tarefa é indicar em um caderno quantas cervejas havia no estoque. Quando o novo gerente confere o número de cervejas no estoque ele obtém o número de cervejas do turno anterior. A partir desta diferença é que é sabido o número das cervejas vendidas. Em relação ao número de programas feito há um outro caderno com o nome de cada prostituta em que é assinalado com um risco cada vez que ela faz um programa. O dinheiro dos quartos usados fica em uma caixa separado do dinheiro obtido pela venda das bebidas. Mas, todo o dinheiro recebido na *casa* é da responsabilidade de quem a está gerenciando naquele turno.

“funcionários” (prostitutas e gerentes) e os incitavam a fazer com que os freqüentadores gastassem mais dinheiro com bebidas e com os quartos de programas. É interessante que esse mesmo discurso estava nas falas das prostitutas em minhas outras pesquisas. Elas afirmavam que quando tinham uma conta para pagar tentavam fazer mais programas naquele dia, caso contrário, não *batalhariam* com tanto afínco ou, dependendo do caso, nem *batalhariam*.

Tenho pensado que talvez meus informantes não quisessem falar do lucro de seus negócios na prostituição por desconfiarem do outro – não exatamente da minha pessoa –, pois diversas vezes eles comentaram sobre o medo de serem explorados. Havia sempre no ar um receio de que o outro pudesse enganá-lo e, por isso, também era presente o discurso da esperteza: usa-se do atributo da valentia,<sup>71</sup> não se conta todos os segredos para o outro, não se conta dinheiro na frente de outras pessoas, não se paga muitas bebidas, enfim, uma variedade de práticas. Porém, aqui há um limite fundamental que faz parte da publicitação da esperteza: é preciso mostrar aos outros que se é uma pessoa bem sucedida, mas não se pode deixá-la te explorar/enganar.

Aqui há dois elementos fundamentais a serem tratados: o poder econômico e o simbólico. Como será visto no decorrer do capítulo, um está intimamente ligado ao outro. Assim, é preciso questionar se o poder/respeito/*status* vem do lucro que uma *casa* de prostituição proporciona. Tal questão que encaminha a discussão deste item.

Logo percebi que não saberia os valores dos lucros das atividades de trabalho de uma forma explícita; assim, resolvi mapear essas informações descompassadamente: um dado aqui, outro acolá. Devagar soube um pouco sobre o trânsito de dinheiro que acontece

---

<sup>71</sup> Esse assunto será mais bem tratado no próximo capítulo.

em algumas atividades e, assim, soube um pouco mais dos negócios na Vila Mimosa. Será mesmo que esses negócios são lucrativos?

Cleuza alugou<sup>72</sup> um dos seus maiores estabelecimentos de prostituição por R\$ 900,00 semanais,<sup>73</sup> isto é, R\$ 3.600,00 mensais de aluguel. O outro estabelecimento – que ela adquiriu em março de 2004 pelo valor de R\$ 8.000,00 – é bem menor que o primeiro, portanto, o valor do aluguel também é menor: R\$ 300,00 semanais, o que equivale ao total de R\$ 1.200,00 mensais. Dona Edelvina alugou o estabelecimento que mantêm em sociedade com Cátia por R\$ 1.000,00 por semana (R\$ 4.000,00 mensal, o valor é dividido entre as duas, sendo que a mãe fica com 60% e a filha com 40%). O valor deste estabelecimento é maior em comparação ao estabelecimento de Cleuza porque ele é maior e, também, por que está mais bem localizado. Cassandra, uma das irmãs de Cleuza, construiu um trailer que vende alimentos industrializados e o alugou por R\$ 80,00 semanais, isto é R\$ 320,00 mensais. Já Fernanda, que aluga um estabelecimento grande (basicamente do tamanho de dois) e localizado em um ponto estratégico na Vila Mimosa, pagava de aluguel o valor de R\$ 1.400,00 semanais (R\$ 5.600,00 mensal).

Cleuza fez um cálculo de seus ganhos mensais: R\$ 1.800,00 mensais do estabelecimento de prostituição alugado que mantêm em sociedade com o irmão (o valor total é R\$ 3.600,00), R\$ 300,00 com o aluguel do seu novo estabelecimento, mais R\$ 500,00 mensais por coordenar um Projeto de Intervenção junto à Vila Mimosa. No total Cleuza recebe com seus negócios na prostituição R\$ 2.600,00 mensais.<sup>74</sup> Mas, nesses

---

<sup>72</sup> Esses valores são referentes ao mês de março de 2004.

<sup>73</sup> Na Vila Mimosa as contas são feitas para pagar e receber semanalmente. Segundo os informantes, isso acontece em razão da grande circulação de dinheiro. Diz-se que o melhor é pagar logo as dívidas do que acumulá-las para o final do mês, pois é difícil guardá-lo.

<sup>74</sup> Em janeiro de 2005 o valor do Salário Mínimo era de R\$ 260,00 e o valor de uma Bolsa de Estudos de Doutorado da Entidade CNPq de R\$ 1.267,00 mensais. Ou seja, Cleuza recebe mensalmente com seus

relatos sobre sua vida financeira ela esclarecia que ganhava menos dinheiro do que na época que gerenciava seu próprio negócio; entretanto, acreditava ter tomado a decisão certa ao investir nos estudos e na vida política. Além disso, ela afirmou que estava desgostosa com a diminuição do lucro do seu estabelecimento em razão das mudanças da combinação com as prostitutas. Aliás, na época do meu trabalho de campo essa questão estava em pauta na maioria das conversas. Antigamente, o acordo entre a prostituta e o dono(a) da *casa* onde ela trabalha era o seguinte: toda vez que o quarto de programa fosse usado, seria pago o chamado *1 por 1* (normalmente a prostituta fica com R\$ 25,00 e o dono do estabelecimento com R\$ 7,00 – valores de março de 2004). Nos últimos tempos houve uma mudança nesse acordo e alguns donos de estabelecimento criaram o *2 por 1*. Na nova negociação a prostituta fazia dois programas (isso significa que usava duas vezes o quarto) e pagava como se tivesse feito apenas um programa. Falar sobre esta mudança sempre gerava polêmicas, quem defendia o *2 por 1* dizia que as prostitutas se esforçavam mais em procurar clientes porque ganhariam mais dinheiro e, quem era contra, argumentava que elas não conseguiam fazer mais programas do que faziam antes, assim, apenas o lucro do estabelecimento é que diminuía. Nos últimos tempos praticamente todas as *casas* de prostituição funcionam no esquema de *2 por 1*. Inclusive, este é um dos argumentos que a AMOCAVIM usa para defender que a Vila Mimosa não era mais um lugar de cafetinagem, pois não há 100% de lucro para os estabelecimentos de prostituição, agora é 50% para a *casa* e 50% para a prostituta.

---

negócios na prostituição o equivalente a 10 salários mínimos, enquanto um bolsista de doutorado não chega ao valor de 5.

### 2.3.2. *Trabalhadores da AMOCAVIM e outros prestadores de serviço*

A AMOCAVIM é mantida pelas mensalidades pagas pelos estabelecimentos de prostituição, pelas taxas pagas pelos taxistas, pelo aluguel do salão de beleza (que divide o espaço da sala da Associação) e, também, pelos projetos de intervenção (que na verdade ajudam apenas a equipar o escritório da Associação com aparelhos eletroeletrônicos). Para compreender a circulação do dinheiro na Vila Mimosa é fundamental também detalhar os ganhos da Associação.

Em 2002, os estabelecimentos de prostituição associados a AMOCAVIM pagavam uma mensalidade de R\$ 50,00. O dinheiro arrecadado era usado para pagar o salário do empregado da Associação, a energia elétrica do corredor e o IPTU (Imposto Predial Territorial Urbano) dos Galpões (o principal mais os corredores construídos nos anos de 2003 e 2004), o valor mensal do serviço de fornecimento de água (o valor mensal é dividido entre todos os estabelecimentos) e também para pagar serviços da sua manutenção como telefone, internet, manutenção do site, materiais de escritório, correspondências.

Alguns donos(as) de *casas* se negavam a pagar uma mensalidade para a AMOCAVIM. O principal motivo é o fato de que, além de pagar a mensalidade, eles ainda deveriam pagar taxas extras para a realização de alguns serviços (ainda hoje não compreendo porque o valor dessa taxa não está incluído no valor da mensalidade). Segundo Altair, o serviço de limpeza realizado pela Prefeitura era ineficiente por causa da quantidade de lixo produzido diariamente na Vila. Dessa forma, outras pessoas fazem o serviço que deveria ser realizado apenas pela Prefeitura, caso em que o pagamento se daria pelos impostos. Os serviços<sup>75</sup> contratados por outras pessoas são: a limpeza do corredor e

---

<sup>75</sup> Todos esses valores das quantias pagas são referentes ao ano de 2002, mas até março de 2004 ainda não tinham ocorrido mudanças.

dos bueiros (R\$ 50,00 semanais), a limpeza da rua principal (R\$ 20,00 semanais), a coleta do lixo – uma pessoa de manhã e outra pessoa à tarde (cada uma delas recebe R\$ 50,00 semanais), a segurança da rua principal (duas pessoas, cada uma delas recebe R\$ 60,00 diários). Não sei qual o valor exato dessa “taxa extra”, no entanto, fazendo um cálculo por esses valores é possível perceber que não é um valor pequeno. E mais, em março de 2004 novos valores foram estabelecidos, devido à chegada de um novo líder no comando da Segurança na Vila Mimosa: os estabelecimentos de prostituição começaram a pagar R\$ 70,00 semanais, as barracas R\$ 30,00 e os vendedores ambulantes o valor de R\$ 20,00 semanais para a equipe de segurança. Quando questionei Altair sobre a obrigação da Prefeitura Municipal de realizar alguns desses serviços, ele explicou que a Associação tentou infinitas vezes regularizar os serviços, mas, no entanto, são os próprios funcionários da Prefeitura que fazem os serviços extras e que, provavelmente, impedem que os serviços se regularizem. Ou seja, apesar da AMOCAVIM pagar os impostos cobrados, a Prefeitura Municipal não desempenha satisfatoriamente sua obrigação em relação ao recolhimento do lixo e da segurança das ruas. Em outras palavras, a Associação “paga por fora” para que alguns serviços já incluídos no pagamento dos impostos municipais sejam realizados.

Outro órgão público que mantém uma relação conflituosa com a AMOCAVIM é a polícia. A relação entre policiais e prostitutas já foi descrita e discutida por diversos autores (Ariente, 1989; Freitas 1984, 1985; Mazzariol, 1976; Fonseca, 1996). Ariente (1989), por exemplo, relatou que o relacionamento entre suas informantes e os policiais era heterogêneo. Algumas vezes tornam-se amigos, outras vezes, eternos inimigos. Freitas (1984, 1985) explica que a interação entre policiais e prostitutas remetia à discussão sobre a “negociação da ordem” (Freitas, 1984, p. 213). Em outras palavras, vários elementos contribuem para gerar ou não punição, o que dependerá tanto do local onde as mulheres se

prostituem – em zonas, em bordéis, em “rendez-vous” ou na rua – como do tipo de relação que há entre as duas partes – proteção, amizade, namoro, acordos, pagamento por informações –, há uma imensa heterogeneidade neste tipo de relação. As prostitutas da pesquisa na região da Rua Augusta demonstraram que sua relação com os policiais estava calcada em um jogo assimétrico de poder mais nítido:

A polícia, na rua, é sempre entendida como uma categoria contra a prostituição. Em nenhum momento ouvi qualquer *garota de programa* se referir aos policiais como pessoas que pudessem trabalhar em seu benefício, ao contrário, policiais e *garotas de programa* são inimigos (Pasini, 2000, p. 75).

Além disso, as prostitutas relatavam que os policiais as obrigavam a pagar uma quantia de dinheiro pela sua proteção, ou mesmo, as obrigavam a manter relações sexuais sem pagamento. Na Vila Mimosa não é diferente. Agora são os estabelecimentos de prostituição que pagam semanalmente R\$ 35,00 semanais de *arrego* a três delegacias cariocas para se livrarem de possíveis transtornos no seu funcionamento. Assim como na rua Augusta, na Vila a relação entre a polícia e os comerciantes do sexo é conflituosa.<sup>76</sup>

Além das mensalidades pagas por alguns estabelecimentos, a Associação mantém outras formas de obter dinheiro. Altair esclareceu que a Associação recebia um valor pelo aluguel da sala alugada para o salão de beleza e, também, uma quantia de dinheiro vinda dos taxistas. Para um taxista ter o direito de trabalhar na Vila Mimosa, ele precisa pagar uma quantia para sua inscrição (não sei o valor) e uma taxa semanal de R\$ 30,00,<sup>77</sup> deixar uma foto e seus dados pessoais. Mesmo assim, eles não são imediatamente aceitos, antes

---

<sup>76</sup> Apesar de ter ouvido, e visto, muitas situações esclarecedoras das relações implícitas entre a Vila, drogas e a relação com a polícia, por motivos éticos e de segurança pessoal, deliberadamente, não tratarei dessas questões. Tenho certeza de que a discussão sobre essas questões em nada somaria ao debate aqui proposto.

<sup>77</sup> Valor de março de 2004.

precisam passar por uma avaliação. Até hoje não descobri quem faz e quais são os critérios de admissão, mas imagino que seja o chefe da segurança.

A este grupo também pertencem aqueles profissionais que prestam serviços para a AMOCAVIM e, de uma certa forma, para toda a população da Vila, tais como: jornalistas, pesquisadores e estudantes brasileiros ou estrangeiros; palestrantes; políticos; artistas; músicos; membros de outras ONGs; agentes de saúde do posto e empregados de Bancos Comerciais; profissionais responsáveis pelo site, entre outros. Os profissionais que prestam esse tipo de serviços não são pagos pela Associação, cada qual recebe seu pagamento do empreendimento que mantém vínculo empregatício. Estas pessoas são sempre colocadas em lugar de destaque, mas desde que saibam obedecer às regras e, portanto, não são quaisquer pessoas que podem pertencer a este grupo; estas precisam antes passar pelo aval da AMOCAVIM. Explico-me: Em uma tarde ajudava na organização de um evento que escolheria a Gatinha Mimosa. Naquele momento me encontrava só na sala da Associação organizando os itens de notas que os jurados usariam para a escolha da “Gatinha”. Repentinamente adentra esbaforido e aos berros um homem. Rapidamente o reconheci, era Milton, um dono de estabelecimento mal falado pelos componentes da AMOCAVIM em razão dos vários problemas que provoca quanto ao bom andamento da Vila Mimosa. Milton não deve ter demorado mais do que dois minutos dentro da sala, depois de “gritar” seu problema, virou-se e saiu pisando firme e falando palavras que eu não mais entendia. Na minha frente Milton esbravejou: *Tem um gringo que tá tirando fotos das minhas meninas. É a última vez que venho reclamar, se ele aparecer mais uma vez na minha frente é um homem morto.*<sup>78</sup> É comum uma centena de pessoas (entidades, associações, faculdades,

---

<sup>78</sup> Nesse caso específico tratava-se de dois jornalistas alemães que pagaram por uma reportagem sobre a Vila Mimosa. Eles foram alertados que não poderiam tirar fotos. Entretanto, em uma negociação à parte uma

escolas, televisões, jornais, entre outros) procurarem a Associação por diversos interesses, entretanto, há uma regra explícita nessa permissão: é preciso que a zona tenha algum benefício, que pode ser dinheiro ou benfeitorias em termos simbólicos. Esse grupo é bem visto entre os sujeitos da Vila, desde que saibam respeitar as regras impostas pelo grupo.

A Caixa Econômica Federal colocou um ponto de atendimento em 2003 junto à sala da AMOCAVIM. Duas vezes por semana um funcionário da CEF abria contas de poupanças para prostitutas. Depois o banco Bradesco permaneceu um tempo na Vila Mimosa, esse banco ofereceu mais serviços às prostitutas: abertura de contas poupanças, correntes, talões de cheque, seguros em geral e previdência social. Cleuza conta que de todos os projetos que implementou na Vila este é um dos quais mais se orgulha, pois sabe o quanto é difícil guardar dinheiro no bolso e, portanto, acredita que muitas prostitutas não melhoram de vida com o trabalho na prostituição justamente porque não têm onde guardar o dinheiro. Tanto um como o outro banco facilitaram a abertura das contas bancárias, pois foram comedidos no pedido da documentação particular, o que quase sempre era o principal empecilho dessas mulheres para a utilização desses serviços. Não posso me privar de ressaltar o quanto era curioso ver uma mulher praticamente seminua negociando com um atendente do banco usando camisa e gravata.

Em março de 2004 a AMOCAVIM mantinha três projetos de intervenção. O Projeto Vila Mimosa é financiado pelo Ministério da Saúde e tem como objetivo principal reduzir a incidência da infecção do HIV e o uso indevido de drogas lícitas e ilícitas no contexto da zona. O outro projeto intitulado Gatinha Mimosa tem o apoio da FLD – Fundação Luterana

---

prostituta se permitiu fotografar, só que o jornalista resolveu fazer isso dentro da *casa* de prostituição de Milton. Mais tarde, como a prostituta havia recebido dinheiro para posar para as fotos, eles foram para um estabelecimento com pouco movimento e com um membro da Associação os acompanhando, o qual lhe defenderia de possíveis confusões.

de Diacronia – e o objetivo é capacitar os membros da AMOCAVIM, ou seja, é um projeto de Desenvolvimento Institucional. Beleza Negra é o terceiro projeto e é financiado pela ONG CEAP – Centro de Articulação de Populações Marginalizadas. O projeto tem o objetivo de realizar um trabalho de intervenção para promover a saúde integral da mulher, levando em conta o autopreconceito de prostitutas afro-brasileiras que atuam na Vila.

O posto de saúde está localizado na Rua Sotero dos Reis e foi criado no primeiro semestre de 2002, em uma parceria da AMOCAVIM com o Banco Providência. O principal serviço prestado é de ginecologia, mas também há um clínico geral e um psicólogo. Os médicos do posto costumam indicar aos seus pacientes outros postos de saúde e hospitais, principalmente para a realização de exames. As despesas com estes profissionais são pagas por este Projeto de parceria entre as duas entidades. Os profissionais de saúde também preferem palestras para a população da zona.

O site oficial da Vila Mimosa foi criado em 2002 com o intuito de vender sua imagem a partir de outro meio de comunicação, principalmente para os turistas que procuravam um lugar para diversão e sexo no Rio de Janeiro. Segundo a M2BR, empresa criadora do site, naquela época havia em média 15 mil acessos diários, sendo que 30% deles eram realizados por internautas de outros países. A página de abertura do site continha pequenos textos sobre a história da área de prostituição desde a década de 20 até hoje, informações sobre os estabelecimentos (horário, infra-estrutura, mapa de localização) e sobre as prostitutas (com fotos em sessões de bronzamento, academia e dentro de estabelecimentos de prostituição) e uma sala reservada para bate papo com prostitutas.

Em meados de junho de 2003 um advogado, morador das redondezas da rua Sotero dos Reis, entrou na justiça com um pedido de cancelamento da página oficial da Vila, com o argumento de que a página incentivava a atividade da prostituição. Durante praticamente

um ano – enquanto o processo tramitava pela justiça – o site ficou desativado. Com o parecer da Justiça favorável à Vila Mimosa, em setembro de 2004 um novo site foi criado e colocado na Internet. É impressionante a diferença entre os dois sites.

O primeiro detalhe na página de abertura que aparece neste novo site é o slogan da AMOCAVIM: a figura de uma mulher com o braço direito erguido, vestindo um vestido escuro e bem comportado, saindo do miolo de uma rosa e, ao lado, escrito em letras grandes: Uma Ocupação de Respeito! Essa figura é o slogan da AMOCAVIM e a frase traduz a tentativa atual da associação mudar sua imagem. Além disto, agora os “links” do site estão direcionados para apresentar as benfeitorias que a AMOCAVIM tem prestado em prol das prostitutas e da população que mora no entorno da Vila: há fotos de eventos da Festa do Dia Internacional da Mulher, Dia das Mães, Gatinha Mimosa, Beleza Negra. Nos outros links há um pouco da história da mudança da Zona do Mangue para a Vila Mimosa, matérias com depoimentos de pessoas que conseguiram mudar sua vida e uma listagem dos patrocinadores da AMOCAVIM. O foco do site agora é outro, busca-se um diálogo com entidades, associações, organizações, governo, pesquisadores. Esse atual site traduz a nova etapa da trajetória política da AMOCAVIM, em que muito mais do que se “vender a prostituição” estão preocupados em torná-la uma Associação respeitada politicamente e conhecida/reconhecida como um lugar que mantém um trabalho de intervenção sério e competente. No último ano houve a contratação de profissionais formados que realizam um trabalho com o objetivo de desmistificar a idéia de que a AMOCAVIM é composta por “cafetinas”, exploradoras da atividade da prostituição, acusação essa que impede a AMOCAVIM de crescer e se estabelecer como uma associação engajada na luta de melhorias para o “mundo da prostituição”.

### 2.3.3. Os Proprietários de Outros Estabelecimentos

Na Vila Mimosa há muitos pontos de comércio de alimentação.<sup>79</sup> Eles, basicamente, se dividem em dois tipos. O primeiro deles funciona a partir das 11, 12 h e são especializados em produzir refeições. Na maioria das vezes os pratos são entregues no lugar que o freguês pedir – quase sempre em uma *casa* de prostituição – se bem, que alguns poucos destes estabelecimentos há um pequeno espaço e servem os almoços ali mesmo. Os pratos servidos não mudam muito entre os diversos estabelecimentos especializados. Eles são constituídos de arroz, feijão, macarrão, salada e um tipo de carne (neste item normalmente é possível escolher entre bisteca, frango ou bife). Apesar de ser chamado de marmitex ou de quentinha, não significa que é um prato único, mas servido em três potes de alumínio prateado: no maior deles estava o arroz, o macarrão e o feijão, nos outros dois menores, num estava a carne e no outro a salada. O conjunto dessas marmitex custa R\$ 5,00 em uma versão mais cheia ou R\$ 4,00 quando os potes têm menos comida. As pessoas na Vila Mimosa costumam dividir uma marmitex grande entre 2 pessoas ao invés de comprar uma pequena para si, o que torna a refeição mais barata.

Lembro que quando almoçava nos bares da Vila tinha uma dificuldade em me fazer compreender pelos cozinheiros, pois não gostava de comer arroz, feijão e macarrão na mesma refeição, preferia trocar todos esses carboidratos por batatas fritas. Contudo, muitas vezes, fui acusada de ser uma pessoa “metida” e, outras vezes, de não saber me alimentar, afinal a “força” da comida estava no arroz, no feijão e no macarrão. Além disso, quando deixava comida sobrando no meu prato percebia uma centena de olhares reprovando minha

---

<sup>79</sup> Em 29 de maio de 2004 saiu em um site a notícia que no final daquele ano abriria um restaurante do McDonald's na Vila Mimosa. Na notícia falava-se que depois de ter uma agência da Caixa Econômica Federal agora era a vez de ter um restaurante famosíssimo e do porte da McDonald's. A organizadora da implantação do restaurante é uma ex-prostituta e atual empresária ([www.cocadaboa.com](http://www.cocadaboa.com)).

ação. Com o tempo percebi que precisava conseguir dialogar com o grupo estudado quando se tratava de refeições e comecei a dividir minha marmitex com as pessoas, o que foi bem aceito e, além disso, facilitou a prática de um hábito do grupo. A convivência intensa com meus informantes e, principalmente, com Cleuza e seus familiares me fez perceber que as refeições do almoço e do jantar eram privilegiadas em detrimento das refeições do café da manhã e dos lanches. Nas primeiras vezes que me hospedei na residência de Cleuza, não compreendia como ela conseguia acordar e se alimentar com pratos que “deveriam” ser consumidos na refeição do almoço. Cleuza não costumava tomar o café da manhã. Em minhas últimas estadias em sua residência, era explícita sua preocupação com meu café da manhã. Alias, jamais vi uma pessoa sentar à mesa e tomar o café da manhã. Neste momento da pesquisa já não levava mais em conta questões que me foram tão caras no começo do trabalho de campo: mau-cheiro, falta de higiene nas cozinhas e o trânsito de mulheres seminuas e nuas transitando na minha frente enquanto almoçava.

O segundo grupo de estabelecimentos especializados em refeições funciona a partir das 18, 19 h e, em alguns poucos estabelecimentos, serve-se sopa (principalmente no inverno). Na Vila Mimosa, entre 16 h e 19 h é praticamente impossível se alimentar com uma refeição completa, e neste intervalo de horas quem mais lucra são as lanchonetes que servem salgados industrializados ou caseiros.

Conheci vários estabelecimentos especializados em refeições; entretanto, o que mais freqüentei foi o de Paula. Sua cozinha é formada por ela – a cozinheira – e mais dois ajudantes, em que um deles ajuda na preparação dos pratos e o outro, na entrega das refeições e/ou no atendimento ao público. Neste esquema, quase sempre apenas a última função é exercida por homens, quando muito, caso haja mais de um ajudante, este também

poderá ser um homem, mas jamais vi nenhum homem como chefe de uma cozinha ou uma mulher como entregadora de refeições.

Passei muitas horas do meu trabalho de campo com Paula enquanto ela organizava e preparava as *marmitas para as meninas*. Paula é uma mulher de 49 anos, negra, sergipana, falante e empolgada. Em pouco tempo de nossa conversa ela contou-me sobre seu trabalho na Vila, bem como sobre sua vida pessoal. Paula já foi cozinheira em diversos restaurantes localizados tanto em sua terra natal como no Rio de Janeiro. Depois de ficar desempregada por um longo período de tempo, ela veio junto com uma amiga trabalhar na cozinha de um estabelecimento de prostituição na Vila Mimosa. Muitos estabelecimentos – apenas aqueles localizados do lado contrário do galpão – costumam alugar uma das suas peças para que ali se estabeleça um outro tipo de comércio, na maioria cozinhas. Relembro que isso se dá em razão de que estes estabelecimentos são antigas residências e, portanto, divididas em várias pequenas peças. Assim que Paula começou a trabalhar na Vila ela se uniu conjugalmente a um homem, gerente de um estabelecimento e, juntos, alugaram uma outra *casa* de prostituição onde também montaram uma cozinha. Durante cinco anos ela foi a chefe daquela cozinha e ambos compraram o estabelecimento. Logo depois o homem terminou com o relacionamento e ficou com a *casa* de prostituição. Além de tê-la deixado desempregada, não a indenizou pelo dinheiro empregado na compra do estabelecimento. Paula contou que passou por muitos problemas financeiros devido à separação. No entanto, afirmou já ter se restabelecido e agora tem um forte desejo de vingança. Sempre que estávamos juntas ela fazia questão de contar que morava em um apartamento localizado na

Zona Sul do Rio de Janeiro.<sup>80</sup> Também fazia parte das suas histórias contar que comprava roupas de marcas famosas, aquelas conhecidas e reconhecidas em alguns grupos sociais como importantes e comunicadoras de *status* sociais, tais como: Ellus, Chocolate, Nike, Adidas. Entretanto, estas marcas são facilmente encontradas nas mãos de vendedores da Vila Mimosa – roubadas ou falsificadas.

A cozinha onde ela trabalha atualmente é uma pequena peça alugada no corredor de um grande estabelecimento de prostituição. Nessa peça há um fogão de 4 bocas e 2 balcões (um sem e o outro com pia). Paula paga R\$ 200,00 semanalmente pelo espaço e mais R\$ 100,00 semanais para cada ajudante de cozinha. Somando os valores Paula gasta R\$ 1.600,00 mensalmente: R\$ 800,00 em aluguel e R\$ 800,00 nos salários dos dois ajudantes. Paula dizia que trabalhar na Vila Mimosa era lucrativo, pois a quantia de dinheiro que ela ganhava neste negócio dificilmente seria ganhado em um mesmo tipo de negócio localizado noutro lugar da cidade. Por esse motivo ela afirmava que não pretendia deixar de trabalhar na Vila, mesmo que para isso tivesse que lutar contra seu antigo marido e agüentar a vergonha de trabalhar em uma zona de prostituição. Como de costume, insistia em saber o lucro que Paula se referia, mas ela, assim como os outros comerciantes, afirmava não ter noção do seu lucro, apenas sabia que era com esse dinheiro que se sustentava.

Outro comércio importante na Vila é a pensão de Vani.<sup>81</sup> Assim como meus outros informantes, ela também não fala sobre seus lucros, entretanto, orgulhosa conta que sustentou seus filhos com as diferentes atividades de trabalho que exerceu em diferentes

---

<sup>80</sup> Aliás, este parece ser o lugar ideal para os meus informantes, pois sempre que eles querem se referir a uma pessoa que tenha posses, afirmam que a pessoa é da Zona Sul. Tadeu também afirma que mantém sua família – lê-se esposa legal e os dois filhos – em um bom apartamento na Zona Sul.

<sup>81</sup> A pensão de Vani está localizada no segundo andar de um bar. No bar há uma mesa de bilhar, orelhão telefônico, um balcão com bebidas e várias mesas. Atrás desse salão há uma cozinha. No dia que visitei duas irmãs de Vani trabalhavam ali, ambas estavam ocupadas com o feito de refeições.

zonas de prostituição. Na antiga Zona do Mangue ela vendia roupas, e foi só na Vila Mimosa que ela montou sua pensão para as prostitutas.

Muitas delas costumam dormir no estabelecimento onde *batalham*, pois não pagam pela hospedagem. No entanto, alguma delas preferiam se hospedar em uma pensão, em busca de um pouco mais de conforto. Eu logo pensei que nisso estava colocado o problema do barulho, afinal, uma *casa* de prostituição funciona 24 horas e deveria ser comum dormir ao lado do quarto com um casal fazendo programa. Contudo, esse motivo nunca foi listado, elas reclamavam mesmo era de não ter lugar para secar suas roupas e do calor (quando o movimento de programas diminui o único ar condicionado instalado no andar onde os quartos estão localizados é desligado). O quarto custa R\$ 5,00 e a pessoa tem direito à roupa de cama e uma toalha limpas.

Vani afirma que na sua pensão não aluga quartos para programas e, dificilmente, aceita clientes como hóspedes, pois seu negócio é voltado para trabalhadores da Vila Mimosa. A pensão de Vani tem 24 camas de solteiro distribuídas em 6 quartos. Segundo ela há entre 15 a 20 meninas hospedadas por dia, mas no começo do mês o número cresce e, no final, diminui, *tudo depende do movimento da Vila*. Aquelas prostitutas que pagam antecipadamente o valor do quarto pelo período que o ocuparão são chamadas de *fixas*, elas têm o direito de ocupar a mesma cama.

Também se beneficiam com a atividade da prostituição os bares localizados no entorno da Vila Mimosa. Acompanhei Cleuza em uma visita a dois bares dos arredores da Rua Sotero dos Reis, que vendem alimentos e bebidas. Naquela época, a AMOCAVIM precisava da ajuda financeira dos comerciantes para a realização do evento Gatinha Mimosa. Apesar de ambos os proprietários reclamarem da falta de dinheiro, eles colaboraram com a quantia de dinheiro solicitada. Segundo os líderes da Associação, o

atual bom relacionamento com aqueles comerciantes aconteceu porque eles perceberam que o lucro do seu negócio estava intimamente ligado ao lucro do negócio da prostituição (mesmo que eles não estivessem diretamente ligados à prostituição), assim, se tornaram aliados na luta por melhorias do local. No passado os comerciantes queriam o desaparecimento da Vila Mimosa, e agora fazem de tudo para que ela permaneça no mesmo lugar. É preciso ressaltar que ambos os comerciantes explicitaram que não eram favoráveis à atividade da prostituição, apenas queriam se beneficiar financeiramente com o negócio, até porque não acreditavam mais na possibilidade do término daquela área de prostituição.

Na Vila Mimosa também há dois mini-mercados: pequenas barracas onde se vendem mercadorias domésticas: arroz, feijão, macarrão, sal, açúcar, café, enlatados, material de limpeza, bolachas, entre outros. Foi curioso que nunca consegui encontrar os proprietários destes comércios. Parece que este é o tipo de comércio do qual o proprietário não toma conta pessoalmente, coloca ali um funcionário de sua confiança e o deixa funcionar. Com muitas perguntas e juntando dados de diferentes observações soube que, na verdade, na maioria das vezes os proprietários desses mini-mercados já são comerciantes da zona – quase sempre donos de estabelecimentos de prostituição – e apenas estão investindo em um outro tipo de negócio. Apesar de não aparecerem muito nesse novo negócio, eles sempre estão por perto e acabam de uma forma ou outra o controlando. Não tenho dúvidas de que apenas um pequeno grupo de pessoas são os verdadeiros donos dos negócios na Vila Mimosa. Talvez isso aconteça em razão da dificuldade do consentimento e da liberação para que negócios funcionem, o qual é permitido pelo chefe da segurança da zona. Certamente, quando um novo negócio é controlado por um proprietário conhecido, tudo pode ser mais fácil. Contudo, esclareço que jamais meus informantes falaram sobre essa regra – permissão da segurança para a abertura de novos pontos comerciais –, só fiquei

sabendo dela por passar muito tempo na AMOCAVIM e, portanto, ouvir falar sobre o assunto, o qual parecia ser quase um segredo.

Também na Vila Mimosa, há dois salões de beleza, um deles aluga uma sala junto a AMOCAVIM, e o outro fica nos fundos de um dos estabelecimentos de Tadeu. Apenas freqüentei o salão localizado junto à Associação, portanto, foi nele que fiz minhas observações. O movimento do salão de beleza é intenso, dificilmente o encontrei sem alguma freguesa. O salão costuma manter 2 ou 3 funcionários mais a dona do Salão. Os serviços mais utilizados nele são: manicure, pedicure, escova de cabelo, depilação e maquiagem. Segundo as atendentes, as prostitutas costumam freqüentar o salão de beleza para arrumar seu visual antes de começar a *batalhar*. O salão funciona depois das 12 horas e costuma fechar depois das 21 horas, pois o movimento aumenta com a proximidade da noite. Conversei várias vezes com as atendentes deste Salão, mas logo percebi que o trânsito destes funcionários é imenso, poucas vezes as reencontrava trabalhando no salão. Listo alguns valores dos serviços do salão de beleza para comparar com outros. Em 2001, os valores de manicure e de pedicure juntos custavam R\$ 15,00 e, em março de 2004, o mesmo serviço custava R\$ 20,00, um valor que pouco se diferenciava dos salões de beleza localizados em bairros de classe média na cidade de Campinas/SP na mesma época.

Também havia uma academia de ginástica localizada nos fundos de um dos estabelecimentos de Tadeu. Apesar do investimento, Tadeu reclamava que as mulheres não se preocupavam com a beleza do corpo e poucas alunas estavam matriculadas, fazendo com que o negócio estivesse condenado ao fracasso. Realmente poucas vezes vi mulheres na academia, e quando as vi elas usavam os equipamentos de musculação, sem nenhum professor para ajudá-las em seu treinamento. Na minha última visita à Vila, a academia de ginástica tinha sido fechada, a sala estava vazia e os equipamentos estavam à venda.

#### *2.3.4. Os Empregados em geral*

Outro personagem importante na Vila Mimosa é o vendedor ambulante. Eles vendem diversos produtos: roupas, lingerie, bijuterias, cosméticos, óculos, maquiagens, aparelhos de ginásticas, calçados, CDs, enfim, uma variedade de produtos. Muitos desses produtos, costumam ser vendidos por um valor 50% menor do que se pagaria em uma loja legalizada. Inclusive, caso o freguês procure uma mercadoria que ali não esteja, alguns desses vendedores prometem providenciá-la o mais rápido possível. Ao mesmo tempo em que há mercadorias mais baratas, há aquelas inflacionadas, imagino que isto aconteça com aquelas reconhecidas como especialmente do gosto dos freqüentadores. Por exemplo, uma carteira de cigarros de uma marca internacional, que em qualquer estabelecimento que trabalhe com o produto não custa mais do que R\$ 5,00, na Vila é vendida por R\$ 10,00 (valores de setembro de 2002). Se não fosse em razão da falta de roupas das mulheres que transitam pela rua e pelos corredores, me imaginaria num local de comércio informal popular igual àqueles dos centros das cidades grandes: produtos feitos com materiais mais baratos e com menos qualidade.

Dentre os vários vendedores que conheci há um especial: Seu Getúlio. Eu o conheci na primeira vez que fui na Vila Mimosa, e naquela época Seu Getúlio fez várias ofertas de dinheiro para fazer um programa comigo. Ainda hoje isso é motivo de chacota de Cleuza e seus familiares, até porque naquela época fiquei extremamente constrangida. Parece que depois da minha recusa ao programa Seu Getúlio tentou incansavelmente mostrar que é um homem sério, comedido e respeitador. Apesar de sempre conversarmos, ele nunca mais fez qualquer tipo de insinuação, antes ao contrário, em nossas conversas sobre a pesquisa ele parecia completamente embaraçado em falar sobre suas relações afetivo-sexuais.

Seu Getúlio contou que começou a freqüentar a Zona do Mangue em 1971, quando ainda se localizava à rua Pinto de Azevedo. No começo ele era cliente, mas percebeu que poderia lucrar naquele lugar; como não tinha uma grande quantidade de dinheiro para investir em um negócio estável, resolveu perambular pela Zona com roupas a tiracolo para vender. Assim, durante anos da sua vida teve esta rotina, durante o dia vendia roupas na Zona do Mangue e à noite era porteiro em prédios residenciais. Nos últimos 12 anos ele sobrevive exclusivamente com o trabalho na Vila. Seu Getúlio expõe suas roupas no mesmo lugar: entre a janela e a porta de um estabelecimento do lado esquerdo de quem entra no galpão. Seu Getúlio trabalha de terça-feira a sábado, entre as 15 h e 1 ou 2 h da madrugada, e afirma que vive satisfatoriamente com o que lucra vendendo roupas, em média R\$ 700,00 por mês, até porque, como porteiro, recebia muito menos do que recebia como vendedor de mercadorias e, além disso, diz se divertir muito mais na zona.

Em minhas últimas visitas à Vila Mimososa, observei que há um novo tipo de comércio que tem crescido em um ritmo acelerado: barracas especializadas em venda de roupas, calçados e bijuterias. A primeira delas foi aberta por Tadeu, que antigamente oferecia seus produtos de marcas que eu reconhecia como de lojas famosas por preços bem menores quando comparados a comércios legais. Por exemplo, em setembro de 2002, um vestido da grife Chocolate custava R\$ 230,00 numa loja localizada num Shopping Center não popular na cidade de Campinas/SP, e ele a vendia por R\$ 80,00. Outro exemplo: um tamanco de madeira feminino exposto em várias lojas cariocas em um shopping popular custava na média R\$ 50,00 enquanto Tadeu vendia por R\$ 15,00.

Na categoria dos entregadores de mercadorias também há dois tipos: aqueles que entregam especificamente as refeições e aqueles que fazem diferentes entregas e compras, inclusive, em lugares localizados fora dos domínios da Vila Mimososa. Como foi visto, os

entregadores de refeições (que também podem ser cafés, lanches, salgados) são empregados do local onde as mesmas são feitas, e recebem um salário desses estabelecimentos; muitas vezes, acabam também ajudando nas tarefas da cozinha. Já os entregadores que realizavam outros tipos de entregas eram autônomos e recebiam pelo serviço prestado. Nesse caso, todo o lucro fica com ele (descontando os gastos com a motocicleta). Eu, por exemplo, em setembro de 2002 paguei R\$ 10,00 para um desses entregadores comprar uma passagem na rodoviária da cidade. Só depois do serviço prestado, me dei conta de que o valor pago era o equivalente ao de uma corrida e meia de táxi ou de seis viagens de ônibus até o local. Para mim, não foi um serviço barato, o que causou espanto para alguns dos meus informantes, e a partir desta situação eles passaram a me ver como uma pessoa “pobre”. Como eu poderia reclamar de pagar R\$ 10,00 por aquele serviço, se um programa custava R\$ 20,00? Acredito que aquela situação até me aproximou de meus informantes, pois se eu tinha algum tipo de poder da cultura escrita – pesquisadora, estudante de uma Universidade paulista – eu não tinha poder econômico, o qual pertencia a eles.

Na Vila Mimosa também há outras categorias de trabalhadores, as quais não vou me referir nesta pesquisa: os taxistas, os lixeiros, os seguranças, os guardadores de carros. Como já mencionei, apenas com os taxistas mantive um certo contato, o qual sempre despertou um certo receio muito maior naqueles que me acompanhavam do que em mim. Entretanto, logo percebi que seria ainda mais difícil manter contato com pessoas que pudessem representar essas atividades de trabalho. Por motivos de segurança não conversei com nenhuma pessoa ligada a tais atividades.

### 2.3.5. *As prostitutas*<sup>82</sup>

Como já disse, na Vila Mimosa, dificilmente uma mulher ficava sentada entre as mesas sem ser assediada por um homem. Ele costuma convidá-la para realizar um programa e/ou oferecer uma bebida, sentar-se junto à mesa, tentar se aproximar de alguma forma. Por eu ser mulher, também fazia parte deste campo de possibilidades do assédio dos homens, fato que me fez rapidamente aprender algumas regras deste contato. Apesar de Caetano – um cliente antigo – logo ter me ensinado que *aqui os homens pagam tudo, já aprende isso*, eu confesso que demorei a aceitar esta prática. Entretanto, com o decorrer da convivência percebi uma diferença: os homens pareciam mais ofendidos quando eu recusava sua iniciativa de pagar a conta ou o oferecimento de alguma bebida alcoólica, quando comparado à minha recusa em fazer um programa. Nesta primeira situação, os homens pareciam se sentir insultados com a recusa, já na segunda eles pareciam frágeis e completamente constrangidos pelo “erro”. Por certo, este é um dado que revela elementos tanto de um modelo de masculinidade, bem como da sexualidade desses frequentadores da Vila. Por que razão a ofensa maior estava ligada à recusa do pagamento de uma bebida do que em fazer um programa? Certamente porque, fazer programa é uma das funções do cliente, embora pagar a conta ou oferecer uma bebida é uma prática que nem todos os homens poderiam desempenhar. E, quando esses poucos o podem fazer, seria praticamente uma obrigação da mulher aceitar: aqui há a publicitação das regras dos modelos tanto de masculinidade quanto de feminilidade. Assim, o fato dele não conseguir fazer a mulher desempenhar essa regra tão fundamental na construção do ser homem demonstra sua incompetência. Como veremos no decorrer deste texto, apenas uma pequena parcela de

---

<sup>82</sup> Junto com as prostitutas, os clientes ocupam o último lugar de poder e prestígio na Vila Mimosa. Neste capítulo não tratarei desta última categoria, objeto do capítulo 4.

freqüentadores faz programas com prostitutas e, portanto, não há muitos problemas neles não reconhecerem diferenças entre as mulheres que são e as que não são prostituta.

Durante o trabalho de campo, convivi com algumas poucas prostitutas, algumas eu conheci na mesma época que Cleuza e Carina, mas, a maioria eram prostitutas que *batalhavam* nas casas de Fernanda e Tadeu, os lugares onde mais permaneci.

Elaine, uma prostituta com quem convivi, contou que tinha uma vida pacata: era casada e tinha uma moradia e um filho para cuidar, trabalhava durante o dia como cobradora de ônibus e à noite cuidava da sua casa, até que seu marido a abandonou. Depois disso, para ganhar mais dinheiro procurou agências de prostituição. Logo conheceu um garoto de programa que se tornou seu segundo marido. Depois da segunda separação, por não se achar adequada aos padrões da antiga agência, fez da Vila Mimosa o seu local de trabalho. Atualmente ela está casada com um homem que conheceu na Vila, ele é soldado da Polícia Militar e, por ganhar pouco, Elaine o ajuda nas despesas domésticas e dos seus dois filhos. Elaine contou que normalmente vem para a zona nos fins de semana, nos outros dias cuida dos filhos e vende roupas e cosméticos. Pergunto se é lucrativo vir só dois dias por semana e ela responde que às vezes compensa. Dá um exemplo, diz que na noite passada em um programa ganhou R\$ 200,00, embora diga que isso não é normal, que ontem teve sorte porque o cara com quem saiu estava com dinheiro e gostou dela. Diz que cobra R\$ 50,00 por programa. Contou também que em dois dias na zona costuma ganhar mais do que o que ganha durante o mês inteiro na venda dos seus produtos. Ela é enfática em afirmar que seu marido não gosta que ela se prostitua, mas por ele ter a conhecido na *batalha* e, principalmente, por não conseguir sustentá-la, não a obriga a deixar a atividade da prostituição.

Também convivi com Tânia, uma prostituta que acabara de voltar de uma temporada de trabalho em diversos países da Europa. Aliás, essa viagem era usada como uma espécie de qualidade e diferenciação quando comparado a outras prostitutas. Tânia, sempre que tinha uma oportunidade, comparava os homens brasileiros com alemães (o país onde mais permaneceu): *Aqui no Brasil eles pechinham e mal-tratam as prostitutas. Os alemães não, eles pagavam os programas com satisfação, felizes, muito diferente dos brasileiros que sempre reclamam. Não é só porque eles são mais ricos. Tenho muito cliente aqui [no Brasil] bem ricão. É uma questão cultural, os homens respeitam mais as mulheres naquele país.* Tânia foi presa por estar ilegalmente no país e o dinheiro que juntou na temporada fora do Brasil foi apreendido. Ela dizia que estava na Vila Mimosa apenas para juntar uma nova quantia de dinheiro para retornar a Alemanha. Tânia explicou, *na sexta e no sábado, quando eu trabalho bem, chego a levar pra casa 200, 300 paus. Durante a semana é mais difícil ganhar bem. Se tiver sorte de encontrar um trouxa até levo mais dinheiro. Tem semanas, se eu me empenhar e estiver na boa, ganho uns 400, até mais.*

Assim como os comerciantes, as prostitutas não sabiam ao certo o valor que ganhavam mensalmente, até porque dificilmente mantinham uma rotina em relação aos dias que freqüentam a Vila. Mas, como foi visto, conseguiam ter uma idéia de lucro semanal. Netto e Tabak (2003), em um artigo para um site, contam histórias de prostitutas que dizem receber praticamente o mesmo que Elaine e Tânia, certa de 300 reais semanais.

É difícil afirmar um valor mensal que essas prostitutas recebem, no entanto, pelo que pude saber, acredito que seu lucro gire em torno de R\$ 1.200 a R\$ 1.500. Estou pensando naquelas prostitutas que estão na Vila Mimosa pelo menos 3 dias por semana e que não vão embora antes de realizarem 5 programas ao valor de R\$ 20,00. Isso não

significa que muitas prostitutas não *batalhem* por menos ou por mais dinheiro e que, muitas vezes, recebem menos ou mais do que esse valor médio que calculei.

## 2.4. Algumas Questões Finais

Na primeira parte do capítulo escrevi sobre a questão do trabalho, em que propus uma reflexão sobre projetos legais que tinham o objetivo de legalizar a atividade da prostituição em nosso país. Na continuidade, apresentei um debate entre dois grupos de feministas, em que cada um deles tem uma série de elementos para embasar a discussão para se colocar contra ou a favor do entendimento da prostituição enquanto trabalho. A partir desse debate marquei o lugar no qual esta tese está inserida: entendo a prostituição como um trabalho em que trocam-se serviços sexuais por um bem e, assim, se estabelece uma relação econômica. E, além disso, há características de organização para o exercício da prostituição – regras, horários, regularidades, rotinas, preços, contatos – que a estruturam como um trabalho. Entretanto, assim como alerta Fonseca (1996), “é evidente que a prostituição, com seu *status* estigmatizado, alvo de repressão policial e censura pelo senso comum, não é uma profissão como qualquer outra” (Fonseca, 1996, p. 19). Além disso, acredito que é preciso discutir modelos de possíveis formas de regulamentar a atividade, os quais dessem conta da realidade vivida por esses sujeitos. As questões desta pesquisa foram construídas partindo desse conceito.

Na segunda parte do capítulo mostrei os negócios da Vila. Com essa descrição, mostrei quanto custa o que se vende na Vila e, assim, o quanto essas atividades são rentáveis para os sujeitos em questão. Apresentei uma outra realidade econômica de uma área de prostituição. Também concluí que o lucro de ter um estabelecimento de prostituição

é maior do que o lucro de qualquer outra atividade de trabalho. Entretanto, sugiro que o poder aquisitivo não é o único motivo que faz meus informantes desejarem estar neste lugar. Ser dono de uma *casa* de prostituição faz com que o sujeito se torne uma pessoa respeitada. Leonini (2004), a partir de uma pesquisa junto a consumidores do sexo profissional na cidade de Milão, escreveu sobre questões do dinheiro e do poder:

Nos relatos, os aspectos mais positivos e gratificantes desse consumo são: o poder que o dinheiro proporciona de escolher e dominar o outro, de não ser rejeitado, de não correr riscos expondo-se, de não ter que seduzir e atrair, já que o poder de sedução e de atração é transferido e objetivado no dinheiro... (Leonini, 2004, p. 83).

Como veremos nos próximos capítulos, o ganho do dinheiro e a sua publicitação é fundamental para se constituir um sujeito de poder. Para publicitar esse dinheiro, na maioria das vezes, demonstra-se o provimento a uma mulher, investindo-o em melhorias no estabelecimento, na utilização de jóias, na compra de carros, entre outros. Como foi visto não são todas as atividades de trabalho que proporcionam aos sujeitos essa posição. Desta forma, mais do que a intenção de se ter um estabelecimento de prostituição, se quer ter o poder e ocupar a posição social que um dono de estabelecimento de prostituição ocupa.

Por outro lado, como foi visto a prostituta não é quem recebe menos dinheiro na Vila, entretanto, é a atividade mais desvalorizada. Certamente não é porque ela realize os desejos dos homens, mas talvez porque seja ela quem explicita que se trata de um negócio da prostituição. Em outras palavras, é a prostituta quem abstrai a qualidade de romance e intimidade na relação com o homem para torná-la um serviço prestado. Em minha dissertação de mestrado discuti largamente essa questão, em que afirmava que as relações com o cliente e com o não cliente eram “privadas”. No entanto, apenas as relações com os

não clientes poderiam ser consideradas íntimas.<sup>83</sup> É o corpo que faz o elo das relações, na relação no mercado sexual é o corpo, sem criar intimidade que aparece, que não expressa afetos. Segundo Leonini (2004): “Ao se pagar a prostituta, não se compra, nesse caso, amor, mas prazer sexual, isto é, um bem de consumo entre tantos, reduzido a um determinado valor monetário, sujeito a uma avaliação de mercado entre custos elevados e benefícios derivados” (Leonini, 2004, p. 87). Com isso quero afirmar que fica a cargo da prostituta explicitar o mercado da prostituição: ela oferece um serviço específico e o vende (o serviço, não o corpo). No caso dessa análise, sugiro que as prostitutas buscam mais do que receber dinheiro dos homens, para elas importa ter o homem como seu provedor simbólico. Apesar da importância do negócio e do dinheiro que ali se ganha, há outros valores que são fundamentais para constituir essa relação, até porque esses não são os únicos – ou mais importante – bens que circulam. Na Vila Mimososa há uma circulação de bens materiais e imateriais. A mulher não precisa de um homem apenas para sustentá-la, mas antes, para ter um “lugar” (leia-se poder e *status*) na Vila Mimososa, já que esse lugar dificilmente pertencerá a uma prostituta. É disso que os próximos capítulos tratarão.

---

<sup>83</sup> Ver Pasini 2000 a; b.



## Capítulo 3

### Fronteiras do gênero

Este capítulo trata das convenções de gênero encontradas na Vila Mimosa. Enfocarei os elementos que configuram as relações de gênero entre os sujeitos sociais; mais especificamente, refletirei sobre o que defino como fronteiras do gênero: a flexibilidade e a fluidez que marcam e definem as masculinidades e as feminilidades que são construídas no contexto estudado.

Para tanto vou tratar de um atributo generificado, constitutivo do universo estudado: a valentia. Num primeiro momento, reflito sobre a valentia e o jogo relacional da conjugalidade: o ciúme da mulher e a honra do homem. Em seguida, discuto os jogos políticos; a busca pelo prestígio<sup>84</sup> e poder a partir do agenciamento da valentia.

#### 3.1. Algumas Considerações sobre Relações de Gênero

A forma como compreendo as relações de gênero procura afastar-se das abordagens que as definem como binárias ou em oposições. Minha análise baseia-se na noção de posicionalidade, inspirada em Friedman (1995) e Haraway (1991, 1995). Friedman (1995) propõe a noção de “posicionalidade relacional”, que consiste principalmente em focar a situacionalidade de cada sujeito para então poder marcá-lo enquanto tal. Sendo que nessa proposta está contido um espaço de mudanças e diferenças dos sujeitos. Haraway (1991,

---

<sup>84</sup> Penso em prestígio seguindo o conceito de Ortner e Whitehead (1981): “Finally, prestige structures are always supported by, indeed they appear as direct expressions of, definite beliefs and symbolic associations that make sensible and compelling the ordering of human relations into patterns of deference and condescension, respect and disregard, and in many cases command and obedience. These beliefs and symbolic associations may be looked at as a legitimating ideology. A system of social value differentiation, founded on whatever material base, is fragile and incomplete without such an ideology”. (Ortner; Whitehead, 1981, p. 14). Ver também Vale de Almeida (1995).

1995) também discorre sobre o tema. Para a autora, o sujeito estará marcado tanto a partir de sua situacionalidade quanto de seu contexto. Segundo a autora, “posicionar-se é, portanto, a prática chave, base do conhecimento organizado em torno das imagens da visão” (Haraway, 1995, p. 27). Toda posicionalidade está aberta para mudanças sociais e, assim, o sujeito torna-se múltiplo, fragmentado e pode pertencer a diferentes posicionamentos, os quais serão “organizados” a partir de afinidades entre os sujeitos em questão, sendo que tais afinidades poderão ser redefinidas conforme o contexto de quem está agindo. É importante ressaltar que essa possível fluidez que constituirá as relações entre os sujeitos, aponta para a idéia de que o sujeito é o agente de suas ações. Ainda segundo Haraway, o foco da afinidade poderá mudar justamente por ser situacional e contextual e, deste modo, os saberes localizados<sup>85</sup> marcarão o sujeito. Minha proposta de análise é compreender os sujeitos sociais a partir de seus contextos sócio-culturais: conjunto de códigos, valores, regras e de acordo com cada situação vivida.

Adoto neste trabalho o conceito de gênero de Strathern (1988): “categorizações de pessoas, artefatos, eventos, seqüências e tudo o que desenha a imagem sexual, indicando os meios pelos quais as características de masculino e feminino tomam concretas as idéias das pessoas sobre a natureza das relações sociais” (Strathern, 1988, p. IX). Para a autora, gênero não trata da natureza de corpos sexuados – homens, mulheres –, mas antes, de uma categoria de diferenciação. E essa diferença está no imaginário sexual e, por isso, remete-se a diferenças que estão nas ações, eventos, relações, objetos, assumindo, assim, características específicas conforme o contexto. Dito de outra forma, gênero classifica o

---

<sup>85</sup> Segundo Haraway (1995) “Saberes localizados requerem que o objeto do conhecimento seja visto como um ator e agente, não como uma tela, ou um terreno, ou um recurso, e, finalmente, nunca como um escravo do senhor que encerra a dialética apenas na sua agência e em sua autoridade de conhecimento ‘objetivo’” (Haraway, 1995, p. 36).

pensamento humano em masculino e feminino e, portanto, não está fixo na relação corpo biológico-sexo-gênero. Segundo Piscitelli (1997): “A importância destas categorizações na vida social reside em que as relações sociais são construídas através delas. O gênero é pensado como categoria ‘empírica’, como um operador de diferenças não preestabelecidas que marcam e que só podem ser compreendidas contextualmente” (Piscitelli, 1997, p. 60). Aqui, mais uma vez está colocado que o conceito de gênero apresentado por Strathern não está posto de antemão, mas antes, é construído na interação dos sujeitos.

Laqueur (2001), em uma minuciosa investigação histórica acerca do sexo, conclui que tanto o sexo como o gênero são uma construção cultural. No passado havia um único modelo “sexo único/carne única” para se falar de homens e mulheres, em que a diferença estava colocada no grau de perfeição de um calor vital (cf. Laqueur, 2001): “ser homem ou mulher estava determinado pelo lugar social, por um papel cultural e não por possuir o corpo de um ou outro sexo” (Ramirez, 2002, p. 129). A partir de mudanças epistemológicas, filosófica e políticas é que esse mesmo corpo passou a ser visto/entendido como dois sexos/duas carnes. Portanto, esse corpo com dois sexos e dois gêneros pode ser entendido como uma construção a partir da qual podemos questionar o seu caráter universal e a-histórico, não contextual.

Butler (1990) propõe uma noção de identidade social não estática e/ou essencializadora. Antes, ao contrário, a entende como um processo contingente e relacional. Para a autora, o sujeito está sempre em construção.<sup>86</sup> Butler entende gênero como

---

<sup>86</sup> Segundo Costa (2002): “Criticando a idéia de identidades fixas está a noção de que o sujeito é constituído pelo poder, mas esse poder não cessa no momento em que o sujeito é constituído – uma vez que esse sujeito nunca está plenamente constituído – mas é sujeitoado e produzido continuamente. Esse sujeito não é base nem produto, mas a possibilidade permanente de um certo processo de ressignificação, que possibilita retrabalhar o poder” (Costa, 2002, p. 229, 230).

performático, constituinte da identidade do sujeito<sup>87</sup> e inscrito no corpo. Em outras palavras, o gênero está sempre sendo feito (doing), tendo o sujeito a possibilidade, através de seu desempenho (performance), de transformar suas relações. Uma de suas abordagens é o questionamento da naturalização do sexo e dos corpos. Assim, interessa aqui, principalmente, que para a autora é possível uma re-configuração de gênero, em que marcas do feminino ou do masculino estariam incorporadas em corpos de homens ou de mulheres.

Strathern, Laqueur e Butler me inspiraram a refletir sobre meus dados de campo. A discussão sobre modelos de feminilidades e masculinidades que se constituem na Vila Mimosa está embasada na tentativa de compreender outras ou potencialmente novas configurações de gênero. No contexto estudado há diferentes feminilidades e masculinidades, e cada um deles é agenciado segundo a situação e o contexto vivenciados. Apesar dessas diferenças, há algo recorrente para se pensar gênero na Vila Mimosa. Aqueles modelos que têm um elemento comum, chave fundamental para sua compreensão: a valentia. Condição de possibilidade para se ocupar aquele contexto sócio-cultural, a valentia – atributo masculino –, não era, na Vila Mimosa, uma prerrogativa exclusiva dos homens. Incorporado tanto pelas mulheres quanto pelos homens, o atributo da valentia revela a fluidez e a flexibilidade das fronteiras de gênero e se traduz em atributo chave das convenções de gênero deste universo.

Na sociedade brasileira, a valentia é compreendida como um marcador de gênero masculino (cf. Corrêa, 1983; Fonseca 1995; 2000). Na Vila Mimosa, ela também é constitutiva das feminilidades. O uso da valentia na Vila Mimosa se dá de diversas

---

<sup>87</sup> A autora acrescenta: “Podemos ser tentados a pensar que supor o sujeito de antemão é necessário a fim de proteger a capacidade de agir do sujeito. Mas afirmar que o sujeito é constituído não é dizer que ele é determinado; ao contrário, o caráter constituído do sujeito é a própria pré-condição de sua capacidade de agir” (Butler, 1998, p. 30).

maneiras e por diferentes motivações, tais como, por exemplo, na demonstração do ciúme da mulher, na busca pelo prestígio político local, na ascendência sobre os diferentes grupos, na defesa da honra do homem, entre outros. No universo estudado, ser valente é um marcador de ambos os gêneros.

Portanto, a investigação aqui proposta busca um olhar a partir de uma perspectiva relacional: trata-se de relações de gênero. Ademais, entendo a masculinidade como uma prática exercida através de experiências tanto corporais quanto sócio-culturais em um determinado contexto. Segundo Costa (2002):

Considero que os estudos sobre masculinidades não devem constituir-se em um campo específico, mas fazer parte dos estudos de gênero, a partir do uso da categoria de gênero como relacional, situacional, não identitária. Isso salvaguardaria tais estudos de tratar as categorias de gênero como pólos fixos e de referirem-se apenas ao que é considerado um desses pólos: homem-masculino. Essa fixação tem como efeito indesejado a desconsideração do que é tido como outro pólo (mulher-feminino), e de todas as mediações que existem entre ambos e dentro de casa um deles, que faz com que as categorias de gênero, ao invés de polarizadas fixamente, sejam fluidas e relacionais (Costa, 2002, p. 235).

Assim, ao estudar o lugar do masculino na Vila Mimosa, refiro-me aos atributos de gênero que conformam todos os sujeitos sociais estudados, e não àqueles que se referem tão somente a corpos de homens. À vista destas colocações, pretendo analisar a flexibilidade e fluidez que marcam e definem os modelos de masculinidades e feminilidades construídos na Vila Mimosa. E, com isso, discutir o lugar do masculino nessa zona de prostituição.

### 3. 2. Valentia: elemento chave do universo estudado

Pesquisas etnográficas realizadas junto a universos de mulheres têm apresentado interessantes discussões sobre o tema das mulheres valentes. Nestas pesquisas, as mulheres são apresentadas como destemidas, briguentas, fortes, ousadas e, acima de tudo, capazes de assumir a própria valentia. Mesmo abordando grupos, contextos e temas distintos, as pesquisas revelam a valentia como um atributo importante, constitutivo do universo de valores das camadas urbanas de baixa renda, e que compõe o jogo relacional da conjugalidade na qualidade de um regulador fundamental dos termos do pacto conjugal. No entanto, em sendo um atributo do universo, ele pervade outros contextos e informa diferentes práticas.

#### 3.2.1. Valentia e Conjugalidade: o lugar do Ciúme e da Honra

Fonseca (1995), em um artigo a respeito do modo de expressão oral em grupos populares de Porto Alegre/RS, comenta relatos de mulheres “sobre suas reações frente à infidelidade conjugal do marido ou a transgressão sexual de uma filha” (Fonseca, 1995, p. 117). Aqui interessa a primeira questão. Segundo a autora, essas histórias lhe foram contadas entre conversas a respeito de outros assuntos e sem nunca ela ter solicitado. Havia alguns elementos comuns nessas histórias: a dramaticidade, a exatidão da repetição dos mesmos detalhes e uma junção do real com o irreal. Mas, o mais importante é que essas histórias não eram contadas em tom de sofrimento, tristeza, mas antes ao contrário, com indignação e ação – a ênfase da história estava na reação da mulher traída. Uma das interpretações sugeridas pela autora é que a partir da infidelidade masculina se instalaria uma desordem social, abrindo espaço para que as mulheres também tivessem práticas

transgressoras da regra que consolida as práticas de boa mãe e esposa: sair sozinha na rua, assistir filmes impróprios, deixar filhos pequenos sozinhos em sua residência. Essas práticas estariam justificadas por que combateriam o mal maior: a infidelidade masculina. Segundo Fonseca, “a transgressão moral do marido e a necessidade da ação feminina extraordinária para endireitar a situação vêm, neste caso, a calhar” (Fonseca, 1998, p. 121). É como se a ação transgressora da mulher pudesse ser minimizada por ter como justificativa a transgressão do homem. Na continuidade do argumento, Fonseca aponta outro elemento importante para o debate proposto: a ilusão da esposa traída em se confrontar com o marido traidor. Naquela situação, não era interessante à mulher traída defrontar-se com “seu homem”, visto que isto poderia acarretar no rompimento da relação, que é justamente o foco da investida.

Este argumento também pode ser encontrado na pesquisa realizada por Paim (1998), que estuda relações conjugais e extraconjugais em uma rede de vizinhança. Neste universo, o agenciamento da valentia acontece quando suas informantes buscam restabelecer suas relações conjugais em crise, devido à infidelidade de seus maridos. A autora demonstra que suas informantes, assim como as apresentadas por Fonseca, acreditam que a melhor reação é não enfrentar o homem, pois “enfrentar o homem poderia significar colocar em risco justo o que está tentando manter: a relação conjugal, assim parte para cima da amante” (Paim, 1998, p. 116). Isto não significa que a mulher aceitará a traição em silêncio, mas, sim que a esposa confrontará a mulher que está com seu marido e não ele mesmo. O objetivo da esposa não é dar fim à relação conjugal, e sim constranger socialmente o homem, a tal ponto que ele desista de manter a relação extraconjugal e volte a estabelecer a relação familiar.

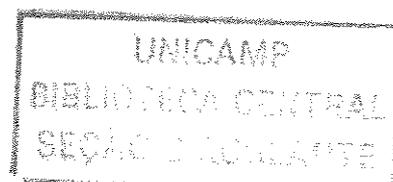
Bonetti (2000), em sua dissertação de mestrado sobre as novas formas de participação política de mulheres de camadas populares urbanas, também discorre sobre mulheres valentes. A autora afirma se inspirar nos argumentos apresentados por Fonseca (1998) e Paim (1998), entretanto, vai além do escopo interpretativo apresentado pelas autoras. Para Bonetti (2000), a especificidade das mulheres estudadas é a maneira como lidam com esse valor que é “ter” um homem ao seu lado e com a sua inserção na militância política – em que é crucial manter a imagem de mulher respeitável. Bonetti (2000) explica: “Neste sentido, os atributos de ‘mulher valente’ são acionados não apenas quando as mulheres são traídas, mas também em qualquer situação em que vejam ameaçado o seu laço conjugal” (Bonetti, 2000, p. 134). Essas mulheres agenciam códigos que fazem parte de um repertório simbólico masculino, em nossa sociedade, para permanecer nos contextos políticos. E, para tanto, a garantia da conjugalidade é importante para ter respeitabilidade social no mundo da política. Ainda segundo a autora: “Estes atributos de enfrentamento e de valentia que conformam o modelo de ‘mulher valente’ imprimem a característica que particulariza a forma de inserção destas mulheres na sua militância política cotidiana. Ou seja, o modelo de mulher valente é estendido ao mundo da política, no qual elas procuram um lugar de destaque” (Bonetti, 2000, p. 126). Assim, tornam-se mulheres na política, mais especificamente, mulheres valentes que fazem política dominando os códigos comuns de possíveis jogos políticos: disputas, estratégias, discórdias, agressões.

Já Santos (2001), em sua pesquisa acerca das relações de gênero em uma comunidade garimpeira no Estado de Minas Gerais, apresenta um outro olhar sobre a questão das mulheres valentes. Segundo a autora, nos contextos pesquisados, as mulheres briguentas, ativas, falantes e defensoras daquilo que acreditam ser o certo eram conhecidas como “mulheres quentes”, no entanto, elas se comportam de forma diferente daquelas

mulheres estudadas pelas autoras já citadas. As “mulheres quentes” nunca se voltam contra aquela que está com seu marido, e sim, contra ele. Santos (2001) explica que a “mulher quente” dirige sua valentia diretamente ao cônjuge por acreditar que a “mulher sem vergonha” – isto é, aquela que se insinua ou mantém um relacionamento com homens comprometidos – está tentando dar conta de um dos elementos que conforma um modelo de feminino, que é ter um homem. Nesse raciocínio, o marido é quem está errado, pois foi ele quem fez um pacto de conjugalidade com a esposa. Ao mesmo tempo, caso a esposa traída não enfrente o marido traidor, ela automaticamente pertencerá à categoria das “mulheres bobas”: aquelas que não conseguem controlar o marido. No contexto estudado há uma super valorização das “mulheres quentes” em detrimento das “mulheres bobas”, pois as primeiras são consideradas corajosas e ativas, enquanto que as segundas, vistas como mulheres passivas e preguiçosas.

Em todos os estudos, as mulheres valentes são mulheres corajosas, briguentas, que falam em voz alta, quase gritando, que enfrentam suas dificuldades e que buscam manter sua família. As mulheres procuram manter a relação conjugal e, assim, re-atualizar os valores fundamentais para o grupo sócio-cultural ao qual pertencem – a conjugalidade e a família. Esse objetivo é importante porque essa é uma das maneiras da mulher se constituir como sujeito social. As estratégias usadas por essas mulheres são compreendidas pelo grupo social como legítimas, tornando-as socialmente valorizadas. Contudo, não basta ser valente, é preciso usar a valentia para defender seu laço conjugal, pois ter uma relação com um homem é um elemento significativo para a conformação de um modelo de feminino nos contextos estudados.

Esses estudos me inspiraram a reflexão sobre o atributo da valentia como sendo um regulador das relações de conjugalidade. Na Vila Mimosa, não é diferente: nos discursos



das pessoas também era recorrente falar sobre a demonstração de valentia das mulheres em decorrência de uma possível infidelidade de seus parceiros. Assim como nas histórias contadas para Fonseca (1998), meus informantes mantinham a mesma perfeição de detalhes nas diversas vezes que repetiam cada história. Mas, o que mais me intrigava eram os lugares que os homens e as mulheres ocupavam nestas histórias: as mulheres ciumentas eram as atrizes principais de escândalos, choros, agressões físicas, ao passo que os homens sempre apareciam nesses relatos como os coadjuvantes – aqueles que pouco falavam, que pouco reclamavam, que fugiam. Além disso, nos momentos em que essas histórias eram contadas, sempre havia um tom de orgulho na mulher contadora – sendo ela a protagonista ou não da cena. Contudo, os homens também contavam esse tipo de história. E, da mesma forma que as mulheres, os homens se orgulhavam e se gabavam com as cenas de ciúmes protagonizadas por suas parceiras e/ou esposas, mesmo quando isso significava problemas conjugais e/ou violência física. Parecia que o ciúme estava “naturalizado” no contexto estudado, inclusive, logo fui avisada por muitos dos meus informantes sobre o ciúme das mulheres. Para melhor embasar a discussão, apresentarei situações do campo de pesquisa de dois casais: Alencar e Alice; Tadeu e Bruna.

### *3.2.1.1. Dois exemplos: histórias de Alice e Alencar, e Bruna e Tadeu*

A primeira vez que vi Alencar foi durante a festa de aniversário de Graziela, realizada em um estabelecimento de prostituição de Tadeu na Ilha do Governador (bairro localizado na zona norte do Rio de Janeiro). Logo reparei nele, pois Alencar e um outro homem permaneceram praticamente toda a noite num mesmo lugar, não os vi conversando com outras pessoas, dançando ou se movimentando pelo estabelecimento. Na segunda vez,

ele estava sentado na porta de um dos estabelecimentos de Tadeu, junto com um dono e um gerente conhecidos e parei para conversar com eles. Como previa, rapidamente conversamos sobre a pesquisa e Alencar se ofereceu para participar dela, explicou onde era sua lanchonete para que eu o encontrasse no dia seguinte, mas antes afirmou: *eu falo por uns dez homens, depois é só mudar o nome e a pesquisa está pronta!* Na tarde seguinte consegui conversar com Alencar e, para minha surpresa, o falante homem intimidou-se; suas respostas eram monossilábicas, falava com o volume da voz baixo e parecia extremamente envergonhado. Entendi que realizar uma entrevista com um roteiro, papel e caneta não funcionaria com ele, apenas quando o fiz esquecer que eu fazia uma pesquisa, reencontrei o homem falador, que se vangloria todo o tempo, brincalhão, sedutor e informante da pesquisa.

Alencar parece com muitos dos homens com quem convivi na Vila Mimosa, fala muito e num volume alto, usa palavras obscenas em sua narrativa, marca com o corpo seu estatuto: caminhar ereto, vagaroso e firme, olhar sério e expressão no rosto de quem sempre está tirando vantagem do outro, sem esquecer suas vestimentas – bermudas largas, cordões e anéis dourados, chinelos de dedo. Mas Alencar afirma que nem sempre foi deste modo, quando chegou na Vila conta que era uma pessoa tímida, envergonhada e educada. Ele lembra que costumava chamar as mulheres de senhoras, mas elas pareciam não gostar, pois respondiam agressivamente: *senhora é tua mãe, quer comer minha buceta vem logo!* Em razão de seu modo de ser, as pessoas o acusavam de ser homossexual, *só por que eu era educado, para não ter imagem de veado aqui [Vila Mimosa], tem que ser escroto. Na zona, educação é confundida por veadagem!* Alencar pontua que atualmente não é mais educado ou gentil com as mulheres, pois foi preciso deixar disso para não passar mais por homossexual, o que para muitos no contexto estudado é entendido como ofensivo.

Alencar se tornou uma figura constante no trabalho de campo, era comum passarmos o dia juntos. Na época que nos conhecemos, a AMOCAVIM organizava o Concurso Gatinha Mimosa e, assim, permanecemos alguns dias juntos envolvidos na arrumação do local para o evento (uma garagem de ônibus desocupada, perto do galpão principal da Vila). Apesar de Alencar não pertencer à Associação, naqueles dias ele passou a ajudar nos preparativos com um intenso apreço. Desta forma, acabávamos conversando sobre diferentes assuntos. Mas, foi em uma das nossas primeiras conversas que Alencar afirmou jamais ter se relacionado sexualmente com uma prostituta, assunto esse que se tornou o foco privilegiado em nossas conversas. Eu fiquei interessada, pois, até então, nenhum outro informante tinha feito essa afirmação; já Alencar parecia ter percebido o quanto essa informação era valiosa e isso significava manter minha atenção voltada para ele. Apesar dele nunca ter dito o contrário, ao mesmo tempo parecia sempre ironizar sua afirmação com piadas, risos descontrolados e, principalmente, demonstrando intimidade com algumas prostitutas (beijos no pescoço, conversas ao pé da orelha, colocava suas mãos em várias partes dos corpos das mulheres). Às vezes, parecia que Alencar queria provar que tinha interesse sexual por mulheres e não por homens, outras vezes, que se relacionava sim com prostitutas. Entretanto, em cada nova conversa ele alinhava justificativas para comprovar seu desinteresse por estas: tinha receio que a *esposa*<sup>88</sup> descobrisse a relação e isso terminaria seu relacionamento, achava que ela poderia cobrar a traição na mesma moeda, não queria que sua esposa fizesse escândalos no seu local de trabalho e assim por diante. Em todas essas justificativas, o problema estava na reação de sua esposa e, não, em um possível desinteresse por mulheres. Só com o passar do tempo compreendi sua

---

<sup>88</sup> Quando uso o termo relacionamento, parceria, esposa ou cônjuge não me refiro, necessariamente, a um casamento legal. Esposa é o termo que os homens costumam usar ao se referirem às mulheres que vivem maritalmente.

preocupação: na Vila Mimosa um homem, para ser reconhecido como tal precisa se relacionar sexualmente com uma prostituta. Em suma, como Alencar afirmava não se relacionar com nenhuma outra mulher, além de sua *esposa*, ele precisava me fazer desconfiar da sua própria afirmação, caso contrário, eu poderia suspeitar da sua virilidade.

Alencar costumava contar muitas histórias de sua *esposa* – Alice – e de sua filha adotiva<sup>89</sup>. Sobre essa última, a reação de Alencar ao falar sobre o processo de adoção é significativo. Assim que contou ter adotado uma criança, logo salientou que não a adotara por não poder ter filhos, mas sim, por pena da criança – sua mãe, uma amiga de uma funcionária da lanchonete, era nova, sem marido, moradora de rua e não tinha condições financeiras de criá-la. Ele estava orgulhoso de ter realizado uma adoção legal. Já sobre Alice, contou-me vários episódios de sua demonstração de ciúme: colecionava armas de fogo e dormia com uma delas embaixo do travesseiro, quebrava objetos, trocava a fechadura da porta, obrigava-o a dormir na sala, saía de casa e não dava notícias, entre outros. Mas, se Alencar não se relacionava sexualmente com outras mulheres, qual a razão para Alice fazer tantas cenas de ciúme? Alencar responde minha questão com um sorriso nos lábios: *Toda mulher é ciumenta, não precisa de motivo, não. Caraca, tudo que é mulher é ciumenta mesmo!*

Será, então que é da “natureza” das mulheres serem ciumentas? De fato, não se trata aqui da “natureza”, nem do que as mulheres “sentem” – mas sim do que fazem. E o que elas fazem? Cenas. Gregori (1992), em seu livro *Cenas e Queixas*, em que estuda relações

---

<sup>89</sup> Tratando-se das relações raciais, dentre todos os casais apresentados, Alencar e Alice formam o único misto.

conjugais violentas a partir de conversas com mulheres no SOS-Mulher de São Paulo,<sup>90</sup> usa o termo “cena” para falar das brigas entre casais. Para a autora, tais cenas seriam como um jogo, no qual os sujeitos protagonistas procuram falar algo para calar o outro. Para Gregori, as cenas são necessárias, pois as entrevistadas “atribuem um enorme valor a suportar, agüentar as mazelas cotidianas, ter fé em que tudo melhore. Esse é o comportamento que consideram correto” (Gregori, 1992, p. 151). Contudo, não bastava apenas suportar a situação, era preciso mostrar/demonstrar publicamente o acontecimento. Assim como acontece na Vila, era importante fazer a cena.

A cena de ciúme é a maneira que a mulher usa para mostrar ao grupo que faz aquilo que se espera dela: manter um homem ao seu lado. E, como será visto no último capítulo, também é uma forma de marcar este homem como sendo “seu”. Ao mesmo tempo, essa aparente fraqueza de uma não reação do homem frente ao ciúme da mulher faz parte do jogo relacional que constitui as relações na Vila Mimosa: a virilidade do homem e o ciúme da mulher. Deixar o ciúme da mulher se manifestar é uma forma de falar da virilidade do homem. Portanto, essas cenas de ciúme das mulheres passam a constituir o atributo da valentia tanto para os homens como para as mulheres.

A relação de Tadeu e Bruna também é exemplar para discutir o debate proposto. Tadeu, como já foi dito, é o mais famoso dono de estabelecimento de prostituição; ele foi o personagem que mais aparecia nas falas das pessoas com quem convivi. Sua reputação se deve tanto ao seu sucesso financeiro quanto sentimental. Tadeu também parece se encantar com seu êxito: adora contar e recontar suas proezas e conquistas, tais como a compra de vários estabelecimentos de prostituição, o carro novo, os colares de ouro, os presentes para

---

<sup>90</sup> O SOS-Mulher surgiu na década de 80 e oferecia serviços de atendimento a mulheres em situação de violência doméstica. Esses serviços baseavam-se numa linha feminista que acreditava que era possível conscientizar essas mulheres acerca da sua opressão.

suas *mulheres*<sup>91</sup> e, principalmente, os relacionamentos afetivos que mantém com seis mulheres, afirmando *sou o marido de cada uma delas!* Tadeu nasceu na Paraíba e veio com seus pais para o Rio de Janeiro ainda jovem. A história da família retirante nordestina que melhorou financeiramente de vida no sudeste, também faz parte de sua propaganda. Ele é graduado em Administração de Empresas e, devido à sua formação, trabalhou por diversos anos em empresas multinacionais (por este motivo é ele quem normalmente produz e corrige os ofícios da Associação). Alguns anos atrás, seu irmão o chamou para ajudar a solucionar um problema em seu estabelecimento comercial, um estabelecimento de massagem. Desde então, sentiu-se apaixonado pelo negócio da prostituição. Atualmente, ele tem duas *casas* de prostituição na Vila Mimosa e mais uma na região norte da cidade.

Em nosso primeiro encontro, Tadeu se mostrou um homem comedido, tanto nos gestos como nas palavras; movimentos suaves, voz macia e baixa, sempre muito gentil e prestativo. Com o decorrer da pesquisa percebi que ele tinha um comportamento diferente dos outros homens que compunham o cenário da Vila Mimosa: cruzava as pernas ao sentar, cuidava de plantas, era o responsável pela decoração de seus estabelecimentos de prostituição, bem como dos eventos sociais que ali aconteciam. Além disto, dava dicas de etiqueta às prostitutas: ensinava-as a caminhar e a se portar frente aos clientes, orientava sobre as roupas e a maquiagem que deveriam usar. A sua *suíte*, como ele denominava um dos lugares onde vivia, no último andar de um dos seus estabelecimentos, tinha inúmeros bichos de pelúcia, porta-retratos, espelhos, guardanapos de crochê, uma infinidade de ornamentos decorativos espalhados pelo lugar. Toda esta suavidade e sensibilidade

---

<sup>91</sup> Sempre que me referir ao discurso de Tadeu e/ou a análise referente a ele, grafarei o termo mulher e mulheres em itálico para indicar que é uma palavra êmica. Tal distinção é importante por que Tadeu faz uma separação: as mulheres são aquelas com quem ele mantém algum tipo de relação mais íntima e as meninas são as prostitutas que trabalham para ele, mas com as quais ele só mantém uma relação comercial.

revelada por Tadeu, desapareciam quando interagiam com os seus funcionários. Nestas relações ele se mostrava rígido, direto, autoritário, severo, olhar firme e volume de voz alto. Apesar de Tadeu assumir, em algumas situações, atitudes sociais e corporais culturalmente atribuídas a um dos modelos de feminilidade, jamais ouvi qualquer tipo de insinuação de uma não virilidade ou de uma pouca valentia.

A figura de Tadeu é uma das mais instigantes que conheci, pois ele é um homem que utiliza os atributos de gênero culturalmente construídos como femininos num contexto em que a masculinidade é um valor fundamental. Na Vila Mimosa, a comprovação da masculinidade<sup>92</sup> se dá a partir de comportamentos que demonstram virilidade. Como foi visto, a virilidade de Tadeu é construída por outros elementos. Tadeu utiliza diferentes atributos de gênero, sejam masculinos, sejam femininos e pode fazê-lo porque dá provas públicas de poder: mantém relacionamentos com muitas mulheres e prova que as sustenta, é alvo de cenas de ciúmes de sua cônjuge, tem mais estudo que a maioria das pessoas na Vila, demonstra que enriqueceu (carros, ornamentos dourados, roupas) e isso comprova que ele gere bem seus negócios e sua relação com seus funcionários. Tadeu demonstra publicamente que é um homem viril, com prestígio e poder.

O fato de Tadeu manter relações entendidas por ele como conjugais com seis mulheres e mostrar ao grupo que as sustenta, é um elemento fundamental para a sua qualificação de um homem com prestígio e poder. Ressalto que essas relações são diferentes daquelas estudadas em outros contextos de prostituição, em que o companheiro da prostituta fazia parte do negócio da prostituição.<sup>93</sup> Tadeu estabelece, com essas seis mulheres, relações que vão além das sexuais e do sustento financeiro; ele as protege e lhes

---

<sup>92</sup> Segundo Vale de Almeida (1995), “na vida cotidiana os homens usam uma variedade particular de masculinidade que subordina outras variedades” (Vale de Almeida, 1995, p. 149).

<sup>93</sup> Ver Fonseca (1996), Pasini 2000 a; b; c.

dá um status diferenciador quando comparado com outras; características essas de um provedor simbólico. Como já explicitiei, Tadeu se refere a elas como sendo suas *mulheres*, entretanto, Bruna não é apenas sua *mulher*, ela é também sua *esposa*. Essa diferenciação me leva a crer que há uma hierarquia entre as duas nomeações, em que ser *esposa* está colocado no mais alto posto. Como veremos no decorrer do capítulo, Bruna tem marcas diferenciais dos outros relacionamentos com quem Tadeu também diz ser marido, só que elas não são suas *esposas*.

De todos os relacionamentos, um deles é oficial e foi realizado há cerca de 15 anos. A cônjuge oficial é médica, trabalha em uma clínica particular e têm dois filhos, eles moram num apartamento no bairro da Tijuca (zona sul do Rio de Janeiro). Apesar de Tadeu explicitar que não nutre qualquer tipo de sentimento por ela, afirma que não se separaria, pois *ela agüenta tudo e não me pede nada*. Apesar de não se sentir mais ligado afetivamente à cônjuge oficial, afirmava que ainda a mantinha financeiramente, pois é sua obrigação enquanto marido. Durante o trabalho de campo, tive a oportunidade de conhecer duas das suas companheiras afetivas. Conheci Angelita enquanto visitava Tadeu em um dos seus estabelecimentos de prostituição. Naquele entardecer, tanto Tadeu quanto Angelita pareciam nervosos: ela suava muito e ele ria sem motivo aparente. Pouco conversei com ela, pois rapidamente ele a tirou de onde estávamos – um lugar onde ela poderia ser vista facilmente por qualquer pessoa. Mais tarde soube que ele tinha receio que Bruna – uma das suas outras *mulheres* – a visse e fizesse um escândalo em razão da traição. Muito tempo depois, Tadeu contou que Angelita estava grávida e, apesar do seu aparente pânico, afirmou que a criança teria seu sobrenome e todo seu apoio financeiro, mas ela jamais seria sua *esposa*, pois este lugar era ocupado por Bruna.

Bruna é outra das parceiras afetivas de Tadeu. Eles estão juntos há cerca de dez anos. Ele a conheceu em um dos seus estabelecimentos de prostituição e diz ter se apaixonado por ela no mesmo instante em que a viu. Desde então Tadeu passou a sustentá-la e Bruna deixou de se prostituir. Tadeu assegurou que ela é sua *esposa*, é com ela que ele compartilhava seu dia-a-dia e com quem planejava seu futuro. Ao contar seu cotidiano, ele relata carinhosamente o que costuma fazer ao chegar na residência onde mora com Bruna: *a primeira coisa que faço é molhar a área de baixo, daí eu digo, tô subindo! Aí tomo um solzinho, uma cervejinha, uma comidinha, um sexo, um banhinho, uma descansadinha. Aí começa tudo novamente* [volta para a Vila Mimosa], *uma vilinha, uma bebidinha.* Alegremente Tadeu contava que organiza sua agenda para encontrar-se com Bruna pelo menos uma vez ao dia, pois caso não aparecesse, ela jogava suas roupas no chão, mudava o segredo da fechadura da porta da residência, quebrava pratos, copos, demonstrava de alguma forma sua insatisfação. Bruna era uma mulher ciumenta.

Em uma noite quente do Rio de Janeiro, em uma mesa de bar, entre muitas pessoas Tadeu me mostrou envaidecido – como quem exhibe um troféu –, a cicatriz no abdômen, resultado de uma das agressões dessa companheira, que o esfaqueou por acreditar estar sendo traída. Noutro dia, ele contou que Bruna o ameaçou com revólver, que destruiu bares, agrediu fisicamente ele e outras mulheres. Tadeu sempre contou essas histórias sorrindo e demonstrando orgulho, ele parecia mesmo se satisfazer com essas situações.

Sempre tive muita curiosidade e receio em conhecer Bruna. Curiosidade, porque meus principais informantes falavam nela constantemente e receio, porque sabia da sua passionalidade. Minha primeira impressão ao encontrá-la, no aniversário de Graziela, foi de surpresa, parecia estranho imaginar que aquela mulher de meia idade, longos cabelos loiros

cacheados, olhos azuis, olhar sereno e sorriso discreto, pudesse ser a protagonista de uma vasta lista de cenas de ciúme e de violência física.

Nesta noite, assim que cheguei na festa, Tadeu veio até mim e falou, em um volume baixo e discretamente, que não poderia conversar comigo, porque Bruna estava na festa e ficaria com ciúme. Com o passar das horas o comportamento de Tadeu parecia ainda mais estranho, pois apesar dele ter alertado sobre Bruna, vinha constantemente conversar comigo, mas fazia isso como quem queria disfarçar, esconder-se: ele usava frases curtas e volume baixo, quase um cochicho. Ele estava se comportando de um modo muito diferente do comum, logo propus que me apresentasse a Bruna, mas além de negar, ele passou a se comportar ainda mais estranhamente – não tirava os olhos de mim e me agredia deliberadamente –; era como se ele quisesse demonstrar que havia algum tipo de ligação entre nós. Com o passar do tempo, as pessoas pareciam também reparar nas atitudes de Tadeu e, várias vezes, lembravam-me do ciúme de Bruna.<sup>94</sup> Sua conduta surtiu resultados, pois algum tempo depois, quando todos os convidados estavam no salão dançando, percebi que Bruna me observava. Durante a maior parte do tempo permaneci junto ao grupo onde estavam Cleuza, suas duas irmãs, a dona do salão de beleza (que divide a sala da AMOCAVIM) e um casal proprietários de uma distribuidora de bebidas. Entretanto, na primeira vez que me encontrei sozinha, Bruna veio conversar comigo.

Havia poucas mesas que estavam reservadas para os convidados da festa, sento onde estávamos antes de irmos dançar. Só quando escuto uma voz perto de mim é que percebo que Bruna está sentada na mesa ao lado da minha, ela está sentada e Tadeu em pé, na sua

---

<sup>94</sup> Acredito que, além do fato de eu ser uma estrangeira naquela festa, outro elemento suscitasse o receio das pessoas frente ao comportamento de Bruna: o meu tipo físico. Conta-se que todas as mulheres com quem Tadeu se relaciona são brancas, de olhos claros e cabelos loiros, inclusive, muitas delas usam tinturas e lentes para se adequarem ao seu gosto.

frente conversando com um homem que não tinha visto durante a noite. Bruna pergunta por que eu tinha parado de dançar. O volume da música é alto e eu faço muito esforço para ouvi-la, sorridente eu respondo que não sabia dançar direito aquele ritmo musical, ela diz que eu dançava bem, que havia reparado. Apenas sorrio para agradecer. Ela se ajeita em uma outra posição para melhor se fazer ouvir, agora ela envolve as pernas de Tadeu entre seus braços e, seu rosto, está praticamente colado em uma das coxas dele. Bruna com um tom de comando sugere que eu retorne ao salão, eu falo que estou cansada e sugiro que ela é quem deveria ir dançar. Bruna balança negativamente a cabeça e diz: *Ele [Tadeu] não deixa!* Eu permaneço em silêncio e com a cabeça faço um sinal de positivo, como quem diz que a entendo. Subitamente Bruna diz: *ele é meu marido!* Eu respondo que já sabia e sem esperar sua resposta a aviso que voltaria a dançar. Durante o resto da noite me perguntei diversas vezes o objetivo de Bruna: por que ela se aproximou de mim? Por que me informou que Tadeu é seu marido? O que ela queria com isso?

No dia seguinte à festa Cleuza relatou que Bruna veio lhe falar de mim. Cleuza lhe explicou quem eu sou, o que fazia, meu estado civil e, principalmente, que eu era sua amiga e que estava sob sua proteção. Cleuza esclareceu – explicitamente ou não – que Bruna não poderia e/ou deveria me enfrentar, pois compraria uma briga com ela. Encontrei-a novamente alguns dias depois, numa noite em que estávamos todos em um evento social na Vila Mimosa e logo fui cumprimentá-la, enquanto Tadeu se ocupava com os últimos preparativos do evento. Logo depois de me apresentar a ela digo que quero lhe falar sobre a minha pesquisa, mas nem precisei falar muito, pois Bruna já conhecia o discurso: ela estava bem informada ao meu respeito. Comecei a conversa falando do meu encantamento com a Vila Mimosa, rapidamente ela diz que nunca gostou dali e que, atualmente, pouco a frequenta, até porque *Tadeu não gosta, não é um bom lugar para a gente ficar, né!* Em pouco tempo estávamos conversando sobre sua relação com Tadeu. Ela logo enfatizou o incontrolável ciúme que um sente pelo outro e gargalhando contou que Tadeu a proíbe de conversar com qualquer outra pessoa quando ele não estiver junto, principalmente, se tiver

algum homem e, com um tom de voz mais grave e como se estivesse imitando Tadeu, fala: *vim conferir se está tudo certinho, eu tenho que cuidar do meu gado* [Bruna]! Além disto, Bruna também não pode sair de sua residência sozinha; durante o dia, ela ainda tem permissão, desde que especifique para onde vai, mas à noite, ela conta que realmente é proibida. Estarrecida eu pergunto se ela não vê problemas nessas proibições e Bruna calmamente responde que eles brigavam muito, *era de porrada, eu ficava toda roxa e ele também*. Ela afirma ter concluído que essas brigas estavam acabando com o relacionamento, então resolveu mudar seu comportamento – quando está perto do *marido* não sorri e não conversa com as pessoas – e, apesar de saber que está se anulando, diz se sentir bem, pois a quantidade das brigas diminuiu e, em tom de aconselhamento, diz: *a melhor forma de não brigar com o marido é deixar de fazer o que ele não gosta que se faça, isso se gostar mesmo dele*. Bruna ressaltou que nas brigas com violência física que mantinha com Tadeu ele ficava mais machucado do que ela, porque ele não tinha coragem de agredí-la fisicamente,<sup>95</sup> ao contrário dela, que no fervor da briga esquecia o quanto machucava. No final do discurso sobre sua mudança de comportamento, Bruna ainda afirma que Tadeu é um bom homem; é só fazer o que ele ordenar, ele lhe dá o que deseja. Sua vida cotidiana também foi foco da nossa conversa: *Tadeu é muito ocupado e, às vezes não vem pra casa durante o dia. Isso me dá uma raiva. Ele precisa aparecer, senão os vizinhos vão pensar que não tenho homem em casa*.<sup>96</sup> Durante o dia Bruna cuida do lar, do

---

<sup>95</sup> É interessante pensar que Bruna relata que em suas brigas com Tadeu em que aconteceu violência física, ela o tenha agredido mais do que agredida, e a justificativa para essa situação é que ele não teria coragem de machucar uma mulher. Entretanto, na Vila Mimosa, é comumente falado que Tadeu agride fisicamente mulheres que saem com ele. A história é que Tadeu, depois de uma certa quantidade de bebida alcoólica perde o controle e faz barbaridades – lê-se violência física – com as mulheres que estão com ele. Inclusive, ele mesmo costuma contar sobre esses acontecimentos/incidentes.

<sup>96</sup> Retomo, mais uma vez, que Tadeu se relaciona com seis mulheres. Tadeu dedica seu maior tempo a Bruna; já sobre a cônjuge legal, ele diz pouco encontrar; em relação às outras quatro mulheres, ele as encontra durante o dia. O fato é que ele não dorme na casa de nenhuma das *mulheres*, usa a desculpa de comandar

filho (que teve em outro relacionamento conjugal) e do bem estar de Tadeu: alimentação, roupas, saúde.

Tadeu levou cerca de trinta minutos para se desvencilhar dos problemas do evento e sentar-se conosco. Era evidente seu nervosismo, talvez pela aproximação da hora do evento, talvez por receio de que eu tivesse dito algo impróprio à Bruna ou ela a mim, talvez pelas possíveis cenas de ciúme dela... Passado alguns poucos minutos me retirei da mesa do casal; antes disso, Bruna reiterou o convite para que eu fosse visitá-los, sorrindo ela pediu o consentimento de Tadeu, o qual foi ignorado.

Além da cômpute oficial, Bruna, Angelita e as outras três *mulheres* com quem Tadeu mantém relações maritais, ele ainda parece ser querido por outras mulheres, com quem costuma se relacionar sexualmente. A primeira vez que ouvi sobre essas outras relações foi quando Graziela nos contou que estava furiosa com Tadeu, pois na noite anterior o gerente de um dos seus estabelecimentos telefonou para sua residência pedindo que ela viesse tirar Tadeu das ruas da Vila Mimosa. A pessoa estava com receio que Bruna chegasse e o encontrasse naquela situação. Graziela conta que o encontrou *completamente bêbado, se agarrando com uma puta pelos corredores*. Mais uma vez, há o temor da reação de Bruna, que é causada por ciúme de seu parceiro. Muitas vezes me perguntei por que somente as cenas de ciúme de Bruna eram valorizadas. Poderia imaginar que o motivo seria que as outras parcerias de Tadeu não as protagonizassem, mas estava errada, pois soube que cenas desse tipo também eram agenciadas por essas outras *mulheres*. Contudo, existia sim um motivo, Bruna era respeitada porque nestas cenas ela cumpria o seu papel de mulher: lutava para garantir sua posição de mulher casada. Aqui está a diferença entre Bruna e as outras

---

*casas* de prostituição para não se fixar nessas casas. Os únicos lugares em que Tadeu dorme são na casa da *esposa* legal, de Bruna e num quarto que mantém numa das casas de prostituição na Vila Mimosa.

mulheres com quem Tadeu se relacionava: apenas ela era considerada (e reconhecida) *esposa*. Mesmo Tadeu afirmando ser marido de todas as mulheres, só Bruna domina os códigos que regulam uma relação conjugal no contexto estudado. Dentre eles, a manutenção de uma moradia em conjunto com Tadeu, onde ele não é apenas o provedor financeiro, mas publicamente seu homem; em contrapartida, ela cuida do lar, de suas roupas e de sua alimentação. Em outras palavras, há elementos simbólicos que configuram essa relação e que concedem legitimamente a Bruna.

A observação das práticas até agora descritas, problematiza a perspectiva de que a valentia é usada pelas mulheres para defender suas relações afetivas, em que o ciúme aparece como um valor importante para a construção dessa relação. Entretanto, não basta apenas sentir o ciúme, é preciso demonstrá-lo publicamente. A demonstração do ciúme trará vantagens para a mulher, pois o fato dela lutar para ter um homem ao seu lado demonstra o quanto cumpre com que é esperado pelo grupo. Trata-se de um contexto de prostituição e, portanto, a demonstração (e comprovação) de que a mulher tem um homem (e, portanto, que ela “é” de um homem) é uma forma de se diferenciar de outras prostitutas e, assim, ser respeitada no grupo. Da mesma forma os homens, ao acolherem a demonstração pública do ciúme das mulheres, também tiram vantagens para si: há uma supervalorização da sua virilidade. Até porque a valentia da mulher, usada em razão do ciúme, corrobora com a valentia do homem; estamos diante de um jogo relacional da valentia. Além disso, quando um homem sofre uma demonstração de valentia da mulher em razão do seu ciúme, ele é elogiado e usado como exemplo em outras situações, e a pessoa em questão terá orgulho disso tudo. Já quando uma mulher sofre a ação movida pelo ciúme do homem, ela se torna uma mulher não respeitável, imoral e indigna daquele homem. Nesse caso, a mulher precisará mudar seu comportamento, pois transgrediu o papel de boa

esposa e mãe. Já o homem, quando infiel, assim permanecerá, inclusive se orgulhando e vangloriando da demonstração pública da valentia de sua esposa.

Outra faceta da questão também pode ser analisada ao refletir sobre o tema do erotismo.<sup>97</sup> Ao pesquisar uma zona de prostituição, parecia que um dos temas pré-determinados e que deveria fazer parte do estudo era o erotismo. Entretanto, desde o princípio tentei fugir de questões prontas levados ao campo de pesquisa, esperava que acontecesse o contrário, que os dados me trouxessem as questões que seriam importantes serem analisadas. Assim, apenas após um longo período é que compreendi que, para discutir o tema da valentia, era preciso cruzá-lo com o tema do erotismo.<sup>98</sup> Na Vila Mimososa, o ser valente traz a marca do erótico.

No primeiro capítulo, ao descrever duas situações etnográficas com dados sobre sujeitos sociais que freqüentavam a bares na Vila, já apresentei elementos importantes para a análise que proponho aqui. No estabelecimento de Fernanda, por exemplo, as prostitutas tinham atitudes corporais agressivas – falavam alto, tinham o andar pesado, davam poucos sorrisos, conversavam pouco –, e tinham no rosto uma expressão entediada e quase nenhuma paciência com os homens. Aliás, como já mencionei, o mais comum era as prostitutas conversarem entre si ou assistirem TV, ler alguma revista, dificilmente alguma delas procurava por algum freqüentador: há um desprezo ao homem. Além disso, aquele estereótipo de prostitutas usando roupas curtas, justas e decotadas não passava de lendas quando se tratava desse estabelecimento, já que o comum era elas vestirem calças de brim, camisetas, e mesmo quando usavam saias ou vestidos, estes ficavam na altura da coxa,

---

<sup>97</sup> Assim como Gregori (2003), uso os termos erotismo e pornografia indistintamente.

<sup>98</sup> Segundo Davidson (1998), um tema recorrente nos trabalhos sobre prostituição é o uso que as prostitutas fazem da erotização. O estudo sobre os estilos de erotização incide nas conceitualizações de masculinidade e nas autodefinições, enquanto clientes, dos homens consumidores.

sandálias sem salto e pouca (ou nenhuma) maquiagem no rosto. Muitas vezes, suspeitei que isso pouco interessava àqueles freqüentadores; todavia, não se tratava disso, eles pareciam se sentir especialmente atraídos por essas mulheres que não se enquadravam nos estereótipos de prostituta. Ainda neste capítulo, expus que dois homens afirmavam que, quando a mulher estava mais vestida a fantasia sexual deles aumentava, devido à sua curiosidade por aquele corpo escondido. Segundo Bataille (1987), o desnudamento é um movimento de erotismo, pois leva ao despudor e, ao mesmo tempo, prepara o corpo para o prazer, uma vez que o desejo erótico supõe dissoluções relativas ao ser constituído e às formas de vida social regular. Mas, não se tratava apenas de roupas. Na pesquisa realizada na região da rua Augusta, as prostitutas não seduziam os homens de uma forma doce, com expressões meigas, sorridentes e maliciosas, não investiam seu tempo na conquista e, muito menos, deixavam os homens tocar em seus corpos, antes ao contrário, observei e convivi com algumas prostitutas nada passivas ou prontas para servir os desejos dos homens. Naquele contexto, deparei-me com prostitutas que utilizavam a performance do desprezo para conquistar os clientes. O seguinte relato demonstra melhor este argumento:

Em São Paulo, nos *pontos* observados, a maneira de seduzir os prováveis *clientes* era diversa. Enquanto conversava com algumas *garotas de programa*, dificilmente seus olhares desviavam-se da conversa em busca de algum *cliente*, não demonstravam qualquer preocupação com os homens que passavam. Muitas vezes as *garotas de programa* permaneciam conversando comigo enquanto um carro parava em seu *ponto*. Quando resolviam finalmente ir ao encontro do cliente seu caminhar até ele vinha calcado em uma discreta lerdeza somado a um quase desdém (Pasini, 2000, p. 79).

Para aquelas prostitutas estudadas, tratar mal um cliente também era uma forma de seduzí-lo, o que naquele contexto realmente funcionava, pois a clientela era intensa;

inclusive, as prostitutas estudadas costumavam falar de seus clientes como homens objetos.<sup>99</sup> Já na Vila Mimosa, há uma heterogeneidade maior nas práticas de sedução. Diria que as prostitutas que estão no estabelecimento de Fernanda, como foi descrito, pareciam também utilizar a performance do desprezo para atrair os freqüentadores e, inclusive, até algumas delas afirmavam não seduzir os homens. Já as prostitutas do estabelecimento de Tadeu não se enquadravam nessas descrições. Essas últimas vestiam poucas roupas e investiam muito do seu tempo e do seu corpo em um mesmo freqüentador, inclusive, permitiam que os homens as encostassem (tapinhas, beliscões, passar mão no corpo, dançar juntas) e elas também os provocavam com danças e passadas de mãos. No contexto estudado, há diversas maneiras de sedução: o desprezo, a doçura, o desdém, a atividade e a passividade,<sup>100</sup> os toques ou não nos corpos, o corpo coberto ou não, olhares, palavras, enfim, uma série de jogos em que a prostitutas buscam a concretização do programa. Isto significa dizer que é possível encontrar práticas diferenciadas de sedução: elas tanto podem usar atributos femininos como masculinos.

Ilustrativo disso é um caso, ou melhor, uma cena que assisti na festa de aniversário de Graziela.

Perto das 3 horas Cleuza me chamou para irmos embora. Imagino que sua vontade tenha se dado em razão da cena que sua irmã acabara de protagonizar. Tudo começou depois que uma prostituta da *casa* fez seu show de dança que teve como ponto alto um strip-tease, tudo isso em um palco pouco iluminado, com música específica e rodeado de pessoas. Depois disso, alguns homens aparentemente bêbados pareciam ainda mais alegres e empolgados. Um deles subiu ao palco. Rapidamente, as pessoas se colocaram em torno do palco e, principalmente, as mulheres começaram a aplaudir e a gritar. Cassandra – uma das irmãs de Cleuza – também subiu no palco e os dois produziram uma série de cenas, que chamo de

---

<sup>99</sup> Ver Pasini 2000 a.

<sup>100</sup> Ver Gaspar 1985.

eróticas. Em uma delas, Cassandra inclinava seu corpo para trás e com as mãos se apoiava no chão, as pernas abertas e direcionadas para o homem. Ele, que estava na posição de um quadrúpede a mordida, lambia e beijava. O homem beijava praticamente todas as partes do corpo de Cassandra, mas sempre que tentava seus lábios ela o agredia com tapas sem direção, acertando alguns em seu rosto. Na maior parte do tempo seus corpos ficaram colados, a mão de um no corpo do outro, ela segurava a bunda e o pênis do homem e ele privilegiava seus seios. Outra vez Cassandra rasgou em puxões sincronizados a camisa do homem. Entretanto, a cena mais curiosa foi quando ela abriu as calças do homem e a puxou para baixo e, rapidamente, para cima novamente. Para surpresa da platéia ele não usava cuecas. Depois dessa cena os seguranças do estabelecimento pediram para os dois descerem do palco e apesar das vaias eles encerraram o “show”. Durante o espetáculo as irmãs de Cassandra riam em demasia, mas, algumas vezes diziam estar envergonhadas. Cassandra desceu do palco conversando com o homem, mas cada um foi para um lado do bar. Não demoramos a sair da *casa*, contudo, neste pouco tempo eles se falaram algumas vezes, mas, não percebi mais toques de mãos. No percurso para casa Cassandra afirmou que aquela tinha sido sua melhor experiência sexual; teve um gozo físico. Logo a questiono por que razão não saiu com o homem e ela respondeu que ficou em dúvida, mas depois concluiu que estava em um estabelecimento de prostituição e, caso, fosse para um quarto com ele seria confundida com uma prostituta.

Essa cena pairou em meus pensamentos por muito tempo. Eu me perguntava se em um outro lugar este tipo de cena seria aceita. Será que só em um estabelecimento de prostituição poder-se-ia vivenciar a sexualidade e os desejos desta maneira tão explícita? Acredito que sim, pensando principalmente na especificidade que uma zona de prostituição adquire ao tratar de performance sexual.

Mas, além disso, outro elemento me chamou atenção: a agressividade com que os dois sujeitos, mais especificamente Cassandra, se colocou na cena. Parece que esse tipo de prática é usual entre os informantes. Como já demonstrei, Tadeu parecia permitir (e gostar) de ser agredido fisicamente por Bruna; além dele, posso citar alguns outros homens que falavam de um desejo em especial: a submissão. Em todos esses casos/cenas parece haver

um desafio por parte dos homens e, ao mesmo tempo, um gostar por este tipo de performance. Pode-se dizer que a agressividade das mulheres faz parte dos elementos que constituem um gosto de homem. Assim, essa agressividade, que também pode ser entendida como valentia, somado a um certo desprezo de algumas prostitutas que, a princípio, poderia estar em qualquer outro lugar, torna-se específica quando em uma zona de prostituição. Com isso quero afirmar que essas práticas que em outros contextos e situações poderiam ser compreendidas como atos violentos, na Vila Mimosa, também torna-se uma marca erótica.

Não posso me furtar de ressaltar que algumas prostitutas também são consideradas mulheres valentes. Muitas vezes, as vi se comportando a partir de atributos de valentia: falavam alto, insultavam, se espancavam e se defendiam dos homens sem qualquer traço de medo. Lembro-me de uma visita que um candidato a Deputado Estadual fez em companhia de alguns membros da AMOCAVIM, numa noite de sexta-feira, à Vila Mimosa. Naquela noite aproveitei para perambular pela zona e, por certo, diversos homens se aproximaram, mas sempre tinha alguma prostituta para ajudar a descartá-lo. Em uma dessas ocasiões perguntei se a mulher me conhecia, a resposta foi negativa, no entanto, a prostituta explicou que percebeu minha inexperiência e veio ajudar. A prostituta – como se fosse minha professora – explica que quando não quiser fazer um programa com o homem devo imediatamente tratá-lo mal e, ao mesmo tempo, mostrar *que não tem medo do cara*, caso contrário, o homem não vai embora. Em outras palavras, é preciso mostrar que se é uma mulher destemida, forte, valente para conseguir fazer respeitar sua vontade e escolha.

### 3.2.1.2. *Honra: o ciúme do homem*

Os dois casais apresentados têm o ciúme das *esposas* como uma característica significativa em comum. Mas, dentre estas diferentes histórias é importante reconhecer a especificidade de cada uma delas. No caso de Alencar e Alice, por exemplo, há uma demonstração explícita da valentia de Alice em razão do seu ciúme. A princípio, acreditava que o ciúme de Alice incomodava Alencar; como foi visto, tratava-se de um mero engano, visto que ele se orgulhava de tais cenas. Ainda que à primeira vista pudesse parecer que a história de Tadeu e Bruna tivesse as mesmas características que a de Alencar e Alice, é preciso alertar para um importante diferencial: o ciúme de Tadeu. Mesmo que ele seja lembrado apenas pela própria *esposa* – que sofre a ação do marido ciumento – é um dado representativo, pois Tadeu não é o único homem que conheci com esse tipo de reação. Se por um lado é possível observar a importância do modelo de ciúme das mulheres, é impossível não perceber que esse sentimento também é vivenciado por homens.

Ouvi muitas histórias de homens que faziam cenas de ciúme: além de Tadeu, também há Mário, França, os companheiros de Graziela, Cleuza, Dona Edelvina e Fernanda. Entretanto, é curioso que quando as mulheres contavam cenas de ciúme dos homens, logo argumentavam que eles defendiam sua honra.<sup>101</sup> Quase como se no repertório masculino não houvesse a possibilidade da demonstração de ciúme; as cenas das quais me referi eram defesas de honra. Na Vila Mimosa, a demonstração do ciúme é uma obrigação

---

<sup>101</sup> Interessante que apenas as mulheres se referiam ao termo honra. Os homens jamais usaram esse termo. Eles falavam de uma preocupação com sua imagem, reputação, comportamento e, também, com da sua família.

das mulheres e, portanto, não pertence aos homens, até porque, ele nunca admite ser ciumento, o seu grande pavor mesmo é de ser “corno”.<sup>102</sup>

O caso de Mário é exemplar para refletir sobre o assunto. Mário é dono de um estabelecimento de prostituição em sociedade com sua mãe e, apesar do corpo grande e traços forte no rosto, em nossas primeiras conversas se manteve monossilábico, tímido. Entretanto, depois de muitos encontros, ele se mostrou um homem falante, alegre e sedutor. Numa de nossas conversas, ele contou que sua esposa – ex-prostituta – era ciumenta e, em razão disso, costumava cheirar e vasculhar os bolsos das suas roupas, olhar seu pescoço em busca de manchas de batons, mexer em seu celular, enfim, exercia um controle incisivo. Já ele era diferente, se definia como *um homem de mente aberta*. Para comprovar sua autodefinição contou-me uma situação que viveu com a *esposa*:

*Um dia minha esposa pediu pra ir numa festa. Eu deixei, sem falar nada, não sou de ficar tendo ciúmes. Depois disso, eu comecei a estudar o comportamento dela. Eu pergunto o que ele fez? Mário explicou: cuidado se ela vai brigar mais, se ela tá nervosa, menos carinhosa e, se alguma dessas coisas acontecer, coloco meus espões na rua! Respondendo meu questionamento sobre quem eram seus espões Mário falou: Coloco meus amigos pra saber por que ela tá diferente. A mulher sempre que faz algo errado o homem descobre. Ela é boba e não sabe trair. O homem não, o homem, tu pode ver, ele é esperto e sabe trair!*

Mário demonstrou, tanto nessa como em outras falas, que tinha uma única preocupação: o comportamento da *esposa*. Ele jamais se colocou no lugar do homem ciumento, e todas as possíveis cenas ocorridas aconteciam em razão de uma má conduta da mulher, a qual poderia prejudicar sua posição social, até porque tratava-se de sua honra.

---

<sup>102</sup> Agradeço Claudia Fonseca pela dica desta análise.

A honra é um elemento simbólico fundamental constituinte do universo estudado. Discussões importantes sobre honra e vergonha têm sido feitas há longo tempo. Um modelo de referência obrigatória foi construído a partir de estudos etnográficos tendo como universo empírico a região mediterrânea. Pitt-Rivers<sup>103</sup> (1971), que estudou numa aldeia Cipriota, construiu a definição de honra que uso neste trabalho: “A honra fornece, portanto, um nexos entre os ideais de sociedade e a reprodução destes ideais no indivíduo através de sua aspiração de os personificar” (Pitt-Rivers, p. 13 – 14, 1971). A partir desse conceito é possível observar que há dois aspectos analíticos: o individual e o social. No primeiro aspecto está contido o orgulho pessoal, a imagem construída a partir de normas sociais e, no segundo, trata-se de um código de interação, socialização. A honra é um código de conduta e, portanto, um regulador das práticas cotidianas dos sujeitos.

Segundo Fonseca (2000), esse modelo de análise foi longamente criticado, principalmente porque centrou-se em construir lugares estereotipados para os homens – machos – e as mulheres – submissas. Em suma, como se os homens estabelecessem as regras e as mulheres se submetessem a elas. Já no universo estudado por Fonseca estudou foi preciso rever esse jogo: “Ao que parece, na vila, as sanções socialmente aceitas contra o adultério feminino não são suficientemente pesadas para intimidar todas as mulheres. O homem é mais marcado pelo estigma do que sua mulher transgressora” (Fonseca, 2000, p. 152). Naquele contexto, o comum era apontar os homens “cornudos”, e não as mulheres adúlteras. É curioso, mas era o homem quem mais ficava estigmatizado com a transgressão da mulher. E mais, na violação do pacto de reciprocidade, vinda tanto do homem como da mulher, os reflexos negativos eram atribuídos ao homem.

---

<sup>103</sup> Ver também Peristiany e outros autores conhecidos como autores do Mediterrâneo que se dedicaram a estudar a questão da honra, durante a década de 80.

Para a autora, isso demonstra que quem mais lucra com esse tipo de jogo são as mulheres, até porque elas manipulam a imagem pública dos homens e, assim, usando fofocas, piadas e acusações poderão desmoralizá-los socialmente: “Diante da ‘irresponsabilidade’ dos homens, elas ficam vulneráveis, em perigo de sucumbir à decadência material; contudo, pela palavra feminina, os homens são submetidos a sanções simbólicas de importância proporcional” (Fonseca, 2000, p. 155). Mas suas conclusões – mulheres menos vitimizadas e homens menos dominantes – parecem diferentes de outros estudos e a autora questiona: isso se daria em função de uma especificidade geográfica? Ou por uma transformação cultural? Ou seu recorte epistemológico? Mesmo que todos estes elementos tenham contribuído, Fonseca acredita que isso tenha se dado devido ao avanço dos estudos, em que é possível ir além de divisões binárias e/ou estratégias de sobrevivência. Assim, a análise dos dados etnográficos foi feita a partir de uma abordagem de dinâmicas sociais e culturais em que o assunto de honra foi tratado como um assunto de alteridade. Nessa mesma linha de raciocínio, Fonseca sugere pensar o gênero como parte do campo das relações de poder, em que se deve levar em conta as próprias tendências culturais.

As questões colocadas demonstram a possibilidade de usar o tema da honra como uma ferramenta analítica frente ao material etnográfico. Da mesma forma, ressalto, mais uma vez, que a honra tanto regula o comportamento dos sujeitos como os define socialmente perante o grupo.

Na Vila Mimosa, assim como no universo estudado por Fonseca, há diferenças com as situações de honra mediterrânea, mas, sugiro que essas diferenças estão marcadas devido ao arranjo de gênero que são articulados nesse contexto: trata-se de uma zona de prostituição e, portanto, há algumas especificidades. Como será visto no próximo capítulo,

quando um homem se relaciona com uma prostituta e essa passa a ser sua *esposa*, automaticamente ela deverá deixar de se prostituir. Mas não basta só isso, a esposa ainda terá que manter uma conduta exemplar segundo seu grupo e, nisso está colocado, como foi visto, deixar de freqüentar uma zona de prostituição. A honra de um homem depende do comportamento da sua mulher. Corrêa (1983) mostrou que, para a justiça, a honra do homem estaria comprovada no comportamento da sua esposa; desta forma, seria ela quem precisaria agenciar suas práticas sociais conforme os valores do grupo social. Acredito que em razão da mulher ter sido prostituta, sempre há uma cobrança de um comportamento adequado àquilo que o homem acredita ser o ideal. E mais, mesmo quando a prostituta mantém um relacionamento não conjugal, o homem exige dela monogamia e privilégios. Como também será visto no próximo capítulo, faz parte da honra do homem na Vila Mimosa ser um *privilegiado*: aquele que a prostituta trata com algumas diferenças em relação a outros freqüentadores. Isso em nada significa que a mulher é vítima da relação com o homem, apenas revela um outro arranjo dessa relação. Mas, neste contexto, a honra do homem também rege as relações sociais.

A relação que Cleuza – uma mulher considerada valente na Vila Mimosa – e seu marido mantêm, também é exemplar para a reflexão em torno da defesa da honra, bem como da valentia e constituição de feminilidade.

Cleuza foi uma das minhas principais informantes. Acolhia-me em sua casa nas viagens ao Rio de Janeiro. Com ela compartilhei inúmeras situações, nos mais diversos contextos. Vou contar uma situação de tensão entre Cleuza e o seu companheiro. Cleuza, como era de costume, chegou na sua residência da escola onde terminava o supletivo do ensino médio, por volta das 23 h. Enquanto conversávamos sobre o seu dia, ela se alimentava rapidamente com um discreto sanduíche. Toda sua atenção e energia estavam

direcionadas para a preparação do jantar do seu companheiro, que costumava chegar por volta das 24h. Assim que ele chegou, recolhi-me para o quarto onde dormiria. Logo em seguida o ouvi reclamar: *filha, que comida ruim é essa?* Ao que ela retrucou ter feito o seu prato predileto: arroz, purê, bife e salada e, desculpando-se, prometeu melhorá-lo. O companheiro, irritado e perceptivelmente alterado, reclamou ainda mais e, aos brados, a acusou de não saber cuidar do lar, batendo a porta da rua em seguida.

Cleuza e o companheiro tinham uma relação atribulada, marcada pela violência; na maioria das vezes as brigas aconteciam em razão de companheiro acusá-la de incompetente: não sabia cuidar da casa e não era fiel. Nessas acusações, estava explícito que ela deveria mudar seu comportamento. E, como foi visto, essa era a prática mais comum, isto é, Cleuza tentava se adequar àquilo que lhe era esperado, mas, ao mesmo tempo, havia uma cobrança familiar. Em uma conversa com Dona Edelvina ela, aos brados, questionava: *Como minha filha, valente como é, deixa um homem bater nela?* Tal situação aponta para um aspecto da valentia: a necessidade de tê-la na Vila Mimosa e de não tê-la na sua relação marital. Não que Cleuza – em algumas ocasiões/contextos – deixasse de ser valente, mas quando em interação com seu companheiro, esse atributo era desprivilegiado em relação a outros valores como ter um homem, ser fiel e cuidar do lar.

Durante o trabalho de campo, Cleuza registrou uma denúncia contra ele numa delegacia, bem como teve que sair de sua própria residência por duas vezes. Entretanto, após alguns poucos dias eles estavam novamente juntos. Cleuza só se separou do companheiro quando descobriu que ele havia feito um empréstimo de dinheiro usando um dos seus crediários. Para ela, o fato de ter sido agredida fisicamente não era tão grave quanto ser roubada, pois da primeira circunstância ela poderia se defender.

Como foi visto, a violência física é um elemento presente nas relações conjugais apresentadas. Certamente, o tema da violência física é fundamental para a compreensão do grupo estudado. Eis aqui algumas anotações de uma tarde que passei junto a Cleuza e Graziela na AMOCAVIM:

Assim que eu e Cleuza entramos na Rua Sotero dos Reis paramos em uma das barracas para pedir o almoço. Sempre ficamos muito tempo resolvendo o que vamos almoçar. Nesta etapa do trabalho de campo confesso que não tinha mais qualquer preocupação com a falta de higiene, com o cheiro... No caminho até a Associação Cleuza encontra um homem conhecido. Ele diz estar fugindo da polícia, pois não pagava a pensão para seu filho há cinco meses, Cleuza preocupada com a situação (sempre fica quando o assunto é criança) faz perguntas sobre a situação do homem, mas quando descobre que o valor mensal da pensão é R\$ 20,00, o destrata e o deixa falando sozinho. Mas, alguns passos depois, ela volta e diz em um tom indignadíssimo que ele merecia estar preso. Cleuza está brava, entre outras coisas, diz que não entende como um homem não paga a pensão do filho e vem para uma zona de prostituição. Na AMOCAVIM Cleuza trata de alguns assuntos cotidianos com Graziela. Como é o costume de todos, almoçamos sobre a mesa de trabalho de Altair, durante o almoço assistimos televisão que hoje estranhamente está no canal do SBT, o usual é estar no canal da Rede Globo. Depois do almoço aproveitamos que Graziela estava trabalhando em sua mesa e nos sentamos na sua frente para conversar. Em cima da mesa de Graziela há muitos papéis e sacos de preservativos masculinos vindos do Ministério da Saúde, que separaríamos para realizar a distribuição semanal que a AMOCAVIM realiza. Enquanto isso conversamos vários assuntos: as prostitutas que reclamam da falta de dinheiro, os problemas do vício da irmã de Graziela, uma briga entre frequentadores... Até que Cleuza reclama novamente de sua relação conjugal. Ela contou sobre uma das últimas brigas horrendas que travou com seu companheiro e rindo muito ela abre sua calça justa de brim e a abaixa até a altura das pernas, puxa a blusa para cima e aponta as manchas roxas que pintavam seu corpo. Em todo o momento da demonstração, Cleuza não parecia se queixar da situação, antes ao contrário, eram marcas de orgulho. Ela diz que também o tinha agredido bravamente. Imagino que em razão do meu olhar de terror ela fala: *Caraca Lis, tá pensando o quê? Eu não sou mulherzinha, não. Acha que eu ia só leva? Eu bati nele, bati de verdade!* E, como se cada uma de nós devesse contar uma experiência, Graziela diz que já apanhou muito de homem, mas sua pior *surra* aconteceu alguns anos atrás quando foi

agredida fisicamente por seu companheiro: *um homem meu, foi aqui na porta da zona, quando eu estava indo embora*. Desta agressão resultou duas costelas e o braço esquerdo quebrado, entretanto, Graziela não achou ruim, diz que aprendeu a escolher e a lidar com os homens, gargalhando alto relata: *Hoje tenho um pistoleiro. Só que a arma não serve pra nada. O menino bebe e fica logo bonzinho, ele não faz o tipo machão, ao contrário, o machão da casa sou eu!* Para mim era difícil relativizar, tinha que me controlar para não demonstrar meu completo pavor. Pouco tempo depois desta conversa escuto uma das atendentes do salão de beleza conversar em voz alta no telefone (que fica localizado na sala da AMOCAVIM). Ela parece se defender de alguma acusação, pois repete várias vezes que passou o dia trabalhando no salão de beleza. No decorrer da conversa, a mulher usa palavrões, esbraveja e acusa o homem de não merecer sua consideração, até porque ele não pagava mais as despesas da família e, *nem deita mais comigo!* Graziela não gosta da confusão e fala em um tom de indignação e, no mesmo volume que a atendente, que é para ela desligar o telefone, *você não precisa agüentar chateação de velho, que porra é essa!* A mulher desliga o telefone e aos prantos se dirige ao banheiro. Mais tarde soube que seu companheiro a acusava de traí-lo, isso porque ela fez um curso de cabeleireira sem sua permissão. A movimentação na AMOCAVIM é intensa, muitas mulheres passam por ali para chegar no salão de beleza, muitas pessoas vem vender objetos dos mais variados, outras buscam seus documentos perdidos, há também quem vem fazer alguma reclamação, alguém que vem pagar a mensalidade e/ou alguma conta atrasada de água, de energia elétrica, dos seguros e, assim por diante. Pouco antes das 16 h, uma mulher chega na Associação esbaforida contando que *a mulher do Tubarão levou um pau e tá toda quebrada!* Altair rapidamente levanta da sua cadeira e faz menção em ir resolver o caso, mas Graziela diz que é ela quem vai resolvê-lo. Enquanto isso leio e discuto com Cleuza e Altair alguns documentos sobre seu novo projeto junto ao Ministério da Saúde. Graziela não demora em retornar, ela estava extremamente alterada e falando alto: *Mulher aqui na Vila não pode se meter a valente, leva um tapa e dá o rosto de novo*. Ela conta que uma prostituta se desentendeu com outra e acabou sendo muito agredida pela adversária, ironicamente e em tom de aconselhamento diz: *não é qualquer uma que pode ser macho aqui dentro! Só eu é que sou valente aqui, tá pensando o quê?* Pouco depois acompanho Cleuza na distribuição semanal dos preservativos masculinos, mas desta vez, a convenci a entrar nas *casas* de prostituição do lado contrário da AMOCAVIM (o comum é colocar uma mesa em frente à porta do prédio onde fica a Associação e Altair realizar a distribuição), para que eu tivesse a oportunidade de conhecê-las. Neste dia acabei ouvindo ainda outras

histórias como, por exemplo, a de Mariana que estava escondida em uma casa de prostituição por estar muito doente (Cleuza chamou uma ambulância para levá-la para um hospital público) ou de Joana que contava alegremente que acabara de realizar um programa e o cliente lhe pagou R\$ 150,00. Muitas histórias...

Esse fragmento de um dos diários de campo suscitou-me várias questões, contudo vou me concentrar em apenas uma delas: a violência. É sabido que a violência não é um acontecimento uno e homogêneo; conseqüentemente, acarretará diferentes significados conforme o contexto e o grupo social em que é vivenciada. A melhor maneira de compreender um fenômeno tão plural como este é tentar captar suas singularidades, bem como seu caráter específico, ressaltando as dinâmicas culturais que estas manifestações sugerem.

Uma das linhas de compreensão (Connell, 1995, 1997; Leczneski, 1995) sobre o tema afirma que “a violência pode chegar a ser uma maneira de exigir e afirmar a masculinidade em lutas entre grupos” (Connell, 1997, p. 44). Neste aspecto há, pelo uso da violência, uma tentativa de reconhecer e/ou reforçar a força, a coragem, a virilidade e a respeitabilidade, elementos estruturantes de um dos modelos de masculinidade que encontrei na Vila Mimosa. Na busca pelo respeito, da honra, por uma demarcação de território e de ser homem, algumas vezes é preciso a violência. Contudo, a análise que proponho pretende ir além dessa compreensão. Acredito que a violência, em alguns grupos sociais, seja uma forma de legitimar a masculinidade; para além disso, constitui-se enquanto uma linguagem entre as pessoas, ou seja, recebe-se violência e da mesma maneira esta é devolvida, como se houvesse uma lógica de atos violentos. A violência é constituinte da realidade cotidiana deste cenário, e para que uma pessoa consiga ser respeitada neste meio é necessário que ela saiba utilizar-se desta regra social. O uso da violência estende-se

para a comprovação do poder e da liderança social. Neste sentido, na Vila Mimosa a violência física parece ser naturalizada. Entretanto, é preciso mais uma vez relativizar e contextualizar. Essas questões me fizeram lembrar Leczneiski (1995), uma autora que pesquisou “guris” freqüentadores de uma praça central de Porto Alegre/RS. Leczneiski (1995) afirma que “para os guris, suas brigas não são consideradas atos de violência, embora definitivamente assim pareçam a quem as olha de fora” (Leczneiski, 1995, p. 105). Nesta passagem há um questionamento do que se entende por violência: ou seja, aquilo que pode significar um ato de violência para quem vê (mas não pertence ao grupo), não o é necessariamente para quem o pratica (o próprio grupo). No contexto estudado, a violência é um elemento da vida cotidiana.

Também acrescento alguns questionamentos que o movimento feminista trouxe para o estudo da violência, principalmente a violência doméstica. Uma das críticas que algumas estudiosas do tema fazem se refere a uma generalização da dicotomia homem/algoz e mulher/vítima, generalização esta que estruturaria as relações conjugais (Gregori, 1992; Grossi, 1996; Soares, 1999; Bonetti, 2000). Um novo olhar sobre essas questões aponta para uma “mudança do enfoque centralizado na mulher enquanto vítima, para as relações conjugais onde as violências estão acontecendo. A proposta de análise passa a perceber cada situação de violência de forma contextual, através das mais diferentes experiências dos indivíduos dentro dos seus universos culturais de referência” (Bonetti, 2000, p. 63). Gregori (1992) é uma das estudiosas que defende este tipo de análise. O argumento da autora é que a agressão funciona como uma forma de comunicação, em que os parceiros não estão necessariamente buscando acordos, negociações; antes, há um jogo na busca pelo prazer. Aqui interessa que, neste processo de violência, nem sempre a mulher ocupa este lugar de não-sujeito, de vitimização e, mesmo quando isso ocorre; talvez ela mesma esteja

construindo esta posição. A autora provoca o leitor ao questionar: “Será que, no limite, os parceiros não se lançam nessas situações violentas, porque gostam? (...) Será que as mulheres esperam deles [os parceiros], em determinadas circunstâncias, os gestos e manifestações de agressividade?” (Gregori, 1992, p. 183). Com estas questões, re-afirmo a importância de compreender o fenômeno da violência, quebrando a dualidade da vítima/mulher e do algoz/homem. As mulheres da Vila não ocupam o lugar de vítima das relações de violência que constroem com os homens; elas são tão sujeitos da situação quanto eles. As mulheres com quem convivi não pareciam nem um pouco intimidadas e/ou amedrontadas pela ação violenta do homem, antes ao contrário, muitas vezes, elas é que desencadeiam o processo da violência física. Ser valente também é saber defender seus ideais, seu corpo, sua posição social e, portanto, algumas vezes a violência física está contida nessa defesa.

Até aqui, apresentei alguns códigos que especificam a prática cotidiana do atributo da valentia. Tais elementos estão diretamente relacionados ao agenciamento da valentia a partir do ciúme; portanto, ainda há muitas outras situações nas quais o requisito da valentia é resignificado. Aqui também há pistas para refletir sobre relações de gênero, até porque as cenas de ciúme pertencem a ambos os gêneros, e não me parece especificar apenas o feminino, como o grupo parece querer demonstrar. Apesar do atributo da valentia ser um valor cultural que constitui o universo simbólico da Vila Mimosa, não é qualquer sujeito social que pode fazer uso dele. Como foi visto, apenas alguns homens e algumas mulheres podem ser valentes. Contudo, é preciso ressaltar que este valor culturalmente entendido como masculino transita entre os corpos de homens e de mulheres. Seguindo esta pista continuei “olhando” para a questão do atributo da valentia.

### 3.3. A Valentia e as Relações de Poder: disputando Posição Social e Prestígio

Neste item trato das diferentes situações empíricas em que o atributo da valentia, constitutiva do universo de valores, aparece e se relaciona com estruturas de prestígio e de poder. Especificamente, esse atributo genereficado estava presente em situações de resoluções de conflitos.

Antes disso, vou adentrar em um outro assunto que ajudará na reflexão do item. Como já explicitiei, na Vila Mimosa, a maioria dos pontos comerciais (*casas* de prostituição, trailer, lanchonetes...) pertencem a mulheres: as *donas-de-casas*.<sup>104</sup> Esse jogo de palavras me fez pensar sobre outras donas de casa. O termo casa transmite uma idéia de unidade, de acolhimento, o *locus* da família. Além disso, o uso desta palavra transmite a moralidade que a casa familiar – residência –, simbolicamente, expressa. Lembramos que a moralidade é um valor extremamente importante para o grupo em questão. Estar em casa – residência – remeteria a um contexto familiar, longe dos problemas, da imoralidade, do agenciamento de diferentes sexualidades. Sugiro ainda um embaralhamento entre a questão do público e do privado, pois, a princípio, uma residência expressa a idéia de privado, a qual certamente é interessante nesse contexto, uma vez que bar e prostituição fazem parte do público. A partir disto, a presença feminina estaria em acordo neste espaço de moralidade, pois é ela quem teria a obrigação de manter a unidade familiar, o bom

---

<sup>104</sup> Na literatura específica sobre prostituição, percebe-se que os autores demonstram uma regularidade no fato de mulheres serem donas de estabelecimentos de prostituição, as famosas “cafetinas” (Ariente, 1989; Freitas 1984, 1985; Leite 1982; Moraes, 1996; Souza, 1998). Parece que a idéia de que são sempre mulheres as que comandam zonas de prostituição é naturalizada. No imaginário social essa idéia é bastante difundida, tanto em novelas como em obras literárias brasileiras. As novelas que apresentam prostíbulos sempre são as mulheres que estão nos seus comandos, foi assim em *Roque Santeiro*, *Renascer*, *A Indomada* e em *Porto dos Milagres*. Em livros de Jorge Amado como *Gabriela*, *Cravo e Canela*, *Teresa Batista Cansada de Guerra* ou *Mar Morto* e, em *Dona Anja*, de Josué Guimarães são sempre mulheres que comandam os prostíbulos.

andamento da família e, ao mesmo tempo, as tarefas domésticas. Refiro-me ao argumento que autores, estudiosos de grupos populares (Duarte, 1987, 1988; Fonseca, 1987, 1991; Sarti, 1996; Zaluar, 1994), defendem sobre o lugar da mulher em famílias desses grupos e que apresentei no primeiro capítulo. Desta forma, as *donas-de-casa* seriam as mantenedoras ideais das *casas* de prostituição, podendo controlá-las melhor do que os homens, que pertencem à ordem do público e desempenham outras funções neste arranjo familiar.<sup>105</sup>

Segundo Moraes (1996), a *dona-de-casa* é a responsável pelos cuidados com o estabelecimento e, também, quem “define uma relação mais comercial nos negócios da atividade e mais ‘profissional’ entre estas e as prostitutas” (Moraes, 1996, p. 160). Para a autora (1996), é possível haver uma aliança política entre as *donas-de-casa* e as prostitutas, principalmente quando os assuntos se referem a melhorias de trabalho como, por exemplo, a construção de creches, a realização de cursos, distribuição de preservativos (cf. Moraes, 1996). Além disso, as *donas-de-casa* da Vila Mimosa são mulheres que têm como função enfrentar sujeitos que promovem a desordem nos estabelecimentos, apartar brigas, negociar reivindicações junto às prostitutas e junto à AMOCAVIM, escolher quem trabalha no estabelecimento, controlar os gastos e a venda das bebidas alcoólicas. Algumas dessas funções também poderão ser gerenciadas pelo(a) gerente da *casa*,<sup>106</sup> especificamente as

---

<sup>105</sup> Um dos tantos vendedores ambulantes da Vila Mimosa discorreu sobre o grande número de mulheres donas/gerentes de estabelecimentos. Para este homem, *as mulheres comandam as casas daqui por que são frágeis, os homens estão lá fora, se preocupam e mandam em coisas mais importantes. Se deixasse tudo com eles [os homens] isso [a Vila Mimosa] ficaria ainda maior. E daí? Onde ficaria a família e a moral da nossa sociedade?* Cleuza acredita que há muitas mulheres, donas/gerentes de estabelecimentos, porque elas são pessoas mais fortes e, ao mesmo tempo, sabem lidar melhor com as prostitutas.

<sup>106</sup> Na Vila Mimosa há muitos gerentes de estabelecimentos que assumem sua homossexualidade. Talvez o grande número seja por se acreditar que eles não se envolveriam com os frequentadores, afinal trata-se de uma zona de prostituição feminina com uma clientela de homens heterossexuais. Entretanto, um dos gerentes homossexual, com quem mais mantive contato, contou que mesmo proibido costumava fazer programas com homens, mas afirmou não cobrar nada por isso. Segundo ele, só realizava o programa porque gostou do homem e não por dinheiro. Um dono de um estabelecimento de prostituição afirmou que não misturava trabalho e prazer, assim não se envolvia com pessoas na Vila, mas ressalta que já recebeu uma infinidade de propostas para fazer programas com homens. Já o terceiro informante homossexual, um vendedor ambulante,

questões referentes ao andamento cotidiano do estabelecimento; entretanto, estará ressaltado de que não se trata da dona. Contudo, a principal diferença entre gerente e *dona-de-casa* está no fato de que esta última ocupa uma posição de poder no contexto estudado; é ela quem protege as prostitutas, quem institui as regras de conduta da *casa* – o que pode e o que não pode fazer –, o estilo de roupas e de sedução das prostitutas e, desta forma, ela é quem se torna a guardiã da moralidade da Vila Mimosa. Essas mulheres ocupam o lugar de provedor simbólico, elas também protegem as prostitutas. O gênero do provedor simbólico é masculino, mas circula entre os corpos de homens e de mulheres.

O número de homens donos de estabelecimento é menor do que o número de mulheres e, além disso, eles parecem influenciar menos nas resoluções de conflitos e gerenciamento da Vila, o departamento dos homens é outro; eles são os taxistas e a equipe de segurança. Aqui há uma diferença importante a ser ressaltada: os primeiros problemas em uma *casa* de prostituição devem ser resolvidos pelo(a) encarregado(a) daquele turno, somente se este não resolvê-los é que pedirá ajuda a alguém da Associação. Caso Graziela ou Altair não conseguirem resolver a situação, os seguranças pagos pela AMOCAVIM serão chamados e, em último caso, a Polícia Militar.

Dentre as inúmeras mulheres facilmente identificáveis como valentes, elegi duas por me parecerem exemplares. Graziela e Cleuza são donas de estabelecimentos de prostituição, mas a principal atividade delas é o comando da AMOCAVIM – a instituição política da Vila Mimosa. Ambas são mulheres que falam alto, gesticulam, usam palavrões, negociam com policiais e traficantes, resolvem brigas entre clientes e entre prostitutas, agridem verbal e fisicamente outros homens e mulheres em suas vidas cotidianas. Tal

---

revela que jamais se envolveria com uma pessoa que freqüentasse uma zona de prostituição, pois certamente não se trata de uma pessoa digna.

descrição, no imaginário brasileiro, talvez possa sugerir mulheres masculinizadas. No entanto, tanto Cleuza como Graziela se enquadrariam no mais clássico estereótipo do feminino: vaidosas, usam calçado com salto, as unhas sempre pintadas e, na maioria das vezes, estão bem maquiadas e vestidas. Apesar destas mulheres representarem a instituição política da Vila Mimosa, elas não se adequam ao perfil de mulheres descritas por outros autores que estudam mulheres no campo da política. Sartori (1999), por exemplo, ao estudar relações de gênero em um espaço sindical, discorre sobre um consenso de que as mulheres sindicalistas haviam “se masculinizado”, desde que começaram a participar do movimento sindical. Segundo o autor, “a feminilidade não tem espaço para se expressar, as mulheres se ‘masculinizam’, se ‘embrutecem’, ficam mais ‘agitadas’, gesticulam, falam alto” (Sartori, 1999, p. 163). O autor chega a afirmar que essas mulheres “tinham que ‘botar o pinto’ na mesa para serem aceitas ou ouvidas” (Sartori, 1999, p. 164). Estas metáforas apresentadas pelo autor são atributos culturalmente associados ao masculino, entretanto, nesta análise, alocados em corpos de mulheres. Uma das conclusões do autor é que para as mulheres permanecerem na política sindical elas precisaram se masculinizar. As mulheres que comandam a AMOCAVIM, apesar de também fazerem uso de atributos socialmente alocados ao gênero masculino, não são vistas como mulheres masculinizadas. Para refletir melhor a respeito dessa questão, é preciso conhecer um pouco da história dessas mulheres.

Graziela é presidente da AMOCAVIM, dona de um estabelecimento de prostituição e, segundo comentários de informantes, uma eterna prostituta, pois permanece fazendo programas. Graziela é uma das principais líderes da Vila Mimosa, é ela quem responde pelas questões que acontecem no espaço circunscrito da Vila: soluciona problemas cotidianos da zona relacionados ao seu andamento; resolve eventuais contratemplos junto às

prostitutas e aos clientes; organiza e discute com donos de estabelecimentos; gerencia as finanças da AMOCAVIM e participa de reuniões com seguranças, traficantes e policiais.

Presenciei e ouvi muitas histórias em que o grande destaque era a valentia de Graziela. Uma delas foi quando participei de uma “reuniãozinha” (regada a muita cerveja), entre Graziela, Cleuza e Tadeu em um dos estabelecimentos dele para discutir detalhes de um futuro evento social que aconteceria dias depois. Naquela tarde Graziela parecia mais irritada do que o comum, até que contou a difícil tarefa que teria logo depois: um encontro com policiais de uma Delegacia, durante o qual tentaria convencê-los de que a droga encontrada num estabelecimento de prostituição não pertencia ao seu dono. Outro dia, ela contou que um policial agarrou seu braço e lhe deu ordem de prisão por vê-la escondendo prostitutas menores de idade; segundo ela, só com muita valentia conseguiu convencer o policial que ele se prejudicaria caso acontecesse algum problema com ela. Sem esquecer do dia em que, ao final de um desfile de modas na Vila Mimosa, quando apenas representantes da AMOCAVIM – Graziela, Cleuza e Tadeu –, seus familiares, patrocinadores do evento e algumas poucas pessoas ainda permaneciam no local, ocorreu um tiroteio a alguns metros de distância dali, que culminou numa morte. Passado o barulho dos tiros e o susto, apenas Graziela saiu do local para verificar o que havia acontecido. Mais uma vez foi ela quem negociou com os policiais uma quantia de dinheiro para tirar o corpo do local sem a instalação de inquérito policial, o que traria problemas para a Vila. Naquela mesma noite, uma das irmãs de Cleuza discutiu com uma mulher e saiu pelas ruas da zona à procura de alguém para matá-la, já que Graziela negou-se a emprestar sua arma de fogo para que ela mesma executasse a ação.

Graziela é uma pessoa temperamental, troca de humor muitas vezes durante um pequeno espaço de tempo. Muitas vezes a vi xingando homens e mulheres a seu bel prazer,

e o mais interessante é que essas pessoas nunca revidavam seus insultos. Entretanto, nos últimos tempos percebi que Cleuza estava diferente: ela parecia mais articulada, presente e decidida a se envolver nos problemas e nas resoluções da AMOCAVIM. Esta passagem de meu diário de campo revelou um pouco essa postura, que interpretei como o começo de um embate – agenciado pelo atributo da valentia – em busca do poder e do comando da Associação:

Cheguei com Cleuza na Vila Mimosa em torno do meio-dia. Neste dia Cleuza e Graziela iriam comprar os prêmios para as primeiras colocadas do Concurso Gatinha Mimosa que aconteceria no dia seguinte. Logo que chegamos na Associação ficamos sabendo que uma mulher andava com uma criança nos braços afirmando que ela tinha sido estuprada pelo pai. No decorrer do tempo a história crescia e apresentava várias versões: ora era o pai, o tio, um desconhecido, ora a criança tinha sido queimada, estuprada, ora ela tinha um ano, ora seis meses, enfim eram muitas informações desencontradas. Todos que estavam na AMOCAVIM começam a se preocupar com a situação, que poderia se tornar um grande problema, pois se tratava de uma garota com menos de 18 anos transitando na Vila Mimosa com uma criança violentada nos braços. O caso poderia ser uma boa acusação para a polícia extorquir dinheiro da Associação: poderia ser dito que a agressão contra a criança se deu no espaço da Vila Mimosa, que a menina era prostituta e que os donos de estabelecimentos de prostituição aceitam mulheres com menos de 18 anos para o exercício da prostituição, entre outras possíveis acusações... Era preciso resolver o caso antes que a história saísse dos contornos da Vila Mimosa. Cleuza se prontificou a resolver o caso. Mas, passada uma hora a confusão apenas tinha aumentado, ninguém sabia o que deveria ser feito com a mãe e com a criança. Cansada de esperar e extremamente irritada, Graziela decide resolver o caso. Eu saio da Associação junto com ela. De longe avistamos um grupo de umas 30 pessoas que estavam na entrada do principal corredor da Vila. Graziela completamente transtornada empurra as pessoas do grupo para abrir passagem, eu resolvo observar de longe, ela com um volume de voz alto ordena que as pessoas voltem para suas funções e que mãe e filho sejam encaminhados para um hospital, ela ainda indica quem deveria levá-los e o que a pessoa deveria falar. Cleuza a contraria, explicando que aquela não era a melhor solução e apresenta seus planos. Graziela pouco escuta e começa a insultá-la, ressaltando principalmente sua incompetência na resolução do problema. Cleuza, no mesmo tom, repete

os insultos e ambas discutem bravamente. Elas não entram num acordo, mas são as ordens de Graziela as que são obedecidas. Durante o resto do dia, elas retomaram o assunto diversas vezes e sempre num tom de xingamento. Apesar desta hostilidade elas permaneceram (e permanecem) trabalhando juntas.

Esta situação demonstra uma mudança nas relações políticas na Vila Mimosa: apesar de ambas as mulheres permanecerem juntas, elas começaram uma disputa velada pelo domínio e pelo poder da Vila. Em outro momento, Cleuza em tom de segredo afirmou que não queria disputar com Graziela a presidência da AMOCAVIM – o que já fizera em 2000 e não dera certo –, até porque achava que ela realizava um bom trabalho. Seu verdadeiro desejo era se tornar tão popular que seria mais poderosa do que a própria presidente. Aqui estava travado um embate político; uma busca por poder e prestígio. Para entender melhor essa questão é preciso conhecer um pouco da história de vida de Cleuza.

Cleuza estava sempre muito bem maquiada e vestida, era absolutamente vaidosa e não descuidava da aparência física: frequentadora assídua da academia de ginástica e do salão de beleza, investe muito tempo e dinheiro na compra de produtos de beleza, roupas, calçados, perfumes, bijuterias. Cleuza é filha de Dona Edelvina e desde jovem a ajudou em atividades na Zona do Mangue: atendente da barraca de alimentos, cozinheira em uma época que a barraca servia almoço, gerente de *casa*, dona do seu próprio estabelecimento em sociedade com o irmão.

No decorrer da sua história em zonas de prostituição, Cleuza conta que sempre se interessou pelas ações políticas da Associação, contudo, teve uma situação em especial que a ajudou a colocar em prática seu desejo pela atividade política. Como foi visto no primeiro capítulo, em meados dos anos 90 a presidente da Associação recebeu uma proposta da Prefeitura Municipal para mudar de local a antiga Vila Mimosa; em contrapartida, a

Prefeitura oferecia um valor de indenização para cada dono de estabelecimento e, também, um novo local para estabelecer a zona. Todavia, os donos de estabelecimentos de prostituição foram contra o local oferecido pela Prefeitura e, desta forma, o acordo foi vetado. Até hoje as pessoas que faziam parte da zona naquela época recordam dessa história e, mesmo sem saber explicar exatamente os detalhes do seu desfecho, contam que a presidente da Associação fugiu e, segundo a Prefeitura, levou consigo o dinheiro do negócio combinado (e já pago). Neste momento é que Cleuza entrou na história da Vila. Cleuza, Graziela e Sônia procuraram um novo local para a Zona se estabelecer e, com a ajuda de alguns outros proprietários e prostitutas, re-abriram a Vila Mimososa. A combinação para se tornar proprietário de um estabelecimento de prostituição era ter dinheiro em mãos. O interessante é que nem Cleuza e nem sua mãe tinham dinheiro suficiente para comprar novos estabelecimentos, mas segundo Cleuza, num ato de sua valentia ela os garantiu. Cleuza achava que tinha o direito de ter um estabelecimento, pois ajudou em todo o processo de mudança e Dona Edelvina, por ser sua mãe e uma trabalhadora antiga da Zona (fato que, segundo a combinação do grupo, não lhe daria qualquer direito a ganhar um estabelecimento de prostituição). Na reunião da decisão sobre quem ficaria com qual estabelecimento, Cleuza esbofeteou uma mulher que foi contra Dona Edelvina ficar com um estabelecimento e ameaçou várias outras pessoas, as quais, depois da agressão física, se calaram. Como foi visto no capítulo anterior, o galpão ainda hoje está no nome de Cleuza, Graziela e Sônia.

Em 1997 Cleuza passou a ajudar Carina – sua irmã – nos projetos de intervenção que a Associação começou a enviar para Agências de Financiamentos. Mas logo depois, ela alugou seu estabelecimento de prostituição e ficou um tempo afastada do trabalho na Vila Mimososa. Entretanto, não demorou muito para voltar: *eu gosto da Vila, eu gosto daquela*

*agitação, eu gosto mesmo. (...) Eu gosto assim de conversar, antigamente eu ficava sentada lá dentro ouvindo histórias de clientes. (...) Eu gosto de ir para lá e beber e ficar até de manhã. Viu aquele dia que nós fomos lá pra dentro, jantamos lá dentro, ficamos lá até tarde, eu gosto disso.* Em 2000 Cleuza voltou a se dedicar exclusivamente a AMOCAVIM, agora como coordenadora dos projetos de intervenção junto às prostitutas da Vila Mimosa. Ao mesmo tempo em que Cleuza mudou sua atividade de trabalho, ela também resolveu investir na sua escolaridade, como fizeram duas de suas irmãs:<sup>107</sup> fez supletivo e em 2003 entrou numa faculdade particular para cursar Serviço Social.

Nos últimos tempos, o comando da AMOCAVIM está assim estruturado: Graziela é a responsável pelo andamento interno, mais especificamente, na resolução dos problemas cotidianos da Vila, e Cleuza é a responsável pela equipe e execução de projetos junto a Financiadoras (ela também é coordenadora de muitos deles) e, portanto, é quem se faz presente em encontros (reuniões, seminários, palestras) com agentes de outras instituições. À primeira vista, parece que uma tem mais visibilidade política que a outra, mas isso significa ter mais poder e prestígio? Diria que Graziela é um exemplo de uma mulher com poder na Vila Mimosa, sua opinião é uma ordem e ela será imediatamente obedecida. Como já disse, poucas vezes vi ser questionada uma decisão sua. Ao mesmo tempo, Cleuza é quem tem mais prestígio junto ao público, até porque ela se ocupa justamente em motivar esses sujeitos em participar de seus projetos, palestras, eventos, promoções, divulgações, entre outros. Portanto, para ela idealizar seus planos precisa manter uma ligação com o público alvo do seu trabalho de intervenção.

---

<sup>107</sup> Cassandra se formou no Curso de Pedagogia em março de 2004. Carina desistiu do Supletivo no último semestre, pois mantinha uma gravidez com riscos de saúde.

Dentre esse jogo pela busca de poder e prestígio, parece-me que as duas mulheres encontraram uma maneira de se mover e, assim, demonstrar valentia.<sup>108</sup> Interessa aqui que, tanto uma como a outra, precisam se mostrar valentes para ocupar um lugar na Vila.

### 3.4. Algumas Questões Finais

Neste capítulo abordei a fluidez com que as masculinidades e as feminilidades são construídas e, portanto, discuti as fronteiras de gênero. Ao mesmo tempo, debruçei-me acerca do atributo da valentia, um valor ideal no contexto da Vila Mimosa, o qual informa sobre a visão de mundo desses sujeitos sociais.

A observação das práticas que até agora descrevi, problematiza a perspectiva de relações pautadas pelo encontro entre corpos biológicos de homens ou de mulheres. Assim, indicam muito mais as marcas de gênero na vida prática. Em outras palavras, esses homens e essas mulheres estão “desencializando” um entendimento sobre corpos naturais ao realizarem, através deles, performances tanto masculinas como femininas. Ademais, os casos apresentados demonstram que, apesar da valentia estar associada culturalmente ao masculino, também pode constituir o feminino. Entretanto, ao mesmo tempo, nem sempre essa marca será constituidora das relações de gênero. Em outras palavras, esse atributo de gênero pode ser constantemente re-significado. Ressalto ainda que neste processo não há

---

<sup>108</sup> Malinowski (2003) ao estudar as obrigações dos melanésios expressa que “nas transações sempre há encrências, muitas queixas, muitas reclamações, e raramente um homem se sente completamente satisfeito com o parceiro. No fim das contas, a parceira continua e, em geral, todos procuram cumprir suas obrigações, pois a isso são impelidos, em parte iluminados pelo próprio interesse e em parte em obediência às suas ambições e sentimentos sociais” (Malinowski, 2003, p. 30).

uma simples assimilação (cf. Butler, 1998), mas antes, uma articulação entre os gêneros masculino e feminino.

Com o passar do tempo, percebi que a busca pelo valente era tanto dos homens como das mulheres. Sugiro que este é um tipo de modelo de convivência na Vila Mimosa.<sup>109</sup> A valentia tornou-se um atributo de gênero fundamental para esses sujeitos sociais porque há nessa apropriação uma demonstração de força, de ousadia, uma demonstração de poder – aqui se é alguém, se esse alguém tiver domínio, força, autoridade – e, para tanto, é preciso ser valente. Então, uma das principais especificidades do universo estudado é justamente compreender que a valentia é um valor constituidor tanto de um dos modelos de feminilidade como de masculinidade, justamente porque, nessa apropriação, há uma demonstração pública da incorporação do poder. A valentia circula entre as masculinidades e as feminilidades, re-combinando ou mesmo criando novas configurações de gênero neste contexto específico. As mulheres e os homens estudados agenciam códigos que fazem parte de um repertório simbólico masculino, mas que na Vila Mimosa conforma modelos de masculinidades e de feminilidades, necessários para se tornar um sujeito social naquele contexto.

---

<sup>109</sup> Inclusive, muitas vezes a minha própria valentia foi colocada à prova, era como se para pertencer aquele contexto eu também precisasse ser uma mulher valente.

## Capítulo 4

### Homens Frequentadores da Vila Mimosa

Neste capítulo vou falar dos frequentadores - categoria empírica – e, a partir de uma perspectiva de gênero, como se constituem masculinidade e feminilidade no universo da Vila Mimosa. Assim, discutirei temas referentes ao universo dos homens – masculinidades, sociabilidades, sexualidades –, e com isso tratarei da diversidade, da presença e da experiência dos homens; em termos mais amplos, de maneiras como o gênero se inter-relaciona com outras diferenciações (cf. Piscitelli, 2004).

Como já explicitiei no capítulo anterior, atributos de gênero circulam entre corpos. Na Vila Mimosa, por exemplo, o atributo da valentia – aparentemente um atributo masculino em nossa sociedade – é um marcador de ambos os gêneros. Reitero uma vez mais que neste trabalho abordo gênero “como uma maneira de criar e expressar diferenças que atravessam o social, é necessariamente relacional” (Piscitelli, 2004, p. 175).

Seguindo minha intenção em compreender o lugar do masculino no contexto estudado, busco olhar mais atentamente para o tema da masculinidade – masculinidade entendida nos termos de Connel (1997): “ao mesmo tempo a posição nas relações de gênero, as práticas como os homens e as mulheres se comprometem com essa posição de gênero, e os efeitos destas práticas em uma experiência corporal, em uma personalidade e em uma cultura” (Connel, 1997, p. 35). Desta forma, a masculinidade<sup>110</sup> aqui estudada não se refere a um corpo sexuado, mas antes, a uma prática constituída por experiências

---

<sup>110</sup> Como será notado, não estou preocupada em discutir questões como a famosa categoria “masculinidade hegemônica” (Vale de Almeida, 1995; Connel, 1997; entre outros), a qual muitos estudiosos do tema se referiram nos últimos tempos.

corporais e culturais num determinado contexto. Faço minhas as palavras de Costa: “Compreendo que os estudos sobre masculinidades são instigantes na medida em que incorporam uma perspectiva relacional de gênero. O que não impede que estudos possam ser feitos somente com homens, uma vez que, nessa perspectiva, é a análise das mediações entre masculino e feminino que informa a investigação” (Costa, 2002, p. 213). Ao focalizar as noções de masculinidade analiso a forma como características consideradas femininas e masculinas cruzam as relações que se dão na Vila Mimosa.

#### **4.1. Homens e a Prostituição Feminina**

Como já apresentei no segundo capítulo, as pesquisas que debatem a questão se o exercício da prostituição pode ou não ser considerado um trabalho, se encaixam em duas linhas de compreensão: escolha ou obrigatoriedade (escravidão). Retomo alguns elementos de cada uma dessas linhas analíticas para se compreender o lugar adotado neste trabalho.

O primeiro grupo compõe-se de autoras (Pateman, 1993; Raymond, 2003; Hughes, 2004; entre outras) que defendem o exercício da prostituição enquanto sinônimo da dominação masculina. A partir desta premissa, as mulheres – prostitutas – seriam objetos dos homens, os quais, a partir do exercício da prostituição poderiam provar o controle e o poder sobre as mulheres. Para as feministas radicais, a prostituição seria um ultraje à dignidade das mulheres. Pateman é quem melhor defende as idéias do grupo afirmando que a prostituta coloca seu corpo à venda, o que seria, portanto, uma prática de escravidão. Já o segundo grupo vê as prostitutas como mulheres que exerceriam um tipo de trabalho como qualquer outro e, portanto, assim deveriam ser tratadas. Afinal, a prostituição é uma transação comercial. Nesse segundo grupo é possível abarcar diversos autores brasileiros

que estudam o tema da prostituição feminina. Moraes (1996) aborda a prostituição como um trabalho e, desta forma, a prostituta aparece como uma mulher trabalhadora, igual a qualquer outra. Com isto, a autora critica tanto os escritos como o senso comum, que tratam a prostituta como vítima e/ou marginal. Ariento (1989) afirma que a prostituição deveria ser entendida como uma atividade profissional e, assim, não poderia estar descolada de outras atividades que essa mulher desempenha durante seu dia-a-dia. Por certo, Moraes, Ariento e vários outros autores analisam o exercício da prostituição, digamos assim, de forma contrária a de Pateman. Para este outro grupo, como já foi dito, o exercício da prostituição tem como embasamento principal a liberdade de escolha.

A partir deste escritos, apresento minha compreensão sobre a prostituição feminina. Da mesma forma que este grupo de autoras, entendo o exercício da prostituição como um trabalho. Como já coloquei anteriormente, entendo a prostituição feminina como uma atividade praticada por mulheres que estabelecem práticas sexuais com diferentes homens em troca de um bem (o que não exclui outras formas de pagamentos como, por exemplo, refeições e/ou presentes). Apesar da possibilidade de uma ampliação do espectro de possíveis trocas entre as prostitutas e os clientes, isso não as equipara às relações mantidas com os não clientes. Essas últimas são entendidas como aquelas nas quais são trocados sentimentos de afeto e de fidelidade e, principalmente, não acontecem nos locais de prostituição. Como já ressaltai na introdução deste trabalho, a classificação entre as categorias comerciais e afetivas são muito tênues na vida prática; entretanto, para compreender o conceito da prostituição se faz necessário observar que, apesar dos freqüentadores estudados não quererem pertencer a uma ou outras das duas categorias, elas são matrizes para a compreensão e o agenciamento do exercício da prostituição. A prostituição é um 'sistema relacional', pois por definição trata-se de relações – não se

vende nada se não houver comprador. Entretanto, a bibliografia específica, principalmente a brasileira, trata os clientes como se eles fossem seres invisíveis – o cliente é menos visto, menos falado, menos questionado, em comparação à prostituta. Sempre tive curiosidade etnográfica em olhar para o agente não marcado desta transação – o cliente que compra –, até por que a bibliografia específica incide sempre sobre o agente marcado – a prostituta que vende.

Gaspar (1985), por exemplo, entrevistou clientes para obter mais detalhes a respeito da identidade de suas informantes. Freitas (1985) também conversou com os clientes de suas informantes com o objetivo de melhor conhecer a rotina delas. Moraes (1996), apesar de ampliar esse entendimento, apresentando tipologias dos clientes segundo as prostitutas, permanece compreendendo essas informações como dados sobre suas informantes. Fonseca (1996), focaliza mais os clientes quando apresenta a importância da categoria velho para suas informantes. Esse cliente aparece como um ideal para as prostitutas, pois traria um pagamento regular, presentes e a fantasia de um dia tirá-las da prostituição. No entanto, apesar do avanço, a perspectiva ainda permanece no sentido de saber mais sobre um lado da relação através do outro: sabe-se do cliente através da prostituta, e por consequência, poucas são as diferenças de perspectivas de análise. Já Sousa (1998), com o objetivo de compreender a função social da prostituta, baseou seus escritos tanto nos depoimentos das prostitutas como nos dos clientes. O diferencial dessa pesquisa é que a autora privilegiou os clientes escrevendo, inclusive, um capítulo sobre seu perfil. Sousa demonstra que o cliente é um personagem importante no mundo da prostituição, afinal ela é realizada a partir da prostituta e do cliente. A autora critica outros autores que escrevem sobre o tema, os quais, apesar de apontarem questões sobre os clientes na prostituição, continuam colocando-os em segundo plano, como se a prostituição fosse constituída apenas pela prostituta.

A bibliografia estrangeira não é muito diferente, entretanto, alguns autores já apontaram reflexões que marcam um outro olhar a respeito dos estudos do exercício da prostituição feminina. Como, por exemplo, Hart (1994), que realizou um estudo sobre clientes da prostituição feminina no sul da Espanha. A partir desta pesquisa, a autora afirma que a maioria dos estudos sobre prostituição, tem tido o interesse exclusivamente nas prostitutas, deixando de lado os clientes. E, nos poucos casos nos quais estes são estudados, o comum é considerá-los como uma categoria homogênea e generalizada (cf. Hart, 1994). Hart afirma que muitas vezes, na sua pesquisa, a noção de cliente mostrou-se uma categoria instável, constantemente desconstruída por seus informantes, ainda que em outras vezes, parecesse uma categoria coesa. A autora conclui que os textos sobre prostituição devem dar conta da heterogeneidade dos clientes. Essa afirmação é importante para a discussão que realizo aqui. Para Hart (1994):

Some enjoyed friendships with prostitutes, some were liked and respected in the neighbourhood at certain times, others were not. Some could afford to buy sex, others contented themselves with looking. To examine 'male clients' as a faceless group is too simplistic. All had other identities and responsibilities and were judged according to variety of standards of behavior (Hart, 1994, p. 65).

Portanto, não basta olhar apenas para as grandes categorias analíticas: os homens, a masculinidade, os clientes, no sentido amplo; antes ao contrário, é preciso dar conta da singularidade de cada uma dessas categorias. Por certo, foi seguindo esse conselho que pesquisei e escrevi este trabalho.

A pesquisa de Hart foi uma das minhas principais inspirações na reflexão que proponho nesta tese. Desde os primeiros contatos nas ruas de prostituição (em pesquisas

anteriores), observei nas falas das prostitutas uma constante presença dos homens, sendo referidos de forma genérica e indistinta. Nos discursos das prostitutas pesquisadas, elas utilizam termos/categorias ao falar sobre os clientes; na prática, elas os classificam a partir de alguma característica que melhor se adéque às classificações que elaboraram anteriormente. É como se fosse possível enquadrar cada novo cliente em um tipo já elaborado. Assim, as prostitutas saberiam como agir diante dele e, conseqüentemente, como melhor seduzi-lo. Classificar os clientes também é uma forma de escolhê-los. Nessas classificações as prostitutas ressaltam apenas uma das características da pessoa, as quais embasariam uma diversidade nas práticas dos clientes: há os que se recusam a pagar; os que se recusam a usar preservativo; os que são violentos; os que marcam hora; os que se apaixonam; há ainda os casados, os idosos, os experientes, dentre outros, enfim, categorias que redefinem a própria noção de cliente.

Sugiro a necessidade de se desconstruir uma categoria única de clientes e de se atentar para a questão da heterogeneidade do que parece homogêneo. Não invisto em rótulos de uma possível, ou pouco provável, homogeneização dos clientes. Porém, mesmo com o intuito de desconstruir esta única e improvável categoria, jamais indaguei a impossibilidade do seu uso. Na verdade, acreditava que a categoria “clientes” daria conta de todos os homens que encontrasse na zona pesquisada. Em outras palavras, acreditava que todos os homens que estivessem em uma zona de prostituição feminina seriam consumidores da prostituição. Após minhas primeiras idas ao campo pesquisado comecei a perceber que todo homem que estava no contexto estudado era um cliente em potencial, no entanto, nem sempre ele se tornava efetivamente um. A partir destas observações empíricas a pesquisa mudou de foco: pesquiso todos os homens da Vila Mimosa isto é, seus freqüentadores. Como foi dito, entendo por freqüentadores todos aqueles homens que estão

na Vila por diferentes motivos. Alguns deles estão nesse local para conversar, beber, olhar as mulheres, passear, fazer programas, enquanto outros mantêm algum tipo de trabalho: donos ou gerentes de estabelecimentos, taxistas, vendedores, entre outros. Enfim, uma variedade de motivos que vão além da realização de encontros sexuais com prostitutas. Especificamente, em minha pesquisa tomo os homens em suas várias dimensões – não somente a partir da dimensão homem que procura a relação sexual. Aliás, este foi um relativizador poderoso que me permitiu pensar como se constituem os diferentes modelos de feminilidade e de masculinidade na Vila Mimosa. A presença de homens como clientes, como trabalhadores, como voyeurs (estão na Vila Mimosa para ver as mulheres), como negociantes, para se encontrar com outras pessoas, etc, abriu um novo campo de observação. Assim, o alargamento do universo de pesquisa – homens freqüentadores – levou-me a compreensão de que há muitos outros elementos importantes para se compreender os homens freqüentadores da Vila Mimosa, além daqueles relacionados exclusivamente à prostituição feminina.

Moraes (1996), em seu estudo sobre a Vila Mimosa I, já havia usado esta terminologia, pois para a autora era impossível definir as relações de prostitutas com clientes a partir do *status* de clientela. Segundo a autora:

Podemos ainda encontrar uma pequeníssima parcela de freqüentadores homens que desenvolvem funções que têm como objetivo colaborar com a dinâmica da atividade. São faxineiros, vendedores – ambulantes ou com banquinhas fixas, muito comum na entrada principal da Vila – e os que juntam outras atividades à prestação de pequenos serviços em troca de gorjetas ou favores – buscam alimentação para as mulheres, efetuam pagamentos, passam recados, etc. Ainda podemos encontrar aqueles que dirigem um pequeno bar dentro da zona e que às vezes chegam a manter algum tipo de vínculo com a atividade, geralmente gerenciando ou subgerenciando uma casa. Estes também se envolvem mais ativamente com

as chamadas questões comunitárias, em defesa dos interesses comerciais e por sua articulação mais ampla com o mundo de fora, de dentro e com a própria Associação de Prostitutas (Moraes, 1996, p. 126).

Apesar de utilizar, assim como Moraes, o termo freqüentador para especificar os homens que circulam na Vila Mimosa, há algumas diferenças entre nossas compreensões. Para a autora os freqüentadores seriam apenas uma “pequeníssima” parcela do total dos homens. E, além disto, os freqüentadores que Moraes descreve parecem não ser possíveis consumidores da prostituição. No meu entendimento, todos os homens são freqüentadores e apenas uma pequena parcela destes são clientes. Dito isto, questiono as fronteiras entre o ser e o não ser cliente.

#### **4.2. *Cliente não é Homem:* <sup>111</sup> modelos de masculinidades na Vila Mimosa**

Durante o trabalho de campo convivi com vários homens, entretanto, a fim de delimitar a análise trabalhei com o universo de vinte e quatro homens. Desse total apenas dois afirmavam freqüentar a Vila Mimosa com o único objetivo de se relacionar sexualmente com uma prostituta e apenas estes se definiam como consumidores das relações sexuais oferecidas no exercício da prostituição. Outros dois diziam freqüentar a Vila Mimosa por diversos motivos, entre eles para se relacionar sexualmente com prostitutas, e outros dois informantes jamais fizeram programa. Os outros dezoito homens afirmam que seu interesse era o trabalho, pois exerciam alguma atividade na Vila Mimosa: donos, gerentes de estabelecimentos, funcionário da Associação, taxistas, massagistas.

---

<sup>111</sup> Frase de Tadeu.

A princípio, diria que desses vinte e quatro homens, apenas quatro poderiam ser entendidos como clientes. Afinal apenas eles eram homens consumidores de relações sexuais oferecidas no exercício da prostituição, sendo que tais relações só ocorriam mediante pagamento e no período do programa. Entretanto, na Vila Mimosa – como em outras zonas de prostituição feminina – é comum os homens que exercem alguma atividade de trabalho se relacionarem sexualmente com prostitutas. Aqui há alguns elementos necessários a serem discutidos.

Marino discursou bravamente contra os homens que gastam dinheiro fazendo programas com prostitutas e, orgulhoso, afirmava que jamais faria isso. No entanto, o encontrei diversas vezes em companhia de prostitutas, sempre demonstrando bastante cumplicidade – risadas, olhares, mãos no corpo – o que me fez pensar se realmente ele não se relacionava sexualmente com prostitutas. Passado um tempo soube que ele se relacionava sexualmente com várias prostitutas, porém, só com a nossa convivência compreendi que ele realmente não pagava por esses encontros sexuais que mantinha com elas. Havia uma “troca de favores” – quando alguma prostituta precisava usar seu serviço de taxista e estava sem dinheiro, ele não cobrava pela corrida do táxi, mas, em contrapartida, se relacionava sexualmente com ela – a usuária do serviço – sem pagar pelo seu serviço de prostituta. Retomando a lógica do conceito de cliente em que venho embasando a análise, questiono se Marino pode ser ou não considerado cliente. Ele troca sexo por um tipo de serviço que pode ser considerado um bem, não é dinheiro, mas não deixa de ser um bem. Por que razão alguns homens podem se considerar – e serem considerados pelo grupo – como clientes e outros não? O que estas fronteiras falam sobre estes homens que freqüentam a Vila Mimosa?

Encontrei o mesmo discurso de Marino – que não fazia programas com prostitutas – nas narrativas de vários outros trabalhadores da Vila. Apenas após um longo período de convivência consegui melhor entender que essa diferença não estava focalizada na efetivação ou não de atos sexuais com prostitutas, mas antes, nos termos que apresentarei a seguir. Vejamos o depoimento de Daniel, em ex-gerente de um estabelecimento de prostituição, em que ele aborda a questão discutida:

Daniel: *Foi legal, eu virei o malandro da Vila. Todas as mulheres pra mim. Eu podia comer de graça qualquer uma.*

E.: *Por quê? Tu não pagavas [pelos programas]?*

Daniel: *Não, algumas não! Algumas não, não! Eu não paguei nenhuma delas.*

E.: *Eram [prostitutas] da casa onde tu gerenciavas ou de qualquer casa?*

Daniel: *Da casa, de outra casa...*

E.: *E era por quê? Só por que era o Daniel e pronto?*

Daniel: *É, ou porque é... Basicamente sim, ou porque tinha uma ilusão de eu ter dinheiro, de ser sobrinho da Dona Edelvina [mãe da Carina e de Cleuza e dona do estabelecimento de prostituição, a qual ele gerenciava naquela época], alguém importante, entendeu? Ah, o cara pode ter dinheiro.*

E.: *Elas ficam com os gerentes por dinheiro?*

Daniel: *A maioria sim, não digo todas, tem umas que ficam, a maioria sim, mas nem todas. Às vezes porque gosta, porque o cara dá carinho.*

(...)

E.: *Tu achas que suas relações mudaram de quando tu eras gerente e quando tu eras um cliente? A relação sexual em si?*

Daniel: *Mudou, como gerente eu sentia mais respeito.*

E.: *E elas faziam algo a mais?*

Daniel: *Faziam, sem que você pedisse nada, elas faziam sem reclamar. Eu era um cara cheio de privilégios!*

Daniel afirma que quando se tornou um trabalhador da Vila Mimosa deixou de pagar por programas com prostitutas. Bastou se tornar gerente de uma *casa* de prostituição para que, como num “passe de mágica”, não precisasse mais pagar para manter uma relação sexual com uma prostituta. Vejamos uma outra passagem do diário de campo, em que desta vez conversei com Mário:

Mário afirma que no passado fez muitos programas com prostitutas, afinal, *nunca fui um homem santo. Só que agora passei dessa fase, desculpe a palavra, da sacanagem (...) cozinheiro que faz a comida não come*. Logo depois ele sorri com o canto dos lábios e acrescenta: *nunca foram programas, eu nunca paguei por eles!*

Esses são alguns dos tantos exemplos que poderia apresentar, sendo que em todos há o mesmo argumento: os homens que mantêm um tipo de atividade de trabalho na Vila Mimosa afirmam não pagar para se relacionarem sexualmente com prostitutas. Mas se a prostituição se caracteriza a partir desta troca monetária, qual o significado desta quebra de contrato? No limite, esta prática parece descaracterizar o comércio da prostituição, afinal a prostituição se constitui a partir de uma relação comercial. Será então que este é o objetivo da relação: descaracterizar o vínculo comercial? Para quem esta possível quebra de contrato é vantajosa? Para o freqüentador? Para a prostituta?

Junto à questão do não pagamento acrescento a questão do tempo indeterminado de um programa, o que também é um motivo de muito orgulho para estes freqüentadores, pois a regra é o programa com um cliente durar em torno de vinte minutos. Altair ficou indignado quando eu insinuei que ele permanecia apenas vinte minutos com uma prostituta e, entre gargalhadas, afirmou: *Não, vinte minutinhos? Que nada! Eu fico duas horas, duas horas e meia. Que vinte minutinhos, isso não dá pra fazer nada. Só os babacas que ficam*

*vinte minutinhos*. É interessante que não basta apenas se vangloriar por permanecer mais tempo com a prostituta, é preciso comparar e desprezar o homem que obedece esta regra do tempo de um programa. Os homens que obedecem à regra são os clientes: os homens errados, babacas.

Um homem permanece mais tempo do que aquele combinado junto a uma prostituta em duas situações: ou ele paga um novo valor pelo programa ou a prostituta permite. É importante observar que nesta negociação também está inserida a *casa* de prostituição. Toda vez que uma prostituta usa um quarto para fazer um programa ela deverá pagar R\$ 7,00 reais (valor de março de 2004) para a *casa* de prostituição e, caso ela ultrapasse esse tempo, o valor automaticamente aumentará. Portanto, se a prostituta resolver não cobrar o programa do freqüentador, o serviço do quarto usado pelo menos ela terá a obrigação de pagar. Acredito que este homem é quem deva se encarregar do pagamento do quarto, mas ao mesmo tempo, provavelmente alguns destes homens não precisam pagar pelo uso do quarto: ou por que são donos ou gerentes de estabelecimentos, ou por estabelecerem alguma espécie de troca de favores com quem está no comando da *casa* (onde ele ocupou o quarto) – uma prática muito comum entre os sujeitos da Vila Mimosa.

Dito isto, é preciso ainda somar outro elemento, igualmente importante na compreensão desta quebra de contrato: os *privilégios*.

No decorrer do trabalho de campo percebi que alguns trabalhadores da Vila, quando comparados a outros freqüentadores, recebiam um tratamento diferenciado das prostitutas. Esse comportamento acontece nos programas e é intitulado de *privilégio*. Os *privilégios* são práticas sexuais que não fazem parte da negociação “normal” entre o cliente e a prostituta e, além disto, são demonstrações públicas de uma relação de intimidade.

Quando uma prostituta atribui *privilégios* a um homem, ela o está marcando como sendo seu e, desta forma, a partir de um princípio de reciprocidade ele terá que fazer o mesmo, o que na maioria das vezes significa ajudá-la financeiramente, protegê-la contra os riscos possíveis deste local, trocar afeto e também possibilitar à prostituta um lugar específico. O feminino é re-significado pelo masculino. Muitas prostitutas privilegiam alguns homens por um interesse financeiro e/ou pela busca de serem diferenciadas quando comparadas a outras mulheres. Os *privilégios* direcionados aos homens acabam se tornando positivos para as mulheres, mas, para tanto, é necessário comprová-los publicamente. É comum se ouvir comentários sobre a ligação de uma mulher a um homem, bem como presenciei brigas e trocas de carinho em espaços públicos. Lembro-me, por exemplo, das vezes em que me contaram sobre as diferentes mulheres com quem Tadeu se relacionava; de uma vez em que presenciei uma briga entre duas prostitutas na qual uma delas, em tom de ameaça, afirmou que ela era “a mulher de fulano”, ou então, quando conversava com um dono de estabelecimento de prostituição, quando vi chegar uma prostituta e os dois se beijaram calorosamente. Mais uma vez a cena é fundamental. Constantemente esses homens e essas mulheres mostram aos outros que mantêm uma relação que vai além da realização de programas, pois isto significa que o freqüentador é um *privilegiado* e a prostituta é sua mulher. O freqüentador que recebe este *privilégio* se tornará o “homem da prostituta”, ou seja, ele automaticamente não poderá mais ser o alvo da disputa de outras mulheres; caso isso ocorra, certamente uma “guerra” entre elas será sinalizada. O que não é nada incomum, pois se um homem é bom para uma mulher, por certo, será para outra. A partir desta lógica o homem poderá se tornar um alvo da disputa entre mulheres.

A princípio pode parecer que nestas relações haja uma inversão da ordem, pois não são os homens que se dizem possuidores das mulheres, mas, ao contrário, são as mulheres

que se dizem “pertencer” aos homens. Entretanto, trata-se da mesma convenção: a posse. É importante para uma mulher ser possuída por um homem. Mas, afinal, não se trata de qualquer homem, poucos são aqueles que podem “possuir” uma mulher, para isso, ele terá que ter poder e prestígio. O caso de Seu Getúlio é exemplar para esta análise. Como foi visto no segundo capítulo, o senhor vende roupas na Vila Mimosa desde sua inauguração. Em várias das nossas conversas ele ressaltava que não vendia mais suas mercadorias a prazo, não que tenha deixado de ser generoso, mas, sim, em razão dos vários calotes que levou das prostitutas que deixaram de pagar pelo produto comprado. Um dia lhe perguntei se não havia uma permuta entre suas mercadorias e uma relação sexual com uma prostituta. Seu Getúlio falou, sem pestanejar: *Não perco mais minha mercadoria na mão de uma bela mulher. É preciso separar bem os negócios dos prazeres da carne.* Segundo ele, logo depois da mulher ter a mercadoria querida, ela o esquecia. Ele continuou sua narrativa: *Ainda faço programa. Eu sou solteiro, eu sou obrigado a fazer! Só que eu pago, se não pagar posso ser desmoralizado. Elas trabalham ganhando dinheiro dela e eu o meu. Se eu saio de graça, amanhã ela vai querer pegar uma roupa de graça e que pode valer muito mais do que o programa. Vou ter problema com ela.* É curioso, mas Seu Getúlio precisa pagar o programa para se sentir um homem honrado, por outro lado, alguns outros homens precisam não pagar para também se tornarem homens honrados. A meu ver, Seu Getúlio não consegue manter essa troca com as prostitutas, justamente por não ter poder e prestígio. As prostitutas não têm interesse em realizar qualquer tipo de troca com ele. Isso não quer dizer que essa troca não aconteça, mas quando acontecer, dificilmente a prostituta se tornaria mulher deste tipo de homem.

Apesar desse homem não ter as características necessárias para se tornar um *privilegiado*, isto não quer dizer que ele viva uma situação de masculinidade malograda.

Inspirada nas palavras de uma comunicação de Debert (2004) compreendi que a masculinidade malograda a que a autora se referia era o homem *punheteiro*, uma figura constante em zonas de prostituição feminina. *Punheteiro* é aquele homem do sexo solitário, que se masturba, e não gasta dinheiro com programas e no bar com bebidas, refeições, fichas de músicas; portanto nega aquilo que constitui o masculino e o feminino, pois transgride o código sem a permissão de ninguém. Além disso, esse comportamento descaracteriza o masculino na Vila Mimosa. A masculinidade do *punheteiro* é invariavelmente entendida como frágil, infantil, errada e vergonhosa, tanto é que todos a desvalorizam. Moraes (1995) também observou essa categoria de homens, aqueles “que ficam na *zona* caminhando, ouvindo música, olhando as mulheres, mas que não fazem programas, os conhecidos punheteiros ou tarados” (Moraes, 1995, p. 121).

Há entre alguns freqüentadores e prostitutas um jogo em que se tenta ter prestígio, visto que para a prostituta o lugar de prestígio é difícil, ela usa o negócio da prostituição para conseguí-lo. Dito de outra forma, para a prostituta esta ligação é vantajosa, pois em vez de ela receber o valor de um programa em dinheiro, ela receberá prestígio. É disso que se trata – o *privilégio* se transforma em prestígio.

Apresento uma conversa com Tadeu, em cujo depoimento estão contidas experiências vivenciadas e compartilhadas pelos homens que conheci na Vila. Narrar esta conversa é importante porquê, ao falar do fato de algumas de suas companheiras ainda agenciarem o exercício da prostituição, Tadeu remete seu discurso ao tema da traição, do ciúme, das masculinidades e das diferenças entre ser ou não um cliente de prostituta.

Estava com Altair no escritório da AMOCAVIM lendo alguns documentos e me inteirando da parte burocrática da Associação, quando Tadeu entrou na sala. Ele carregava

uma sacola de plástico com roupas para vender,<sup>112</sup> e logo mostrou um vestido dizendo que tinha certeza que ficaria ótimo em mim. Enquanto vejo as roupas, conversamos sobre os presentes que costuma distribuir entre suas companheiras. Eu aproveito a situação para falar do fato de que algumas de suas companheiras ainda estavam na atividade da prostituição. Sou direta e tento saber se ele já presenciou a cena de algumas delas se insinuarem a um homem ou se dirigirem com ele para o quarto do programa. Enquanto eu falo, ele balança a cabeça fazendo o sinal de positivo e continuo minha fala perguntando se ele não sentia ciúme da situação. Tadeu pareceu não se constranger com o assunto e respondeu tranqüilamente: *Sim, sim, já presenciei esta cena infinitas vezes. Não tenho ciúme.*<sup>113</sup> *Isso poderia acontecer mesmo se eu não estivesse olhando. E sabe de uma coisa, eu até gostaria de ser traído. Eu já falei isso para todas as minhas mulheres, mas que eu saiba isso nunca aconteceu. Se eu for traído é uma a menos na minha lista, por que a deixo na mesma hora...* Interrompendo sua fala eu o questionei: se sua *mulher* fizesse um programa com um outro homem, isso não seria uma traição? Tadeu gargalhando respondeu: *Não, tá brincando, com cliente? Cliente não é homem. Minha mulher tá com o cliente não é me trair. Escuta, com ele, ela não faz nada – sabe aqueles chamegos, coisas que um homem gosta – nada disso. É só o trabalho dela. Ali só sai o dinheiro.*

No primeiro instante confesso ter estranhado a fala de Tadeu, afinal este discurso me levava a lembranças das minhas antigas pesquisas quando estudava prostitutas. Naquele contexto, as prostitutas demonstravam que havia uma diferença entre as relações sexuais com homens que tratavam como clientes daqueles tratados como não clientes. Essa

---

<sup>112</sup> Em 2004 Tadeu abriu um negócio de roupas e calçados, antes disso, ele carregava alguns produtos em sacolas e oferecer para as pessoas.

<sup>113</sup> Esclareço que Tadeu não se referia a Bruna - sua *esposa* -, e sim, a aquelas *mulheres* com quem ele também se relaciona.

diferença era ressaltada, principalmente, nas concessões em relação as carícias no seu corpo e as práticas sexuais – as famosas regras dos serviços sexuais de uma prostituta quando com os clientes: não beijar, não dormir, não gozar, usar preservativo masculino e cobrar o programa.<sup>114</sup> Na Vila Mimosa essas regras são menos sólidas, entretanto, elas também existem e constituem o universo da prostituição feminina estudado. Contudo, não imaginava que esta diferenciação também fizesse parte do universo simbólico dos homens.

É interessante perceber que, ao discorrer sobre esta possível fronteira entre ser ou não ser cliente, é a prostituta quem aparece como agente desta diferenciação; afinal, é ela quem agencia o cumprimento (ou não) destas regras, as quais acabam por compor a fronteira. Em outras palavras, é a prostituta quem decide se fará o programa, se vai dispor do seu corpo e ficar mais tempo com o homem no quarto do programa, se receberá ou não dinheiro por isso, quais os serviços sexuais que ela prestará no quarto de programa: sexo vaginal? Sexo anal? Beijo? Ou se este homem será um *privilegiado*? Isto demonstra que o corpo da prostituta não é tão alienado e vitimizado quanto pode parecer e, mais do que isso, que ela pode sim ter um certo tipo de escolha.<sup>115</sup> Afirmo que as prostitutas têm autonomia em relação ao seu corpo. A discussão sobre escolha, liberdade e prostituição é bastante polêmica e já a apresentei em outros momentos; entretanto, interessa aqui mais uma vez retomar alguns pontos. Algumas feministas argumentam que as prostitutas vendem o corpo e, portanto, neste tipo de troca não haveria lugar para qualquer tipo de discussão sobre a autonomia corporal da prostituta. Entretanto, ao partir da concepção de que as prostitutas

---

<sup>114</sup> Ver Pasini 2000 a; c, 2001 e 2002.

<sup>115</sup> Uma passagem da minha dissertação em que já pensava nesta questão: “Como foi observado, as garotas pesquisadas não se entendem e não se colocam apenas enquanto objetos. Apesar de estarem na rua e, a princípio dispostas a realizarem sexo em troca de dinheiro, mostram que também são mulheres dotadas de vontades e escolhas. Ao mesmo tempo, bem foi visto, que elas não deixam de situar os *clientes* também nessa lógica, ou seja, homens dispostos a realizarem sexo em troca de dinheiro. Assim, esse determinado contexto simbólico estaria marcado pela mesma lógica. Mais uma vez está colocado o jogo das relações de gênero e de poder características do universo” (Pasini, 2000, p. 147).

não são apenas escravas ou mulheres dominadas pelos homens, é possível refazer o olhar sobre a questão. Davidson (1996) discute a relação de poder, controle e consentimento que as prostitutas estabelecem junto aos clientes no contrato da prostituição. E, para a autora, as prostitutas têm uma autonomia no seu trabalho de prostituição, no qual elas impõem os limites e os termos da interação com seus clientes. Para as feministas liberais, seriam as prostitutas que normalmente teriam o controle da transação do encontro com o cliente e, inclusive, é ele quem sofre os danos causados pelas prostitutas como, por exemplo, enganação de práticas, valores cobrados, bebidas a serem pagas, artimanhas da negociação. Este olhar coloca a mulher em um lugar de possibilidade de escolha em relação aos seus atos e ao seu corpo, o que eu acredito acontecer nas zonas de prostituição pesquisadas.

Com isso não afirmo que o poder esteja nas mãos das prostitutas, apesar de que este seja o discurso das prostitutas que estudei. Na região da Rua Augusta, as prostitutas discursavam a respeito de seu poder sobre os freqüentadores. Para elas o fato destes as procurarem e de elas decidirem o que aconteceria na negociação e na prática do programa parecia “empoderá-las”. É como se as prostitutas usassem o desejo dos homens para comandarem a relação. Entretanto, esse poder<sup>116</sup> nem sempre está nas mãos das prostitutas; ora também está com os clientes, pois na prática dos programas algumas vezes serão eles que determinarão os acontecimentos. Isso exemplifica que há circulação do poder, e que as prostitutas não o detêm em absoluto.

Mesmo que esses homens tenham consciência de que a realização desses *privilégios*, por parte das prostitutas, pode ter como único objetivo seu próprio ganho – afinal é a partir desta parceria que ela também se tornará alguém com prestígio ou, no

---

<sup>116</sup> Scott (1995) concebe o sistema de gênero e sexo como relações de poderes, em que os contextos simbólicos estariam envolvidos por conflitos e transformações sociais, culturais, políticas, econômicas.

mínimo, terá algum tipo de cuidado/ajuda (mesmo que simbólico) –, eles parecem não se importar. Como foi visto no depoimento de Daniel, esses homens se orgulham tanto de serem assediados pelas prostitutas, como em ser marcados como homens *privilegiados*. Afinal, o *privilegio* é uma marca diferencial entre os freqüentadores; quem não recebe qualquer *privilegio* é o freqüentador cliente. E isso parece reforçar a constituição desta diferença e, assim, a constituição de um dos modelos de masculinidade que pude observar na Vila Mimosa. O fato de ser o alvo de *privilégios* de uma prostituta é uma marca do quanto o sujeito agencia bem sua masculinidade. Aqui se lê não apenas sexualmente, mas também, como provedor financeiro (mesmo que simbolicamente), afinal, muitos deles ajudam no sustento da mulher com quem se relacionam.

Ser o provedor de uma mulher é, de longe, um dos valores mais ressaltados pelas pessoas da Vila Mimosa.<sup>117</sup> Todos os homens com quem conversei afirmam serem os provedores de seus lares. Em vista disto, consigo entender o quanto é importante para Tadeu demonstrar que sustenta todas as mulheres com quem mantém relacionamentos conjugais (assim entendidos por ele). Inclusive, Tadeu diz sustentar até aquela mulher com quem ele não mantém qualquer vínculo afetivo, mas tão somente um vínculo conjugal. Um homem ser provedor de uma mulher é um elemento fundamental para construir a masculinidade. Associado a isto, há no discurso de alguns desses homens – aqueles que mantêm um relacionamento conjugal com uma “ex-prostituta” – a afirmação de que a mulher só exercia a atividade da prostituição por falta de dinheiro e, como o homem a sustenta, ela não teria razão para retornar a essa atividade. Antônio, gerente de um

---

<sup>117</sup> Segundo Corrêa (1983) em seu estudo sobre “crimes da paixão” um dos elementos fundamentais para comprovar que o homem julgado pelo crime deveria ser absolvido era se ele provia a família. Depois disso provado, certamente sua pena seria pelo menos reduzida, afinal esta era uma prova de que ele cumpria bem seu dever enquanto homem.

estabelecimento de prostituição, irritado com minha indagação sobre um possível retorno da sua *esposa* à atividade da prostituição, diz que isto seria impossível, *desde o momento que eu tirei ela, para sustentar, não tem porque ela voltar para esta vida. Ela não é burra!*

As mulheres também discorrem sobre a obrigatoriedade do sustento masculino. Inclusive, o agenciamento desta regra é um motivo tanto de orgulho como de vergonha para elas. Uma das maiores disputas que percebi entre Cleuza e Carina era justamente mostrar qual dos dois companheiros desempenhava melhor ou pior esta posição. Em suma, quando o homem não cumpria sua função, a mulher se via no direito de também não cumprir o que culturalmente lhe é atribuído. Inclusive, foi o que vimos no capítulo anterior, quando Janete se sentiu no direito de desobedecer a uma ordem do marido, afinal ele não mais sustentava a família e não mantinha mais relações sexuais com ela. Contudo, a prática do sustento das mulheres está alocada a uma série de restrições, principalmente, visitas à Vila Mimososa, afinal, este não é um bom local para mulheres não prostitutas transitarem. No entanto, os homens continuam trabalhando neste lugar e, além disso, continuam mantendo relações com outras prostitutas. Parece que uma zona de prostituição não é um bom lugar para a mulher que exerce o papel de *esposa* freqüentar; todavia, isto não significa que os homens e que outras mulheres não o possam freqüentar. Prover uma mulher é um elemento importante para pensar nas masculinidades dos freqüentadores estudados.

Entende-se que o prover referido não se resume ao financeiro, apesar de ser fundamental. A prostituta procura um masculino que também tenha as outras características que ela valoriza: aquele que tem a possibilidade de retirar a prostituta do lugar da indiferença. Esse masculino é provedor de afeto, dinheiro, *status* e proteção.

É importante compreender que para os homens que não se entendem (e também não são entendidos) como clientes, aqueles que o são, não são suficientemente homens, pois

precisam pagar para estarem junto a uma prostituta,<sup>118</sup> ficam com ela durante um tempo determinado e não são alvo dos seus *privilégios*. Ao mesmo tempo, em que é possível acusar o outro por não ser homem suficiente por precisar pagar uma prostituta, na opinião dos meus informantes também não se é mais homem depois de estar com uma prostituta. Sim, aquela afirmação tão vinculada pelos meios literários e pelo senso comum, da importância de se relacionar sexualmente com uma prostituta para se tornar um homem, aqui, entre meus informantes, não tem relevância, pois não basta se relacionar com uma prostituta. Em vista disto, creio que o agenciamento da masculinidade está em não precisar pagar para estar com uma prostituta e não simplesmente em se relacionar com ela.

Através do agenciamento destes elementos – não pagar para se relacionar sexualmente com uma prostituta; permanecer mais tempo no quarto de programa; receber *privilégios* das prostitutas e se diferenciar da figura do cliente –, é construído um dos modelos de masculinidade – prática esta que dever ser feita e refeita a cada momento entre os homens da Vila Mimosa.

Entretanto, apesar destes freqüentadores *privilegiados* se colocarem hierarquicamente em uma outra categoria – a dos não clientes –, e de muitos deles se relacionarem maritalmente com prostitutas, eles não querem pertencer à categoria daqueles que trocam sentimentos de afeto com as prostitutas. Isto se dá em razão de um forte motivo: caso o relacionamento entre o *privilegiado* e a prostituta se fortaleça, automaticamente a mulher não será mais uma prostituta, e sim, a sua cônjuge. O homem obriga a prostituta a “encerrar” (mesmo que apenas pelo período da relação) sua carreira no exercício da prostituição. Meus dados de pesquisa apontam que dos vinte e quatro homens que

---

<sup>118</sup> Um vendedor ambulante, homossexual assumido, diz que os homens que vão para a Vila Mimosa são bichas, afinal precisam pagar para conseguir uma mulher, *pra provar que são homens!*

participam dessa pesquisa três se autodenominam homossexuais. Do total de homens heterossexuais, apenas um deles nunca manteve relação conjugal com uma prostituta. Dos outros vinte homens, nove deles afirmam ter se relacionado com alguma prostituta, mas que esta relação não poderia ser denominada como relação conjugal; entretanto, os outros onze já viveram ou vivem maritalmente com uma prostituta. Apesar desses dados procurei compreender o que é ser companheiro conjugal de uma prostituta. Refiro-me ao período em que a mulher não deixou de se prostituir.

Como já foi dito, Tadeu é categórico em afirmar não sentir ciúme das suas *mulheres* que realizam programas com clientes (Bruna, sua esposa, não está nesse grupo), pois isto não significaria uma traição, afinal um *cliente não é homem*. Desta forma, uma traição só se legitimaria se acontecesse com um outro homem e não com os clientes. É importante retomar que cliente não é considerado homem no contexto estudado, pois ele não recebe nenhum tipo de *privilégios*; homem é o freqüentador, pois, este sim, é *privilegiado*. Apesar do cliente pertencer ao lugar de desprivilegio, isso não significa que todos os freqüentadores não sintam ciúme destes homens; todavia, o que importa é não publicitá-lo, pois como já foi demonstrado, este tipo de cena de ciúme pertence às mulheres. No entanto, em algumas ocasiões é impossível não revelar seu incômodo com a situação. Daniel e Beto – gerentes de estabelecimentos de prostituição – falam sobre como foi ser namorado de uma prostituta. Primeiro o relato de Daniel:

*É uma sensação horrível, horrível, uma sensação horrível. Eu vinha [até a Vila Mimosa] por que ficava preocupado. Não sei se era para ver ou por causa dela. Eu acho que era mais por causa dela, não por ir e ver o que ela fazia, mas se acontecesse alguma coisa e eu não estivesse lá? Não sei, coisa mais protetora, de proteção. Se o cara chegar no quarto e bater nela? Eu ia matar aquele cara, se alguém tentar agredir ela eu vou meter a porrada,*

*eu vou matar aquele cara se ele ficar de gracinha com ela. Entendeu? É isso, de proteção. Era horrível, eu sabia que eu ia vê [a namorada fazer programa], mas eu queria vê. Chegou um período, no final, que eu passei mal, muito mal, vomitava, me sentia mal, ansiedade, respirava fundo, minha pressão subia e descia, subia e descia, subia e descia. Aí foi que eu dei um basta. Ela saiu da prostituição.*

No depoimento de Daniel há várias questões relevantes. Primeiro ele afirma que precisava estar por perto da sua namorada, pois não poderia permitir que algum outro homem fizesse algo contra ela, era preciso protegê-la. Aliás, esta é uma das principais tarefas do freqüentador que recebe *privilégios*. Ressalto que proteção é um atributo masculino, mas não do sexo de homem. Entretanto, Daniel não agüentou a situação e ela acabou abandonando o exercício da prostituição. Beto também discorre sobre o tema:

*Era muito ruim, porque quando você vê ela subindo mesmo para o quarto... No começo, tá namorando ainda, tá tranqüilo, mas você vai começando gostar, gostar, gostar... Aí vai começando a ficar ruim. É uma sensação horrível, horrível. Você ver um babaca tocar na mulher que você gosta é muito ruim. Eu passei maus momentos aqui, vendo isso, maus momentos. Tanto que ela não tinha coragem, quando ela sabia que eu estava aqui, ela não tinha coragem de fazer programa. Era muito ruim pra mim ver, então ela não fazia. Quando ela sabia que eu estava aqui ela saía, não tinha coragem pra ficar. Não era legal nem pra mim, nem pra ela. Era muito ruim! Pra um homem que gosta é muito ruim. (...) Eu conheci ela aqui, se eu não tivesse conhecido, se eu conhecesse ela lá fora e soubesse que ela estava aqui dentro é diferente, mas eu conheci ela aqui, eu sabia o que ela fazia. Cabia a mim correr atrás e mostrar pra ela que esse aqui não é o caminho, se ela quisesse ficar comigo, não ia ser esse o caminho que ela ia ficar, entendeu?*

Beto também ressalta a impossibilidade de gostar de uma mulher e de vê-la se relacionando sexualmente com outro homem. Nesta relação, quando ele estava na Vila a

prostituta acabava não exercendo seu trabalho: ela não fazia programas. O fim da história é o mesmo que o da anterior e de tantas outras: ela abandonou o exercício da prostituição.

À vista dessas colocações, sugiro que estar envolvido afetivamente com uma prostituta não é vivido de uma forma harmoniosa por esses homens. Mesmo que eles considerem os clientes não homens, a realização do ato sexual com o cliente lhes desagrada, até por que eles sabem – por experiência própria – que esta regra pode ser facilmente transgredida. Inclusive, acredito que a maioria destes homens vivencie sua relação a partir desta possibilidade. Mais uma vez parece que o maior medo desses homens é o de serem “cornos”. Sendo assim, como foi visto no capítulo anterior, há também uma obrigatoriedade na defesa da honra.

Na maioria das vezes eles resolvem de uma única forma o problema: tiram as prostitutas da atividade da prostituição. Levei um tempo para compreender que a mulher que assume o papel de esposa dificilmente permanece sendo prostituta. Mesmo Tadeu, que têm duas das suas companheiras ainda no exercício da prostituição, também opera suas relações a partir desta lógica, pois tanto sua cômpute legal como a mulher que considera sua esposa, não são mais prostitutas.

Altair, por exemplo, parece se orgulhar de manter relacionamentos amorosos com prostitutas. Para ele, que já namorou e se relacionou maritalmente com várias prostitutas, isto parece não ser um problema, antes ao contrário.

*Meus colegas reclamam que eu namoro uma prostituta. Eu falo, o que tem? Eles falam que ela faz programa, chupa, faz isso e aquilo outro. Eu falo que a gente vai pro pagode da vida e encontra a menina e nem sabe da onde ela é, e você não vai beijar na boca dela? Você não vai sair com ela? Não vai transar com ela? Sabe se ela usou camisinha com o outro que ela encontrou no pagode? Pelo menos eu sei que as meninas vão dá [relação*

sexual] *de camisinha, vão chupar de camisinha. E as que estão aqui fora* [não prostituta]? *Eu me sinto mais seguro namorando uma menina aqui de dentro* [prostituta] *do que lá de fora* [não prostituta].

No entanto, sua atual *esposa* também abandonou o exercício da prostituição. Quando mantive esta conversa com Altair era a companheira quem cuidava da sua residência e, em minha última visita a Vila Mimosa, ela estava grávida de sete meses. Para mim, a prática de Altair pouco mudou em comparação com aquela agenciada por Daniel, Beto, Antônio e tantos outros homens que se relacionam maritalmente com uma prostituta: elas precisam abandonar o exercício da prostituição para se tomarem *esposa*. Porém não é qualquer mulher que pode ser escolhida para desempenhar esse papel. Há uma diferença entre a mulher que serve para casar e aquela que serve para ser prostituta. A mulher escolhida para ser *esposa* é aquela que exercia a atividade da prostituição por necessidade, por um erro, mas não por falta de caráter ou por “sem-vergonhice”,<sup>119</sup> por gostar de ser prostituta. É dito que não são todas as mulheres que podem mudar de vida – deixar de ser prostituta –; algumas, mesmo com a oportunidade de mudança jamais *deixarão de ser prostitutas*.

Um taxista freqüentador assíduo do estabelecimento de Fernanda, chamado Paraguai, conta sobre a escolha errada que fez no passado: ele se relacionou com *uma prostituta que não prestava (...) tirei ela da vida, fiz dela minha mulher*. Para Paraguai seu maior erro foi ter se apaixonado por uma prostituta, pois, fora o desgaste devido às constantes brigas que constituíram a relação, também teve problemas matrimoniais e

---

<sup>119</sup> Bonetti (2000) discorreu sobre a mulher sem-vergonha, segundo a autora, quando suas informantes se referiam a este tipo de mulher apresentavam “um julgamento de valor moral acerca de determinados atributos do feminino que são, dentro do código estrito que dita o comportamento esperado de homens e mulheres, dissonantes com uma figura de mulher respeitável” (Bonetti, 2000, p. 108).

financeiros. Paraguai contou que era feliz com a prostituta, mas com o passar do tempo ela começou a demonstrar que gostava mesmo era de sexo e de dinheiro. Os problemas aumentaram quando ela engravidou, pois pedia cada vez mais dinheiro, quantias que ele não podia lhe dar e a partir daí a traição ficou explícita. Paraguai, desconfiado da traição, resolveu não sustentá-la mais; nem ela, nem o filho. Outro motivo que influenciou na separação foram os pedidos constantes que ela fazia para ele se separar da *esposa* legal: *Eu nunca pensei nisso. Esposa é a mulher sagrada, é a mãe dos meus filhos*. Paraguai afirmou que não considera o filho que teve com a prostituta como sendo seu, não por duvidar da paternidade, mas sim, por não nutrir qualquer sentimento pela criança. O problema é que ele era muito diferente dos filhos que tem com a *esposa*, isso por causa da pouca dedicação da sua mãe em cuidá-lo. Paraguai afirma que sua *esposa* vive em função dos filhos, diferente da prostituta que estava preocupada apenas com ela mesma. No final da nossa conversa ele ressaltou que jamais seria enganado novamente, agora diz saber quando uma mulher nasceu para casar e quando uma mulher nasceu para *viver entre sexo e dinheiro*.

Paraguai parece ter vivenciado uma quebra do pacto de reciprocidade. Como a mulher não desempenhou mais sua função de *esposa* (exclusividade de atenções sexuais e cuidados com a família, preservando a moralidade do espaço doméstico), ele se viu no direito de deixar de cumprir sua obrigação enquanto esposo (o provedor da família).<sup>120</sup> Outro ponto interessante é que o filho não tem valor na relação. Esse fato não acontece porque haja uma desconfiança da sua paternidade, o que a princípio seria mais compreensível, mas por que ele não foi criado a partir das regras de uma boa esposa, boa mãe. Segundo Bonetti (2000), “o atributo da fidelidade feminina da mulher casada está

---

<sup>120</sup> Como já foi dito, este papel de provedor pode ser simbólico. Ou seja, não é necessário o homem sustentar materialmente a família para obter este *status*.

diretamente associado com os outros atributos do seu papel de gênero no pacto de reciprocidade conjugal: o cuidado da moradia e dos filhos” (Bonetti, 2000, p. 108). Mas, talvez não seja apenas o pacto de reciprocidade que esteja em jogo. Neste contexto, há outros elementos que constituem o eixo da relação: a traição, o ciúme e a impossibilidade da mulher deixar de ser prostituta. Isso significa que o homem não é um bom provedor, afinal a prostituta continua buscando sustento, afeto, *status* e proteção, as regras que o constituem como provedor simbólico.

O fato de esses homens mudarem de *status* social – de homem solteiro para homem casado – pouco muda a relação que mantêm com as prostitutas. Laerte tem um comportamento típico dos homens que mantêm alguma atividade de trabalho na Vila Mimosa: ele é casado, relaciona-se sexualmente com prostitutas, mas afirma que essa relação não prejudica e/ou interfere na sua relação conjugal. Aconteça o que acontecer, os homens que mantêm alguma atividade de trabalho na Vila Mimosa continuarão mantendo a lógica de que mesmo casados (com mulheres que foram ou não foram prostitutas), se relacionarão sexualmente com uma outra mulher.

É preciso questionar o que define de fato a mudança de *status*: por um lado tem-se orgulho de receber *privilégios* de uma prostituta; de outro, quando esta relação se torna conjugal não há mais orgulho no fato dela continuar sendo prostituta. Atualmente, todas as companheiras destes homens são ex-prostitutas. Afinal, os freqüentadores não conseguem manter relações conjugais com mulheres que permanecem exercendo a atividade da prostituição? Parece mesmo que esta possibilidade sequer é pensada. Apesar de alguns homens negarem, concluo que quando a relação entre um freqüentador e uma prostituta se torna uma relação realmente conjugal, o homem tem a obrigação de “convencê-la” a abandonar o exercício da prostituição. Caso ela não aceite, certamente a relação terá

problemas ou ela não se tornará sua *esposa*, quando muito, uma relação com menos importância (valorização, respeito). É como se a mulher tivesse escolhido o exercício da prostituição.

Como já foi dito, a masculinidade está implicada em experiências práticas da vida, assim, ora é preciso usar um tipo de masculinidade, ora outro, pois este modelo é tanto flexível como contextual, dependendo de cada grupo específico. Desta maneira, diria que os homens, na busca da afirmação de sua masculinidade, reelaboram constantemente suas práticas cotidianas, suas falas, suas posturas corporais. Ao longo deste capítulo fiz algumas distinções êmicas no que se refere aos freqüentadores, com o intuito de apresentar alguns elementos que compunham agenciamentos destes diferentes modelos de masculinidades. Por exemplo, nem todo freqüentador da Vila é cliente, os não clientes são objeto de maior respeito e motivo de orgulho do que os clientes, estes, para alguns freqüentadores, não são considerados homens, e assim por diante... Defendo não haver uma única forma de se colocar e se constituir homem no contexto estudado. Basicamente é possível pensar em diferentes elementos que esses homens agenciam para construir modelos de masculinidade: não pagar para se relacionar sexualmente com uma prostituta; permanecer mais tempo no quarto de programa; receber e demonstrar publicamente os *privilégios* de uma prostituta; diferenciar-se da figura do cliente; prover mulheres; obrigar a prostituta que se tornou sua *esposa* deixar de se prostituir; não sentir ciúme; defender sua honra; relacionar-se com mulheres, e gastar dinheiro com elas. É no agenciamento desses elementos (de uns ou de outros) que se formam os diversos modelos de masculinidades na Vila Mimosa. Até aqui mostrei que esses modelos se definem pela condição ou qualidade de transitório. Trata-se de um freqüentador que não é o cliente, que é o cliente, que não é solteiro, que não é casado, que é ciumento, que não o é... Enfim, é um freqüentador que tem um *status*

ambíguo e, portanto, a possibilidade do movimento, de estar “entre” características, regras, ou seja, sempre pode ser alguma outra coisa que não o que está sendo naquele momento.

### **4.3. Significados e Sentidos de uma Zona de Prostituição Feminina**

Compreender as razões que levam os homens a freqüentar zonas de prostituição feminina sempre acompanhou minhas investigações no “mundo da prostituição”. Desde minhas antigas pesquisas, tenho pensado sobre os significados e os sentidos desses freqüentadores estarem numa zona de prostituição. Além das minhas leituras e observações, também costumo trazer a tona esta questão nas conversas com os informantes. Seguindo o argumento que os homens não freqüentam a Vila apenas em busca de sexo esclareço que não procuro obter respostas a respeito dos motivos que levam os homens “traírem” suas companheiras, mas, antes, refletir sobre as motivações que os levam até zonas de prostituição. Isto tudo porquê acredito que tal reflexão possa ajudar na compreensão das sexualidades dos freqüentadores estudados da Vila Mimososa.

A sexualidade é uma temática complexa, e desde minhas primeiras leituras sobre o tema busquei encontrar um conceito em que pudesse me ancorar e, enfim, “enxergar” a sexualidade nos corpos, nas relações entre as pessoas. Hoje, acredito que a sexualidade não trata apenas de relações sexuais, das genitálias, das fantasias ou dos desejos sexuais do sujeitos, mas também trata da personalidade, do sentimento, da sensação, dos limites e das conexões sociais. Portanto, é possível compreendê-la a partir tanto de práticas corporais, sexuais e sociais como também nas palavras e nos olhares dos sujeitos. Assim, não centrei meu olhar nos comportamentos sexuais dos sujeitos, e sim, naquilo que eles significam em seus contextos sociais (cf. Parker, 2001). Até porque a sexualidade de um sujeito não é

dada a priori e, de forma alguma, algo fixo. Por tudo isso, ela só adquirirá significado quando compreendê-la sob um determinado contexto cultural e histórico. Só assim a sexualidade se constituirá como um elemento de significação. Fry (1982), ao falar das classificações dos homossexuais no país, afirmou a importância de se entender a sexualidade como uma construção social:<sup>121</sup>

Mas gostaria de terminar com uma indagação. Se é verdade que a sexualidade, como qualquer atividade social, é construída ideologicamente de acordo com as contradições da sociedade como um todo, e que portanto ela 'fala' dos princípios nem sempre consistentes que regem a vida social, qual a sua especificidade em relação aos demais comportamentos sociais? Aventuro-me a sugerir que as noções de hierarquia e igualdade, quando expressas através da linguagem do sexo, calam mais fundo na consciência do que através de quaisquer outras linguagens. Esta sugestão tem como pressuposto que, pelo menos num sentido, Freud está com a razão quando coloca a sexualidade na base da psique e da sociedade. Em contrapartida, e como resultado dos argumentos aqui desenvolvidos, ela supõe também que a sexualidade, antes de ser uma substância, uma condição da natureza humana, é sobretudo uma construção social. Daí o seu caráter histórico. Daí a sua variedade de sentidos e de interpretações. Mas não qualquer sentido ou qualquer interpretação. Apenas aquelas constituídas historicamente no interior de sistemas de representações sociais mais abrangentes. Entretanto, se a sexualidade é parte desses sistemas e se o seu sentido é informado por eles, é preciso não esquecer que, por ser uma parte privilegiada, ela também os informa e lhes dá orientação (Fry, 1982, p..112).

---

<sup>121</sup> Vance (1995), em um texto importante na compreensão do tema da sexualidade apresentou dois dos principais modelos teóricos que embasaram as pesquisas antropológicas e as pesquisas sobre sexualidade nos últimos anos. No modelo da "Influência Cultural", a sexualidade é vista como uma categoria naturalizada e, apesar de haver alguma variação transcultural, tanto o impulso biológico como a função reprodutiva, quase sempre são considerados como temas universais. Além do não questionamento em relação à universalização da sexualidade também há uma ênfase no determinismo biológico, destacando a reprodução e, as relações heterossexuais. Ainda pontuo o fato de que nesse modelo teórico, há uma fusão entre sexualidade e gênero, em que a segunda estaria diminuída em relação à primeira temática. O outro modelo teórico que Vance examinou foi a "Construção Cultural". A autora alerta que nesse modelo há conotações diferentes em relação à pesquisa sobre sexualidade. Mesmo assim, há elementos comuns na sua formação, principalmente, a idéia de que a sexualidade é construída de diferentes formas, conforme a cultura e o tempo histórico. Neste sentido, a teoria da construção social faz distinções entre os atos sexuais, identidades sexuais e comunidades sexuais.

Para o autor, os sistemas de classificação, ou taxonomias, utilizados para definir as práticas sexuais não representam uma natureza ou essência do indivíduo, mas são antes, construções históricas e sociais, que permitem que um mesmo conjunto de práticas tenha significados e representações diferentes dependendo do contexto e situações.

A partir destes elementos construí o olhar sobre os significados e sentidos de uma zona de prostituição feminina para os frequentadores estudados.

Leite (1992), em um estudo biográfico a partir da sua experiência na atividade da prostituição, afirma que os homens procuravam a prostituição porque buscavam o ato sexual sem envolvimento amoroso e, também, em busca de suas fantasias sexuais, aquelas que ele não realizará com a cōnjuge. Sousa (1998), escreveu sobre o perfil de clientes de dois prostíbulos cearenses. Para obter informações desses homens ela usou um questionário fechado com diversas perguntas: escolaridade, religião, profissão, entre outras. Mas, nesse questionário, também havia duas perguntas “abertas”, ambas feitas para homens casados. A primeira questionava “os motivos que os levavam, quando solteiros, a frequentar casas de diversão” (Sousa, 1998, p. 99), e as respostas mais significativas foram: convite de amigos, diversão, curiosidade, liberdade sexual, tomar cervejas, entre outras. As respostas pouco se diferenciaram daquelas respondidas quando eles se colocavam no *status* de um homem casado (o que eles eram realmente). Apesar das autoras escreverem suas análises a partir de lugares diferentes, ambos os textos apresentam motivos que se assemelham aos que encontrei no contexto estudado. Ouvi falar em diversas motivações as quais levariam um homem à Vila, e as que mais apareceram foram: diversão, aventuras, relações sexuais com mulheres diferentes, carência, fuga do cotidiano, para conversar, para beber, entre outras, as quais analisarei no decorrer do texto.

Tanto os homens como as mulheres afirmavam que muitos dos homens frequentadores da Vila não estão naquele contexto com o único objetivo de realizar programas, eles gostam é de olhar para as mulheres, beber com os amigos, conversar com os donos(as) de estabelecimentos e com as prostitutas. Inclusive, como já anunciei, esta foi a questão chave para que eu revise o universo pesquisado. Compreender que os homens que frequentam a Vila Mimosa não estão apenas à procura de relações sexuais foi o principal motivo para o alargamento do universo pesquisado. Uma das conclusões de Gaspar (1985), Moraes (1996) e tantos outros autores que estudaram o tema é que muitos homens que procuram prostitutas não estão exclusivamente atrás de seus serviços sexuais, eles também querem conversar, se distrair, beber. Na Vila não é diferente, mas sempre que ouvia estes argumentos achava que era preciso investigar, pois havia algo interessante na questão. Segundo os pesquisados, a literatura específica e os meios de comunicação, a Vila Mimosa é um lugar perigoso. Eu mesma vivenciei diversas brigas, acabou em tiroteio e assassinato. Sua localização central (espaço urbano socialmente mal-visto) dificulta o trânsito de carros e, também, é um lugar onde as bebidas custam tão caro quanto em um bar de classe média carioca. Dito isto, questiono a razão que leva estes homens a beber e conversar nestes estabelecimentos, até porque poderiam fazer isto em qualquer outro lugar. Fica aqui a questão: será que há alguma especificidade num bar de prostituição?

#### *4.3.1. Sociabilidade: um olhar sobre os frequentadores*

Conheci Cleiton – atendente de uma lanchonete no centro da cidade – na primeira vez que ele visitava a Vila Mimosa e, talvez por esta razão, conversamos por horas. Cleiton prometeu não retornar ao lugar, com um tom de arrependimento e de mal-estar confessa:

*não gostei do jeito das mulheres, do jeito delas se vestirem, de como caminham e como me olham.* Além disto, ele se diz estarrecido com a hipótese de manter uma relação sexual com outra mulher que não sua *esposa*, pois essa atitude acabaria com o amor entre eles. Sua visita à Vila não era para fazer programas com prostitutas, e sim, para estar com seus amigos. Laerte conta que sempre retorna para a zona por sentir saudades de seus amigos. Numa de nossas conversas questionei se Laerte sentia falta da vida na prostituição, ele respondeu que a maior falta era das conversas com seus conhecidos, afinal foi ali que conheceu seus verdadeiros amigos. Também afirmou que não trocava o seu atual trabalho por outro lugar qualquer, segundo ele foi naquele lugar que conquistou respeito e o sustento da sua família. Ângelo – um ex-freqüentador, que hoje tem seu próprio comércio em sociedade com Vani – afirmou que a Vila para ele representa *um lugar para conversar, ter amigos e não para ter mulheres*. Para Carina os homens ficam *presos em suas rotinas diárias da casa e do trabalho, então eles querem brincar, conversar, ouvir música. Muitos não vêm pra transar. Alguns ficam quietos, não falam com ninguém, mas estão entre pessoas*. Em outra ocasião, César – um repórter de um jornal popular no Rio de Janeiro – afirmou que sempre freqüentou a Vila Mimososa, mas poucas vezes fez programas com prostitutas, pois o que ele gosta mesmo é de beber e de conversar com os amigos. Em seu relato, César elucida algumas vantagens em freqüentar esses estabelecimentos de prostituição: *É bom ficar olhando as mulheres passarem. Ela senta, faz carinho, diz que você é gostoso, bonito. Isso é machismo! Mas é gostoso e, acima de tudo, não dá problema algum*. Mário – um dono de estabelecimento de prostituição – também discorre sobre a questão, o para ele, *tem um tchan que muitos lugares não tem, o homem fica mais à vontade, você mexe com as garotas, elas ficam seminuas. Aqui tem muita sacanagem. Em outros lugares não dá para falar alto, não dá para usar palavrão*.

Nesses relatos as pessoas concordam que muitos dos freqüentadores estão na Vila Mimosa com o objetivo de compartilhar momentos de lazer com outros homens e, também, porque nestes estabelecimentos é possível olhar, mexer, conviver e, se quiser, fazer programa com prostitutas. Afinal, o que este tipo de sociabilidade traduz sobre a convenção da sexualidade e da masculinidade destes freqüentadores?

Estudiosos do tema da prostituição já alertaram para a idéia de se pensar nos locais de prostituição como espaços de sociabilidade. Mesmo que estes autores estivessem olhando especificamente para a prostituta, para mim, tais afirmações são indícios de que nestes locais há práticas de sociabilidade. Fonseca (1996), através de uma cuidadosa descrição e contextualização do cenário da sua pesquisa, contesta o pressuposto de que nestes locais só aconteça prostituição. Na praça em que pesquisou, aconteciam encontros de amigas antigas e atuais – quem deixava a prostituição e quem ainda estava na *batalha* –, em que compartilhavam assuntos pessoais, profissionais, problemas e alegrias. Também era comum haver diversas trocas entre as mulheres: dinheiro, enxoval, leite, entre outros. O cotidiano da praça, segundo ela, também era um espaço de brincadeiras e, principalmente, onde as mulheres contavam e realizavam suas histórias de vida. Mazzariol (1976) explicitou que muitas vezes não via diferença alguma em estar em uma *casa* de prostituição ou estar em casa de uma de suas amigas, pois as conversas em pouco se diferenciavam. Segundo Benedetti (2000), que estudou travestis nas ruas de Porto Alegre, nos locais de prostituição é que as travestis “... aprendem os métodos e técnicas de transformação do corpo, incorporam os valores e formas do feminino, tomam conhecimento dos truques e técnicas do cotidiano da prostituição, conformam gostos e preferências (especialmente os sexuais) e este é um dos importantes espaços onde as travestis constroem-se corporal, subjetiva e socialmente” (Benedetti, 2000, p. 102). Nestes locais de prostituição conversa-

se, troca-se experiências e ajudas, enfim, constrói-se modos de se formar laços, de se estar com os outros, de formar grupos através da sociabilidade.

Dito isto, acredito que esses locais não propiciem apenas aos sujeitos que se prostituem esta troca, antes ao contrário, também os freqüentadores têm na zona de prostituição um espaço de sociabilidade. A Vila Mimosa é um espaço para se estar entre homens, isto não significa que a presença de mulheres não seja importante, muito vezes, não é preciso manter qualquer relação com elas, basta apenas olhar ou, quando muito, tocar. Este parece ser um motivo importante para levar alguns homens aos locais de prostituição. Interessa sim, compartilhar esse espaço social com as mulheres, mas interessa antes estar entre os homens. É neste espaço que os homens se encontram, trocam desejos, confidências, histórias e, de uma certa forma, sua intimidade. Na maioria das vezes esses encontros acontecem nos bares de prostituição. Para melhor compreender a importância dos bares, como o contexto *privilegiado* da sociabilidade masculina é preciso conhecer outros bares, pelo olhar de autores preocupados em pesquisar o tema.

Jardim (1991), em seu trabalho sobre identidade e auto-segregação masculina, discorre sobre bares, que a autora intitula como a casa dos homens, "... locais onde há a socialização e rituais de passagens nos quais homens são concebidos culturalmente, e onde a determinação biológica não é suficiente para a definição da masculinidade" (Jardim, 1991, p. 128). Os "butecos", locais estudados por Jardim, podem ser compreendidos como um tipo de espaço masculino específico, no qual "evidencia a importância da troca de experiências entre homens na elaboração de uma cultura masculina" (Jardim, 1991, p. 129). Neste sentido, os "butecos" podem ser compreendidos como espaços onde significados são "compartilhados pelos homens e expressos publicamente nestes espaços a respeito da masculinidade" (Jardim, 1991, p. 128). Vale de Almeida (1995), em seu estudo sobre a

variedade das identidades masculinas no cotidiano de homens numa aldeia Alentejana, apontou elementos para refletir sobre o contexto do bar – um lugar obrigatório do lazer dos homens. Segundo o autor: “Nas sociedades mediterrânicas, o bar ou café é uma instituição focal da vida pública, por excelência o palco da sociabilidade masculina; é o gênero masculino, precisamente, que está associado à vida pública” (Vale de Almeida, 1995, p. 185). Nestes locais há um intenso consumo do álcool, de jogos de cartas e de muita conversa, em que se privilegia a temática sexual – histórias sobre as proezas sexuais, brincadeiras sobre homossexualismo –; enfim, no café surge um corpo de homem com “gestos largos, as pernas abertas, o bater na mesa, o levantar da voz, a reiteração, as narrativas de auto-elogio” (Vale de Almeida, 1995, p. 65), diferente daquele corpo que está nos contextos do trabalho e da casa. Vale de Almeida, assim como Jardim, parece afirmar que há uma especificidade nestes encontros, o que marcaria o bar com um ethos masculino. Nascimento (1999), ao discutir sobre formas de vivenciar as masculinidades, também discorreu sobre a importância dos bares para a sociabilidade e a negociação das identidades masculinas. Segundo o autor os bares funcionavam “como um grande fórum de discussão e cenário para o relato de experiências. Entre os muitos assuntos partilhados, o sexo era a temática recorrente” (Nascimento, 1999, p. 11). Mais uma vez o assunto sexo parece ser um tema de conversas entre homens. Aliás, imagino que é um falar de homens sobre mulheres, pois se trata de homens orgulhosos de sua heterossexualidade. Santos (2001), afirma que os bares que seus informantes garimpeiros frequentam são espaços “dos desabafos, das frustrações de uns e comemorações de outros” (Santos, 2001, p. 102) e, ao mesmo tempo, é onde acontece a maioria dos conflitos masculinos. A autora apresenta mais um elemento: a possibilidade de conflitos. Os bares acabam se tornando cenários da publicização de conflitos entre homens.

Todos os autores apresentados afirmam que os bares têm uma frequência eminentemente masculina. Na Vila Mimosa não é diferente, a maioria dos fregueses dos bares são homens. Algumas poucas vezes acontece de uma dona de *casa* de prostituição e/ou uma gerente freqüentar um outro bar junto com conhecidas – amigas, estudantes, pessoas ligadas a Organizações, Associações, Entidades, enfim, pessoas que querem conhecer os bares da Vila –, ou grupos de prostitutas que estão ou não a espera de homens. Contudo, nunca ouvi falar de mulheres que não tivessem alguma relação de trabalho ou de amizade com alguma pessoa ligada à Vila Mimosa freqüentar um destes bares, assim como nunca ouvi falar de mulheres à procura dos serviços sexuais das prostitutas. O lugar da mulher nos bares de prostituição já está marcado antecipadamente: ou ela é uma trabalhadora do comércio ou ela é uma trabalhadora do sexo.

No primeiro capítulo apresentei ao leitor a Vila Mimosa, ocasião na qual também expus características de dois bares de prostituição – aqueles que mais freqüentei –: o bar de Fernanda e de Tadeu. Retomo alguns elementos já explicitados com o intuito de relembrar a especificidade dos bares de prostituição. Estes bares são barulhentos, há um intenso movimento de pessoas, mulheres transitam nuas ou seminuas,<sup>122</sup> dançam, conversam, as bebidas alcoólicas são tão caras quanto um bar localizado na famosa zona sul da cidade do Rio de Janeiro, poucas vezes há alimentação nestes bares, há quartos de programas e a possibilidade da realização dos mesmos.

De todas estas características que apresentei o fato de poder olhar e, algumas vezes, tocar em uma mulher, sem a preocupação de ela estar ou não acompanhada é um dos

---

<sup>122</sup> Aliás, um dos meus incômodos era justamente ter que fazer ações cotidianas como conversar, almoçar, beber, caminhar, ao lado de mulheres seminuas e nuas. Depois de algumas conversas com homens que freqüentam a zona entendi que, para eles, essa é uma das principais vantagens do lugar. Tive que relativizar e me acostumar!

principais motivos que ajuda na escolha pelos bares da Vila Mimosa. Nos bares que não são especializados em prostituição é mais difícil o homem encostar, se insinuar para qualquer mulher que desejar e, também, receber esta mesma atenção de todas elas, sem precisar disputá-la com outro homem. Altair fala sobre o assunto:

*Você vai lá fora [em bares que não estão localizados na Vila Mimosa] e tudo bem que a cerveja custa menos, só que você vai parar em um lugar, você tem que ficar conversando com aquele grupinho, não vai poder conversar com todo mundo. Aí tem uma mulher na outra mesa e você fica paquerando, daí encosta o cara, namorado dela. Ele vem tirar atitude contido, ah, porque tu tá olhando pra minha mulher? Aí já vai arrumar confusão, vai bater, vai ter briga... Aqui não, você vai beber, vai brincar, você vai ver a mulher, vai chamar, vai brincar com ela, vai curtir, trepar e sem confusão. Aqui [na Vila Mimosa] se come quem quiser sem problemas.*

Não foi apenas Altair quem discursou sobre a vantagem de estar na Vila Mimosa e poder ver, paquerar, seduzir (e algumas vezes tocar) mulheres sem ter a preocupação delas estarem acompanhadas. O fato do homem não precisar disputar a mulher com outro homem ajuda a construir o gosto por esses bares. A “caça” às mulheres é uma disputa entre homens, em que o mais importante não é a mulher, mas sim, a vitória sobre o outro homem.<sup>123</sup> Neste sentido, esse contexto se tornaria um bom espaço para o homem se sentir desejado, importante, pois dificilmente haverá dois homens interessados na mesma mulher e, caso aconteça, certamente se ela quiser poderá atender ambos. Em outras palavras, o homem não precisará demonstrar suas qualidades e usar suas artimanhas na conquista de uma mulher; além disto ele não precisará disputar com um outro homem, e neste sentido ele não precisará ser escolhido por uma mulher. Na Vila Mimosa é o homem quem escolhe a

---

<sup>123</sup> Agradeço a Claudia Fonseca pela dica desta análise.

mulher e ela (a princípio) se deixa ser escolhida. Desta forma, mesmo havendo mais perigo (em outros termos, que não a disputa por mulheres), pagando mais caro pela bebida, tendo dificuldades no acesso até o lugar, essa escolha continua sendo mais vantajosa, pois o homem não teria que disputar a mulher com um outro homem. Além disto, também aqui não há o problema do homem se colocar a prova.<sup>124</sup> Daniel elucida esta questão em uma de nossas conversas:

*Aí sei lá, você chega lá [na Vila Mimosa] e pensa: eu quero você. O poder por ter poder, você pode falar [para a prostituta] lambe os meus pés. Você é respeitado pelo seu poder. Não é que nem no colégio, um favor, por favor, eu quero você, por favor, você pode sair comigo? Não! Aí você tem que escolher aquela mais feinha, você quer sair comigo? E ela diz não, eu não quero, não. Lá [na Vila Mimosa] não, lá você pode escolher a mais linda, a loura, de olhos verdes, gostosa, com um rabão. Você enraba ela e fala eu te enrabei, entendeu? E ela deixa e eu posso. Eu saio de lá pensando que eu sou o cara!*

Daniel explicita bem meu argumento. Segundo ele, na Vila Mimosa – diferentemente da sua época na escola, por exemplo – ele fica com a mulher que mais lhe agrada, pois todas o aceitarão. Deste modo o homem jamais perderia na disputa com outro homem, o que além de fortalecer sua estima, sua virilidade, o colocaria numa escala hierárquica vantajosa em relação àqueles não escolhidos. Esse também é um dos elementos do modelo de masculinidade neste contexto específico.

Outro item fundamental para refletir sobre os bares de prostituição é a importância da bebida alcoólica para o grupo estudado. Diversos autores, ao discutirem o tema da

---

<sup>124</sup> Leonini (2004) escreve sobre o assunto: “Pagar uma mulher significa poder gozar da total corporalidade do ato, isentar-se das exigências de atenção e de satisfação do outro. Significa delimitar um espaço no qual é ainda possível ser ‘macho’ e ter uma mulher à disposição, e pouco exigente. O prazer está, nesse caso, ligado à possibilidade de ter uma relação sexual sem se sentir colocado à prova, sem ser julgado, sem correr o risco de não satisfazer” (Leonini, 2004, p. 88).

reciprocidade, trataram da bebida. Para Lévi-Strauss (1982), por exemplo, a bebida serviria para homenagear o outro. A partir dessa troca, pequenos vínculos sociais seriam estabelecidos – um oferece, o outro aceita, o outro oferece – e, portanto, há uma desvalorização daquele que bebe sozinho. A troca do vinho (a bebida exemplar para a análise de Lévi -Strauss) é o começo de uma relação de reciprocidade. No oferecimento da bebida está contido trocas e, também o oferecimento de conversas, de cordialidade, enfim, da possibilidade de uma relação. Para o autor: “E a aceitação da oferta autoriza uma outra oferta, a da conversa. Assim, vai-se estabelecendo uma cascata de pequenos vínculos sociais, por uma série de oscilações alternadas, por meio dos quais adquire-se um direito ao oferecer, ficando obrigada ao receber, e, nos dois sentidos, sempre além daquilo que foi dado ou aceito” (Lévi-Strauss, 1982, p. 99). Com isto, o autor demonstra que a partir desta troca vínculos sociais estão sendo tecidos em que a bebida é o bem social trocado. Mauss (1974) também discorre sobre a questão. Para este autor “recusar-se a dar, deixar de convidar ou recusar-se a receber [a bebida] equivale a declarar guerra; é recusar a aliança e a comunhão” (Mauss, 1974, p. 57 – 58). Mais uma vez está colocada a importância do oferecimento e da aceitação desta troca.

Autores brasileiros também discutem o assunto. Nascimento (1999) conta que foi depois de ter pago uma bebida alcoólica a um informante (e depois para vários) que realmente se sentiu pertencente ao grupo, pois a “cada nova pessoa que aparecia, eu era apresentado com entusiasmo, dizendo-se que eu era ‘um amigo’ e que era quem estava ‘botando’ a bebida pra eles” (Nascimento, 1999, p. 72). Ao oferecer o pagamento da bebida, o autor parece ter se proposto a fazer operar a partir de um outro tipo de lógica, a qual o possibilitou enfim compartilhar trocas êmicas.

Partindo destas perspectivas e das minhas observações no campo de estudos, logo percebi que eu deveria aprender a lidar com o problema das inúmeras cervejas que sempre estavam sendo oferecidas – tanto pelos homens como pelas mulheres. Mesmo que a literatura antropológica continuasse me mostrando a importância do ato de beber com o grupo, acreditava que o melhor era não beber. Talvez minha preocupação existisse pelo fato de saber que o oferecimento de uma bebida alcoólica por um homem quase sempre significa o começo de um jogo de sedução.<sup>125</sup> Depois de uma longa convivência no campo de estudo compreendi que precisava analisar caso por caso e decidir quando deveria ou não aceitar o oferecimento das bebidas alcoólicas por um homem, afinal, em alguns casos tratava-se apenas de uma troca aos moldes de Lévi-Strauss, de Mauss.

Autores brasileiros escreveram sobre o tema e, inclusive, alertavam para o fato de que a bebida alcoólica estava diretamente ligada ao masculino. Jardim (1991) afirma que a bebida alcoólica estabelece uma das formas de vínculos entre os homens que frequentam os butecos. Assim, o comum era encontrar com homens – sós ou acompanhados por outros homens – bebendo numa mesa de bar. Já a mulher, quando aparecia provocava um imenso constrangimento, o que fazia com que não permanecesse no local. As mulheres permitidas nestes butecos mantinham uma relação de trabalho ou de parentesco com alguém que trabalhava no local. Na literatura sobre a violência conjugal, percebi que havia uma forte ligação entre a bebida alcoólica e os homens. Soares (1999), em seu estudo sobre violência conjugal e as novas políticas de segurança, analisa o fato de que, em que muitos casos de violência, os homens usaram bebidas alcoólicas, sendo este inclusive o motivo que a levou

---

<sup>125</sup> Em alguns casos usei a técnica de não recusar a bebida alcoólica e, ao mesmo tempo, não consumi-la. Costumava deixar a cerveja parada no copo por muito tempo até esquentar ou fazer de conta que tinha bebido, mas só encostava os lábios no copo, misturar meu copo entre os outros ou inventar algum problema físico o qual a bebida prejudicaria. Agradeço esta última dica a Adriana Piscitelli.

a estudar grupos de auto-ajuda. Para ela, grupos estes que estabeleceram uma forma de “vitimização afirmativa”. A partir desta leitura encontrei um caminho para compreender que a discussão sobre a bebida alcoólica está ligada ao universo masculino. Tadvald (2004), por exemplo, ao tentar compreender que fatores poderiam explicar a baixa participação de mulheres em grupos de auto-ajuda dos Alcoólicos Anônimos (AAs), concluiu que o uso, em público, da bebida alcoólica é uma atitude de homem, sendo assim, é difícil para as mulheres assumirem publicamente que são consumidoras (e dependentes) da bebida alcoólica. Além disto, sua presença nas reuniões dos grupos de AAs parece inadequada, pois este é um lugar em que não são bem recebidas, afinal estas reuniões parecem mais extensões das reuniões que aconteciam nos bares. As reuniões dos grupos dos AAs se tornaram uma espécie de sociabilidade masculina. Nestas reuniões há uma postura masculina – a postura, a forma de falar, as conversas, a união, a busca da honra perdida – e, para tanto, é preciso ser “macho” para se estar nestas reuniões – atributo este que não pertence às mulheres. Para o grupo, elas são entendidas como fracas (ou destruidoras da ordem e da moral). Em outras palavras, a preponderância absoluta de homens nestas reuniões se dá em razão da construção de um ethos marcadamente masculino. Segundo o autor: “O *ethos* masculino ligado ao consumo de bebidas alcoólicas, certas representações acerca dos papéis de gênero, somado ao prevaletimento de uma atmosfera bastante masculina nas reuniões, podem ser tidos como fatores que explicam a baixa participação das mulheres nos AAs” (Tadvald, 2004, p. 18).

A bibliografia consultada demonstra que a bebida alcoólica está ligada ao ethos dos homens. Os argumentos destes autores, desde o começo, me pareceram completamente satisfatórios. Todavia, ao analisar os dados do campo estudado, tal afirmação não parecia mais fazer o mesmo sentido. Vejamos algumas particularidades do contexto estudado.

Ainda lembro-me da primeira vez que em encontrei Tadeu. Depois de inúmeras tentativas, finalmente ele resolveu me atender. Eu e Cleuza fomos recebidas em seu escritório – a sacada de um dos seus estabelecimentos de prostituição – numa tarde ensolarada e quente do verão carioca. Assim que chegamos Cleuza logo pediu uma cerveja devido ao intenso calor. Nesta tarde, por ser nosso primeiro encontro eu apenas deixava Tadeu contar suas histórias e pouco intervia em seu entusiasmado discurso sobre si e sobre sua *casa*. Como quem quisesse mostrar o brilho do seu estabelecimento começou a demonstrar diferentes atrativos, entre eles, as bebidas alcoólicas: energéticos, uísques, batidas prontas, cervejas, champanhes. Mas não bastava apenas olhá-las, eu precisava bebê-las e eu bebi. Naquela tarde parecia que eu estava sendo colocada à prova e eu precisa desempenhar meu papel – a mulher que deixa o homem pagar bebidas e, além disso, a pessoa que vem de outro lugar, e que por isso mesmo precisa ser contagiada pelas vantagens de um estabelecimento localizado numa zona de prostituição. Não posso me furtar de ressaltar uma característica dos donos de estabelecimento da Vila Mimosa: a demonstração pública de prestígio e de poder. Tadeu estava em um jogo de sedução, e aquelas bebidas serviam como um bem simbólico para o agenciamento da sua masculinidade e sexualidade.

Neste meio tempo observei que a cerveja também era a bebida que regia as tardes das mulheres na Vila Mimosa, principalmente, daquelas com quem eu mais convivi: as donas e as gerentes dos estabelecimentos de prostituição. Este é um dado importante, pois comprova que a bebida alcoólica é um símbolo que não marca apenas as relações entre homens e mulheres, mas, antes, marca o prestígio das pessoas. Aqui mais uma vez preciso retomar a questão da marca de gênero. Oferecer e pagar bebidas são marcas de um dos modelos do masculino, no entanto, na fluidez entre os atributos dos gêneros algumas

mulheres fazem uso desta marca, para assim se colocarem em um lugar de prestígio e de poder – que pertence ao masculino. Pagar uma bebida para outra pessoa coloca o sujeito pagante – pensando numa escala hierárquica – no mais alto posto. Desta forma, só pode pagar a bebida para o outro quem tem poder e prestígio para se bancar. Aqui, mais uma vez, retomo a idéia de que os atributos masculinos circulam entre corpos de homens e mulheres.

Também é preciso lembrar que pagar bebidas para mulheres é uma das principais funções do cliente. No entanto, esta prática não é compreendida como uma demonstração de poder ou prestígio, ao contrário, mais uma vez esta prática soma-se à crença de que os clientes são ludibriados pelas prostitutas. Embora para o homem, ele esteja cumprindo seu legado e, assim, tornando-se homem. Afinal, cliente que não paga uma bebida para uma mulher é publicamente compreendido como alguém que não gosta de mulheres. Como afirmei no primeiro capítulo, participei de uma cena em que um homem negou-se a pagar mais cervejas para uma prostituta e, rapidamente, foi acusado de não gostar de mulheres. Esta reação é compreensível, afinal ele estava descumprindo uma das funções do cliente: pagar bebidas para as prostitutas. A cerveja é um símbolo fundamental na Vila Mimosa: troca cordialidade, amizade, sociabilidade, sedução. Conseqüentemente, eu teria que aceitar tal troca se quisesse ser aceita pelo grupo.

Acredito que a busca por esta sociabilidade entre homens – em que a presença das mulheres é fundamental – seja um dos motivos que leva freqüentadores à Vila Mimosa. É neste espaço que os homens se encontram, trocam desejos, confidências, histórias e, de uma certa forma, sua intimidade. Mas, principalmente, é neste lugar que eles re-significam suas masculinidades, criando e recriando o seu ser homem.

#### 4.3.2. *Práticas Sexuais na Vida Cotidiana de Freqüentadores e de Prostitutas*

Os informantes também falavam que a possibilidade de realizar diferentes práticas sexuais com prostitutas era um forte motivo que levava freqüentadores para zonas de prostituição feminina. Então questionei sobre as tais práticas sexuais diferentes.

Durante minhas andanças na Vila Mimosa, ouvi histórias de pedidos/desejos dos freqüentadores. Segundo algumas prostitutas, muitas vezes os homens nem precisam tocar em seus corpos. Numa das minhas primeiras visitas observei a negociação e o pedido de um freqüentador (o qual aparentava ter em torno de 60 anos) para que a prostituta introduzisse um consolo<sup>126</sup> (que ele carregava nas mãos) em seu ânus. Aliás, este parece ser um dos pedidos mais requisitados, havendo apenas uma variação dos objetos: consolos, vibradores elétricos, vidros de perfume, cabos de vassouras, garrafas, suas mãos, todos devidamente enrolados em papel higiênico e envolvidos por um preservativo para ficar mais macio. Também ouvi falar de um homem que pagava o preço de um programa para apenas beijar os pés da prostituta, enquanto se masturbava. Ouvi a história de um homem que pagava para alguém bater na porta do quarto, onde ele fazia programa, para surpreendê-lo. Ouvi histórias de homens que pagavam para que as prostitutas se tornassem o homem no ato sexual, de homens vestidos de mulheres, dos que pagavam para urinar e defecar sobre o corpo da prostituta, dos que gostavam de bater e/ou apanhar. Enfim, uma infinidade de histórias, entretanto, elas não se diferenciavam em nada daquelas que ouvia nas ruas de Porto Alegre ou na região da rua Augusta. Será que existe um padrão nos tipos de fantasias realizáveis em zonas de prostituição femininas? Afinal, o que define e possibilita essas fantasias sexuais?

---

<sup>126</sup> Consolo é um pênis artificial, alguns funcionam a pilha e outros não. Também chamado de consolador ou consolo-de-viúva.

Ângelo afirma que há tantos homens na Vila Mimosa porque *eles estão cansados do arroz com feijão que fazem em casa e, também, por curiosidade. (...) O sexo mecânico, o homem faz em casa, mas nas zonas de prostituição os homens querem usar a imaginação. Aqui é mais quente, o cara se solta mais, longe da mulher [relação conjugal] é diferente e bem melhor!* É interessante observar que sempre que se falava nessas práticas sexuais havia um contraponto àquelas realizáveis junto às companheiras conjugais, na qual a primeira é tida como inigualável a segunda. Para meus informantes é possível acontecer qualquer tipo de prática sexual, sem maiores questionamentos frente aos seus tipos de fantasias, quando se está com uma prostituta em uma zona de prostituição. O que não é comum acontecer quando se está junto às companheiras conjugais. A necessidade de estabelecer diferenças entre os tipos de práticas sexuais realizáveis com mulheres prostitutas e as não prostitutas, parece ser mais uma forma encontrada pelos homens para deslocar da família uma certa frouxidão moral, a qual estaria alocada nas zonas de prostituição. Para Sousa (1998), as prostitutas permanecem realizando “serviços sexuais especiais que, geralmente, não podem ser realizados pelas esposas e namoradas” (Sousa, 1998, p. 77).

Busquei saber que práticas tão diferentes seriam essas, até porque sabia que as histórias contadas acima não revelavam a maioria dos pedidos dos freqüentadores da Vila Mimosa. As prostitutas contam que o pedido mais comum é a prática do sexo anal. Todavia, tal prática, para a maioria das prostitutas, é entendida como uma prática imoral e que não deveria ser realizada, nem mesmo com seus companheiros conjugais. Isso não significa que ela; isto não seja constante nos contextos de prostituição, mas antes, que é uma prática ainda escondida e por poucas admitidas como realizável. Lembro da afirmação de uma prostituta, casada há cerca de 15 anos com o mesmo homem e que se prostitui há mais de 20 anos, sobre a prática do sexo anal; ela conta que seu marido insiste nesta prática,

entretanto, ela acha imoral e, nestes momentos indica suas colegas para a realização do sexo anal, pois ela jamais o faria. Mas, na Vila Mimosa, a prática do sexo anal não parece ser algo tão mal visto pelas prostitutas. Já ouvi muitas histórias de mulheres que faziam promoções de sexo anal – só ele custava um valor, ele conjugado com outra prática custava outro valor e, assim por diante – em que falavam alto suas ofertas. Neste contexto, parece que os “serviços especiais” terão um alargamento para a escolha da sua realização ou não.

Apesar de várias histórias inusitadas, também ouvi falar de homens que queriam contratar os serviços sexuais tidos como normais: sexo com penetração vaginal. Leonini (2004), que estuda clientes de prostitutas na cidade de Milão, afirma:

Pensa-se, às vezes que quem procura sexo pago está à procura de serviços particularmente ‘ardentes’ que talvez não possam ser solicitados em outro lugar. Mas, dos relatos das mulheres contatadas, essa fantasia é geralmente desmentida: quase sempre o pedido é de relações sexuais normais, em geral orais, que se consumam em um intervalo de tempo muito rápido. Talvez a tipologia do serviço sexual não seja o elemento mais significativo. Pode ter maior valor o contexto, a fantasia do pedido e a maneira de pedir, entendida como liberdade de explicitar o próprio desejo sexual sem mediações, jogando com a vulgaridade e com o exercício do poder (Leonini, 2004, p. 99 – 100).

Entretanto, mesmo que os serviços sexuais contratados possam não ser tão inusitados, os freqüentadores continuam querendo manter uma diferença entre os serviços sexuais dependendo da relação: com prostitutas e com não prostitutas. Todavia, é interessante saber que, muitas vezes, a justificativa desta impossibilidade de realizar práticas sexuais diferentes está na vergonha que o homem sente em realizar as próprias fantasias sexuais com sua *esposa* e, desta forma, prefere compartilhá-las com prostitutas –

mulheres que não fazem parte da sua vida cotidiana. Até porque o contexto de prostituição representa relações efêmeras de prazer sem manter veículos.

Enfim, diversas histórias que demonstram que na Vila Mimosa há um tipo de sexualidade e, ao mesmo tempo, de permissividade que não ocorreria em outro contexto, com outras mulheres. Essas questões expressam maneiras (visões de mundo) desses homens vivenciarem sua sexualidade – tipos diferenciados de desejos e práticas sexuais, conforme sua parceira e também o contexto dessa prática – e, a partir disso, sua masculinidade. Para os freqüentadores estudados, um outro elemento que os caracterizam enquanto ser homem é manter a diferença entre a mulher santa (aquela que não se prostitui) e a mulher puta (aquela que se prostitui), bem como diferenciar o tipo de agenciamento do seu corpo, dos seus desejos, das suas práticas sexuais/sociais.

Ao anunciarem que muitas de suas fantasias sexuais não eram admitidas por suas *esposas*, os informantes as culpavam. A freqüência dos homens em zonas de prostituição acontecia porque elas não cumpriam sua obrigação sexual competidamente, isto é, não faziam aquilo que os homens desejavam. Vejamos algumas situações e depoimentos para refletir a respeito do assunto.

Em uma tarde de sábado conheço Ângelo, um ex-freqüentador da Vila Mimosa, que hoje tem seu próprio estabelecimento de prostituição em sociedade com Vani, a dona da pensão mais famosa da Vila Mimosa. Na calçada, em frente do estabelecimento há uma churrasqueira e cerca de dez mesas espalhadas. Ângelo não cobra pelo churrasco que oferece, segundo Cleuza, seu objetivo é agradar os fregueses, pois acabou de abrir seu negócio. Ângelo nos convida (eu e Cleuza) para sua mesa. Ele diz que gostaria de me apresentar seus *amigos*. Permaneço entre eles durante boa parte da tarde. Naquele momento, imaginava entrevistar Ângelo, mas com o passar do tempo percebia que seria

impossível, pois além de ele cuidar do churrasco também conversava com as pessoas que entravam no estabelecimento. Durante o tempo que o espero converso com Cleomar, o amigo de Ângelo que estava na mesa conosco.

Cleomar é branco, tem 40 anos, é casado há 15 anos, tem três filhos e é dono de uma micro-empresa – uma distribuidora de frutas. Ele se interessa pela pesquisa e permanecemos cerca de duas horas conversando sobre o tema. Primeiramente, Cleomar enfatiza que está no bar de um amigo e não em uma zona de prostituição. Para ele são situações diferentes, porque o bar de Ângelo poderia estar localizado em qualquer outro lugar que, mesmo assim, ele o freqüentaria. Não que ele se oponha à prostituição, inclusive, diz que freqüentou vários locais de prostituição, principalmente as termas. Mas, isso tudo faz parte do passado. Segundo ele, atualmente, não vale mais a pena trair sua *esposa* nem com prostitutas, nem com amantes, afinal ela o presenteou com um filho. No decorrer da conversa Cleomar aponta mais elementos sobre essa questão:

Cleomar fala que sua esposa é perfeita, mas em casa ela não repõe o que falta do outro lado. Eu o questiono sobre esta falta. Ele responde que *o problema da esposa é que ela se dedica ao lar, aos filhos e se esquece do marido, nunca tem tempo, eu sinto falta! (...) Eu sou cristão, vou à missa, eu mesmo me crucifico por isso. Eu sinto falta de outras coisas. Eu sou errado?(...) Eu sinto falta de sexo! Eu sou cristão, mas eu preciso de outra coisa. Eu sou um pecador? Eu fico doído com isso. (...) Eu não deveria estar aqui... Não procuro mulher. Eu não quero sair fora da minha família. O problema é a fraqueza do homem, a carne é fraca. Eu fico me cuidando pra não fazer coisas erradas, mas não dá. Minha família é tudo, mas isso não impede o resto, por que na minha relação há falta de sexo. A mulher da gente tem que dar conta. Às vezes o homem não quer vir aqui, mas a própria mulher obriga ele a vir. (...)* Cleomar reclama que as mulheres casadas esquecem o que tem de bom no sexo. *A mulher quando está com quem ela gosta tem que ser uma prostituta.* Eu pergunto o que ele entende por ser uma prostituta e, ele responde: *fazer tudo! Tudo aquilo*

*que ela quer também. Caso contrário, ele [o marido] procura fora. Eles [o casal] precisam se entender para não entrar uma terceira pessoa.*

Cleomar reclama que sente falta do ato sexual e não aceita que sua *esposa* não esteja cumprindo sua obrigação sexual. Para ele, uma boa *esposa* não deve apenas cuidar do lar e dos filhos. E, como sua *esposa* não está cumprindo com sua obrigação sexual, ele se sente no direito de manter relações sexuais com outras pessoas. Entretanto, Cleomar conta que sua *esposa* acabou de dar à luz ao seu primeiro filho homem e, em razão deste acontecimento, ele se sente culpado por sentir “necessidade” de estar com outras mulheres. Afinal, ele acha que em retribuição ao presente que ganhou – o filho homem –, deveria ser fiel e não continuar a manter relações com prostitutas e amantes, como fizera no passado. Ele se diz com um dilema: entre a vontade de ter relações sexuais e a culpa por senti-la.

Como já foi dito, esta não foi a primeira vez que ouvi o argumento de um homem fazer programas com prostitutas em razão da incompetência sexual da companheira. Inclusive, muitas vezes, ouvi este argumento nas falas de mulheres. Elas parecem acreditar que muitos homens fazem programas com prostitutas porque suas companheiras estão preocupadas com afazeres domésticos, com os filhos e, por isso, não investem mais no seu corpo e na relação conjugal. Se os homens não mantêm relações sexuais com a companheira, procurarão outros relacionamentos, afinal como todos dizem, é da “natureza do homem”. O argumento de que os homens são *obrigados* a freqüentar zonas de prostituição porque suas companheiras não cumprem seu papel de *esposas* é interessante, sobretudo por fazer parte da representação tanto dos homens como das mulheres.

Carolina, a cabeleireira do salão de beleza, por exemplo, afirma que *os homens na Vila Mimosa procuram divertimento e, também querem ter um tratamento melhor, porque*

*em casa tem muita mulher grossa. Uma colega que está ao seu lado interrompe e fala: a Carolina é um exemplo disso, porque ela é grossa com o marido, não dá um beijinho nele!*

Carina também defende este argumento:

*Quando os homens chegam em seus lares, as esposas estão fedendo alho, com o cabelo daquele tamanho, já estão relaxadas, não se cuidam mais, gritando com os filhos. Não sentam pra bater um diálogo com eles. Ela começa gritando: ah, o dinheiro das compras, onde está? Então, por isso, que eles vão lá [na Vila Mimosa] e procuram conversar, falar de outras coisas. Por que a mulher só sabe conversar sobre aquilo ali, ou sobre a vizinha dela que fez não sei o que com o marido e que o marido da vizinha comprou um carro novo, por que ele não faz a mesma coisa, por que ele não compra uma casa de praia, por que ele não junta o dinheiro dele pra fazer alguma coisa. Ela não sabe que é ela quem gasta o dinheiro dele todo, por isso ele não está conseguindo fazer isso. É só cobrança! Então eles indo lá na Vila não vão ter cobrança. Ele paga, ele vai embora, ela não vai ficar no pé deles.*

É instigante refletir a respeito desta culpabilidade da mulher, afinal, mais uma vez, desloca-se do homem sua participação tanto na relação com as mulheres que não se prostituem, como com aquelas que se prostituem e, ao mesmo tempo, se naturaliza e se justifica, por erros de mulheres, a infidelidade do homem.

Ainda que à primeira vista pudesse parecer que este é um discurso predominante entre meus informantes, há aqueles que apresentam outra lógica para compreender a situação. Cléber, amigo que trouxe Cleiton até a Vila Mimosa, é falante e gostou de conversar sobre o tema da prostituição, afinal, ele orgulha-se de ser um cliente assíduo. Cléber é um homem negro, 28 anos, casado há três e sem filhos. Quando o conheci, ele acabara de ser demitido de uma lanchonete onde trabalhava como atendente, mas pouco falou desse assunto, pois queria diversão. Parte do seu salário sempre é dispensado para

suas visitas à Vila Mimosa que, segundo ele, é o lugar onde se diverte tanto bebendo com os amigos como fazendo programas com prostitutas. Cléber explica que sua *esposa* sabe que ele faz programas com prostitutas e, atualmente, não o proíbe mais, pois percebeu que desse modo a relação terminaria. O argumento de Cléber contradiz outros comentados tanto no senso comum como entre meus informantes – que o homem procura a prostituta por ter problemas no relacionamento conjugal –; segundo ele, a relação com sua *esposa* é perfeita. No entanto, ele afirma gostar de estar com mulheres diferentes: *Tá em mim. Eu sou homem e, homem, precisa de mais de uma mulher*. Esse assunto era comum nas conversas com quase todos os informantes: Mário é simples em sua explicação: *não sou homem de uma mulher só, isso é hereditário, meu pai também foi assim*. Ele diz reconhecer a tentativa das várias mulheres com as quais já se relacionou, entretanto, sempre foi impossível conviver apenas com uma delas, pois *nenhuma delas me satisfaz totalmente, sempre precisei de várias mulheres*. Aliás, esse tipo de argumentação era muito comum nos discursos destes homens. Ouvi inúmeras vezes a frase com o mesmo significado que esta de Caetano, um cliente antigo: *Trair está no homem!* Ou seja, nos discursos dos homens com quem conversei predomina uma “naturalização” da necessidade do relacionamento sexual com outras mulheres.

Muitos autores escreveram sobre o tema da infidelidade dos homens. Alguns deles (Guimarães, 1994, 1996; Martin, 1995; Knauth, 1999), por exemplo, que pesquisaram o tema da Aids, ao analisarem especificamente o fato de mulheres serem contaminadas por seus companheiros afirmam que, muitas vezes, elas não os culpam por isso, afinal, a infidelidade faz parte da sua “natureza”. Em minhas pesquisas com prostitutas, diversas vezes ouvi esse mesmo argumento. Inclusive, esta era a principal justificativa que as prostitutas usavam para falar da frequência dos homens em zonas de prostituição. Na Vila

Mimosa, tanto homens como mulheres, afirmam que a infidelidade dos homens é natural e deve ser compreendida. Talvez aqui exista mais uma razão para o ciúme das mulheres ser tão valorizado, pois essas cenas seriam a comprovação de que os homens são infiéis. Eles cumprem a regra social. Por isso é necessário publicitar o ciúme da companheira.

A partir da questão da infidelidade masculina trago a discussão sobre o uso ou não do preservativo, instrumento de proteção importante em nossa sociedade, principalmente com o advento da Aids, ao se tratar de relações sexuais. É impossível esquecer que durante anos as prostitutas receberam um direcionamento particular das entidades envolvidas em campanhas de prevenção da epidemia, em que o uso de preservativos masculinos passou a ser o único recurso para atenuar a possibilidade dos contágios que ocorreriam com seus clientes. Entretanto, nos últimos tempos, algumas campanhas têm tentado aumentar esse grupo de usuários de preservativos – homens e mulheres, casados e solteiros. Fala-se afinal em fatores de risco. Mesmo assim, o uso do preservativo ainda não é uma prática constante e realizada sem maiores problemas.<sup>127</sup>

Ao longo dos meus anos de experiência de pesquisa acadêmica, no universo da prostituição feminina, o uso do preservativo masculino<sup>128</sup> aparece como uma questão de muito interesse entre os diferentes agentes que constituem os contextos estudados. Tanto em minhas outras pesquisas com prostitutas, como em minha atual pesquisa, representações acerca do uso do preservativo masculino nas relações sexuais são recorrentes nos discursos dos informantes. O tema comum é o da resistência ao uso dos preservativos masculinos pelos homens.

---

<sup>127</sup> Minha experiência no campo da prostituição feminina aponta para o fato de que a prevenção de DSTs tem sido aceita pelas prostitutas por motivos que vão além da preocupação com a saúde. Ver Pasini 2000 a; b, c; 2001; 2002.

<sup>128</sup> Apesar de algumas poucas prostitutas mencionarem conhecer o preservativo feminino nunca ouvi qualquer tipo de referência ao seu uso nas relações comerciais. Assim, sempre que me referir a preservativo, lê-se, preservativo masculino.

Em relação às representações das prostitutas estudadas, eram recorrentes histórias sobre a resistência quanto ao uso do preservativo masculino pelos seus parceiros, sendo justificada ora pela sua inexperiência, ora pelo desconforto ou pela dificuldade de obtenção do seu prazer, o que poderia resultar em mau desempenho sexual. Além disto, eram comuns histórias sobre a oferta de quantia maior de dinheiro com o intuito de compensar a falta do uso do preservativo. A recorrência do tema do uso do preservativo para as prostitutas estudadas deve-se, em grande medida, ao fato de que ele é um símbolo diferenciador das suas parcerias afetivas e comerciais<sup>129</sup> e, ao mesmo tempo, uma forma de proteção contra as DSTs. Segundo minhas pesquisas, nas parcerias comerciais o uso do preservativo masculino é obrigatório nas relações sexuais com penetração.

Tais representações encontram eco em pesquisas realizadas em diferentes contextos. Diversos autores (Day, 1994; Martin, 1995; Moraes, 1996; Projeto Previna, 1997), ao investigarem o universo da prostituição feminina sob o ponto de vista das profissionais do sexo, também encontraram a referência a esta resistência dos homens ao uso do preservativo masculino quando numa relação sexual com mulheres (prostitutas ou não prostitutas). Contudo, trata-se de representações de apenas uma das partes da relação.

Neste sentido, pode-se perceber que as campanhas, ao tratarem de relacionamentos heterossexuais, têm como alvo preferencial as mulheres, fazendo com que recaia sobre elas a responsabilidade da introdução do preservativo na relação sexual. Entretanto, o acesso à informação, segundo nos indicam alguns estudos (Martin, 1995; Medeiros, 1997) não redundam, necessariamente, em mudança de comportamento. Parece haver, dentro desta lógica, um esquecimento dos homens, como uma parte significativa da relação. É como se

---

<sup>129</sup> Ver Pasini 2000 a; b; c e Pasini 2001; 2002.

eles não fossem tão responsáveis quanto às mulheres neste pacto da utilização de preservativos nas relações sexuais.

Na Vila Mimosa, por exemplo, a AMOCAVIM possui um trabalho de intervenção junto às prostitutas, o qual envolve, entre outras ações,<sup>130</sup> a distribuição semanal de uma cota de preservativos masculinos. Numa ocasião, quando observava uma das distribuições, presenciei uma cena que me chamou a atenção: uma prostituta, ao ver seu possível cliente lendo um panfleto com explicações sobre Aids e sobre a sua prevenção, indignada o interpela: *você veio aqui para trepar ou para ler?* O homem, silenciosamente, largou o panfleto sobre a mesa, passou seu braço em torno dos seus ombros e a encaminhou para um dos quartos do estabelecimento onde, imagino, realizariam o programa.

Os freqüentadores estudados afirmam usar preservativo quando se relacionam com outra mulher que não sua cônjuge. Caetano, por exemplo, que mantém mais duas mulheres como suas *esposas*, além daquela entendida como oficial, afirma que usa preservativos nas relações sexuais, quando não está com alguma das três mulheres. Também poderia relatar afirmações de Osvaldo, de Cleomar, de César, enfim, todos eles apresentam a mesma constatação: com os relacionamentos maritais não é importante o uso do preservativo nas relações sexuais, uma vez que o principal argumento é a confiança na fidelidade da mulher. Entretanto, naqueles casos de homens que se relacionaram “afetivamente” com uma prostituta, o uso do preservativo também era deixado de lado. Beto conta como parou de usar preservativo com sua companheira, mesmo ela ainda exercendo a atividade da prostituição.

---

<sup>130</sup> Uma dessas ações é ressaltar a importância da higienização do corpo da prostituta. Ao se tornar uma mulher “limpa” afirma-se que, o agente transmissor da sujeira é o cliente. Segundo Douglas (1976) “sujeria é um subproduto de uma ordenação e classificação sistemática de coisas, na medida em que a ordem implique rejeitar elementos inapropriados” (Douglas, 1976, 50). No contexto pesquisado é possível detectar uma dimensão social e simbólica da higienização do corpo, trata-se de uma sujeira que também expressa sentidos sócio-culturais.

*Antes de eu ficar com ela [a atual esposa] eu tive um problema de doença, acho que foi doença venérea. Não, não por que eu não usei preservativo, o preservativo estourou. Conversei com essa pessoa, tal... Ela falou que transava com outras pessoas sem camisinha. Depois disso resolvi não transar com ninguém sem camisinha, com ninguém. No começo da minha relação com ela eu não transava com ela sem camisinha, transava com camisinha, até que um ponto que ela achou estranho de eu usar camisinha com ela e perguntou: por que não quer transar sem camisinha comigo? A gente já tinha feito exame, a gente não tinha nada...Mas eu não queria! Era por que eu sabia, às vezes o exame pode falhar. Ela começou a falar que o problema era ela, ela falava assim: não, é por que eu sou uma prostituta, sou uma puta, é isso... Aí foi que a gente começou a transar sem camisinha. Arranquei a camisinha e falei: não é por causa disso, eu vou transar com você sem camisinha, sem medo. Eu transei com ela sem camisinha, de lá pra cá a gente transa sem camisinha. (...) Eu não tenho medo, eu acho assim, eu a amo, se ela fazer alguma coisa de errado, ela vai tá prejudicando a mim e a ela, isso vai tá na consciência dela, entendeu? Eu acho que eu me entrego a ela, eu acho que ela tem que se entregar a mim, se rolar dela ficar com outra pessoa, acho que ela antes tem que falar comigo, por que eu vou fazer a mesma coisa, foi assim em todos os meus relacionamentos.*

Mais uma vez é preciso mostrar que se ama e se é fiel a partir da não utilização do preservativo. Nestas diferentes ordens de questões temos, por um lado, a resistência dos homens frente ao uso e, por outro, quando estes manifestam um interesse sobre o assunto, há uma resistência das próprias prostitutas em relação ao interesse manifestado. Isto pode ser uma das conseqüências da intervenção de Organizações Não-Governamentais (como, por exemplo, AMOCAVIM – RJ, GAPA – MG, NEP – RS) que distribuem preservativos masculinos em locais prostitucionais apenas para as mulheres, talvez por suporem que a responsabilidade sobre o preservativo seja apenas delas. A despeito disto penso na forma pela qual as intervenções e as campanhas vêm sendo feitas e sobre a sua eficácia. Parece que nem os homens e tampouco as prostitutas estejam suficientemente sensibilizados sobre

o uso do preservativo. Ao meu ver há, como pano de fundo destas questões, uma dificuldade na distribuição das responsabilidades sobre o ato sexual.

Uma das conclusões da Pesquisa Nacional sobre o Uso de Preservativos, organizada por Paiva (2003), é que o uso do preservativo nas relações sexuais com os parceiros eventuais tem aumentado nos últimos anos, entretanto, nas relações estáveis continua baixo. Mesmo que esses dados nos revelem que o uso do preservativo nas relações eventuais tenha aumentado, ainda hoje, a prevenção da Aids é um problema em todos os tipos de relacionamentos. Apesar deste estudo tratar de um universo prostitucional, minha pesquisa não se reduz às relações mantidas neste contexto.

Ainda acho que é preciso sensibilizar diretamente freqüentadores de zonas de prostituição sobre a sua co-responsabilidade quanto ao uso de preservativo nas relações sexuais e, indiretamente, as mulheres prostitutas, objetivando encontrar uma forma de prevenção eficaz as DSTs. Contudo, parece que há uma dificuldade destes sujeitos sociais se entenderem como parceiros na prática da prostituição, é como se o tempo todo cada um deles estivesse na busca de quem tiraria mais vantagens do outro e, portanto, dificilmente ambos conseguirão estabelecer melhorias no desempenho do exercício da prostituição.

#### **4.4. Algumas Questões Finais**

Primeiramente apresentei entendimentos de algumas feministas sobre a prostituição feminina. Com esta reflexão trouxe à tona elementos que marcam diferenças entre as concepções de prostituição e, ao mesmo tempo, assumi um lugar frente a esta diversidade de posições. Entendo que há uma escolha quando um sujeito se prostitui, mesmo que tal prática se dê em diferentes termos. Trata-se de um sistema de relações por definição: não se

vende nada se não houver comprador. Só analisando a prostituta como um sujeito capaz de escolher é que foi possível entender seu ofício como um trabalho, com suas especificidades, mas, o qual está regido por deveres e direitos. Ao desconstruir o lugar da prostituta vítima e oprimida, olhei para o outro marcador da relação: o consumidor da prostituição.

Na continuidade apresentei uma questão relevante para a compreensão do tema deste trabalho. A maioria dos informantes, apesar de se relacionar sexualmente com prostitutas, não se considera (e não é considerada pelo grupo) cliente. Isso se dá porque tais informantes transgridem três regras que constituem o agenciamento da prostituição: não pagavam para se relacionar sexualmente com uma prostituta (quando muito fazem uma troca de favores), permaneciam por um tempo indeterminado junto às prostitutas nos quartos de programa e, principalmente, eram tratados de forma diferente daqueles freqüentadores que eram usuários “apenas” de programas: eram homens *privilegiados*. Concentrei-me nessa última prática, afinal, ela sintetiza toda a estrutura da relação entre a prostituta e esse freqüentador *privilegiado*. Em outras palavras, com esse *privilégio* a prostituta deixa de cumprir uma porção de regras que a constitui como uma profissional - não beijar, não dormir, não gozar, usar preservativo masculino e cobrar o programa - e, assim, descaracteriza a Vila Mimosa como um espaço de prostituição. Quando a prostituta privilegia um freqüentador ela o está marcando como seu e, automaticamente, ela será reconhecida como a mulher do homem *privilegiado* (até por que esse *privilégio* deve ser publicitado). A partir daí há um jogo em que o *privilégio* se torna um prestígio. Dito de outra forma, é importante que a prostituta privilegie um freqüentador, pois a partir dessa prática, pensando em termos de reciprocidade, o homem deverá cumprir algumas regras que o constitui como um provedor simbólico: prover a prostituta, cuidado/proteção e um *status* de diferenciação. Portanto, a prostituta também terá vantagens com o *privilégio*

concedido ao homem. Já para o homem, não ser tratado como um cliente é motivo de orgulho e satisfação, afinal, “cliente não é homem”, ou seja, é preciso se mostrar diferente daquele freqüentador que obedece às regras da zona e, por isso, é menos valorizado. O *privilégio* dado ao freqüentador é que o especifica enquanto um não cliente, assim, para o freqüentador o *privilégio* também é vantajoso. Portanto, o prestígio beneficia tanto a prostituta como o freqüentador e, desta maneira, re-atualiza as convenções de feminilidade e masculinidade.

No item seguinte apresentei questões sobre os significados e sentidos de uma zona de prostituição para os freqüentadores estudados. Primeiramente elegendo a sociabilidade entre os homens – em que a presença das mulheres é fundamental – como um dos principais motivos que levaria freqüentadores à Vila Mimosa, justamente porque neste espaço é possível agenciar os diferentes modelos de masculinidade. Os informantes também falavam que a possibilidade de realizar diferentes práticas sexuais no ato sexual com prostitutas era um forte motivo que os levava para zonas de prostituição. Nesse último item demonstrei que ao falar sobre a sexualidade há também questões de gênero, masculinidade, sentimentos, simbolismos, representações sendo tratadas.

Neste capítulo refleti sobre diferentes modelos de masculinidades – prática esta que dever ser feita e refeita a cada momento – que se constituem neste contexto, e de como eles convivem entre si. Minha intenção foi demonstrar a diversidade de elementos que os freqüentadores utilizam para se conceberem enquanto sujeitos masculinos. Tratei aqui de dinâmicas de masculinos, as quais são vivenciadas por significados simbólicos incorporadas circulam entre os corpos de homens e mulheres.



## Considerações Finais

A primeira impressão que tive da Vila Mimosa foi a de que se tratava de um espaço da desordem: as *casas* mudavam de donos, de gerentes, de mobília, de cor; as barracas mudavam de nome, de produtos, de lugar; a heterogeneidade da multidão – diferentes idades, gestos, roupas, práticas, visões de mundo –, das músicas, dos cheiros. Ligado a isso também tinha a “fotografia” do lugar: muitas conversas, pessoas caminhando, mulheres seminuas, corpos em contato, discussões, pessoas bebendo. No decorrer do trabalho de campo pude entender que não se tratava de desordem e, sim, de uma característica constitutiva do universo estudado: a transitoriedade. Em sendo essa brevidade uma característica do contexto, longe de significar desregramento na Vila havia, ao contrário práticas agenciadas por uma série de regras, as quais ao longo do texto mostrei em diferentes passagens.

Lembro da primeira vez que uma pessoa estranha sentou-se ao meu lado e, repentinamente, indagou-me sobre a pesquisa. Entendi que as informações na Vila circulavam rapidamente, havia um forte controle do grupo em relação ao “estrangeiro”. E não era só disso que se tratava. Logo percebi que regras de conduta estavam em todos os lugares, valores, visões de mundo, agenciamentos de práticas sociais. Para ser uma prostituta, um cliente, um frequentador, um *privilegiado*, uma *dona-de-casa* – todas categorias empíricas do campo estudado – era preciso ter um tipo de prática ordenada pela visão de mundo daquele grupo. E é disso que se trata: a Vila Mimosa é um universo de valores específicos, os quais informam as práticas sociais daquele contexto. Dito de outra

forma, a Vila Mimosa é um espaço que tem uma moralidade específica, em que o masculino e a masculinidade estão associados a este código de comportamento.

Certamente, penso em regras de conduta que nem sempre são ditas e/ou explicitadas, ainda que muitas delas o sejam –sobretudo aquelas que informam a conduta dos principais agentes da atividade da prostituição: prostituta e cliente. Contudo, há uma série delas que parecem jamais serem ditas, pertencem apenas à prática dos sujeitos. Foi assim convivendo com as pessoas que consegui compreender a existência de um sistema de comportamento, o qual deve ser obedecido para que a Vila se constitua enquanto um espaço de moralidade, inclusive, tendo as *donas-de-casa* como guardiãs desses atributos morais. Refiro-me àquelas regras que controlam o que é permitido ou não no universo da Vila. Ao mesmo tempo, há as que só serão agenciadas em momentos ímpares, quando é preciso retomar algum valor moral que foi “perdido” no descumprimento de alguma regra. Segundo Malinowski (2003), há casos – como do exemplo que contou em que houve a quebra da exogamia – que conseguem se manter às escondidas e, assim, não há problema algum no desenrolar da história, mesmo que o acontecimento signifique uma quebra de conduta. O problema é quando esta se torna pública; aqui, a necessidade de castigo visa restabelecer a moral do grupo. Salvaguardo as diferenças, na Vila, esse tipo de descumprimento as regras também acontece: quando um cliente não se comporta como deveria, quando uma prostituta transita em casas sem a permissão, quando há roubos, quando uma esposa demonstra ciúme sem ter legitimidade para isso, quando um homem não defende sua honra, quando um freqüentador não protege uma mulher, entre outras. Esse tipo de conduta obriga o grupo a reestruturar suas práticas. Quando problemas cotidianos da Vila não são resolvidos facilmente, pequenas reuniões são organizadas entre algumas pessoas concebidas e reconhecidas pelo grupo como portadores de poder.

Nesta tese estive preocupada, principalmente, com determinados atributos que definem o lugar do masculino nessa zona de prostituição feminina. Refiro-me aos deslocamentos de gênero que conformam os sujeitos sociais estudados, e não apenas àqueles de corpos de homens. Especificamente, estudei os freqüentadores, uma categoria empírica que ilumina uma regularidade que está presente em outros locais de prostituição feminina. Como vimos, o freqüentador é aquele que tem a possibilidade da transitoriedade: pode fazer programas, pode apenas olhar as prostitutas, beber, ser dono de *casa*, ser namorado, ser contrário à atividade da prostituição, ser taxista, entre outras. Esses freqüentadores são aqueles homens que estão entre uma posição e outra, no lugar de “devir”; entre ser e manter um tipo de prática ao invés da outra. Assim, esse homem estava sempre com esse *status* ambíguo, o qual lhe dava legitimidade para se deslocar e se configurar na condição de ser transitório. Como foi dito, freqüentador foi a categoria empírica de que, fundamentalmente, emergiu a categoria analítica provedor simbólico.

No contexto carioca, a prática de proteção/cuidado, atributo masculino, crucial no universo de valores da prostituição, bem como seu caráter marcado de gênero, pode ser encontrado tanto na experiência dos(as) donos(as) das casas, dos(as) gerentes, quanto nos freqüentadores. Na Vila Mimosa, este atributo masculino, associado ao sustento financeiro e, sobretudo, na possibilidade de conferir um *status* distintivo ao receptor do provimento, constituem um modelo de masculino que é parte importante do cenário do universo da prostituição, que chamo aqui de um modelo de masculino do provedor simbólico – que transcende os corpos de homens e circula entre homens e mulheres.

No primeiro capítulo da tese fiz uma breve contextualização histórica do lugar estudado e, com isso, especifiquei a sua importância no contexto da prostituição carioca. Ao mesmo tempo, trouxe uma discussão a respeito de concepções que o Estado e a

Academia (não apenas no Brasil) tinham sobre o assunto da prostituição: um mal-necessário. A partir deste debate é possível compreender porque ainda hoje o tema da prostituição é visto à luz de preconceitos e tabus sociais. Ainda nesse capítulo, apresentei a Vila Mimosa, com sua heterogeneidade, suas regras e, sobretudo, sua transitoriedade, características fundamentais para a compreensão do contexto estudado.

No capítulo seguinte, demonstrei que a atividade da prostituição que estudo é um mercado, uma troca, um trabalho, a qual só acontece a partir de regras específicas, as quais constituem e especificam o lugar e a maneira como essa se dá. Inclusive, são essas especificidades que singularizam a análise e constituem o universo estudado. Ainda com esse propósito, mostrei a circulação do dinheiro: o quanto custa o que se vende e o que se compra na Vila. Ao mesmo tempo em que demonstrei a importância do dinheiro, também mostrei que ele não é o único – ou o mais importante – bem que circula. Na Vila Mimosa há uma circulação de bens materiais e imateriais. Em sendo assim, o prover financeiro é importante, ainda que não seja o único elemento que solidifica a relação de gênero na Vila.

Já no terceiro capítulo, abordei a fluidez com que as masculinidades e as feminilidades são construídas e, portanto, discuti as fronteiras de gênero. Para tanto, discorri sobre o atributo da valentia. A valentia tornou-se um atributo de gênero fundamental para esses sujeitos porque há nessa apropriação uma demonstração de força, de ousadia, uma demonstração de poder – na Vila Mimosa se é alguém, se esse alguém tiver domínio, força, autoridade – e, para tanto, é preciso ser valente. O atributo da valentia publicitado refletia um jogo relacional da conjugalidade: o ciúme da mulher e a honra do homem. E, de outra forma, jogos políticos. Todos esses agenciamentos da valentia buscavam prestígio e poder. As mulheres e os homens estudados agenciavam códigos que faziam parte de um repertório simbólico masculino, mas que na Vila Mimosa conforma

modelos de masculinidades e de feminilidades, necessários para fazer de alguém um sujeito social naquele contexto.

Outra categoria que configurou este trabalho foi o *privilegiado*. Conforme demonstrei no último capítulo, a maioria dos informantes, apesar de se relacionar sexualmente com prostitutas, não se considerava cliente. Isso se dava porque tais informantes transgrediam três regras que constituíam o agenciamento da atividade da prostituição: não pagavam para se relacionar sexualmente com uma prostituta (quando muito fazem uma troca de favores); permaneciam por um tempo indeterminado junto às elas nos quartos de programa e, principalmente, eram tratados de forma diferente daqueles freqüentadores que eram usuários apenas de programas. Concentrei-me nessa última prática, afinal, ela sintetiza toda a estrutura da relação entre a prostituta e esse freqüentador *privilegiado*. Em outras palavras, com esse *privilégio* a prostituta deixa de cumprir uma porção de regras que a constitui enquanto profissional – não beijar, não dormir, não gozar, usar preservativo masculino e cobrar o programa – e, assim, descaracteriza a Vila Mimososa como um espaço de prostituição. Quando a prostituta privilegia um freqüentador ela o está marcando como seu e, automaticamente, ela será reconhecida como a mulher do homem *privilegiado* (até porque esse *privilégio* deve ser publicitado). A partir daí há um jogo em que o *privilégio* se torna um prestígio. Dito de outra forma, é importante que a prostituta privilegie um freqüentador, pois a partir dessa prática, pensando em termos de reciprocidade, o homem deverá cumprir algumas regras que o constitui como um provedor simbólico. Portanto, a prostituta também terá vantagens com o *privilégio* concedido ao homem. Já para o homem, não ser tratado como um cliente é motivo de orgulho e satisfação, afinal, para o grupo cliente não é homem, ou seja, é preciso se mostrar diferente daquele freqüentador que obedece às regras da zona e, por isso, é menos valorizado. O

*privilégio* dado ao freqüentador é que o especifica enquanto um não cliente, tornando o *privilégio* vantajoso. Portanto, o prestígio beneficia tanto a prostituta como o freqüentador e, desta maneira, re-atualiza as convenções de feminilidade e masculinidade.

No decorrer do texto, reuni alguns elementos que compunham agenciamentos destes diferentes modelos de masculinidades: não pagar para se relacionar sexualmente com uma prostituta; permanecer mais tempo no quarto de programa; receber e demonstrar publicamente os *privilégios* de uma prostituta; diferenciar-se da figura do cliente; prover mulheres; obrigar a prostituta que se tornou sua *esposa* a deixar de se prostituir; não sentir ciúme; defender sua honra; relacionar-se com mulheres, e gastar dinheiro com elas. É no agenciamento desses elementos (de uns ou de outros) que se formam os diversos modelos de masculinidades na Vila Mimosa.

Também acrescento uma última análise relacionada ao gosto dos homens pelos bares de prostituição da Vila Mimosa. Esses bares são espaços de sociabilidade dos homens, entretanto, a presença da mulher é fundamental. E também, pelo fato deles não precisarem disputar as mulheres uns com os outros. Diria que no contexto estudado há uma democracia no acesso às mulheres e, portanto, os homens têm mais facilmente acesso às suas fantasias. Quase como se o homem não precisasse colocar à prova sua virilidade; poder de sedução; desempenho; dentre outras características.

Mais uma vez retomo que enfoquei os freqüentadores – indivíduos empíricos – para falar de gênero. Tratei aqui de dinâmicas de masculinos, as quais são vivenciadas por significados simbólicos in-corporadas que circulam entre os corpos de homens e mulheres. Procurei compreender convenções e agenciamentos das relações de gênero no universo da Vila Mimosa.

## Referências Bibliográficas

- ARIENTE, Marisa A. *O Cotidiano da Prostituta em São Paulo: estigma e contradição*. 1989. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da PUC – São Paulo, São Paulo.
- BACELAR, Jeferson A. *A Família da Prostituta*. São Paulo, Ática, 1982.
- BALAZS, Gabrielle. “Backstreets: Le marché de la prostitution”. In: *Actes de La Recherche en Sciences Sociales*, nº 104, set. 1994.
- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. L&PM, Porto Alegre, 1987.
- BENEDETTI, Marcos R. *Toda Feita: O Corpo e o Gênero das Travestis*. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- BONETTI, Alinne. *Entre Feministas e Mulheristas – Uma Etnografia sobre Promotoras Legais Populares e Novas Configurações da Participação Política Feminina Popular em Porto Alegre*. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble Feminism and the Subversion of Identity*. London, Routledge, 1990.
- \_\_\_\_\_. “Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo”. In: *Cadernos Pagu*, nº 11, 1998.
- BRASIL, Ministério da Saúde. *Profissionais do Sexo. Documento Referencial para ações de prevenção das DST e da aids*. Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids. Série Manuais, nº 47, 2002
- CARRARA, Sérgio. “A Luta Antivenérea no Brasil e seus Modelos”. In: BARBOSA, Regina; PARKER, Richard (orgs.). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro, Relume Dumará/ABIA/IMS/UERJ, 1996.
- CASTILHO DE ANDRADE, Maria Cristina. Serviços de Natureza Sexual. Site: <<http://www.hottopos.com>>, 2003
- CONNEL, Robert. “Políticas da Masculinidade”. In: *Educação e Realidade*, v. 20, nº 2, Porto Alegre, UFRGS, 1995.
- \_\_\_\_\_. “La Organización Social de la Masculinidad”. In: VALDÉZ, T., OLAVARRÍA, J. (Orgs.). *Masculinidades Poder y Crisis*, Santiago, Chile, Ediciones de Las Mujeres, nº 24, julho 1997.

- CORRÊA, Mariza. *Morte em Família*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1983.
- \_\_\_\_\_. “A Natureza Imaginária de Gênero na História da Antropologia”. In: *Cadernos Pagu - Situando Diferenças*, n° 5, Campinas, 1995.
- \_\_\_\_\_. “O Sexo da Dominação”. In: *Novos Estudos CEBRAP*, n° 54, 1999.
- COSTA, Rosely G. “Mediando oposições: Sobre as Críticas aos Estudos de Masculinidades”. In: ALMEIDA, Heloísa B.; Costa, Rosely G.; Ramirez, Martha C. e Souza, Erica R. de (orgs.). *Gênero em Matizes*. Bragança Paulista, Coleção Estudos CDAPH, 2002.
- DAMÁSIO, Celuy R. H. “Prostituição: problema ou solução?” In: *Revista Espaço Acadêmico*. Boletim Informativo, N° 15, Agosto 2002.
- DAVIDSON, O’CONNELL JULIA. “Prostitution and the contours of control”. In: WEEKS, Jeffrey (org.). *Sexual cultures – Communities, Values and Intimacy*. London, Macmillan Press LTD, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Prostitution, power and freedom*. London, The University of Michigan Press. 1998.
- DAY, Sophie. “What Counts as Rape?” In: HARVEY, P.; GOW, P. (org). *Sex and Violence: issues in representation and experience*. London, Routledge, 1994.
- DEBERT, Guita. Comunicação, Seminário de Tese Doutorado em Ciências Sociais, 2004.
- DUARTE, Luis F. D. “Pouca Vergonha, muita vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas”. In: LEITE LOPES, José Sérgio. *Cultura & Identidade Operária - Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora*. Rio de Janeiro, Marco Zero Editora UFRJ, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas*. Rio de Janeiro, Zahar. 1988.
- ENGEL, Magali. “O Médico, a Prostituta e os Significados do Corpo”. In: VAINFAS, Ronaldo (org.). *História e Sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal. 1986.
- \_\_\_\_\_. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840 - 1890)*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- ESPINHEIRA, Gey. *Divergência e Prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro Ltda, 1984.
- FLEXNER, Abraham. *La Prostitution en Europe*. Paris, Librairie Payot & Cie., 1919.
- FONSECA, Claudia. “Aliados e Rivais na Família: o conflito entre consangüíneos e afins em uma vila porto-alegrense”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.02, n° 4, 1987.
- \_\_\_\_\_. “Cavalo Amarrado Também Pasta: honra e humor em um grupo popular brasileiro”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n° 15, ano 16, fevereiro de 1991.
- \_\_\_\_\_. “A mulher valente: gêneros e narrativas”. In: *Revista Horizontes Antropológicos*, 1995.

- \_\_\_\_\_. "A Dupla Carreira da Mulher Prostituta". In: *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, IFCS / UFRJ – PPCIS / UFRJ, vol. 4, nº 1, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Família, fofoca e honra – Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre, Editora da Universidade, 2000.
- FONSECA, Guido. *História da Prostituição em São Paulo*. São Paulo, Resenha Universitária, 1982.
- FRIEDMAN, Susan. "Beyond White and Other: relationality and narratives of race in feminist discourse". In: *SIGNS: Journal of woman in culture and society*, 21 (1), 1995.
- FREITAS, Renan S. "Prostitutas, Caftinas e Policiais: A dialética das ordens opostas". In: *DADOS - Revista de Ciências Sociais*, v. 27, n. 2, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Bordel, Bordéis: negociando identidades*. Petrópolis, Vozes, 1985.
- GASPAR, Maria D. *Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.
- GOLDMAN, Márcio. *Do Ponto de Vista Não-Nativo: Sobre a Incompreensão Antropológica (ou Os Tambores dos Mortos e os Tambores dos Vivos)*. Trabalho apresentado no XXV Encontro Anual da ANPOCS, 2001.
- GREGORI, Maria Filomena. *Cenas e Queixas – Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. São Paulo, Editora Paz e Terra S. A, 1992
- \_\_\_\_\_. "Relações de violência e erotismo". In: *Cadernos Pagu*, Unicamp, vol. 20, 2003.
- GROSSI, Miriam. "Pancada de amor não dói?". Trabalho apresentado no Encontro Interdisciplinar Fazendo Gênero II, UFSC, Florianópolis, 1996.
- GUIMARÃES, Emerson de C. *Prostituição em Porto Alegre na virada do século XIX*. Porto Alegre, Relatório de Pesquisa, (mimeo), 1996.
- GUIMARÃES, Carmem. *Mais Merece: o estigma da infecção sexual pelo HIV / Aids em mulheres*. In: *Estudos Feministas*, vol. 4, nº 2, 1996.
- \_\_\_\_\_. "Mulheres, Sexualidade e Aids: um projeto de prevenção". In: COSTA, Albertina (org.). *Alternativas Escassas: saúde, sexualidade e produção na América Latina*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1994.
- GUY, Donna J. *El Sexo Peligroso: La prostitución legal en Buenos Aires - 1875/1955*. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1991.
- HART, Angie. "Missing Masculinity? Prostitutes' clients in Alicante, Spain". In: CORNWALL, Andrea; LINDISFARNER, Nancy (orgs.). *Dislocating Masculinities – Comparative Ethnographies*. Londres, Routledge, 1994.
- HARAWAY, DONNA. *Simians, Cyborgs and woman - the reinvention of nature*, Routledge, Nova York, 1991.

- \_\_\_\_\_. “Saberes Localizados”. In: *Cadernos Pagu*, nº 5, Campinas, 1995.
- HEILBORN, Maria L. “De que Gênero estamos falando?” In: *Sexualidade - Gênero e Sociedade*, Rio de Janeiro, ano 1, nº 2, dez. 1994.
- \_\_\_\_\_. “Construção de si, gênero e sexualidade”. In: HEILBORN, Maria Luiza. (org.). *Sexualidade - O Olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.
- HENDERSON, Anthony. *Prostitution and the City*. In: *Journal of Urban History*. Vol. 23, nº 2, janeiro 1997.
- HODGES, Graham. “Flaneurs, Prostitutes, and Historians: Sexual Commerce and Representation in the Nineteenth-Century Metropolis”. In: *Journal of Urban History*. Vol. 23, nº 4, maio 1997.
- HUGHES, Donna. A Legalização da Prostituição refreará o Tráfico de Mulheres? In: <[www.apf.pt/temas/tema](http://www.apf.pt/temas/tema)>, (2004)
- HUNGRIA, Nelson. “Comentários ao Código Penal”. In: *Revista Forense*, Rio de Janeiro, vol. VIII, 1947.
- JARDIM, Denise F. *De Bar em Bar: Identidade Masculina e Auto-Segregação entre Homens de Classes Populares*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1991.
- KNAUTH, Daniela R. “Subjetividade feminina e soropositividade”. In: BARBOSA, Regina; PARKER, Richard (org.). *Sexualidades pelo Avesso: direitos, identidades e poder*. São Paulo, Ed. 34, 1999.
- KOFES, Suely. “Categorias analítica e empírica: Gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações”. In: *Cadernos Pagu*, nº 1, 1993.
- KUSHNIR, Beatriz. *Baile de Máscaras: mulheres judias e prostituição: as polacas e suas associações de ajuda mútua*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- LAGENEST, Heroldo. *Lenocínio e Prostituição no Brasil*. Rio de Janeiro, Agir, 1960.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o Sexo – corpo e Gênero dos Gregos a Freud*. Rio de Janeiro, Relume & Dumará, 2001.
- LEITE, Gabriela S. *Eu, Mulher da Vida*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1992.
- \_\_\_\_\_. In: *Folha de São Paulo*, 4 de dezembro de 2002.
- LEONINI, Luisa. “Os Clientes das Prostitutas – Algumas reflexões a respeito de uma pesquisa sobre a prostituição em Milão”. In: SCHPUN, Mônica R. (org.) *Masculinidades*. Rio de Janeiro, Boitempo Editorial e Edunisc, 2004.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. 2ª edição. Petrópolis, Vozes, 1982.

- LECZNEISKI, Lisiane. Corpo, virilidade e gosto pelo desafio: marcas de masculinidade entre os guris de rua. IN: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, UFRGS, 1995.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Crime e Costume na Sociedade Selvagem. São Paulo, Editora UNB, 2003.
- MARTIN, Denise. *Aids e Mulheres: uma abordagem antropológica*. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, São Paulo.
- MAUSS, MARCEL. “Ensaio Sobre a Dádiva”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EPU/UDUSP, 1974.
- MAZZARIOL, Regina. *Mal Necessário: ensaio sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas*. 1976. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UNICAMP, São Paulo.
- MCKEGANEY, Neil; BARNARD, Marina. *Sex work on the streets: Prostitutes and their clients*. Open University Press, 1996.
- MEDEIROS, Regina. *O Impacto da Aids entre Mulheres Profissionais do Sexo*. (mimeo), Belo Horizonte, 1997.
- MORAES, Aparecida F. *Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis, Vozes, 1996.
- MOTTA, Flávia de Mattos. *Velha é a Vovozinha: Identidade Feminina na Velhice*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 1998.
- MOTTA, Flávia de M. *Gênero e Reciprocidade: Uma Ilha no Sul do Brasil*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Unicamp, 2002.
- NASCIMENTO, Pedro F. G.. *Ser Homem ou Nada: Diversidade de experiências e estratégias de atualização do modelo hegemônico da masculinidade em Camaragibe/PE*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, 1999.
- NEVES, Maria do Carmo. “Abolicionismo, Regulamentarismo e Proibicismo”. In: *Prostituição: um desafio à sociedade e à Igreja*, CNBB Estudos, nº 15, São Paulo, Edições Paulinas, 1976.
- NUSSBAUM, Martha. “Pela Razão ou Preconceito: Ganhar Dinheiro com o Uso do Corpo”. In: *Cadernos Themis – Gênero e Direito*, Porto Alegre, dezembro 2002.
- OLIVEIRA, Juarez; ACQUAVIVA, Marcus (org.). *Código Penal*. São Paulo, Edição Saraiva, 13ª edição, 1977.
- ORTNER, Sherry B. “Gender and Sexuality in hierarchical societies: the case of Polynesia and some comparative implications”. In: ORTNER, Sherry B.; WHITEHEAD, Harriet (orgs.) *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. New York, Cambridge University Press, 1981.

- ORTNER, Sherry B.; WHITEHEAD, Harriet. "Accounting for sexual meanings". In: ORTNER, Sherry B.; WHITEHEAD, Harriet (orgs.) *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. New York, Cambridge University Press, 1981.
- PAIM, Heloísa S. *Vivendo como Amante de um Homem Casado: entre a legitimidade e a ilegitimidade das uniões extraconjugais*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.
- PAIVA, Vera; VENTURI, Gustavo; FRANÇA, Ivan Jr; LOES, Fernanda. *Uso de Preservativos – Pesquisa Nacional MS/IBOPE*, Brasil 2003. Site <www.aids.gov.br>.
- PARKER, Richard. "Cultura, Economia Política e Construção Social da Sexualidade". In: LOPES, Guacira (org.). *O Corpo Educado*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.
- Pasini, Elisiane. *A Prostituição e a Legislação em 3 Países do Cone-Sul*. Trabalho apresentado na Reunião de Antropologia - Região Sul, 1997.
- \_\_\_\_\_. "Corpos em Evidência", pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000 a.
- \_\_\_\_\_. "O uso do preservativo no cotidiano de prostitutas em ruas centrais de Porto Alegre". In: BENEDETTI, Marcos; FÁBREGAS-MARTINEZ, Ana. (orgs.). *Na batalha: Identidade, Sexualidade e Poder no Universo da Prostituição*. Porto Alegre: Dacasa, Palmarinca, 2000 b.
- \_\_\_\_\_. "Limites Simbólicos Corporais na prostituição feminina". In: *Cadernos Pagu*, nº 14, 2000 c.
- \_\_\_\_\_. "Fronteiras da intimidade: uso de preservativo entre prostitutas de rua". In: BRUSCHINI, Cristina, PINTO, Celi (orgs.). *Tempos e Lugares de Gênero*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- \_\_\_\_\_. "Prostituição e Diferenças Sociais". In: ALMEIDA, Heloísa B.; Costa, Rosely G.; Ramirez, Martha C. e Souza, Erica R. de (orgs.). *Gênero em Matizes*. Bragança Paulista, Coleção Estudos CDAPH, 2002.
- PATEMAN, Carole. *O Contrato Sexual*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.
- PEREIRA, Cristina S. "*Que tenhas corpo*": Uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas. Tese de Doutorado, Departamento de História, Unicamp, 2002.
- PERLONGHER, Néstor. *O Negócio do Michê*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- PIRES, Dom José M. *O Grito de Milhões de Escravas: a cumplicidade do silêncio*. Petrópolis, Vozes, 1983.

- PISCITELLI, Adriana. "Ambivalência sobre os Conceitos de Sexo e Gênero na Produção de Algumas Teóricas Feministas". In: AGUIAR, Neuma (org). *Gênero e Ciências Humanas: Desafio às Ciências desde a perspectiva das Mulheres*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Relações transnacionais, prostituição e "namoros" de verão: gênero e sexualidade no contexto do turismo sexual internacional em Fortaleza*. (mimeo). Relatório regular de pesquisa - FAPESP, dezembro, 2001.
- \_\_\_\_\_. "A Prática Feminista e o Conceito de Gênero". In: *Textos Didáticos*. IFCH/UNICAMP, n° 48, novembro de 2002.
- \_\_\_\_\_. "Pioneiros: Masculinidades em Narrativas sobre Fundadores de Grupos Empresarias Brasileiros". In: SCHPUN, Mônica R. (org.) *Masculinidades*. Rio de Janeiro, Boitempo Editorial e Edunisc, 2004.
- PITT-RIVERS, J. . Honra e Posição Social. In: PERISTIANY, J. C.. *Honra e Vergonha: valores das sociedades mediterrâneas*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.
- PROJETO PREVINA. Grupo de Apoio e Prevenção à Aids. Belo Horizonte, Minas Gerais, 1997.
- RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 - 1930)*. São Paulo, Paz e Terra, 1991.
- RAMIREZ, Martha. "Do centro à periferia: os diversos lugares da reprodução nas teorias de gênero". In: ALMEIDA, Heloísa B.; Costa, Rosely G.; Ramirez, Martha C. e Souza, Erica R. de (orgs.). *Gênero em Matizes*. Bragança Paulista, Coleção Estudos CDAPH, 2002.
- RAYMOND, Janice. "Não à legalização da Prostituição – 10 razões para a prostituição não se legalizada". In: <[www.action.web.ca/home/catw/readingroom.shtml](http://www.action.web.ca/home/catw/readingroom.shtml)>. 2003
- RIOS, Roger. "Prostitutas, Michês e Travestis: uma análise crítica do discurso jurídico sobre a prostituição e de suas conseqüências práticas". In: BENEDETTI, Marcos; FÁBREGAS-MARTINEZ, Ana. (orgs.). *Na batalha: Identidade, Sexualidade e Poder no Universo da Prostituição*. Porto Alegre, Dacasa, Palmarinca, 2000.
- ROBERTS, Nickie. *As Prostitutas na História*. Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos, 1992.
- ROSTAGNOL, Susana. "Regulamentação: controle social ou dignidade do/no trabalho?" In: BENEDETTI, Marcos; FÁBREGAS-MARTINEZ, Ana. (orgs.). *Na batalha: Identidade, Sexualidade e Poder no Universo da Prostituição*. Porto Alegre, Dacasa, Palmarinca, 2000.
- SANTOS, Bernadette G. *O Reino da Impura Sorte: Mulheres e Homens, Garimpeiros em Minas Gerais*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2001.

- SARTI, Cynthia A *Família como Espelho: Um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, Editores Associados, 1996.
- SARTORI, Ari. *Homens e as Políticas de “empoderamento” das mulheres – a emergência do “gênero” entre sindicalistas de esquerda em Florianópolis*. (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 1999.
- SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In: *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, nº 2, jul./dez. 1995.
- SIMÕES, Soraya S. *Vila Mimosa II: A Construção do Novo Conceito de “Zona”*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política da Universidade Federal Fluminense – Niterói, Rio de Janeiro, 2003.
- SOARES, Bárbara M. *Mulheres Invisíveis: Violência Conjugal e Novas Práticas de Segurança*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.
- SOARES, Luiz C. “A Necessidade do Bordel Higienizado: Tentativas de controle da prostituição carioca no século XIX”. In: VAINFAS, Ronaldo (org.). *História e Sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Rameiras, Ilhoas, Polacas: a prostituição no Rio de Janeiro no século XIX*. São Paulo, Ática, 1989.
- SOUSA, Francisca. *O Cliente: o outro lado da prostituição*. Fortaleza, AnnaBlume / Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.
- STRATHERN, Marilyn. *The Gender of the Gift: problems with women and problems with society in Melanesia*. Londres, University of California Press, 1988.
- TADVALD, Marcelo. *Masculinidade e Alcoólicos Anônimos: Uma discussão sobre gênero*. UFRGS, (mimeo), 2004.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de Si: uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa, Fim de Século, 1995.
- VANCE, Carole. “A Antropologia redescobre a Sexualidade: Um comentário Teórico”. In: *PHYSIS, Revista de Saúde Coletiva*, nº 1, vol. 5, 1995.
- ZALUAR, Alba. *A Máquina e a Revolta - As organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.
- ZUMSTEIN, Rubens. “Casa de Prostituição”. In: *Revista dos Tribunais*, nº 538, São Paulo, *Revista dos Tribunais*, 1980.